

Clarisse Sofia Ramos Guerreiro

**Transições para a reforma:
Uma abordagem biográfica**



Universidade do Algarve

DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO SOCIAL

2018

Clarisse Sofia Ramos Guerreiro

**Transições para a reforma:
Uma abordagem biográfica**

DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO SOCIAL

**Trabalho Efetuado sob orientação de:
Professor Doutor António Fragoso de Almeida**



Universidade do Algarve

DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO SOCIAL

2018

Declaração de Autoria de Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

“Idoso é quem tem o privilégio

De viver uma longa vida...

Velho é quem perdeu a jovialidade.

Você é idoso quando sonha...

Você é velho quando apenas dorme.

Você é idoso quando ainda aprende...

Você é velho quando já nem ensina.

Você é idoso quando tem planos...

Você é velho quando só tem saudades.

Para o idoso a vida renova-se a cada dia que começa....

Para o velho a vida acaba a cada noite que termina.

Que você, quando idoso, viva uma vida longa,

Mas que nunca fique velho.”

Autor desconhecido

Agradecimentos

Este é o culminar de um desafio que me propus que teve início no ano de 2015, e quero começar por agradecer:

Ao professor doutor António Fragoso de Almeida, pela sua orientação e condução deste trabalho, e claro pela disponibilidade e acompanhamento ao longo deste percurso.

Um enorme agradecimento à minha família em particular aos meus pais Manuel Guerreiro e Antónia Guerreiro e irmão José Guerreiro por estarem sempre ao meu lado, me apoiarem incondicionalmente e acreditarem que eu seria capaz. Aos meus amigos que me incentivaram e me ajudaram de alguma forma, e a todos aqueles que foram importantes nesta fase.

As pessoas que aceitaram realizar as entrevistas para esta investigação, e dar-me a conhecer as suas vidas.

Resumo:

Palavra-chave: Envelhecimento; transição; reforma; análise biográfica

As alterações demográficas das últimas décadas, bem como o aumento da esperança média de vida, levaram a que o grupo etário com maior crescimento seja, atualmente, o das pessoas com mais de 65 anos (Instituto Nacional de Estatística, 2007). É, pois, cada vez mais fundamental a compreensão dos processos envolvidos no envelhecimento, dos requisitos necessários para o seu sucesso e dos obstáculos que o impedem. Tendo em conta que os fatores socioeconómicos e culturais afetam a vivência do envelhecimento, pretendeu-se compreender o processo de transição para a reforma, aos olhos dos sujeitos que já transitaram da vida ativa para a reforma. Foi realizado um estudo, de carácter qualitativo, envolvendo a análise de três histórias de vida, fazendo-se um estudo biográfico destes percursos. Na análise das histórias de vida, além de se recorrer às categorias pré-definidas, identificaram-se outras categorias, emergentes do discurso dos sujeitos. Estas análises realçaram a necessidade de atender à singularidade de cada adulto idoso, tendo-se verificado a imensa influência das relações sociais e do contexto cultural no processo de transição para a reforma e no processo de adaptação e reestruturação das suas novas vidas. Do estudo realizado destaca-se a importância da posição social, sentimento de pertença na comunidade e na família, sendo este o seu suporte. Os resultados desta investigação mostram nas entrevistas efetuadas que o processo de transição para a reforma na maioria das vezes não é preparado. Não existe instituído um apoio formal ou informal nesta na planificação da reforma. Neste estudo verifica-se que a entrada na reforma é mais satisfatória e possui melhor adaptação num período inicial, quando existe uma menor realização/identificação profissional. Este período de adaptação é mais difícil quando a reforma é involuntária e mais fácil quando é voluntária e principalmente preparada. A satisfação no período da reforma é maior quando os indivíduos desenvolvem actividades que os preenchem, e quando mantém uma rede social activa. A reconstrução de identidade está subjacente às trajetória de vida, sob influência dos contextos históricos, sociais e culturais, e neste estudo a maioria revela que ocorreu uma alteração identitária. Essa alteração não os deixa menos felizes ou com menos vontade de aproveitar o tempo, pois, a pulsão pela vida mantém-se mesmo após a entrada na reforma.

Segundo este estudo a reforma é uma etapa, onde existe uma maior oportunidade de desfrutar da vida, da liberdade, da sabedoria, para aproveitar a fase da reforma, que é caracterizada por uma fase de pós trabalho, onde surge a oportunidade de fazer as coisas que até então não tinham sido possíveis.

Abstract:

Key words: Aging; transition; reform; biographical analysis

The demographic changes of the last decades, as well as the increase in the average life expectancy, have led to the fact that the group with the greatest growth is currently the group of people over 65 years old (Instituto Nacional de Estatística, 2007). It is therefore increasingly essential to understand the processes involved in aging, the requirements for its success and the obstacles that prevent it. Given that socio-economic and cultural factors affect the experience of aging, it was intended to understand the process of transition to retirement in the eyes of those who have moved from working life to retirement. A qualitative study was carried out, involving the analysis of three life histories, making a biographical study of these paths. In the analysis of life histories, besides recourse to the pre-defined categories, other categories were identified, emerging from the subjects' discourse. These analyzes emphasized the need to take into account the uniqueness of each elderly adult, with the immense influence of social relations and cultural context in the process of transition to reform and in the process of adapting to and restructuring their new lives. The study highlights the importance of social position, feeling of belonging in the community and in the family, and this is their support. The results of this research show that the process of transition to retirement is most of the time unprepared, highlighting that there is no formal or informal support in retirement planning. In this study we provide evidence that the entrance in the reform is more satisfactory and has better adaptation in an initial period, when there is a lower realization / professional identification. On one hand, results show that this period of adjustment is more difficult when retirement is involuntary and, on the other hand, easier when it is voluntary and accurately prepared. Furthermore, satisfaction during retirement is greater when individuals develop activities that fulfil them, and maintain an active social network.

Identity reconstruction underlies life trajectories under the influence of historical, social and cultural contexts, and this study reveals that there has been a change in identity. This change does not leave them less happy or less willing to seize the time, because the drive for life is maintained even after entry into retirement.

Reform is a stage where there is a greater opportunity to enjoy life, freedom, wisdom, to take advantage of the phase of reform, which is characterized by a post-work phase, where the opportunity arises to do the things that until then had not been possible.

Índice

Introdução	10
Capítulo I- Enquadramento	
teórico.....	15
1.1Envelhecimento	15
1.2Envelhecimento Demográfico	18
1.3Teorias do envelhecimento	20
1.4Políticas sociais para os idosos em Portugal.....	24
1.5Transição: O processo por detrás de um ponto.....	27
1.6Transição da vida ativa para a reforma.	31
Capítulo II –Procedimentos Metodológicos	
1.1. Investigação Qualitativa	39
1.2.Paradigma de investigação	41
1.3. Histórias de vida	
1.3.1. Evolução	43
1.3.2. O Método	45
1.3.3. Vantagens e desvantagens do método	49
1.3.4. Caminho efetuado	50
1.4. Entrevistas	52
1.4.1. Entrevista Narrativa.....	53
1.6. Processo de transcrição e análise	54
1.7. Critérios de seleção das entrevistas	55

Capítulo III

1.1 Apresentação de Resultados: Construção da história de vida dos entrevistados

1.1.1. Uma vida, um desafio59

1.1.2. Mais que uma vida63

1.1.3. Um percurso heterogéneo73

Capítulo IV

1.1. Interpretação de Resultados79

Capítulo V

1.1. Conclusões86

Referencias93

Anexos102

1.1. Matriz de inferências de conteúdos de entrevistas....103

1.2. Transcrição de entrevistas132

Introdução

Esta dissertação aborda o processo de transição para a reforma numa perspetiva do próprio indivíduo, da forma como é vivenciada uma nova fase, que faz parte da vida humana, através de uma abordagem biográfica.

A opção pela temática prende-se por o envelhecimento da população ser uma realidade cada vez mais preocupante nos dias que correm, tendo vindo a agravar-se cada vez mais ao longo dos anos, bem como um grande interesse que possuo sobre o tema.

O envelhecimento é cada vez mais uma problemática das sociedades actuais. Este designa-se pela diminuição do peso das gerações mais jovens a favor das gerações mais velhas (Bandeira, et al., 2012), isto é existe um desfasamento entre a população idosa e a população jovem/ativa. Este fenómeno reconhecido na actualidade como universal, abrange tanto os países desenvolvidos como os em desenvolvimento, prevendo-se que com o passar dos anos assuma proporções cada vez mais significativas e preocupantes. Considerando que a população com mais de 65 anos cresce a um ritmo superior, em comparação às gerações mais jovens e visto que a população activa está a ser cada vez menor, enumero algumas das causas que considero influenciar a existência deste fenómeno. São elas: baixos índices de fecundidade, aumento da esperança média de vida, emigração e mortalidade infantil.

O envelhecimento demográfico é cada vez mais um problema social e económico visto afectar todas as gerações. Com o envelhecimento da população existe um conseqüente aumento da dependência de idosos. Enumero agora algumas das conseqüências do envelhecimento, tais como: impacto no desenho das políticas sociais, risco de insustentabilidade de sistemas financeiros, maior taxa de abandono de idosos pelas famílias, baixa produtividade, fraca inovação tecnológica e diminuição do espírito empreendedor.

Segundo (Mendes, 1995), o objetivo da segurança social passa pela garantia de recursos, o que subentende quer a substituição do rendimento, quer o rendimento de compensação e as prestações não pecuniárias, segundo uma lógica da satisfação das necessidades básicas. Sintetizando, o objetivo primordial da segurança social é ajudar os mais desfavorecidos e aqueles que de certa maneira já deram o seu contributo ao

país. Na sociedade portuguesa, o que permite aos idosos terem uma reforma são os descontos da população que se encontra em situação activa. Portanto, com o agravamento do envelhecimento ao longo dos anos, os encargos com pensões, reformas e subsídios de desemprego são cada vez maiores, pois há um número cada vez maior de cidadãos inactivos sobretudo nas áreas mais rurais.

A transição para a reforma é um processo de mudança, que é influenciada pelo meio social, por fatores históricos e contextos que são diferentes até de região para região. A reforma representa um início e ao mesmo tempo um fim de uma etapa, é caracterizada pela saída do mercado de trabalho. A decisão de se reformar nem sempre é fácil ou até espontânea, pois para algumas pessoas significa entrar numa fase de prazer e liberdade, mas para outras pessoas apresenta-se como o início da sua desvalorização por parte da sociedade, ou até o abandono de uma fonte de identidade para si mesmo. A transição para a reforma por ser vivida pelo indivíduo como sendo voluntária ou involuntária, e este é um aspeto fulcral no ajustamento à vida após a reforma.

Este trabalho tem como objetivos gerais de investigação, compreender os fenómenos de transição para a reforma segundo percepção dos atores; Conhecer quais os fatores estruturais que influenciam ou condicionam os processos de transição para a reforma e analisar as relações entre bem-estar, papéis sociais e reconstrução de identidade.

O primeiro passo da investigação passou por delimitar e definir conceitos como os de transição, envelhecimento e reforma. No sentido de alcançar os objetivos este trabalho foi dividido em quatro capítulos e começa pelo enquadramento teórico que é constituído por seis partes. O primeiro capítulo, inicia-se com aspetos importantes, para compreender melhor o processo de transição para a reforma, clarificando definições e fazendo uma sinopse histórica sobre envelhecimento demográfico, teorias do envelhecimento, políticas sociais para os idosos em Portugal, transição- o processo por trás de um ponto, que considera que neste este trabalho a transição é entendida como a ação e o efeito de passar de um estágio da vida, para outro diferente. Sendo assim tal definição implica uma mudança numa forma de ser ou de estar. De um modo geral, entende-se como sendo um processo com uma certa extensão no tempo. A transição é uma etapa não permanente entre dois estados, pois a definição de transição é muito ampla. Por último falo na transição da vida ativa para a reforma pois existem diversos posicionamentos por um lado existe uma visão do trabalho como algo que impede os

indivíduos de viver conforme a sua vontade, existem também um outro lado do conceito de trabalho, que dá a cada indivíduo uma identidade social e impulsiona o desenvolvimento pessoal. Paradoxalmente olhamos para a reforma da mesma forma, pois é vista por uns como algo bom e por outros como algo assustador (Ravagni, 2006).

Através desta investigação pretende-se testemunhar que o conceito de reforma deixou de ser visto como um tempo de compensação por uma vida árdua e longa de trabalho, e em muitos casos em condições de saúde pouco favoráveis, para passar a ser visto como um período pós-trabalho (Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo & Marques, 2013).

O envelhecimento está muito associado à reforma, e quando pensamos em envelhecimento centramo-nos em quatro dimensões, sendo a primeira cronológica, que significa o número de anos e a que estipula a idade da reforma no processo dito como normal de vida. Em segundo lugar, o envelhecimento biológico que tem a ver com o declínio de célula com o passar do tempo, e em terceiro lugar o envelhecimento psicológico, que remete para mudanças a nível do funcionamento mental e cognitivo. Por último, temos o envelhecimento social, que é muito importante, pois remete para o papel e relacionamentos sociais que um indivíduo desempenha na sociedade ao longo do seu percurso de vida, a sua capacidade de *agency*, os seus sonhos e desejos.

Para analisarmos o processo de transição para a reforma é necessário construir um enquadramento metodológico, para delinear estratégias e caminhos. O capítulo II apresenta os procedimentos metodológicos e está dividido em seis partes, sendo a primeira: Investigação qualitativa que é referida por Flick (2005), que pode tornar-se o melhor modo de elaborar conhecimento sobre a realidade, permitindo ao homem um relacionamento harmonioso com o seu ambiente. A investigação qualitativa é descritiva e não é apresentada em forma de números, desta forma é comum encontrar-se descrições e/ou citações que descrevam ou ilustrem o contexto.

Seguindo de paradigma de investigação que de acordo com o Monteagudo (2000), o paradigma interpretativo contempla em si as abordagens relativas ao etnográfico, ao fenomenológico e cariz filosófico, como o hermenêutico e simbólico na busca de significado nas palavras do sujeito, alcançando igualmente o campo antropológico, sendo em si um termo mais abrangente e menos ambíguo de que as expressões de

construtivismo e naturalismo, pois atribui uma lógica diferente a compreensão da realidade.

Relativamente ao método escolhido foi História de vida que constitui uma metodologia que nos permite reunir os eventos mais significativos de nossas vidas, desde o nascimento até ao momento. Para fazer uma história de vida, usamos a memória como a ferramenta principal, porque nos permite reconstruir de onde provimos, a formação da nossa família, o contexto social, cultura, político e económico que vivemos e todos os eventos marcantes (Garvey, 1977).

Foram realizadas entrevistas narrativas, que visa a profundidade, de aspetos específicos, a partir dos quais emergem histórias de vida as narrativas possibilitam ao investigador uma abordagem mais compreensiva do universo de experiências do entrevistado (Hermans, 1995). Por fim o Procedimento de transcrição e análise.

O terceiro capítulo apresenta os resultados obtidos sendo constituído pela Construção da história de vida de cada entrevistado.

No quarto capítulo apenas constituído por uma parte é onde apresento a discussão de resultados. Neste capítulo faço referência ao contexto histórico das trajetórias, relações familiares e condições socioeconómicas, trajetórias profissionais, preparação para a reforma, significado da reforma, capacidade de *agency*.

Por fim apresento as conclusões, que com o propósito de ir de encontro aos objetivos gerais desta investigação, foram formuladas cinco questões de investigação e foram dissecadas na conclusão desta investigação. Segue-se as questões: -A pulsão pela vida sofre alterações com a passagem da vida ativa para a reforma? A vida ativa encontra-se muitas vezes associada ao trabalho e, quando se fala em reforma, associa-se geralmente com a questão cronológica. Mas a reforma envolve aspetos biológicos, psicológicos e sociais e vai muito mais para além da idade cronológica.

Como se preparam os indivíduos para a passagem da vida ativa para a reforma? Que pretende perceber se os entrevistados tiveram o cuidado ou oportunidade de fazer uma redução gradual do número de horas de trabalho, para a entrada definitiva na reforma não ser sentida de uma forma mais brusca.

-Quais as condições estruturais sentidas por estes indivíduos que confinam as suas escolhas? Sendo os principais fatores para uma reforma favorável os recursos económicos, a saúde e relacionamentos sociais segundo Rohwedder (2006).

-A transição para a reforma é um processo que envolve uma reconstrução identitária, quais as são as reestruturações mais sentidas? Sendo a reforma um processo que é revestido de aspetos positivos e negativos e envolve ganhos e perdas desenvolvimentais.

Uma transição não é tanto uma questão de mudança, por si só, como principalmente a perceção que o indivíduo tem sobre a mudança que ocorre na sua vida. Segundo Ecclestone (2010), uma transição constitui uma mudança e também uma viragem de identidade. Desta maneira, as representações de transições estão ligadas a mudança de papéis sociais, e ocorrem também mudanças a nível do status e de identidade na esfera pessoal e social, que são ajustadas segundo diversas variáveis do contexto.

-A capacidade de *agency* inerente aos sujeitos influencia a sua trajetória de vida? Sendo que as vivências são estruturadas no contexto social e histórico e esse contexto vai condicionar a ação, conforme surgem os diversos constrangimentos no seu curso de vida, quer sejam constrangimentos económicos, sociais ou mesmo familiares.

Esta investigação deverá no final conseguir responder a estas questões de investigação com base nas narrativas de três percursos de vida, onde são relatados diferentes processos de transição para a reforma.

Capítulo I: Enquadramento Teórico

Nos últimos anos, de acordo com o INE (2012), constata-se um considerável aumento dos estudos sobre a temática da velhice, consequência do fenómeno mundial do envelhecimento demográfico. Este é segundo o INE (2012), um dos fenómenos mais importantes do século XXI nos países desenvolvidos, devido às modificações que trouxe ao nosso estilo de vida, bem como ao surgimento de novas implicações na esfera socioeconómica.

Apesar de o envelhecimento poder ser encarado de forma diferente de pessoa para pessoa, e até de sociedade para sociedade, esta é uma das fases do desenvolvimento do ser humano, caso este siga o percurso natural da vida.

A área do envelhecimento, apesar de ser cada vez mais estudada, ainda possui muitas lacunas, e ainda existe muito por compreender para poder contribuir para uma melhoria significativa a nível da independência e qualidade de vida no idoso (Lopes & Lemos, 2012). Na questão de apoio aos mais velhos, Portugal ainda está muito longe de atingir o ideal, pois, os programas de preparação para a reforma são praticamente inexistentes (Lopes & Lemos, 2012). É importante perceber de que forma é vivida esta transição para a fase da reforma, e se a pulsão/ motivação para a vida sofre alterações com o decurso de transição para a reforma.

Este tema é relevante para a sociedade e esta dissertação tem o objetivo de contribuir, para que o envelhecimento seja um processo encarado com dignidade, conhecimento, autodeterminação e visto como um renascer e não como um aproximar do fim da linha.

1.1 Envelhecimento

Sendo a reforma uma transição que ocorre frequentemente por volta dos 66,4 anos, época em que também se entra para a faixa da dita 3ª idade, é importante definir o conceito de envelhecimento que se apresenta como multidimensional e que, embora geralmente identificado com a questão cronológica, envolve aspetos biológicos, psicológicos e sociais. Além disso, as características do envelhecimento variam de indivíduo para indivíduo (dentro de determinado grupo social) mesmo que expostos às

mesmas variáveis ambientais (Sant'Anna,2003). Esta autora refere que o envelhecimento pode ser definido, como um conjunto de modificações que decorrem com o passar dos anos.

Têm ocorrido vários esforços para estabelecer modelos de envelhecimento que estabeleçam categorias significativas para distinguir processos de envelhecimento. Uma das primeiras foi a de Busse (1969), que designou dois tipos de envelhecimento, um deles é o envelhecimento primário e diz respeito a mudanças intrínsecas e irreversíveis decorrentes do envelhecimento (Fernandes,2017). O outro é o envelhecimento secundário respeitante às doenças associadas à idade, mas reversíveis ou de prevenção possível. Birren e Schroots (1996), adicionaram um terceiro tipo, o envelhecimento terciário, que diz respeito a mutações que ocorrem de forma impetuosa na velhice. Este envelhecimento terciário poderia também ser designado de declínio terminal e implica que pouco antes da morte aparece um declínio rápido e acentuado.

Estas classificações foram alvo de uma renomeação, passando o envelhecimento primário a ser designado como envelhecimento normal ou saudável, e o envelhecimento secundário como envelhecimento patológico (Fernandes , 2007).

É importante também aqui distinguir a terceira idade da quarta idade, sendo que a terceira idade é direcionada para um aproveitar a vida (campo cultural), que ocorre após o término do período profissional, e está associada a um período de lazer com autonomia. Já a quarta idade está ligada a um “fim de linha”, onde já não há qualquer autonomia nas tarefas diárias do indivíduo (Fernandes,2007). Apesar da marca inicial da entrada para a terceira-idade, ser sinalizada pela idade da reforma (65 anos), datar já do sistema de pensões estabelecido por Bismarck na Alemanha (Coleman & O'Hanlon, 2004). Apenas nos anos setenta, por proposta de Neugarten, (1974), cit por (Baltes & Smith, 2003) se criou a oposição ente jovens idosos (*youngold*) e velhos idosos (*oldold*), sendo a primeira definida como o período entre os 65 e os 75 anos, e a segunda como o período depois dos 70 anos. A definição assente na população, em que a transição da terceira para a quarta idade ocorre quando 50% dos cortes (membros da mesma geração), já não estão vivos. Ou seja, alguém nascido em 1914 entrará na quarta-idade quando 50% das pessoas nascidas nesse ano não forem vivas. De acordo com este critério de corte, a transição da terceira para a quarta-idade acontece, nos países desenvolvidos, entre os 75 e os 80 anos (Olshansky, Carnes, & Désesquelles, 2001).

É possível refinar ainda mais este critério, excluindo sujeitos que morreram mais cedo. Assim, a transição da terceira para a quarta-idade ocorre na altura em que apenas 50% dos sujeitos que atingiram os 50 ou 60 anos de idade estão vivos. Esta transição aplica-se, nos países desenvolvidos, entre os 80 e os 85 anos de idade (Baltes& Smith, 2003). Outra forma de separar a terceira da quarta-idade é através de critérios individuais. Atualmente, não contando com os sujeitos que possuem à partida doenças que lhes limitam a possibilidade de uma vida mais longa, considera-se que o ciclo-de-vida máximo de um indivíduo varia entre os 80 e os 120 anos de idade (Baltes& Smith, 2003). Assim sendo, a transição da terceira para a quarta-idade pode começar em alturas diferentes, iniciando-se aos 60 para alguns indivíduos e perto dos 90 para outros (Carnes & Olshansky, 2007).

Segundo a OMS (2012), existem duas grandes dimensões de envelhecimento, o individual e o populacional. No envelhecimento individual centramo-nos em quatro dimensões de acordo com a OMS (2012), a primeira cronológica, que significa o número de anos e a que estipula a idade da reforma no processo dito como normal de vida. Em segundo lugar, o envelhecimento biológico, que tem a ver com o declínio do passar do tempo; em terceiro o envelhecimento psicológico, que remete para mudanças a nível do funcionamento mental e cognitivo; e por último temos o envelhecimento social que é muito importante, pois remete para o papel e relacionamentos sociais que um indivíduo desempenha na sociedade, ao longo do seu percurso de vida.

O conceito de envelhecimento remete-nos para o conceito de idoso que segundo a Organização Mundial da Saúde OMS (2016) é estabelecida conforme o nível socioeconómico de cada nação. Em países em desenvolvimento, é considerado idoso aquele que tem 60 ou mais anos de idade. Nos países desenvolvidos, a idade estende-se para 65 anos. Segundo a OMS (2012), o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, tem o objetivo de aperfeiçoar o que já existe e melhorar o quanto possível a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. Este conceito reverte para três pilares fundamentais do envelhecimento ativo sendo eles: saúde, participação e segurança, sendo estes fulcrais para o bem-estar do indivíduo. Segundo a OMS (2012), a palavra “ativo” diz respeito à participação contínua nas questões sociais económicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho.

Segundo afirma a OMS (2012) o envelhecimento ativo possui várias determinantes, que envolvem não apenas os indivíduos, como também famílias e comunidades. A cultura é um dos fatores fundamentais e transversais dentro do sistema para compreender o envelhecimento ativo, porque circunscreve todas as pessoas e populações e modela a nossa forma de envelhecer. Logo, influencia todos os outros fatores determinantes do envelhecimento ativo. Outro ponto são os valores culturais, que condicionam a forma da sociedade encarar as pessoas idosas e o processo de envelhecimento (OMS,2012).

No processo de envelhecimento é importante manter uma continuidade da produtividade e valoração das capacidades individuais, como fator determinante da qualidade do envelhecer, tendo uma visão holística dos percursos e vivências (Quaresma, 2007).

1.2. Envelhecimento demográfico

A partir da 2ª metade do século XX emergiu um novo fenómeno, o envelhecimento demográfico. Este pode ser de 2 tipos: envelhecimento na base ou no topo da pirâmide de idades consoante resulta, respetivamente, da diminuição da percentagem dos jovens ou do aumento da percentagem de idosos. Estes dois tipos de envelhecimento demográfico estão interligados e têm como causas, um declínio da fecundidade e/ou um aumento dos efetivos nas idades mais avançadas (INE, 2012).

Os países europeus vivenciam algumas alterações na estrutura populacional, devido aos avanços económicos, sociais, tecnológicos e principalmente no maior acesso aos cuidados de saúde, o que gera a um aumento na esperança média de vida (Fernandes , 2007).

A esperança média de vida está diretamente relacionada com o grau de desenvolvimento dos países, o que significa que quanto mais desenvolvido for o país, maior será o número de anos que o indivíduo terá, à nascença, probabilidade de viver. Segundo Machado (2007), em Portugal, no ano de 1960, a esperança média de vida era de 61 anos para os homens e 67 anos para as mulheres, enquanto que em 2005 atingia 81 anos para as mulheres e 75 para os homens. Assim, a esperança média de vida à nascença tem vindo a aumentar, sendo sempre superior nas mulheres, devido à sobre -mortalidade masculina. Segundo os Censos (2011), a população portuguesa está cada vez mais

envelhecida, pois existe uma redução no número de jovens e um aumento das pessoas mais velhas.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística neste momento e, nos próximos anos haverá um aumento da população ativa em Portugal, mas apenas no grupo etário entre os 55 e os 65 anos de idade. Face ao decréscimo da população jovem e ao aumento da população com mais de 65 anos de idade, Portugal está cada vez mais envelhecido (INE,2009). Ao analisar a questão do envelhecimento, por género, os Censos (2011), mostram que a nível nacional existe uma supremacia no sexo feminino em relação ao masculino nas idades acima dos 65 anos (INE,2012). O aumento da esperança média de vida reflete-se diretamente no índice de envelhecimento, pois este indicador aumentou de 109 indivíduos idosos por cada 100 jovens, em 2004, para cerca de 110, em 2005, segundo dados do (INE, 2012). O fenómeno do envelhecimento é superior entre as mulheres. Assim, os dados do INE (2012), a tendência crescente do índice de envelhecimento fica a dever-se:

- Ao aumento da esperança média de vida, com resultante crescimento da percentagem de população idosa;
- Ao facto de o aumento da natalidade verificado não ter conseguido compensar o declínio da percentagem de jovens na população.

A nível regional, o INE (2012), mostra que o índice de envelhecimento apresenta:

- Os valores máximos no Alentejo, Centro e Algarve, que exibem índices de envelhecimento superior à média nacional, isto é, superiores a 110 idosos por cada 100 jovens. Os valores que se fazem sentir nestas regiões, principalmente nas áreas situadas no interior, devem-se principalmente à diminuição da natalidade e à prática migratória.
- Valores inferiores à média nacional nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores e no Norte, devido à maior percentagem de natalidade, e maior tradicionalismo.

Segundo o INE (2012), o aumento do índice de envelhecimento tem reflexos nos índices de dependência. Assim, verifica-se que o índice de dependência total diminuiu de 50 indivíduos, em 1991, para 48, em 2001, situando-se, em 2005, em 48,6 indivíduos. No entanto, este declínio deveu-se exclusivamente à diminuição do número

de jovens. Assim, o índice de dependência jovem foi de 23,1 indivíduos, uma vez que a relação de idosos na população potencialmente ativa passou para 25,4 indivíduos.

Lopes & Lemos (2012), referem que Portugal ocupa o 8.º lugar dos países mais envelhecidos a nível mundial, desta forma, as políticas públicas têm urgência em remodelações em diversas áreas de atuação. Nazareth(2009,p.183) refere ser fundamental que exista uma preparação para o envelhecimento demográfico “através de uma política global de idade impondo-se uma mudança de paradigma em relação à questão dos idosos, considerando a dinâmica de uma sociedade mosaico, baseada no individualismo, na diversidade, na mobilidade e na escolha, que produz estilos de vida que importa analisar, no sentido de compreender o que significa ser velho no século XXI, em que o tempo para o estudo, o tempo para o trabalho e o tempo para o descanso sejam, progressivamente, independentes da idade”.

Rosa(1993), salienta que o envelhecimento demográfico provoca também um aumento das situações de marginalidade social, pois, os idosos não são reconhecidos como úteis socialmente porque, não existe uma visão integrada do ciclo de vida, ou seja, existe uma perceção de rotura entre vida ativa e idade pós-ativa. Assim, segundo esta autora a idade é um marcador social importante, que determina os papéis sociais, o estatuto, o poder e responsabilidades que imputamos aos diversos grupos etários.

1.3 Teorias do Envelhecimento

Até aos dias de hoje, muitos foram os autores que desejaram conhecer o envelhecimento, dando origem a inúmeras conceções sobre o envelhecimento do indivíduo, não havendo nenhuma unanimidade sobre as mesmas.

Houve necessidade de criar um campo de investigação denominado de Gerontologia social, que para Bengston, Rice & Johnson (1999), pretende entender e analisar três problemas, o primeiro diz respeito aos idosos e aos seus problemas funcionais; o segundo problema foca-se no envelhecimento como um processo de desenvolvimento que ocorre ao longo do tempo, através de aspetos biológicos, físicos e sociais, e o terceiro conjunto envolve o estudo da idade como o ponto central do comportamento humano.

Quanto às teorias do envelhecimento biológico, Austad(2009), refere a existência de um paradoxo biológico face ao envelhecimento. Desta forma, o objetivo essencial de uma teoria do envelhecimento será, compreender o envelhecimento biológico como a declinação gradual e progressiva das funções físicas do corpo humano, que se inicia na idade adulta e termina na morte do indivíduo.

ParaVallespir & Morey(2007), as teorias biológicas ambicionam conhecer e explicar três questões, a reprodução de células ao longo dos anos, a incapacidade das células se renovarem e, por fim o controlo dos processos fisiológicos por material não celular, explicando o envelhecimento através das alterações biológicas e físicas que ocorrem no indivíduo.

Quanto às teorias comportamentais ou psicológicas, estas encontram-se relacionadas com a psicologia do envelhecimento, ou seja, para as pessoas idosas, numa perspectiva de estádios desenvolvimento, estando relacionadas com as distintas características destes grupos, como por exemplo, a viuvez e a reforma (Paúl, 2006).

Vallespir & Morey (2007), encaram estas teorias como o instrumento para a compreensão e explicação das mudanças que ocorrem nos sistemas psicológicos dos indivíduos, com o avanço do tempo e da idade.

Assim, algumas teorias comportamentais ou psicológicas do envelhecimento são:

- Conforme Belsky (1999), a Teoria Psicanalítica do envelhecimento desenvolvida por Sigmund Freud, nas primeiras décadas do século XX, o alicerce desta teoria é o comportamento do indivíduo. Segundo Freud a personalidade de um indivíduo é composta durante a infância, ficando estável, possuindo ainda na sua camada mais profunda três aspetos de grande importância: a identidade, que caracterizava pelos instintos, desejos e necessidades; o ego, parte consciente do indivíduo; e o superego, que desenvolvia a interiorização inconsciente das normas e ideais impostas pelos pais e pela sociedade. Freud considerava que o comportamento que os indivíduos exibiam na idade avançada, era efeito da personalidade imposta durante os seus primeiros anos, através de diversos testes de funcionamento psicológico, como por exemplo a doença, a viuvez e reforma. Assim, seria durante estas crises que o indivíduo quebrava e desenvolvia sinais psicológicos, caso as suas experiências infantis não tivessem sido as mais indicadas.

- Belsky(1999), explica da teoria da Otimização Seletiva, que se apoia na ideia que para ter uma vida bem-sucedida é necessário fazer uma seleção de prioridades, uma vez que não nos é possível fazer todas as tarefas, tendo que escolher e guardar as nossas energias para as tarefas que são mais importantes, tendo também que otimizar e não esquecendo da compensação. Este autor indica às pessoas mais velhas para ter consciência do declínio das suas capacidades, que limitem o máximo as suas atividades prioritárias, porque poderão fazer poucas, mas com melhor qualidade.

- Belsky(1999), refere também, a Teoria da Passagem para a Maturidade, que se caracteriza pela divisão da vida adulta em duas fases, em que a meia-idade (40 anos) é o ponto de viragem.

A primeira fase da vida adulta encontra-se entre o período da puberdade até meados dos 30 anos, onde os indivíduos se consideram novos, mas a partir dos 30 anos, a sua energia entra em declínio, tendo noção das suas limitações, sendo então a segunda fase da vida adulta.

Para este autor, esta transição pode ser muito arriscada, pois muitos indivíduos não conseguem abandonar as atividades que desenvolviam anteriormente, e adaptarem-se às mudanças, tornando-se infelizes.

- A Teoria da Atividade, de acordo com Rodrigues, Costa, Rauth, & Terra(2010), teve a sua origem em 1988, e caracterizava-se pelo incentivo ao desenvolvimento do lazer e da educação, não formal, com o objetivo de promover o bem-estar das pessoas idosas.

Associada a esta teoria encontrava-se a ideia de que cada pessoa está vinculada às funções e aos papéis sociais que desempenha na sua vida. Contudo, ao iniciar a fase do envelhecimento, muitas vezes estes papéis e estas funções acabam por se perder, quer seja através da reforma, e quase retira o estatuto de trabalhador ativo. Desta forma, esta teoria, tendo em consideração estas perdas, pretende originar um autoconceito positivo para as pessoas idosas, através da substituição dos papéis sociais perdidos por outros novos, procurando novas atividades de forma a criar vínculos secundários, mas capazes de satisfazer o indivíduo como os perdidos. Seria então, necessário que a pessoa idosa esteja disposta a assumir novos papéis sociais, para se continuar a manter ativa na sua sociedade.

- Rodrigues, Costa, Rauth, & Terra(2010), apresentam a teoria do Desengajamento Social que surgiu em 1961, e pretendia explicar o processo de envelhecimento relacionado com as mudanças que vão ocorrendo entre o indivíduo e a sociedade. Esta teoria parte do princípio que as pessoas envelhecidas vão sendo retiradas, progressivamente, do sistema social. Na maioria dos casos, na realidade, são as próprias que vão diminuindo a sua interação social, porque assim o consideram vantajoso, tanto para elas como para a sociedade.

Assim, esta teoria considera que o afastamento das relações entre o indivíduo e a sociedade, é muitas vezes um processo que ocorre de forma voluntária e satisfatória para o indivíduo, devido essencialmente ao aumento da sua autonomia e às oportunidades para dispensar tempo ao lazer. A pessoa continua a ser funcional para a sociedade, uma vez que, uma pessoa idosa vai colocar à disposição dos jovens a posição económico-social que ocupava.

Teorias ambientais do envelhecimento:

- O modelo de Pressão-Competência de Lawton&Nahemow (1973), que segundo Paúl (2006), tem como pressupostos a competência individual dos idosos, bem como a pressão exercida pelo meio, vista como um dos fatores essenciais para a adaptação ambiental dos idosos. Os traços individuais de cada indivíduo estão associados com às suas competências, ou seja, a capacidade que o indivíduo tem para funcionar em determinado meio ambiente. Desta forma, quanto menor for o nível de competência dos indivíduos, maior será a probabilidade de os fatores do ambiente influenciarem o comportamento humano.
- Modelo de Congruência/Complementaridade de Carp&Carp (1984) que Paúl, (2006) refere ser composto por duas partes, organizadas consoante o nível de necessidades e o tipo de congruência. A primeira parte refere-se às necessidades de baixa ordem, isto é, as de manutenção da vida. Porém, só devido às características dos indivíduos e do ambiente é possível facilitar/permitir/inibir a satisfação deste tipo de necessidades, através do desempenho adequado de atividades da vida diária. A congruência diz respeito ao grau de complementaridade existente entre as competências dos indivíduos e os recursos ou barreiras existentes no meio, relevantes para as atividades da vida diária. A

adaptação depende das competências dos indivíduos, das exigências do ambiente e da sua complementaridade.

1.4 Políticas sociais para os idosos em Portugal

O conceito de política social é, para Alcock (2008, p. 2), as “acções tomadas no seio da sociedade para desenvolver e oferecer serviços para as pessoas, a fim de satisfazer as suas necessidades de bem-estar”. As políticas sociais, segundo Hill (2003), descrevem as políticas e as organizações que compõem o sistema de serviço social, uma vez que estas são utilizadas principalmente na definição do papel do Estado face ao bem-estar dos seus cidadãos.

Cada vez mais temos assistido a uma emergência de políticas sociais associadas ao envelhecimento, devido em grande parte ao aumento da esperança média de vida e das condições de saúde que os países desenvolvidos oferecem aos seus cidadãos.

Dominelli(2009), refere que este fenómeno levou à necessidade de criar políticas que abrangessem este grupo da população, como resposta à falta de condições, quer seja a nível habitacional, de saúde, ou mesmo financeiro, associando-se também à questão do isolamento social. Segundo este autor, vai promover o aparecimento de oportunidades de participação em atividades que podem partilhar com outras pessoas na mesma situação, sendo por isso bastante importante o Serviço Social e o seu auxílio no seio deste grupo.

O envelhecimento populacional continua ainda a ser associado à idade da reforma, e consequentemente marcado pela ambivalência de uma marginalização social e pela desvalorização económica, devendo-se aplicar, nas sociedades, intervenções e políticas que venham trazer maior bem-estar para esta população específica do trabalho e do capital, de forma a aumentar a produtividade global (Fernandes, 1997).

Ao contrário da maioria dos países da Europa, o sistema de Proteção Social português, de acordo com Salselas (2007), estruturou-se e desenvolveu-se tardiamente, encontrando-se numa situação socioeconómica desfavorável, com o crescimento a abrandar tanto na economia europeia como na mundial, juntamente com o aumento do envelhecimento demográfico, a exercer pressão sobre os sistemas da Segurança Social.

Motivo que levou, ainda segundo Salselas (2007), a que o sistema público de Segurança Social português tivesse que tomar algumas medidas capazes de garantir à população mais envelhecida o direito a determinados rendimentos, para que pudessem assegurar as condições básicas de vida em situações de pobreza e exclusão social, como podemos constatar.

Medidas do sistema público português de apoio a idosos segundo o Instituto da segurança social, (2018):

Regime contributivo: Pensão de velhice que é dirigida às pessoas com idade igual ou superior a 66 anos e 4 meses (2018) é um apoio dado quando tenham descontado durante pelo menos 15 anos para a Segurança Social. Para ter acesso a esta pensão é necessário ter 66 anos e 4 meses ou mais. Se não tiver 66 anos e 4 meses, pode ter direito à pensão de velhice antecipada, caso se encontre em situação de desemprego involuntário de longa duração, ou pertença a um dos grupos profissionais que são exceções, como por exemplo: Trabalhadores por conta de outrem e independentes têm de ter descontado durante 15 anos para a Segurança Social ou outro sistema de proteção social que assegure uma pensão de velhice.

ISS(2017), refere que as condições necessárias para ter acesso à pensão de velhice antecipada são: Ter 60 anos ou mais de idade e 40 anos ou mais de descontos, estar numa condição de desemprego involuntário de longa duração ou ter uma atividade profissional de natureza penosa ou desgastante ou por fim estar abrangido por medidas de proteção específicas (ISS, 2017).

Regime não contributivo: Pensão social de velhice é uma prestação, podendo esta ser atribuída a partir da idade é de 66 anos e 4 meses em 2018. As pessoas que têm acesso a esta pensão são pessoas que não se encontrem abrangidas por qualquer regime de proteção social obrigatório (ISS,2017).

Ainda no regime não contributivo temos a pensão social de invalidez que é um apoio, para proteger os beneficiários em situações de incapacidade permanente para o trabalho. É diferente da pensão de invalidez do regime geral porque apoia os beneficiários não abrangidos por qualquer sistema de proteção social obrigatória ou que não têm descontos suficientes para a Segurança Social para ter direito à pensão de invalidez do regime geral. É atribuída a pessoas por ter uma incapacidade permanente para todo e qualquer trabalho (que não seja causada por acidente de trabalho ou uma doença

profissional), confirmada através de um atestado de incapacidades multiusos (ISS,2017).O Complemento solidário para idosos é atribuído a idosos de baixos recursos residentes em Portugal, com idade igual ou superior à idade normal de acesso à pensão de velhice do regime geral de segurança social, ou seja, 66 anos e 4 meses; Prestação social para a inclusão que é uma prestação constituída por três componentes: a componente base, o complemento e a majoração. A componente base destina-se a compensar os encargos gerais acrescidos que resultam da situação de deficiência, tendo em vista promover a autonomia e inclusão social da pessoa com deficiência. O complemento tem como objetivo combater a pobreza das pessoas com deficiência. A majoração visa compensar encargos específicos resultantes da situação de deficiência. Estas duas componentes só entrarão em vigor em 2018 e no decurso de 2019, contudo a componente base já se encontra em vigor. A Prestação Social para a Inclusão substitui o Subsídio Mensal Vitalício, a Pensão Social de Invalidez e a Pensão de Invalidez dos regimes transitórios dos trabalhadores agrícolas (ISS,2017).

Apoios financeiros à dependência, e poderão complementar os apoios à reforma temos o complemento por dependência:É uma prestação atribuída a pessoas que se encontrem em situação de dependência e que precisam da ajuda de outra pessoa para satisfazer as necessidades básicas da vida quotidiana segundo o ISS (2017); Subsídio por assistência a terceira pessoa que pode ser de regime contributivo ou não contributivo, e que de acordo com a ISS (2017), é uma prestação em dinheiro paga mensalmente para compensar o acréscimo de encargos familiares resultantes da situação de dependência dos titulares de abono de família para crianças e jovens com bonificação por deficiência, e que necessitem de acompanhamento permanente de uma terceira pessoa.Outras medidas que podemos falar são: Programa de apoio integrado a idosos (PAII) que consiste Serviços e Organismos que promovam a autonomia das pessoas idosas ou pessoas em situação de dependência.Estes serviços e organismos são dirigidos pelos Ministérios do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social e da Saúde, Instituições Particulares de Solidariedade Social, no âmbito da Segurança Social e da Saúde, Misericórdias, Mutualidades e outras Organizações Não Governamentais sem fins lucrativos(ISS, 2017).Programa conforto habitacional para pessoas idosas (PCHI) que visa a que a pessoa com mais de 65 anos que usufruem do Serviço de Apoio Domiciliário ou frequentem um Centro de Dia ou cuja prestação destes serviços esteja

dependente da qualificação habitacional. O PCHI tem como objetivo a prevenção da dependência e institucionalização dos cidadãos mais idosos, ao intervir na qualificação habitacional através do melhoramento das condições básicas de habitabilidade e mobilidade (ISS,2017). Os serviços de ação Social: Centro de dia; Centro de convívio; Serviço de apoio domiciliário; Centro de noite; Acolhimento familiar; Residência; Lar de idosos.

Desta forma estas políticas sociais existentes são usadas como resposta para a população residente em Portugal. Permitem atenuar situações de maior vulnerabilidade e desigualdade social, devido à conjuntura atual do país. A proteção social visa dar resposta com um conjunto de serviços que procuram prevenir situações de risco social e por outro lado situações de necessidades já existentes (ISS,2017). Estas respostas sociais são muito importantes, mesmo que existam em pequena qualidade, tornam-se essenciais para uma transição para a reforma mais tranquila e até com alguma segurança socioeconómica.

1.5 Transição: O processo por detrás de um ponto.

Segundo o dicionário online português, transição consiste numa mudança e passagem de um estado a outro. Neste trabalho a definição de transição é entendida como a ação e o efeito de passar de um estágio da vida, para outro diferente. Sendo assim tal definição implica uma mudança numa forma de ser ou de estar. De um modo geral, entende-se como sendo um processo com uma certa extensão no tempo. A transição é uma etapa não permanente entre dois estados.

Schlossberg (1981, p. 4), define transição como “Pode-se dizer que uma transição ocorre se um evento ou não-evento resultar numa alteração nas suposições sobre o eu e o mundo e, portanto, requer uma alteração correspondente no comportamento e nos relacionamentos do eu”.Esta definição mostra que uma transição acontece quando resulta uma mudança de conceções acerca de si mesmo e do meio que o rodeia, gerando uma mudança correspondente no comportamento, tanto individual como nas relações que o indivíduo estabelece com o meio envolvente. Esta autora refere, também, que uma transição na vida de um indivíduo não é necessariamente uma situação de crise, contudo

envolve “riscos desenvolvimentais”(Schlossberg,1981, p.4).Uma transição pode então significar um perigo ou uma oportunidade, conforme refere Hopson (1981). Segundo este autor “Uma transição carrega em simultâneo o peso do nosso passado, das nossas esperanças e medos do nosso futuro, bem como a pressão de sentirmos que estamos vivos. Há uma dança contínua entre a oportunidade, o extase e o desespero, o desenvolvimento e estagnação, mas acima de tudo há movimento. Nada nem ninguém permanece igual.” (Hopson, 1981, p.39).

Um dos acontecimentos que melhor representa o conceito de transição, numa visão psicossocial, é o processo de transição para a reforma. Este processo é revestido de aspetos positivos e negativos e envolve ganhos e perdas desenvolvimentais. Schlossberg, (1981), sublinha que uma transição não é tanto uma questão de mudança, por si só, como principalmente a perceção que o indivíduo tem sobre a mudança que ocorre na sua vida. Sob este ponto de vista uma transição ocorre apenas quando gera uma situação de mudança para o indivíduo, sendo que este é um processo relativo, o qual varia de pessoa para pessoa, visto que duas pessoas podem encarar, viver e atravessar de forma totalmente desigual uma mesma situação de transição. Considera-se que esta mesma variabilidade pode ocorrer no mesmo indivíduo, em diferentes momentos da sua vida.

O conceito de transição não é estanque, nem uniforme, é processual. Para compreendê-lo é necessário considerar diversas variáveis, nomeadamente a relação do indivíduo com ele mesmo, relação com os outros, bem como a sua relação com a comunidade, (família, trabalho, amigos, saúde, economia, sociedade, etc.). De uma forma mais global, uma transição apresentará uma amplitude maior ou menor, consoante a semelhança que exista entre o antes e o depois do processo de transição. Schlossberg,(1981), refere existir uma linha, onde as transições constituem um tipo particular de mudança em que o indivíduo experimenta uma descontinuidade na sua vida, envolvendo uma tomada de consciência pessoal de novas necessidades, o que o leva naturalmente, a desenvolver novas competências.

Scholossberg, Waters, & Goodman, (1995), apontam para um modelo que representa, como as pessoas lidam com os processos das transições, situando-os em três fases:

“(…)na primeira o indivíduo sente-se literalmente invadido, submergido, pelo acontecimento que origina a transição; na segunda, o indivíduo compreende a necessidade de mudar as suas anteriores concepções e modos de estar; na terceira, o indivíduo integra-se na nova condição de vida para o melhor e para o pior, assumindo frequentemente uma nova (faceta da sua identidade).” (Robeiro, 2013, p.101).

Este modelo equipara a transição a uma “montanha russa”, sendo uma transição um momento de mudança, de hábitos e emoções, considerando este um período de desorganização do qual emerge, posteriormente, a fase da reorganização.

Fiske&Chiriboga, (1990), afirmam que o percurso de vida é traçado em função de acontecimentos de vida e de transição, possuindo, assim, consequências a nível estrutural do indivíduo, (psicológico, de saúde e do autoconceito do *self*). A importância que é atribuída pelo indivíduo à transição e a capacidade de adaptação é fulcral em todo o processo. Cada indivíduo reage de uma forma diferente aos processos de transição na sua vida, havendo indivíduos que possuem maior grau de resiliência do que outros, para lidar com os efeitos destes processos (stress, solidão, não utilidade social, etc.), os quais estão condicionando tanto com os diversos contextos em que cada indivíduo vive, quanto com os diferentes momentos de vida que se ocorrem os processos de transição. Schlossberg (1981) afirma que a adaptação a cada processo de transição acontece espontaneamente no decorrer de cada situação- “A adaptação à transição é o processo segundo o qual um indivíduo passa de um estado em que se encontra totalmente preocupado com a transição, para um estado onde integra a transição na sua vida” (Schlossberg, 1981, p.7). Esta autora afirma que tal processo se desenvolve concomitantemente com a mudança do estado de consciência de um indivíduo, i.e., de um estado de consciência que está a alterar para uma consciência que alterou efetivamente. Surge, então, uma fase de reorganização em que uma nova realidade é encarada e aceite.

Cada processo de transição possui uma adaptação a um padrão específico e é importante perceber “porque algumas pessoas se adaptam mais rapidamente a uma determinada transição do que outras, e como a capacidade de adaptação de um indivíduo varia ao longo da vida” (Manual Gerontologia,2013,p.102). Para desenvolver esta questão, o autor recorre a três possibilidades: (1) o modelo onde os recursos são insuficientes, (2)

as características dos ambientes pré-transição, (3) a pós-transição e os resultados de adaptação.

O primeiro modelo, onde existe uma barreira de acesso aos recursos, dá importância à indispensabilidade de existir recursos adequados para fazer face à transição. A análise da diferença entre as características dos ambientes pré-transição e pós-transição está associada às diferenças entre ambientes antes e depois da transição. Os recursos de adaptação são fundamentais para a referida reorganização do indivíduo e para estabelecer uma estabilidade mesmo que a transição seja um acontecimento inesperado que gere grandes níveis de stress, ou uma escolha da pessoa, desta forma sendo mais fácil uma adaptação. O suporte formal e informal é fundamental para a facilitação do processo de transição, o contacto com os outros e a ajuda recebida pode ser muito importante e pode ajudar a encontrar estratégias para controlar a situação ou modificar a situação.

Indo ao encontro do pensamento de Bourdieu, (2011), o envelhecimento social e o biológico não são dependentes, eles cruzam-se inevitavelmente como afirma o autor “As representações dos agentes variam segundo a sua posição (e interesses associados) e segundo o seu habitus, como esquemas de percepções e de apreciação, como estruturas cognitivas e avaliativas que adquirem através da experiência duradoura de uma posição no mundo social” (Bourdieu, 1987, p.134). Desta forma, é importante quando se fala em processo de transição para a reforma, pensar num todo, incluindo as trajetórias de vida e os contextos histórico e culturais de cada pessoa.

Segundo Ecclestone, (2010), uma transição constitui uma mudança e também uma viragem de identidade, desta maneira as representações de transições estão ligadas a mudança de papéis sociais, assim ocorrem também mudanças a nível do status e de identidade na esfera pessoal e social, que são ajustadas segundo diversas variáveis do contexto. Por outro lado, Hamilton (2010), transmite a ideia de que uma transição depende mais do contexto em que ocorre, do que da própria pessoa que a vivencia, dando uma grande ênfase à trajetória de vida, e às condições históricas.

Para Ecclestone, Biesta e Hugher (2010), a idade não deve ser associada a comportamentos ou papéis sociais, que nos são impostos pela sociedade desde tenra idade; uma transição pode ser vivenciada de uma forma diferente de pessoa para pessoa.

Estes autores afirmam que as transições podem ter diferentes durabilidades, dando origem a transformações tanto a nível sentimental, ou atitudes que condicionam ou interferem a nível pessoal e também social. Estes autores fazem uma ligação entre as condições estruturais, “agency”, relações e experiências partilhadas assim como o contexto, e identidade. Para eles a transição é um processo de mudança de uma identidade para outra, que é influenciada pelo meio social, por fatores históricos e contextos que são diferentes até de região para região.

Desta forma e em termos gerais podemos classificar uma transição de vida como uma passagem de um estado para o outro, de um local para outro, de um estilo para outro, enquanto processo, decorrente num espaço temporal específico (McCormack,1996).Levinton (1974), citado por (Aiken, 1994), defende que é necessários haver mudanças e que as pessoas sentem essa necessidade, e segundo (Aiken,1994) a vida de uma pessoa é intercalada entre períodos de estabilidade e períodos de transição, que fazem com que haja alterações na forma como o sujeito se vê a si próprio e aos outros. Para Schlossberg, Waters& Goodman (1995), existem três tipos de transições, sendo a primeira “transições esperadas que definem como sendoaquelas que o indivíduo já se encontra preparado, seguindo das “transições não-antecipadas” definidas como as que não existe uma preparação prévia e por fim as “transições por não acontecimento” que ocorrem quando o indivíduo espera algo que não acontece. Todas as transições que acontecem na vida de cada pessoa são importantes, principalmente quando se fala na transição da vida activa para a reforma, pois esta transição interfere nos hábitos rotineiros de cada indivíduo.

1.6. Transição da vida ativa para a reforma

A vida do indivíduo contemporâneo é desenvolvida em volta do trabalho, e o trabalho pode ser definido como as atividades tanto físicas como psíquicas que são desenvolvidas pelo indivíduo, com o objetivo de produzir bens e serviços, dos quais advém lucro que remunera o seu esforço, sendo o trabalho a expressão humana que o diferencia dos outros animais (Ravagni, 2006).

O significado de trabalho tem sofrido algumas alterações ao logo dos tempos, e como indica Ravagni (2006), o individuo está sujeito às expansões tecnológicas em

consequência de viver numa sociedade capitalista. Se existe uma visão do trabalho como algo que impede os indivíduos de viver conforme a sua vontade, existem também um outro lado do conceito de trabalho, que dá a cada indivíduo uma identidade social e impulsiona o desenvolvimento pessoal. Paradoxalmente olhamos para a reforma da mesma forma, pois é vista por uns como algo bom e por outros como algo assustador. (Ravagni, 2006).

A reforma representa um início e ao mesmo tempo um fim de uma etapa, é caracterizada pela saída do mercado de trabalho. Na Europa vê-se cada vez mais um contínuo e acentuado aumento da taxa de reformados., Chagny, Dupont, Sterdyniak & Veroni (2001), acrescentam que as pensões que os estados europeus pagam para a reforma deverão aumentar de 12,5% para 18,3% do PIB entre 2000 e 2040, o que só por si informa de um grande número de cidadãos europeus a adotarem o papel de reformados.

No processo de transição para a reforma é importante olhar para as transições que por norma acontecem a todos os indivíduos na mesma altura e também aquelas para as quais o indivíduo não se encontra preparado. Assim, segundo a perspetiva do curso de vida, Moody (2006), diz que uma transição deve ser vista aos olhos do próprio sujeito, pois a sua perceção é fulcral, porque uma transição é um processo psicológico e interno.

A reforma é uma transição muito importante na vida de uma pessoa, e Newman (2008), define a transição para a reforma como sendo uma das maiores transições de vida, e acontece segundo Van Solinge & Henkens (2008), uma ligação entre fatores como organizacionais, financeiros, familiares e principalmente psicológicos, que condicionam todo o processo de transição para a reforma.

A reforma é uma transição do curso de vida de uma pessoa, uma vez que acontece no curso de vida de todas as pessoas, e assume-se enquanto elemento de desenvolvimento subjetivo e também como uma transformação psicológica e social ao nível da identidade da pessoa (Moen, 1996). Numa perspetiva de tipo desenvolvimental, Cavanaugh (1997), aborda a passagem à reforma vendo-a como um evento de vida que implica uma transição, aglomerando transformações em vários aspetos da vida e um processo adaptativo. O processo de transição para a reforma é encarado globalmente como um

acontecimento de vida que origina um processo de "transição-adaptação" mais ou menos satisfatório (Cavanaugh,1997,p.243).

Desta forma Torres (2005), refere que a passagem à reforma é um evento de transição do ciclo vital humano, habitualmente ocorrido no final da meia-idade, que se caracteriza por uma adaptação à mudança decorrente da cessação de um período de vida produtivo em que se assumiu o estatuto de ativo, de carácter singular na pessoa e família que o vivenciam. Para Mauritti(2004), esta transição poderá ser mais ou menos bem-sucedida em função das características dos seus protagonistas, da rede de sistemas envolventes e das respostas adaptativas que se estabelecem na interação entre os mesmos.

É da qualidade dessa interação e da capacidade de maior ou menor adaptação a esta transição que decorrem diferentes estados de vulnerabilidade, que poderão colocar em causa aquele que se preconiza ser um envelhecimento ativo, indica Loureiro, Fonseca, e Veríssimo (2012).

Conforme indica Loureiro, Fonseca e Veríssimo (2012), a passagem à reforma é um evento de transição que se caracteriza por uma vivência de integração à mudança e existem diversas formas de se vivenciar este evento, e estão também diferentes estados de vulnerabilidade que vão interferir na forma de experienciar este momento.

A perspetiva do Ciclo de Vida na visão de Silva (2009), alega que o caso e os atributos pessoais, assim como os contextos sejam sociais, familiares, culturais, políticos entre outros, influenciam a forma como estes indivíduos percebem a transição para a reforma. Segundo Fonseca (2011), a alegria ou tristeza que se pode ter na transição para a reforma varia consoante determinados fatores, muitos deles culturais, de saúde de recursos ou de perspetivas futuras.

Assim “os indivíduos percecionam a passagem à reforma em função das suas características pessoais, muito particularmente daquelas que foram as suas vivências no passado e da forma como se aposentaram (...)”(Fonseca, 2011, p.6).Quer isto dizer que a rede de sociabilidade tem um papel muito importante e distinto, neste momento da vida destes indivíduos. Esta transição interfere nos hábitos rotineiros de cada indivíduo, contudo estas são sempre delimitadas pelo contexto socioeconómico e político em que vivenciaram este fenómeno.

Segundo Fonseca (2011), quando pensamos na reforma imediatamente iremos pensar em perceção da transição, sentimentos, recursos e estratégias de adaptação e transições simultâneas, a que estarão sujeitos os indivíduos ao passar por esse processo. Mendes

(2011), diz que o processo designado por reforma constituiu uma continuidade de vida parecem várias mudanças na transição da vida ativa para a reforma, essas mudanças provocam readaptação, ganhos e perdas, na vida de cada pessoa que atravessa esse processo.

Quando falamos na percepção de transição ela pode ocorrer como uma continuidade, não alterando significativamente os hábitos do indivíduo, ou, pelo contrário, num processo de readaptação, onde se ganham novos ritmos de vida. Nesta transição pode ocorrer também ganhos como biofisiológicos, psicoemocionais, económicos, e até qualidade de vida; contudo existem também perdas sociais, económicas e psicossociais, entre outras, como é referido por Fonseca (2011). Esta situação de transição deve ser pensada e planeada, pois trata-se de um processo muitas vezes desejado, mas que noutras vezes é doloroso.

Fonseca (2011), refere que se verifica que os idosos que possuem uma perspetiva de continuidade de vida após esta transição, são na maioria aqueles que mantêm uma semelhante ocupação, e isto acontece mais no caso dos indivíduos que trabalham por conta própria.

O estatuto de reformado é na maioria das vezes entendido como uma forma de viver mais calma, uma forma de disfrutar da vida, pois aos 65 anos de idade ainda existe uma vida com muitos planos e sonhos.

Pensando num contexto socio- histórico, podemos facilmente observar que, geralmente, os homens são mais velhos que as suas esposas, pois este é um fator que caracteriza a população portuguesa. Desta forma o homem é o primeiro a assumir o papel de reformado refere (Ferreira, 2013).

De acordo com Ferreira (2013): “Para que seja possível viverem com qualidade de vida e bem-estar as pessoas de idade avançada, mais concretamente as que entram na reforma e que apesar das numerosas conotações negativas que a nossa sociedade lhes atribuí têm pela frente largos anos de vida. É necessário desenvolver e proporcionar meios que os ajudem a enfrentar e superar as crescentes dificuldades. A exclusão social, insuficientes respostas sociais ajustadas às suas necessidades, a perda ou afastamento de familiares e baixas pensões, são alguns exemplos, das dificuldades que se apresentam às pessoas de idade avançada”. (P.10)

É necessário para que ocorra um envelhecimento preparado e informado, que as pessoas que estão a passar por esse processo sejam acolhidas pela sociedade, tendo em conta que Portugal está muito aquém do desejável neste sentido.

É importante que existam medidas para potenciar a inclusão e uma reforma digna para estas pessoas.

Palmore, Cleveland, Nowlin, Ramm&Siegler (1985), identificaram as seguintes três reflexões ao pensar no significado de reforma: ausência de emprego "a tempo inteiro"; rendimento económico proveniente da segurança social e/ou de outras pensões; identificação pessoal com o papel de "reformado".

Conforme Szinovacz (2001), apesar da reforma ser um fenómeno recente, constitui hoje um aspeto estrutural do curso da vida humana nas sociedades industrializadas. O indivíduo com os requisitos necessários passa para ter a reforma e tem essencialmente que abandonar (ou não) a atividade profissional e a ter direito a receber uma pensão.

Mas será a "passagem à reforma" um acontecimento inevitável na história pessoal? O que leva algumas pessoas a recusarem a reforma, preferindo manter-se no ativo? Existe uma diferença acentuada entre o género Masculino e feminino?

Desde muito novos todos nós somos induzidos a trabalhar a ter uma vida profissional, pois esta é também uma forma de subsistência e quando finalmente existe uma oportunidade de aproveitar a vida, ter mais tempo para se fazer o que se gosta e dedicar mais tempo a quem se gosta, a passagem pode significar uma rotura complexa. A vida profissional dá aos indivíduos um rendimento económico, mas também uma ocupação, uma vida social, um "sentir-se útil" e ser útil à sociedade, um meio de promoção na social, sendo que trabalhar não é apenas realizar tarefas, mas sim ter oportunidades de relações sociais. Quando se entra na reforma acontece um desligar de todo este meio, e surgem um conjunto de fatores de natureza psicossocial, que interfere muito na forma como o indivíduo vive esta transição (Szinovacz, 2001).

A reforma é um processo complexo devido ao grande número de variáveis que a influenciam. Segundo Ekerdt, Kosloski, andDaviney (2000), a pré-reforma é uma fase que geralmente ocorre na meia-idade, embora o tempo exato possa variar de indivíduo para indivíduo.

Ekerdt, Kosloski, andDaviney (2000), pensam ser importante que haja um planeamento da reforma, de como e quando isso vai acontecer pois é uma decisão bastante difícil, em

que o indivíduo pode decidir retirar-se totalmente ou parcialmente no seu local de trabalho, sendo que nem sempre é possível ocorrer uma escolha da parte do trabalhador.

Quando o indivíduo toma uma decisão destas na sua vida, entra num processo de transição, que é bastante complexo, pois, após essa transição ocorre um processo de adaptação, surgem várias preocupações e ajustamentos. Estes ajustes são dinâmicos e contínuos segundo Sterns&Subich (2004).

Wang, Henkens& Van Soliesl (2011), referem que os processos de transição para a reforma são múltiplos e existem alterados períodos de estabilização e de reajustamento para conseguir alcançar um bem-estar e satisfação ao longo da vida.

Na pré-reforma um bom planeamento e as condições de saída bem como os recursos são muito importantes e vão influenciar os resultados da reforma no que se refere ao bem-estar e satisfação com a vida. O planeamento é um ponto-chave para a pré-reforma diz Taylor & Doverspike (2003), e estes autores indicam que o esforço investido antes da reforma, afim de garantir um futuro com saúde e bem-estar tanto económico como psicossocial, é essencial. Um bom planeamento pode prevenir mudanças abruptas e ajudar um futuro com melhores condições de vida com vista a uma satisfação na aposentadoria.

Os principais fatores para uma favorável entrada na reforma segundo Rohwedder (2006), são: os recursos económicos; a saúde e os relacionamentos sociais. Segundo este autor, os recursos económicos são considerados importantes pois são o que pode dar acesso às atividades que é desejado como viagens, inúmeros serviços, incluindo cuidados de saúde. A saúde é o foco central que promove o bem-estar e o envelhecimento bem-sucedido, sendo que ter problemas de saúde pode levar a limitações sociais como de interação e lazer. Já as relações sociais são, para estes indivíduos, vistas como ajudas emocionais, de apoio, companheirismo e um sentido de identidade.

Earl (2005), diz que o fator para uma melhor reforma, é o controlo da sua vida e de tomada de decisões. Para esta autora, controlo é uma forma de melhor gerir esta fase da vida, e pode vir a reduzir efeitos negativos da transição para a reforma de um indivíduo. Possuir bons recursos tais como acesso a cuidados de saúde, tendo possibilidades económicas e apoio nas redes informais e formais, dá ao indivíduo uma maior confiança

e um maior controlo desta transição. Esta autora diz que o que acontece desde a pré-reforma e na transição tem influência direta com a adaptação do indivíduo. Desta forma a fase da pré-reforma possui um grande peso nesta transição e adaptação e todas as intervenções devem ser concebidas para melhorar o planeamento da reforma, desde o controlo de expectativas, tomada de decisão de aposentadoria entre outras. Earl (2005), diz que os recursos servem para reduzir a possibilidade de encontrar circunstâncias negativas e ajudar os indivíduos a obter os resultados desejáveis.

Segundo Chapman (2002), a reforma já não é um período relativamente curto (5 anos aproximadamente), já não é vista como o aproximar do fim de vida, e é vista atualmente como um período substancial de vida ativa, que pode atingir um terço da duração da vida de uma pessoa. Ela deve ser vista como uma oportunidade para realização pessoal.

Segundo Chapman (2002), existem requisitos que são necessários para ter sucesso na transição para a reforma, sendo apontados: reservas financeiras adequadas, boa saúde e adaptação emocional. Muitas pessoas, segundo este autor, encaram a reforma com apreensão, outras têm medos e continuam a trabalhar quando é possível, e uma das razões é o facto de verem a reforma como um período fixado e linear. Sendo a reforma constituída por fases distintas, e a transição deve ter períodos de vida ativa, de abrandamento de atividade, e a reforma deve ser planada previamente para poder ser gozada Chapman (2002).

O processo de transição e adaptação à reforma está relacionado com diversos fatores incluindo o efeito cumulativo das transições que cada indivíduo sofreu anteriormente, e é muito importante ter em consideração os contextos e expectativas com a reforma, assim como as emoções e os pensamentos/ projetos futuros. Wang(2007) acrescenta que, para além dos atributos individuais de cada pessoa, são também importantes os papéis sociais e que estes vão certamente influenciar no ajustamento desta transição.

A decisão de se reformar nem sempre é fácil ou até espontânea. Para algumas pessoas significa entrar numa fase de prazer e liberdade, mas para outras pessoas apresenta-se como o início da sua desvalorização por parte da sociedade, ou até o abandono de uma fonte de identidade para si mesmo. A transição para a reforma por ser vivida pelo indivíduo como sendo voluntária ou involuntária, e este é um aspeto fulcral no ajustamento à vida após a reforma. Swan, Dame, and Carmelli (1991), afirmam que a

reforma pode assumir-se como um acontecimento normativo ou um acontecimento não normativo ou não antecipado. Assim apresenta-se dois tipos de reformados, sendo que o sujeito que têm uma reforma involuntária não possuem nenhuma fase de preparação prévia para uma nova fase da vida, logo tende a revelar maiores problemas de adaptação e um decréscimo no nível de bem-estar (Van Soligne, andHenkens, 2007). Desta forma é importante avaliar o contexto da transição para a reforma, para se compreender a satisfação com a vida de cada sujeito.

Capítulo II : Procedimentos metodológicos

O meu interesse em compreender o processo de transição da vida ativa para a reforma, é tanto pessoal como profissional, pois é uma mais-valia para compreender os processos associados ao envelhecimento. Como refere Lima (2010), a transição para a reforma está ligada ao envelhecimento através de acontecimentos estruturados temporalmente, implicando mudanças dos sujeitos na sociedade, e não apenas como um estado.

O procedimento que adotei como caminho metodológico teve em consideração o acima referido, e assente numa metodologia qualitativa com uma análise de um paradigma interpretativo, através de histórias de vida.

1.1. Investigação Qualitativa

Fazendo um breve panorama da história da intervenção qualitativa, é importante referir que os métodos qualitativos têm uma larga tradição na psicologia e nas Ciências. Flick (2005) faz referência a Wilhelm Wundt que, na psicologia, usou métodos de descrição e de compreensão na sua psicologia popular em simultâneo com métodos experimentais na psicologia em geral. Na mesma altura, surgiu na sociologia alemã a discussão entre uma conceção de orientações monográficas na ciência, dirigida para as inferências e os estudos de caso (Bonb, 1982). Durante um grande período e até aos anos 40, os métodos biográficos, os estudos de caso e os estudos descritivos eram uma parte muito importante da sociologia americana, como é referido genericamente pela influência da Escola de Sociologia de Chicago (Flick, 2005).

Segundo Flick (2005), na medida em que as ciências sociais se afirmam, as abordagens experimentais, padronizadas e quantificadas, foram afirmando-se face às estratégias maleáveis, compreensivas, abertas e qualitativo descritivas. Este autor indica que foi preciso esperar pelos anos 60 para que a investigação qualitativa se afirmasse de novo na sociologia americana. Nos anos 70 acontece um renascimento da intervenção qualitativa nas ciências sociais e mais tarde na psicologia (Flick, 2005).

Segundo Bonb (1982), os debates em torno da abordagem qualitativa, aconteceram em épocas diferentes nos estados Unidos e na Alemanha e tiveram diferentes fases.

Bonb (1982) e Flick (2005), referem que a investigação qualitativa se tem afirmado como prometedora em pesquisas realizadas nas áreas da educação e ciências sociais, devido às suas características. Flick (2005), indica que uma investigação de vertente qualitativa pode-se tornar o melhor modo de elaborar conhecimento sobre a realidade, permitindo ao homem um relacionamento harmonioso com o seu ambiente. A investigação qualitativa é descritiva e não é apresentada em forma de números, desta forma é comum encontrar-se descrições e/ou citações que descrevam ou ilustrem o contexto. “Qualitative data are sexy. They are a source of well-grounded, rich descriptions and explanations of processes in identifiable local contexts” (Miles & Huberman (1999, p.1).

A investigação qualitativa prioriza o processo e o significado de forma indutiva, o que facilita uma melhor compreensão do objeto de estudo (Bodgan&Kiklen, 1994).

Segundo Fernandes (1991), a questão que se coloca quando se fala do tipo de investigação, é a construção do entendimento mais intenso dos problemas a investigar descobrindo o que lhes está subjacente.

Num estudo qualitativo é tão importante o decorrer do processo como os resultados, e os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva, ou seja não procuram confirmar informação (Miles & Huberman,1999). Estes autores referem que o investigador assume um papel muito importante na investigação qualitativa - é o principal instrumento - sendo que a sua fonte de dados, é o ambiente natural. Pressupõe-se que o investigador disponha de tempo, pois deverá frequentar o local do estudo, porque o contexto é um fator fulcral para que possa existir uma compreensão da realidade. Os investigadores ouvem o sujeito de investigação, tendo como objetivo compreender o modo como o sujeito de investigação estrutura a sua própria vida e como vivência as situações. “Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador {...} reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra.” (Bodgan & Biklen, 1994, p.51).

Os dados recolhidos proporcionam uma descrição muito mais detalhada dos acontecimentos. Para Bodgan & Biklen (1994), quando falamos nesta abordagem,

falamos num contexto naturalista, onde o sujeito é ouvido no seu ambiente, que tenta compreender significados, senso comum e vida quotidiana, sendo que o investigador faz um plano flexível e progressivo com uma pequena amostra não representativa, utilizando técnicas como a observação, a entrevista e o estudo de documentos.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), num estudo qualitativo é mais importante o decorrerdo processo que os resultados, é privilegiada a compreensão e a interpretação de como os factos se manifestam, em vez da determinação de causas para os mesmos.

1.2. Paradigma de investigação

Uma investigação vai ser analisada com base num paradigma, e desta forma torna-se necessário explicar o termo paradigma. Consiste na orientação da reflexão e da indagação através de um vasto conjunto de proposições e conceitos devidamente organizados (Bogdan & Bilken, 1994). Segundo estes autores o paradigma enquadra determinadas dimensões desde a identidade, a autonomia, os fatores históricos e culturais e a argumentação teórica vem sustentar a temática escolhida, contudo existe uma interpretação na terceira pessoa.

O paradigma interpretativo, rompe com os princípios associados ao positivismo a partir da década de 50/60 do século XX, resultando de um rígido debate entre investigadores qualitativos e quantitativos (Cohen & Manion, 2002).

A partir da década de 70 começam a abrandar essas tensões com o aumento das investigações qualitativas na área da educação com realce numa perspetiva dos intervenientes, como uma grande associação ao espírito democrático que se faz notar, onde a preocupação com o sujeito uma prioridade no sentido de compreender o mundo subjetivo da experiência humana (Cohen & Manion, 2002, Bogdan & Biklen, 1994).

Já nos anos 80/90 sente-se um grande aumento na importância da investigação qualitativa, tendo tido um contributo pelas feministas que ajudaram a impulsionar abordagens relativamente às emoções e sentimentos, utilizando a observação participante, as histórias de vida e as entrevistas em profundidade, fazendo avançar as relações entre investigador e participantes (Bogdan & Biklen, 1994).

Ainda na década de 80, existe um terceiro momento de “disputa” entre paradigmas onde se afigura uma possibilidade de existir uma investigação de métodos qualitativos e quantitativos e promover o diálogo entre ambas as abordagens, facilitando a aceitação dos métodos múltiplos ou múltiplos (Denzin, 2008).

O paradigma interpretativo está associado a uma conquista e conhecimento, assim, Morin (1982, p.244), refere “(...) deve ligar o objecto ao sujeito e ao seu ambiente; deve considerar o objecto, não como objeto, mas como sistema- organização levantando os problemas complexos da organização. Deve respeitar a multidimensionalidades dos seres e das coisas. Deve trabalhar, dialogar com a incerteza, como o irracional. Não deve desintegrar o mundo dos fenómenos, mas tentar dar conta dele mutilando-o menos possível.”

De acordo com Monteagudo (2000), a designação de paradigma interpretativo contempla em si as abordagens relativas ao etnográfico, ao fenomenológico e cariz filosófico, como o hermenêutico e simbólico na busca de significado nas palavras do sujeito, alcançando igualmente o campo antropológico, sendo em si um termo mais abrangente e menos ambíguo de que as expressões de construtivismo e naturalismo, pois atribui uma lógica diferente a compreensão da realidade.

A utilização do paradigma interpretativo permite voltar atrás e ir para o futuro as vezes que forem necessárias para descodificar a problemática, o que nos dá significações sociais, pessoais, ideológicas, e nos permite uma colaboração permanente entre investigador e sujeitos (Monteagudo, 2000). Este paradigma é muito rico, e dá-nos a oportunidade de definir estratégias/ planos de intervenção que possam ajudar o processo de transição, pois permite-nos compreender melhor e dar a compreender as suas próprias transições, relativamente à identidade e as estruturas que as influenciam. Trata-se de um paradigma que tem em conta o conhecimento das mudanças identitárias, as estratégias e as narrativas que as pessoas utilizam para ultrapassar os constrangimentos com os quais se deparam (Morin, 1982).

Cohen e Manion (2002), referem que o método interpretativo se centra na ação, que só faz sentido no relacionamento entre sujeitos e na partilha de experiências. Estes autores dizem que a teoria não antecede a investigação, mas vai sendo construída ao longo de do processo, com a experiência e entendimento do próprio investigador e com os

significados e os propósitos dos participantes, pois a teoria que será construída/recolhida deverá ter sentido para os sujeitos.

1.3. Método: Histórias de Vida

“A minha vida faz-se ao contá-la e a minha memória fixa-se com a escrita (...)” (Isabelle Allende citada por Galvão, 2005, p. 327)

1.3.1. Evolução

Existem diferentes genealogias do estudo das histórias de vida. Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut (1999) distinguem duas das mais notórias fases da sua realização. A primeira nos Estados Unidos, na primeira década do séc. XX, em que as histórias de vida procuram simultaneamente fazer o encontro dos novos imigrantes assim como também os já instalados e registar as suas vidas abandonadas na Europa, para preservar este passado, e tendo surgido nesta fase obras seminais de abordagem narrativa, tais como o “The polish peasant in Europe and America” (1927), de Thomas e Znaniecki e o “The Jack Roller: A delinquent boy’s own story” de Shaw (1930).

As histórias de vida, de um indivíduo ou conjunto de indivíduos interessaram, inicialmente, ao jornalismo ou a certa literatura que se centralizava no estudo dos detalhes biográficos das pessoas ilustres. Num processo de evolução, durante o século XX, diversas ciências sociais e humanas sugeriram uma variedade de possibilidades metodológicas que, ainda hoje, servem de apoio a todos os que se vierem a interessar sobre este campo de estudo.

Bertaux (1989), coloca no século XIX um interesse especial pelas histórias de vida de indivíduos pertencentes a cultura diferenciada. A recolha de biografias de membros de comunidades de índios norte-americanos serviu, pela primeira vez, um objectivo que viria a ser recorrente em muitas das investigações que se seguiram: o levantamento de práticas e costumes de culturas minoritárias ou em vias de desaparecimento.

Para realização de uma história de vida deste tipo será necessário fazer o levantamento de imensas esferas quotidianas de vida. A construção de histórias de vida noutros contextos, não necessitará de um tal detalhe, o investigador estará seguramente mais próximo do sujeito que estuda.

Mayhew, um jornalista da Londres oitocentista, publicou diversas crónicas que suscitaram interesse. O autor efectua uma série de levantamentos de histórias de vida de indivíduos pertencentes a classes pobres (Neves, 1997). Esse levantamento era complementado com a observação naturalística dos contextos em que os seus biografados viviam. Logo nos princípios, revela-se um interesse que seria recorrente ao longo do progresso deste método: a biografia de classes ou grupos sociais minoritários ou marginalizados no todo social.

Também na escola de Chicago foram aplicadas certas técnicas para o estudo de dinâmicas urbanas e de diversas comunidades minoritárias das cidades modernas. O método biográfico, então nos seus começos, foi utilizado conjuntamente com outros métodos antropológicos no estudo de comunidades imigrantes, vítimas de exclusão social na caótica Chicago do início do século XX.

Robert Park em 1915 começa a incentivar, de uma forma continuada e sistemática, a observação participante e outros métodos, no estudo das margens degradadas da grande urbe. W. I. Thomas, outro mestre tutelar da escola de Chicago, teve um percurso semelhante. A obra monumental que produziu com Florian Znaniecki, publicada em 1918, é pioneira pelo seu carácter plurimetodológico e, sobretudo, para o que é relevante para aqui, pela utilização de material biográfico. Os dois autores utilizaram diverso material desse tipo para fundamentarem o seu estudo. Recorreram a diários, cartas e de todo o tipo de material que pudesse testemunhar as dimensões subjectivas da comunidade que pretendiam analisar: a comunidade de polacos que emigraram para a cidade.

Actualmente, estamos diante dois modos complementares de encarar a sistematização das histórias de vida: a primeira, centra-se sobretudo no indivíduo e nas suas particularidades para depois confrontar-se com interpretações teóricas; a segunda, serve-se da história de vida como instrumento de levantamento de regras sociais de determinadas subculturas ou segmentos específicos da sociedade.

O interesse do estudo de um caso particular prende-se normalmente por ser

especialmente ilustrativo de um fenómeno mais global. A biografia pode centrar-se nos detalhes do indivíduo ou, pelo contrário, utilizar a história de vida recolhida para compreender as regras e funcionamento de um certo grupo social.

Sintetizando, o material recolhido é combinado num só texto; sobre esse texto proceder-se-á a uma análise de conteúdo que será diferente de acordo com os objectivos do projecto. Assim, poderemos traçar trajectórias tipo de determinado segmento da população ou, nos casos que assim se justificar, poderemos propor tipologias biográficas.

1.3.2. O método

O método das Histórias de vida permite-nos centrar no mundo de alguém, compreender e encontrar os significados que as pessoas atribuem às coisas e à vida. Os seres humanos são narradores de histórias, reportam memórias, interpretações, reações e sentimentos pertencentes a um determinado contexto histórico, social e cultural (Poirier, Clapier-Valladon&Raybaut, 1999).

Segundo Adams (1993), existem características fundamentais de uma história de vida, como a infância, que é influenciada pela natureza da relação com os prestadores de cuidados básicos. Consoante o tipo de vinculação, diferente será o tom narrativo. Desta forma, segundo Adams (1993), uma vinculação segura permite desenvolver um *self* mais confiante e coerente.

Segundo Garvey (1977), na infância de cada pessoa, existem imagens ou momentos marcantes, contudo uma criança não tem ainda a capacidade de apreender histórias completas, mas são uma síntese de emoções, conhecimento e sensações, têm um eco nas crianças, que estas, não esquecem. Estas imagens ou momentos que são vivenciados, tornam-se parte do imaginário da criança que, num tipo de brincadeira simbólica (Garvey, 1977), as utiliza para procurar dar sentido as suas experiências. Estas situações acabam por misturar brincadeiras e fantasia com realidade numa forma de jogar em constante mudança, em que o uso do símbolo e do faz de conta, faculta ensaiar e simular uma multitude de imagináveis mundos entre dos quais a criança vai edificado, sentido e significado. Estes momentos que marcaram podem surgir de diversos contextos, como de histórias infantis, imagens acerca do que representa os pais ou avos, o príncipe entre outros tendo em conta o meio onde estão inseridos, a cultura que apreenderam, a

educação que obtiveram, religião vão influenciando a sua identidade. Ou seja, este autor refere que cada história de vida é construída através de experiência vivenciadas, desde a infância até ao momento que são narradas. Cada pessoa acaba por estabelecer os seus próprios padrões motivacionais que são consolidados ao longo dos anos, por cada momento/ etapa da vida.

As histórias de vida constituem uma metodologia que nos permite reunir os eventos mais significativos de nossas vidas, desde o nascimento até ao momento. Para fazer uma história de vida, usamos a memória como a ferramenta principal, porque nos permite reconstruir de onde provimos, a formação da nossa família, o contexto social, cultura, político e económico que vivemos e todos os eventos marcantes (Garvey, 1977).

As histórias de vida são uma das técnicas de pesquisa em que se procura a compreensão da realidade, onde a entrada de dados é a voz dos assuntos. Funciona a partir da complexidade, dos fenómenos (Poirier, Clapier-Valladon&Raybaut ,1999). Adams (1993), afirma que a única maneira de entender o mundo é entender o "ser" dos humanos, porque o mundo e o que acontece no mundo são construções humanas, e é necessário entender o assunto para entender o que acontece no mundo.

Para entender o "ser", existe apenas uma maneira de entender o assunto em sua complexidade. A única maneira de entender a racionalidade dos sujeitos, seu comportamento, suas aspirações, seus medos, é ouvir a pessoa, sua palavra (Adams, 1993).

Segundo Garvey (1977), a história da vida é o eco do passado e a janela do futuro, e é possível construir a nossa história de acordo com a nossa memória desde a infância, adolescência, entrada na vida adulta, com processo de trabalho e estudos ligados a esses períodos. Este autor indica que as histórias de vida também tratam de vicissitudes que foram vividas, ou seja, tudo o que passou e ultrapassou e que considera vital na sua vida. As memórias são fundamentais e podem ser auxiliadas por fotografias pessoais e as circunstâncias em que essas fotografias foram tiradas e o significado atribuído. Uma história de vida é considerada como um método ideal para coleta de dados. Na literatura, ele ganhou um lugar em biografias, autobiografias e histórias de vida e no jornalismo, um género chamado de histórias de vida jornalísticas (Garvey, 1977).

As histórias de vida completas devem expressar o processo que cada ser humano vive, desde o nascimento até o momento, e nesse processo fazer referência à família, aos

factos e eventos, e com essas lembranças reconstruir eventos históricos, sociais, políticos e culturais nas localidades, no país e no mundo (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1999).

Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut (1999), referem que apesar de podermos analisar a subjetividade inerente a este método, o debate sobre a objetividade vem reconhecer que não implica a neutralidade, uma vez que cada pesquisador tem uma posição sobre o mundo que afeta sua pesquisa, desde o momento em que ele seleciona um objeto de estudo e não de outros, ou uma abordagem teórica ou metodológica.

As histórias da vida procuram desenvolver conhecimento a partir das vozes dos sujeitos. Ao narrar a história em si, um texto de primeira ordem é narrado. A partir desta narração vem um exercício de reflexão, que é um texto de segunda ordem. É importante a perceção de que sua voz é valorizada, bem-recebida, por isso é alimentada. (Garvey, 1977).

Para este autor neste ponto, o "valor da voz", dá lugar à nova consciência, a consciência de si mesmo. A consciência no contexto determinado da história. Nenhum relato de um ser humano está fora do contexto histórico em que ele vive, portanto, cada história de vida é a história de um país, uma comunidade, uma região, um grupo. Quando uma história de vida é estudada, um estudo dos contextos, das mentalidades, da política, dos grupos humanos. A reconstrução da história da vida torna-se um momento educacional (Garvey, 1977).

As histórias de vida cruzadas são feitas através da acumulação de registos (Poirier *et al*, 1995). Quer isto dizer que a investigação não se centra num percurso biográfico particular, pelo contrário: o material de estudo é constituído pela acumulação das histórias.

Sintetizando, o material recolhido é combinado num só texto; sobre esse texto proceder-se-á a uma análise de conteúdo que será diferente de acordo com os objetivos do projeto. Assim, poderemos traçar trajetórias tipo de determinado segmento da população ou, nos casos que assim se justificar, poderemos propor tipologias biográficas.

Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut (1999), referem que quanto à profundidade e intensidade da recolha biográfica, também ela poderá ter variadas nuances. A opção encontra-se entre a história de vida total e a história de vida temática ou parcelar. Na

primeira, a investigação deseja recolher todos os hábitos culturais, quotidianos; trata-se de compreender o modo como determinada cultura se organiza em contacto com formas sociais dominantes. As biografias temáticas centram-se em figuras que nos são mais próximas, por pertencerem a uma mesma cultura, o interesse centra-se principalmente no levantamento de determinadas especificidades biográficas.

A investigação qualitativa, baseada em recolha biográfica, tem um modo de pensar o projeto científico bem diferente do que domina a esmagadora produção das ciências sociais. O que poderá provocar mais reticências é normalmente o abandono da ideia de representatividade das amostras. Normalmente, não é isso que se pretende: a abordagem é compreensiva, privilegiando uma profunda análise do material recolhido (Flick, 2005).

O conceito de saturação do material poderá ser útil para ajudar à compreensão do critério de amostragem destes estudos (Glaser & Strauss, 1967). As entrevistas vão sendo recolhidas e analisadas, a partir de certo momento do projeto, há uma ideia de saturação, isto é, os diversos entrevistados começam a repetir ideias e posições. A saturação do material é significativa de certas regularidades que cumpre interpretar à luz do quadro teórico que informou o projeto. Pelo mesmo motivo, poderá ser interessante refletir sobre o motivo de certas áreas da análise não estarem saturadas.

Na construção de uma história de vida segundo Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut (1999), não existe um método único de realização. Podemos falar em autobiografias, biografias e histórias de vida de pessoas. As histórias de vida possuem um carácter multifacetado referem estes autores. Falamos em história de vida para falar de narrativas que são feitas através de uma pessoa que é escolhida por um investigador, e para tal de um conjunto de registos documentais, entrevistas às pessoas escolhidas, e pesquisa em torno do contexto social do sujeito que permite completar e validar o texto biográfico inicial. Por relato biográfico (*récit de vie* o *life story*) entende-se o registo literal das narrativas que são produzidas através das entrevistas. A história de vida “*Histoire de vie* o *live history*”, diz respeito ao estudo sobre a vida de uma pessoa, o contexto em que viveu e interagiu, não compreendido somente o seu relato de vida, mas também o recurso a outro tipo de informação ou documentação adicional que permite a reconstrução de forma mais exautiva possível, da vida da pessoa em estudo (Bertaux, 1999). Dezin (1989) propôs uma distinção entre relatos biográficos (*life story*) e

historias de vida (life history). A história de vida constitui um estudo muito superior aos relatos biográficos, é um estudo mais completo sobre as pessoas, sobre toda a sua vida e relação com os contextos em que interagiu, pelo que a abrangência do estudo engloba o método dos relatos biográficos. O conceito de life history não é um registo autobiográfico, pois, para além da recolha dos dados da narrativa, o investigador recorre a outras fontes, testemunhos orais, documentos para conhecer em profundidade a vida das pessoas, enquanto os relatos de vida (life story) reportam-se só à história contada pela própria pessoa. As histórias de vida podem ser: de relato único; de relato cruzado; de relato paralelo. Os relatos biográficos paralelos são utilizados nas autobiografias e em estudos de realidade social que sejam amplos Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut (1999).

E torna-se importante distinguir autobiografias de biografias. A biografia para estes autores, trata-se de um relato construído por um investigador partindo de todas as suas evidências, documentos disponíveis e da narração de uma pessoa.

É importante estar consciente que em cada pessoa existe uma voz única, ou seja, uma forma, que é diferente para todos de ver uma mesma situação.

1.3.3. Vantagens e inconvenientes do método

Segundo Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut(1999), algumas das vantagens das histórias de vida são:

- Possibilita nas etapas iniciais de qualquer investigação a formulação de hipóteses devido à sua extraordinária riqueza e da profundidade do conhecimento do seu território, o que nos permite conhecer como é, num caso concreto a correlação entre variáveis.
- Introduce em profundidade no universo das relações sócias primárias. Através do relato de vida podemos verificar e analisar as relações familiares, através de da formação, funcionamento e das relações com a sociedade.
- Dá-nos o controlo das variáveis que explicam o comportamento de um individuo dentro do seu grupo primário, como são as relações sócias entre o individuo e a sociedade. o controlo pode-se exercer não apenas das

narrativas do sujeito, mas também podem ser completadas a declarações de pessoas que constituem o seu meio social, utilizando técnicas de relatos de vida cruzados.

- Conseguimos uma resposta para todas as eventuais perguntas que poderemos formular, através da escuta, entrevista ou qualquer outra técnica de campo.
- Em todos os estudos de troca social os relatos de biográficos constituem um importante material para conhecer e avaliar o impacto, e sua ordem de importância na vida quotidiana.
- Mostra uma visão longitudinal, que integra a esfera social e de atividades como por exemplo família, trabalho etc.
- O uso de relatos de vida paralelos constitui uma amostra representativa relativamente ao nosso universo de análise.
- Na etapa das conclusões em qualquer tipo de investigação, a realização de várias entrevistas biográficas é um eficaz controlador de resultados.

Os inconvenientes das histórias de vida, apresentados por Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut (1999), são os seguintes:

- Dificuldade em compilar a informação
- O uso posterior que se pode dar ao material
- Obter bons informadores/ entrevistados, dispostos a colaborar com boas histórias para contar
- Dificuldades em completar os relatos biográficos iniciados por cansaço do informante, ou com algum problema de relação com o investigador ou qualquer outra circunstância aleatória
- A dificuldade de controlar a informação obtida
- Um dos principais perigos muito comuns é os investigadores que utilizam esta técnica é pensar que o retrato biográfico fala por si mesmo, renunciando conseqüentemente há análise em profundidade de narrativa.
- A impaciência do investigador que pode ser devido a lentidão ou demora do sujeito
- Excesso de uma atitude crítica em relação ao informante

1.3.4. Caminho Efetuado

Geralmente uma história de vida é baseada num percurso evolutivo de cada pessoa, que possui um caminho desde o nascimento até ao momento que se escreve a sua história. Na coleta de informação poderemos estabelecer fases, para que seja mais simples escrever um percurso de vida. Na fase inicial devemos definir precisamente o que queremos destacar e fazer um plano de trabalho. Devemos ter presente papel e caneta e um gravador e procurar documentos pessoais, jornais, cartas, fotografias e tudo o que possa ser importante para recolher mais informações (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1999).

Segundo estes autores podemos começar uma história de vida perguntando ao entrevistado sobre os momentos ou eventos importantes nos estágios da vida: Infância, juventude, idade adulta e velhice. Esta investigação irá começar por estabelecer o início da narração no nascimento e, sequencialmente lembrando as etapas vividas, sendo que o desenvolvimento temático está nas mãos do entrevistado.

Na primeira fase deste trabalho, pede-se à pessoa para falar sobre a sua infância, tentamos colocar pontos-chave que nos ajudem a saber mais informações como por exemplo: Data de nascimento; lugar de nascimento; pais e irmãos; circunstância do nascimento desde a família e amigos; jogos, tradições e espaços físicos.

Numa segunda fase, pedimos para falar sobre a sua transição para a adolescência, e as mudanças na passagem de um estágio para o outro, as mudanças físicas, mudanças efetivas (mudança de escola, de cidade etc.), os jogos; gostos; amizades; amores; relacionamentos; professores entre outros.

Passamos para a terceira onde se passa para o início da idade adulta, onde podemos ter pontos-chave como trabalho; relações laborais; primeiro trabalho; dificuldades, sucessos, relações amorosas e família.

Na quarta etapa onde se começa a pensar no fim da adultez e entrada na velhice, podemos falar de reforma, medos, sonhos e até eventos mais importantes da vida pessoal, as realizações que foram mais significativas na vida da pessoa, sucessos e falhas.

Torna-se necessário reconstruir o ambiente sociocultural da família, a comunidade onde cresceu, o clima, as paisagens e qualquer informação que o convida a lembrar a imagem

do lugar que faz lembrar da infância, para que haja uma melhor interpretação. E como essas experiências condicionaram o desenvolvimento da sua vida, as memórias agradáveis e memórias desagradáveis (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1999).

Para estes autores é importante que as histórias da vida sejam relatadas de forma fluida, narrando os fatos quando se fala com um interlocutor. Também é importante levar em consideração os aspectos pessoais, suas crenças, religião, actividades, família, condição económica, entre outros que possam surgir e achemos importantes tendo em conta o pretendido.

1.4. A entrevista

A Entrevista é a ação de entrevistar ou ser entrevistado, logo, é uma conversa entre duas ou mais pessoas com um determinado fim. A técnica da entrevista é uma das principais ferramentas para obter informação em investigação. “Ultrapassando o estudo dos factos externos, os investigadores foram-se interessando cada vez mais pelo indivíduo, pela sua forma de ver o mundo, pelas suas intenções, pelas suas crenças. Para esta abordagem em profundidade do ser humano, a entrevista tornou-se um instrumento primordial” (Silva, 1996, p.7 8). A entrevista é utilizada como processo de recolha de dados, possibilitando que o investigador desenvolva uma conceção sobre como os sujeitos de atenção vêm uma determinada situação. “As entrevistas podem ser usadas como um método primário de recolha de dados sobre as práticas, crenças e opiniões dos indivíduos, bem como informação acerca das experiências e comportamentos passados ou atuais” (Harrell & Bradley, 2009, p. 24).

Segundo Ketele & Roegiers (1993), trata-se de uma conversa oral, individual ou de grupos e tem como objetivo obter informação sobre acontecimentos ou interpretações de um assunto específico. As entrevistas podem adotar diversas formas, de acordo com as especificidades do contexto e os objetivos que o investigador se propõe alcançar. “A entrevista pode adoptar uma serie interminável de formas desde a mais comum, a entrevista individual falada, até à entrevista de grupo, às que se desemrolam por correio e por telefone, de uma forma estruturada e controlada. A entrevista, igualmente, pode reduzir-se a um breve intercambio de poucos minutos ou ocupar sessões e dias de conversa interminável” (Ruiz-Olabuénaga, 2012, p. 167).

Ghiglione & Matalon (1992), distinguem três tipos de entrevistas: a não-diretiva (ou livre), a diretiva e a semi-diretiva. Na entrevista não-diretiva o entrevistador coloca o tema de um modo alargado e ambíguo. A diretiva é muito próxima de um questionário e não tem ambiguidade. Na semi-diretiva existe um esquema de entrevista, ou seja, um quadro de referência com categorias gerais e a ordem pode ser alterada. É próxima da não-diretiva, mas a ambiguidade é menor. Para Ketele & Roegiers (1993), a entrevista livre ocorre quando o entrevistador se abstém de fazer perguntas que orientam a conversa. Na entrevista dirigida, as perguntas são muito cuidadosas, feitas antecipadamente num plano rigoroso. Denominam as semi-dirigidas quando o entrevistador tem previstas algumas perguntas para lançar o tema de conversa.

Ruiz-Olabuénaga (2012), identifica dois tipos de entrevista: a estruturada e a não-estruturada. A estruturada é aquela que o entrevistador domina a orientação da conversa sem alteração da ordem ou formulação das perguntas. A não-estruturada é a que o entrevistador segue um esquema geral e flexível de perguntas, altera a sua ordem, formato e improvisa novos conteúdos. É importante reforçar que a escolha do instrumento de recolha de dados numa investigação, neste caso a escolha do tipo de entrevista depende do tipo de dados que vamos investigar (Ruquoy, 2005).

1.4.1. Entrevistas Narrativas

A entrevista narrativa tem como base o relato dos acontecimentos importantes da vida do sujeito. Este tipo de entrevista visa a profundidade, de aspetos específicos, a partir dos quais emergem histórias de vida (Hermans, 1995).

As narrativas possibilitam ao investigador uma abordagem mais compreensiva do universo de experiências do entrevistado. A narrativa pode caracterizar-se da seguinte forma: “Esboça-se primeiro a situação inicial, (como é que as coisas começaram”); seleccionam-se a seguir, no vasto conjunto das experiências, os acontecimentos relevantes para a narrativa, apresentando-os como uma progressão coerente de factos (“como evoluíram as coisas”); por fim, apresenta-se a situação final (“como ficaram as coisas”) (Hermans 1995, p.183).

Segundo Hermans (1995), os princípios básicos de coleta de dados descrevem-se começando por se pedir ao entrevistado que conte, de modo informal, a história de uma

área de interesse, ou de um episódio da sua vida. A tarefa do entrevistador é conseguir que o entrevistado narre o assunto como uma história coerente, de todos os acontecimentos significativos do princípio ao fim.

A entrevista narrativa, segundo Riemann e Schutze (1987), começou por utilizar uma pergunta generativa de forma ampla, ao mesmo tempo suficientemente específica, para que o domínio da experiência se torne central, que relaciona o tema de estudo e é feita para estimular a narrativa. Segue-se a fase da exploração da narrativa na qual são completados fragmentos que não foram exaustivamente explorados. A última fase da entrevista é a fase do balanço segundo este autor que se volta a fazer ao entrevistado perguntas orientadas para os aspetos teóricos dos fatos e para o equilíbrio da história. Nesta fase o entrevistado segundo Hermans (1995), é encarado como perito de si próprio. De acordo com Riemann & Schütze (1987), fazem-se perguntas cada vez mais abstratas com o objetivo de descrição e fundamentação. Estes autores sugerem que se pergunte primeiro o “como” e só depois o “porquê” porque visam a explicação dos dados.

O final da história é indicado por uma “coda”, como por exemplo “penso que passei em revista consigo toda a minha vida”, “ou já está tudo dito, espero que faça sentido para si”. Um aspeto essencial de validade de informação, refere Hermans (1995), é o relato do entrevistado ser primariamente uma narrativa. Ainda que a descrição de situações e rotinas ou de raciocínios possa ser incorporada para explicar objetivos e razões, a forma dominante do discurso deve ser a narrativa dos acontecimentos e dos processos de desenvolvimentos (Hermans, 1995). A entrevista narrativa e a metodologia que lhe está associada ilustram a necessidade de as entrevistas qualitativas se adaptarem à estrutura e à configuração das experiências vividas. Ao salientarmos que as narrativas são uma estrutura que inclui mais do que afirmações e fatos relatados, apresentam um modelo de reconstituição lógica interna dos processos (Hermans, 1995). Uma narrativa é segundo este autor, uma estruturação feita pelo entrevistador, está limitada ao início e ao fim da entrevista. É um meio de exploração do potencial de narrativa enquanto fonte de dados para a pesquisa social.

1.5. Procedimento de transcrição e análise

As histórias, ao longo da sua recolha, foram sendo transcritas. Antes de descrevermos o procedimento de análise convém elucidar sobre a diferença entre procedimentos abertos

e fechados de acordo com Ghiglione e Matalon (1992). Estes autores referem que num procedimento fechado de análise de conteúdo parte-se de um quadro teórico e procuram-se categorias pré-definidas, muitas vezes para responder a hipóteses estabelecidas pelo investigador. Um procedimento aberto implica uma abordagem ao texto que, não partindo de um quadro de análise pré-definido, deixa as categorias emergir. É importante referir que as categorias são exaustivas e mutuamente exclusivas.

O procedimento que iremos descrever, foi feito com o objetivo de lidar com a subjetividade do processo de análise e interpretação das histórias de vida. A análise foi realizada em vários momentos, desde as várias leituras do material a uma reflexão contínua. A primeira leitura teve como objetivo selecionar os temas mais recorrentes na história de cada pessoa, bem como os mais essenciais. Utilizou-se, pois, um procedimento aberto, identificando-se as categorias emergentes. Este procedimento não pode deixar de ser subjetivo, já que qualquer ato de codificação é sempre uma operação sobre o sentido pela parte de quem codifica (Ghiglione & Matalon, 1992).

No segundo momento de análise passou-se para a construção/ síntese das histórias de vida que passavam da primeira pessoa para a terceira pessoa. Esta seleção é feita como base na seleção de marcos que a terceira pessoa acha serem mais importantes na vida de um sujeito. Ocorreu também uma organização cronológica na criação dos seus resumos de histórias de vida.

No último momento foi feita uma leitura das histórias (quer no texto *ipsis verbis*, quer na sua versão reduzida e cronologicamente organizada) no seu conjunto, procurando verificar o que de mais comum e de mais discrepante havia entre estas. Esta última fase levou a que fossem encontradas temáticas comuns entre os três sujeitos, criando-se categorias de análise comuns.

1.6. Critérios de Seleção dos entrevistados

Uma das condições para a realização destas entrevistas foi o entrevistado/a já se encontrar a usufruir da reforma há mais de seis meses, e procurei encontrar dissemelhantes percursos de entradas na reforma: reforma por invalidez, reforma antecipada por extinção do posto de trabalho, ou reforma por velhice.

Tendo em conta que não conhecia os entrevistados, surgiu a necessidade de realizar várias entrevistas, para conhecer superficialmente como foi a entrada na reforma de cada pessoa. Realizei entrevistas a cinco pessoas diferentes, das quais foram selecionadas apenas três pessoas, que se enquadravam nos meus objetivos. Pois das cinco pessoas a que realizei entrevistas, duas delas eram reforma por velhice e duas por invalidez, tendo selecionado as pessoas devido à sua abertura e interesse para colaborar comigo.

A cada pessoa que seleccionei, tive uma conversa inicial, em que expliquei os objetivos do trabalho e a importância da colaboração dos intervenientes. De seguida agendei a primeira entrevista, que inicia com uma questão generativa, comendo pela infância e passando pelas diferentes etapas da vida chegando até à fase adulta. Na segunda entrevista agendada para uma semana depois da primeira tinha o objetivo de continuar a narração da sua história de vida, retomando a idade adulta até à idade da reforma. Houve necessidade de haver um terceiro encontro, onde foi feita uma sintetização da narrativa e onde foram aprofundados aspetos, que tinham ficado mais confusos.

Pretendia analisar a vida quotidiana dos entrevistados e perceber como é que o seu passado interfere no processo de transição para a reforma, e como cada indivíduo vive a sua reforma.

Assim é possível serem dadas múltiplas respostas de acordo com a história de vida do sujeito e o significado que atribuiu a cada momento que relata. Assim, a entrevista foi dirigida em forma de diálogo, permitindo ao entrevistador delinear o caminho adequado à temática de estudo. Estas entrevistas narrativas procuravam obter informação sobre a família, percurso educativo e profissional, identidade pessoal e social, necessidades e desejos.

Tabelas de dados para realização de entrevistas por participante:

Tabela 1

Data e Local	04 Fevereiro de 2017 em casa da Margarida 15 Fevereiro de 2017 em casa da Margarida
Horário	Iniciou às 15 horas e terminou às 16:30 horas (1ª entrevista); Iniciou as 15 horas e terminou as 16:00 horas (2ªentrevista)

Tipo de registo	Gravação e fotografias
Perfil do entrevistado	Nome: Margarida Nascimento: 1948 Estado Civil: Viúva

Tabela 2

Data e Local da 2ªentrevista	28 Fevereiro de 2017 em minha casa 08 Março de 2017 em casa do entrevistado
Horário	Iniciou às 10 e terminou às 14 (1ª entrevista) Iniciou às 18 e terminou as 21 (2ªentrevista)
Tipo de registo	Gravação e fotografias
Perfil do entrevistado	Nome: António Nascimento: 1952 Estado Civil: Solteiro

Tabela 3

Data e Local da 1ªentrevista	20 Maio de 2017 no Hospital Santa Maria 03Junho de 2017 no Hospital Santa Maria
Horário	Iniciou às 13horas e terminou às 15 horas (1ª entrevista); Iniciou as 13:30 horas e terminou as15:30horas (2ªentrevista)
Tipo de registo	Gravação e fotografias
Perfil do entrevistado	Nome: Marta Data de Nascimento: 1974 Estado Civil: Solteira

Na elaboração do guião que se encontra em anexo segui a inspiração do autor Daniel Bertaux, (1997) estruturei uma entrevista biográfica numa pergunta generativa:

-Peço-lhe que me conte a sua história de vida, iniciando pela sua infância passando para a adolescência à idade adulta até ao presente. Fale-me das experiências que motivaram o seu percurso profissional, como experienciou a fase da transição para a reforma, e como vive hoje o seu quotidiano em que já se encontra reformada. Após a pergunta generativa fiz uma divisão das fases da vida: Infância; Adolescência; Aduldez e velhice. Dentro de cada uma destas fases elaborei alguns perguntas abertas, que serviram como apoio/incentivo que se encontram num documento em anexo deste trabalho.

Capítulo III : Apresentação de Resultados

1.1. Construção das histórias de vida dos entrevistados

Uma vida, um desafio



Margarida Martins, nasceu na cidade de Tavira a 17 de Dezembro de 1948, e foi residir para Santo Estêvão com os seus pais e com a sua irmã maisvelha.

Nasceu no seio de uma família humilde e muito unida “(...) Eram meus amigos, eram bons para mim e eles coitados não podiam mais porque trabalhavam, não podiam dar-me mais atenção, mas naquilo que eles podiam nada me faltava não. Tinha uma irmã, brincávamos as duas (...)”. Durante a sua infância, contou com a companhia e apoio da sua irmã, com quem partilhava brincadeiras e problemas.

O seu percurso escolar não foi tão longo como gostaria, uma vez que apenas estudou até ao 4ºano de escolaridade em Santa Margarida, e já em fase adulta voltou a estudar num curso profissional, completando o 6º ano de escolaridade. “Gostava de ter estudado, que eu fiz a quarta classe e queria seguir. Mas antigamente era assim, como a minha irmã não tinha estudado...os meus pais diziam - como a tua irmã não estudou tu também não

vais estudar - mas por acaso tive pena, até que depois fiz o sexto ano mais tarde. Senti pena de não ter ido para a frente, de não ter conseguido”.

Naquela altura haviam mais condicionantes que hoje em dia, e nem sempre era possível fazer tudo aquilo que se desejava. Margarida tinha o sonho de ser cabeleireira, sonho que não conseguiu realizar e lembra isso com alguma frustração: “Gostava de ser cabeleireira, mas nem isso pude ser... Andei na costura, andei nos bordados também... Para aprender para estar em casa, para sermos donas de casa e sabermos fazer essas coisas todas. Hoje em dia ninguém vai à costura, ninguém faz essas coisas”.

Em 1964, com 16 anos de idade, num baile de São João onde ia habitualmente com a sua família, conheceu um rapaz que lhe despertou interesse e começaram a namorar, com autorização do seu pai. Nessa fase, o seu namorado ausentou-se tendo ido para o Ultramar e Margarida ficou em Tavira, a aguardar o seu regresso, enquanto continuava a aprender costura e como tomar conta da casa. Em 1968 o seu namorado voltou para Tavira e decidem casar e constituir família, pelo que Margarida acabou por sair de Santo Estêvão e foi residir para Tavira com o seu marido.

Profissionalmente Margarida era doméstica e o seu marido era camionista. Margarida nunca teve qualquer experiência de trabalho por contra de outrem, ou um trabalho rígido com horários estabelecidos.

Em 1969 o jovem casal tem o seu primeiro filho, um menino chamado Jorge. A Margarida tinha como preocupação dar todo o apoio ao seu filho e ao seu marido. Anos depois, em 1972 nasce o seu segundo e último filho, Miguel.

Com uma família formada, Margarida e o seu marido procuraram melhores condições económicas, para conseguirem proporcionar um bom futuro aos seus filhos, e tomaram a decisão de emigrar para França. Nessa altura a situação profissional de Margarida manteve-se, o seu esposo trabalhava como transportador de frutas, e o seu filho mais velho frequentava uma escola francesa.

Estiveram em França até 1978 e decidiram regressar a Portugal, pois o filho mais velho estava numa escola francesa e não havia escola portuguesa para ele frequentar, sendo este um desejo da senhora Margarida. Voltaram a Portugal e mantiveram a mesma organização familiar, passando o Miguel também a frequentar a escola.

No ano de 1986 corre uma epifania que muda completamente a vida desta família e que deixa Margarida destroçada. Tinha ido para Faro de comboio e ao chegar a Tavira teve a notícia que o seu marido tinha tido um acidente, e que a situação era grave: “Não, eu fiquei chocada, não consegui, foram pessoas amigas. Nem sei quem lhes disse. Eu tinha ido a Faro e as pessoas disseram-me que ele tinha tido um acidente, mas eu pressenti logo na maneira das pessoas... Ele faleceu logo, já nem foi para Faro...”

Foi sem dúvida um grande choque para Margarida, o seu mundo desabou e ficou sem vontade de fazer nada, sem vontade e motivação para viver. Passados aproximadamente três meses Margarida sentiu que tinha que reagir pelos seus filhos, e que não podia continuar assim.

Teve todo o apoio dos seus familiares e os seus pais sugeriram que fosse viver com os seus filhos para Santo Estêvão. No entanto, Margarida recusou e começou a procurar trabalho. Em 1986 surgiu uma oportunidade de trabalhar como auxiliar de geriatria num lar perto de sua casa. Margarida iniciou, assim, a sua vida profissional ao mesmo tempo que criou dois filhos menores com idades compreendidas entre os 13 anos e os 16 anos.

O trabalho representava, para Margarida, um porto seguro e um refúgio, pois a sua vida pessoal era muito complicada devido a perda do seu marido e tendo dois filhos pequenos para criar. O trabalho para Margarida era “(...) Como se fosse uma terapia. Eu estava a ficar muito em baixo em casa e fui para lá, com as pessoas, dediquei-me ao trabalho e às pessoas também, e senti-me útil.”; “(...) sentia que era a minha missão (...)”.

Com 65 anos de idade começou a pensar na reforma, apesar de se senti com capacidades tanto físicas como mentais para continuar e era apaixonada pelo seu trabalho. Naturalmente surge uma proposta para continuar a trabalhar mais algum tempo nas funções de responsável da equipa de auxiliares no lar.

Desta forma, Margarida tomou a decisão de permanecer na instituição, e ficou aproximadamente dois anos após 65 anos de idade. Estes dois anos são vistos para Margarida como uma preparação para a reforma, onde teve algum tempo para pensar nas coisas que seriam boas e as que seriam menos boas no processo de transição para reforma. Após estes dois anos, decidiu que precisava de gozar a sua reforma enquanto era tempo: “(...) Sentia que precisava de conviver e que assim não tinha tempo. Não

podia ser só o trabalho, tinha que ter tempo para os meus filhos e os meus netos (...). Esta decisão foi tomada apenas por ela sem conselhos dos familiares, porque tinha a certeza que a apoiavam incondicionalmente.

Com a reforma, teve mais tempo para si, para dedicar-se aos seus familiares, especialmente aos seus netos. Começou a ter uma grande vontade de viajar de conhecer novas culturas e aproveitar a vida porque se começou a sentir psicológica e fisicamente bem.

Os primeiros tempos de entrada na reforma eram ocupados principalmente com o seu neto mais novo, que ia levar e buscar à escola, preparava-lhe o almoço e o lanche, pois residia perto da escola que o seu neto frequentava. Criou a rotina de ir beber café com as suas amigas a meio da tarde.

Indica que nunca acordou melancólica, a pensar que não tinha nada para fazer, mas, muito pelo contrário, que tinha tempo para fazer aquilo que gostava e queria. Foi fazendo alguns cursos, pois indica que gostava de ter mais conhecimentos de informática e novas tecnologias e isso ocupava-lhe o tempo e ao mesmo tempo convivia com outras pessoas.

Neste momento, existem momentos em que se sente mais frágil e mais triste, pela falta do companheiro que já faleceu, mas arranja sempre forma de dar a volta por cima e procura a companhia das suas amigas, “(...) Eu arranjo-me, vou ao café com as minhas amigas, não posso ficar em casa se não mais triste fico. Tento viver da melhor maneira para não me sentir deprimida.”; “(...)Em excursões com amigas. Ando também na informática nos tempos livres e lá fizeram uma excursão onde fomos a Paris. (...)”.

Margarida hoje com 69 anos de idade, é uma pessoa ativa e com uma enorme vontade de viver e desfrutar da vida, “A Margarida hoje é uma pessoa mais experiente. Trabalhei muito e hoje sinto-me mais livre, e só quero ter saúde.

Mais que uma vida

Os pais do **António** casaram-se em Março de 1952. O seu pai estava a residir em África e quando surgiu oportunidade a sua mãe foi ter com ele à procura de melhores condições de vida, contudo o pai do António começou a adoecer e acaba por falecer, cinco meses depois da sua mãe chegar a África.

Fruto de uma relação fugaz, nasceu quatro meses depois da morte do pai, a 17 de Dezembro de 1952, em Tavira.

Após o nascimento de António em Portugal a sua mãe procura voltar a África, pois era lá que queria construir a sua vida, viúva e comum bebé de dezoito meses as coisas não eram fáceis, mas acabou por ir, porque tinha lá familiares que a ajudaram e foi reconstruindo



a sua vida.

Conhece outro amor e em 1957 decidem viver uma vida em comum. Viviam em harmonia até ao nascimento dos seus irmãos. O comportamento do seu padrasto alterou-se como aparecimento dos seus próprios filhos, “(...)ele nunca mais me tratou, nem bem nem mal, nunca mais me tratou...”. Foi crescendo e foi criando uma relação e distância com a sua família, onde se sentia excluído, e iniciou o seu percurso escolar e pelo facto da sua casa ficar distante da escola foi ficando, inicialmente, na casa da madrinha, depois da professora, a seguir a da vizinha, da avó...

Em 1961, dá-se o levantamento da luta armada contra o estado português e por uma questão de segurança “Pega-se no Antóninho e manda-se o Antóninho para Portugal (...)”. Aos sete anos, vem para o seio de uma família que não conhece, a casa dos seus avós maternos. A avó morre tendo ele acabado de chegar. Na impossibilidade do seu avô ficar como António, foi acolhido na casa de uns tios. Com a falta de condições na casa dos seus tios houve necessidade de mandá-lo novamente para África. Para frequentar a quarta classe, o António e a sua mãe permaneceram na aldeia durante esse ano letivo, o que dificultou a relação com o padrasto. Com a relação de proximidade com o padre da aldeia, surgiu uma ideia de modo a solucionar a relação da sua mãe com o padrasto, as dificuldades financeiras e o facto do António ser uma criança interessada e inteligente. O António foi para o Seminário. Aos dez anos, entra no seminário, num mundo diferente, que acabou por se tornar a experiência mais importante na sua formação pessoal. A passagem pelo Seminário representou uma nova visão de si e do “outro”.

Desta experiência, lembra-se de viver em situação de igualdade racial, ter outra oportunidade de aprendizagem, e ver o seminário como uma instituição de ajuda aos mais pobres. Foi neste contexto que sentiu pela primeira vez a falta de um pai ao travar conhecimento com alguém mais velho, um professor. Daí resultou um relacionamento mais afetivo. No terceiro ano do seminário, com treze anos, vai passar férias à casa do professor Nova Lisboa, e quando chega ao dia de regressar ao seminário não arranja boleia. Três dias após a data na qual deveria ter entrado no seminário, ao chegar ao local, é recebido pelo padre reitor “ah, és tu? Agora é que chegas? Então pelo mesmo caminho que chegaste podes partir”.

Com a sua mala na mão, desamparado em plena África, fez-se a caminho para voltar para casa. Conseguiu uma boleia e, atravessando vários caminhos chegou à casa da

sua mãe. Foi recebido com estupefação e preocupação. Meteram o António num barco de volta para Portugal. Acolhido, em Outubro de 1966, na casa do seu avô, o António já não chegou a tempo de se matricular nem no liceu nem na escola industrial. Entrou no colégio privado da Dona Bernardete que frequentou durante um mês. Findo esse mês o seu avô negou-se a dar dinheiro para o colégio privado porque na casa dele os filhos tinham que trabalhar e não havia “doutores” e essas eram as regras da sua casa. Sem poder lutar contra as regras, António deixou de frequentar o colégio. O António tinha autorização do seu avô para sair com um primo até que um dia chegou atrasado a casa cinco minutos e a avó não lhe abriu a porta “olha não posso abrir, o teu avô não permite, chegaste atrasado, não cumpriste o horário, não podes entrar, não te posso abrir a porta”. Perante a negação do seu avô, recorreu à ajuda do tio. Foi realizada uma reunião de família da qual resultaram duas propostas. A proposta do avô e dos outros tios consistia em mandá-lo de volta e do tio, que conscientemente tinha conhecimento da situação com o padrasto, consistia em ficar na casa dele, trabalhar de dia e estudar de noite. O António aceitou esta última proposta.

Naquela altura do ano não conseguiu inscrever-se na escola e ao fim de três semanas começou a trabalhar e a frequentar uma explicação. Nos anos seguintes, foi para a escola industrial e comercial de Faro, à noite.

Na sua estadia na casa do tio deparou-se com um conflito no que respeita ao comportamento. O seu corte de cabelo, as suas roupas e o seu comportamento eram motivo de discórdia. A sua irreverência na maneira de vestir e de agir foi resultado de uma infância e adolescência em que se espelha o conflito entre a cultura colonial africana e a portuguesa tradicional.

Usava o cabelo à Beatles, calças à boca-de-sino e camisa com presilhas, botões dourados e golas pretas. Roupas que não eram usuais na aquela época, exceto se, se fizesse parte de algum grupo musical. Lembra-se de comprar tecido para fazer calças como as quetinha trazido de África, à boca-de-sino, e a costureira negou-se a fazê-las por imposição do seu tio. Teve que cortar o cabelo, não podia andar vestido como gostava. A mãe nunca lhe impôs limites, sempre o considerou inteligente e responsável pelos seus atos, por isso sentiu-se de sintegrado na quele contexto. Reage, manifestando o seu desagrado numa carta direcionada à sua mãe à qual ela

responde: “Faz como tu achares melhor, queres sair? Eu estou de acordo, não queres sair eu estou de acordo”.

Em janeiro de 1968, tornou-se autónomo. Com apenas quinze anos, alugou um quarto e foi viver sozinho. Foram anos muito agradáveis, fazia o que queria sem ninguém que tivesse poder sobre ele, teve muitos amigos e muitas amigas. Nesse período, apaixonou-se pela primeira vez. Encantou-se por alguém que fugia à norma, mais velha do que ele, com liberdades sexual tratava os homens com indiferença. Tinha outras ideias e foi que me falou em política pela primeira vez.

Das pessoas importantes da sua vida destaca, também, uma primade África, a Maria Angelina. Era uma mulher com a personalidade muito forte. Foi a primeira mulher a usar um biquíni escândalo reduzido, nos anos 60. Foi a primeira mulher a montar-se numa mota, a usar calças no Lobito. Trabalhava na rádio de Lobito e toda agente a conhecia. Sempre disse que queria ter um filho, mas não queria casar.

Curiosamente, reconhece que asuavida foi marca da por mulheres e não por homens. Irene, professora e filha da senhora que lhe alugou um quarto, também representou uma grande referênciana suavida. Foi através de um livro seu, Os três ensaios sobre a sexualidade, da autoria de Freud, que entendeu a normalidade da sexualidade perante a anormalidade assumida pela sociedade, encarando com uma maior naturalidade o assunto. Talvez tenha sido esse o motivo de impulso para contar ao seu melhor amigo e à sua irmã o fato de considerar norma ter um namorado e/ ou uma namorada.

A mãe e os irmãos chegam a Portugal a 1971 para passarem cá um ano letivo e o António vai viver com eles. Foram tempos de liberdade e convívio familiar. A mãe deixava-o fazer tudo, possivelmente, como forma de o compensar por coisas que não tinha tido.

Ao regressarem para África ficou um vazio, uma saudade da mãe e dos irmãos, de estar em família. Com outra experiência e outra maturidade, em 1972, volta para o Lobito para o seio familiar. Rapidamente percebeu que, apesar de estar mais maduro, a postura do padrasto não tinha evoluído e não tinha necessidade de estar a interferir na harmonia familiar existente antes de chegar. “Ah, então, já vivia a vida inteira sozinho e vivia bem, eles viviam bem encantados da vida, agora venho viver com eles

e vivemos todos os cinco mal, não vale a pena.” E foi bater à porta dos primos onde ficou a viver até agosto de 75.

Em 1975 assistiu-se à saída definitiva de muitos portugueses de África. Foi uma saída muito difícil e traumática.

Chegados a Portugal, António e os seus irmãos voltaram para Tavira. Retoma a sua vida profissional, inicialmente, atribulada, e em Abril de 1980 surge a possibilidade de ingressar na TAP e começa como Operador de rampa.

A sua irmã passa por um divórcio em 1979, e a sua mãe aborda-o quanto ao assunto “(...) bem fazes tu que não queres casar para não sofreres estas circunstâncias”. António explica naturalmente à sua mãe que para ele o casamento é apenas um contrato e tanto pode ter um namorado como uma namorada. Se for uma namorada e for importante para ela casar, então ele casa. Se for um namorado, não o pode fazer porque a sociedade não permite. Esclarece que se apaixona pelas pessoas e não pelo género. E a sua mãe nunca mais o questionou sobre o assunto.

Conhece um rapaz em 1982 e decidem viver em comum. Foi uma relação muito importante e marcante. Resultou numa experiência dolorosa, pois as coisas não correram como previsto e tirou a aprendizagem que nunca mais quer partilhar o mesmo espaço físico com alguém com quem tenha uma relação íntima. Considera-se desafiador no que respeita ao estabelecido pela sociedade.

Embora mais ligado às práticas com homens do que com mulheres, para ele, não há diferença entre amar um homem ou mulher. É, apenas uma questão de construção mental. A maioria das mulheres têm uma estrutura mental mais complexa, são mais inseguras, complicando as relações. Fator menos frequente nos homens, mas existente.

No ano de 1984 torna-se oficial de tráfego com 35 anos entra no período de maior estabilidade na sua vida, fica efetivo na companhia aérea para a qual dedica por volta de vinte anos da sua vida ativa.

António nunca se sentiu realizado na sua profissão, não era o que o motivava e onde tinha vontade de progredir mais na sua carreira. Encarava a sua profissão como uma forma de subsistência, onde conseguir ter um nível de vida adequado às suas necessidades.

Grande maioria dos seus colegas de trabalho eram mulheres, com quem sempre manteve boas relações. Os seus horários de trabalho eram sempre rotativos e havia sempre flexibilidade por parte de todos os colegas para trocas de horários e de dias de folga. Apesar de não ter uma profissão que tenha sonhado, para a sua vida nunca pensou em pedir a reforma antes dos 65 anos de idade.

António não faz referência a sonhos profissionais que não tenha realizado, ou a funções que gostava de ter desempenhado e não conseguiu, pois começou a trabalhar muito novo e sempre viu o trabalho como uma fonte de rendimentos e não como uma realização.

A experiência da TAP permitiu-lhe uma maior proximidade com outros mundos, o que se traduz em experiências significativas. Em 1982 foi convidado por um grupo de amigos para se juntar a um projeto: a fundação do MAPS. Este projeto surge do contato com diferentes realidades e a perceção dos efeitos da SIDA nos seus amigos.

Entrou para a direção do MAPS, pois este era um projecto aliciante para si, onde se identificava com a causa, e aqui começa a trabalhar conciliado com o seu trabalho na TAP. O projeto do MAPS entra na sua vida, e é visto de uma forma bastante diferente, do seu trabalho na TAP, pois proporcionava-lhe uma realização para além de profissional também pessoal, onde podia ajudar pessoas que se encontravam em situação de vulnerabilidade.

Entretanto, deixou a direção do MAPS, por discórdias geradas nos órgãos de direção, e incompatibilidades de ideias e gestão, mas a solidariedade continuava a ser uma prática de vida, e mantinha-se a trabalhar na TAP. Foi através dessa solidariedade que conheceu o seu filho adotivo que é o seu grande amor e ao mesmo tempo a sua grande angústia, e que reside com António.

A reforma para António seria uma coisa normal aos 60 e poucos anos, poderia eventualmente a empresa dar alguma facilidade antes, porque foi vendo nos últimos anos a empresa a facilitar, mas nunca pôs a questão de sair do trabalho antes dos 65 anos de idade, mas de repente começo a ver as pessoas a saírem, a empresa a fazer umas ofertas de rescisão de contrato e as pessoas a irem para a reforma, contudo continuou a não colocar essa questão e um dia saiu uma ordem de serviço. Já tinha ouvido dizer que

a empresa estava em dificuldades, que poderia fechar, mas desde que foi para a TAP em 70, que ouvia que a TAP ia fechar.

Um colega de António que estava a trabalhar, e que estava muito ligado ao sindicato contacta-o dizer “António então e tu não estás a pensar nesta hipótese?” a qual responde “eu não estou a pensar em hipótese nenhuma, então estou com 52 anos de idade” isto estávamos em outubro de 2005, António ainda iria fazer 52 ou 53 em Dezembro.

O amigo do António indica-lhe que se ele aceita-se a rescisão era obrigado a ficar três anos ou 38 meses, no desemprego, e esse tempo conta como anos de trabalho como na altura já teria mais de 55 anos, podia reformar-se. Diz – lhe que é uma lei que foi criada para aquela circunstância para aquela empresa, porque se encontrava em situação económica difícil. Então antonio começa a pensar, tinha 53 daqui a três meses, com 38 meses iria passar para 56 anos, já passa um ano e tal do mínimo que eles exigiam.

Foi nessa altura que solicita a simulação, apenas para ter uma ideia do que podia perder ou ganhar. Nesse momento não se sentia cansado nem tinha qualquer projeto para se reformar, pois não era algo que tenha pensado anteriormente.

Após a simulação começa a pensar e fazer contas entre aquilo que trazia para casa no bolso e mais aquilo que disseram que davam e contabilizando despesas entre a gasolina que gastava, a comida que tenha que levar todos os dias, ou comer lá e também o desgaste psicológico da idade, pensa, não, a diferença efetivamente não compensa continuar a trabalhar, se tinha aquela hipótese.

Iria ganhar cerca de 1500€, e passaria a receber 1340€, nesse caso por 160€ não queria continua na empresa, a gastar comida e gasolina e a levantar-se às 4/5/6 da manhã.

Inicia assim o seu processo de transição para a reforma, trabalhou na TAP desde 80 a 2005 tendo sido um percurso profissional nesta empresa de 26 anos. Não existiu um desejo anterior a esta situação, para entrar na reforma, nem existiam projectos futuros após entrada na reforma.

Quando os seus colegas de trabalho tiveram conhecimento que António se ia reformar 50% diziam-lhe “ ah tas doído, és muito novo com 53 anos, e vais-te reformar, tu vais enlouquecer, depois não tens nada para fazer, vais-te aborrecer, vão-te dar depressões e aparecem doenças, porque as depressões estão escondidas e trazem doenças físicas e

que isto e aquilo”, mas existiam várias opiniões distintas sobre o assunto, mas António não sentiu receio na sua decisão de se reformar.

A sua vida antes de se reformar era agitada, pois trabalhou por turnos uma vida inteira, houve alturas na vida em que trabalhava 24 horas, chegava a entrar à meia-noite e sair as 8 horas da manhã, e outras vezes entrar as 8 horas da manhã. Para além disso conciliava com voluntariado quando podia. A sua opinião é que não têm que existir uma rotina e que a vida é dividida em três fases, oito horas mais ou menos de lazer, oito horas de trabalho, e oito horas de descanso, porém nem sempre nesta ordem, e gostava de trocar a ordem das coisas, pois achava que era importante não deixar de fazer ou estar onde queria.

Consultou a sua mãe que vivia consigo na altura, os irmãos e os amigos mais próximos, qual era a opinião sobre pedir a reforma naquela altura, mas as reações da maior parte das pessoas não eram muito no sentido de que se não reformasse, tinham receio de que se aborrecesse, sem nada para fazer.

Entra na reforma e sente-se bem e livre sem ter que cumprir horários, pois trabalhar não era uma coisa que o preenchia, trabalhava porque tinha que trabalhar e tinha que trabalhar para viver, para ter dinheiro, para sobreviver, não porque gostasse especialmente do trabalho.

Entra na reforma e acaba por voltar novamente a direcção do MAPS, que estava a atravessar uma crise financeira. Houve uma altura em que existiu um vazio de direcção, quando houve este processo António teve que mais uma vez, juntamente com uma funcionária antiga, que era assistente social, ficar com tudo na mão. Tinha trinta e tal trabalhadores, tinha salários em atraso, teve a fazer negociações, com as pessoas para fasear os pagamentos, mas conseguiu ultrapassar a situação. Após as coisas melhorarem sai da direcção do MAPS, pois a sua mãe adoece, e fica por perto apenas como voluntário, no qual se mantém até ao dia.

António não esperava que quando entrasse na reforma fosse ficar restringido, e isso afetou-o, condicionando a sua vida social. Começou a ficar condicionado pela doença da sua mãe o que o limitava nas suas tarefas e horários.

No início do ano de 2017, sofre uma perda com o falecimento da sua mãe do qual era cuidador: “(...)pensei ser mais difícil ... talvez porque eu estava cansado de estar em casa, durante três anos e precisava de liberdade, eu não podia sair de casa, no verão por exemplo as pessoas iam para a praia e eu tinha que estar aqui em casa... eu não podia sair de noite... não podia e não era possível pagar a uma pessoas para estar aqui o tempo todo, pagava-se uns dias por outros umas noites por outras, mas não podia sempre. Mas tudo isso era condicionado, era uma senhora que vinha naquele dia e só podia até aquela hora... isto foi um processo difícil que me magoou... magoou porque trabalhei 40 anos condicionado e depois não estava a espera no fim da vida...(...)vivi sozinho desde os 15 anos de idade... mas n estava a espera, e se calhar foi por isso... Claro que me lembro da minha mãe, que tenho saudades, ainda foi ontem que acordei duas vezes com ela a chamar por mim... mas... não sei... eu fechei aquela porta que dava acesso ao quarto dela, onde ela estava sempre ali sentada, e de onde via a rua... e mudamos a ordem das coisas, alterei os armários. Para ser sincero entro ali na cozinha e vou ao quarto e não... já n vejo a minha mãe nem o espaço da minha mãe... se pensar vejo, mas não tenho essa...”

Após a morte da mãe de António, continua a ficar limitado devido ao seu filho adoptivo. Era um rapaz com comportamentos irresponsáveis que gerava uma grande preocupação na vida de Antonio. “Gostava de poder viajar outra vez, de ir visitar os meus amigos que tenho na Itália, em Paris, Berlim, Londres, Holanda e no Brasil, e ir e se me apetece estar três dias, estar, se me apetececer estar trinta dias, estar... e não o posso fazer... Porque ele não tem nenhuma, nenhuma... Eu não lhe posso dar dinheiro, porque se ele apanha dinheiro é capaz de gastar no que não deve, nas substâncias que não deve, eu tenho que estar a tomar conta dele o tempo todo. Ter que me ir embora e ter que deixar o frigorífico com comida, até pode funcionar mas... ele não arruma nada de nada... aquilo é muito complicado, ele não tem regras...(...)os meus amigos dizem-me, és um parvo, porque não o pões a andar... eu respondo, então mas agente mete um filho a andar? As pessoas não conseguem entender que eu interiorizei que é o meu filho e não há nada que possa por em causa isso. As pessoas não entendem, dizem-me para aproveitar a reforma, para viver, mas não pode ser, nem sequer me chega a entrar por aqui para sair pelo outro lado, não há hipótese, ele é o meu filho, faz parte da minha vida.”

Atualmente António dedica o seu tempo de reformado ao seu filho, e tenta conciliar as coisas que gosta de fazer como ir ao cineclube onde é o responsável por passar alguns filmes, programa da rádio que realiza com um amigo, e continua ligado ao voluntariado.

Um percurso heterogéneo

Marta nasceu no ano 1976, em Vila Nova de Cerveira situada no norte do país, no seio de uma família composta por três irmãs, duas irmãs mais velhas e outra irmã que vem a nascer depois de Marta.

A sua mãe era professora na escola primária da localidade e o seu pai tinha alguns negócios mais irregulares, que nem sempre corriam da melhor maneira, devido a ter alguns problemas com o álcool. Cresceu numa quinta da família, com espaços exteriores onde brincava com outros meninos e a sua irmã mais nova que é portadora de trissomia 21, pela qual tem um grande carinho. As suas irmãs mais velhas eram mais reservadas e



tinham cerca de oito anos de diferença de Marta, o que explica a relação distante e até mais fria que criaram – e que permanece até aos dias de hoje. As relações na família de Marta eram muito complicadas e pouco afetuosas.

Aos seis anos de idade, Marta entra para a escola primária onde trabalhava a sua mãe, pois naquela altura era permitido que a professora fosse familiar e professora ao mesmo tempo. Para Marta esse tempo foi negativo: “(...)Ou seja, eu tive na mesma pessoa a mãe e a professora primária, o que é horrível, especialmente no meu caso foi muito mau, porque para mal dos meus pecados, era uma aldeia muito pequenina que se chamava Louveilha do concelho de Vila Nova de Cerveira. Só tinha dois lugares, ou seja, eram duas professoras, e a colega da minha mãe que há-de estar a arder no inferno por toda a eternidade porque era má como as cobras, tinha um único filho e tinha o péssimo hábito de pôr o filho a fazer sabatina aos colegas, e quando os colegas erravam era ele que dava as reguadas aos alunos. A minha mãe, com receio que eu fosse pela mesma medida, que as pessoas achassem que ela fazia comigo o que a outra colega

fazia com o filho, eu só apanhava por duas razões, que era por tudo e por nada, para dar exemplo, e porque ela a mim me castigava mais severamente que aos outros o que é horrroso”.

Marta estuda até ao 9º ano de escolaridade e acabou por se inscrever na escola em contexto pós-laboral, de noite, onde termina o 12º ano, com pessoas mais velhas. Tinha o sonho de ser enfermeira, mas não gostava de estudar matemática e optou por fazer um curso profissional. Marta refere: “Entretanto aos 19 anos, quando terminei o 12º ano, queria concorrer a enfermagem e estávamos em 1989, em que até esse ano por falta de enfermeiros estavam a aceitar alunos também de letras, ano que eu vou concorrer acabou isso, e já tinha que ser de ciências. Ora voltar a matemática para 10/11/12º... não.... Fui então fazer um curso de formação profissional, muito interessante de técnica auxiliar e circulante de bloco operatório (...).”.

O seu primeiro trabalho surge imediatamente após terminar o curso profissional, tendo começado por trabalhar nos bombeiros voluntários da sua terra, durante nove meses. Surge depois uma oportunidade de ir trabalhar para uma empresa como secretária de direção e Marta não hesitou, e esteve cerca de 3 anos nesse emprego, até que a empresa abriu falência por uma má gestão. No decorrer desta situação Marta teve conhecimento que iria existir um curso profissional era remunerado de Fisioterapia, que iniciou através da Santa Casa, tendo ficado posteriormente a trabalhar como técnica de fisioterapia, durante três anos. Mais uma vez acaba por deixar esse trabalho devido a problemas de funcionamento/ gestão que levaram à suspensão dos contratos de trabalho dos funcionários.

Ao mesmo tempo, a sua vida amorosa também não era fácil. Teve a sua primeira paixão com 16 anos de idade, mas a relação não correu bem devido a intromissões familiares. Aos 21 anos voltam a reencontrar-se e novamente não correu bem. Aos 18 anos de idade teve uma relação amorosa com o seu ex-professor de História, começam a namorar, mas também foi uma relação breve. Aos 19 anos conhece um rapaz com quem começa a namorar e acabam por ir viver juntos. Na altura isso não era algo bem visto pela sociedade, pois não tinham casado. A relação acabou por não correr da melhor forma, sendo que Marta era vítima de violência psicológica naquela relação: “(...) “Ahpois eu já sabia, mas a culpa não é tua, a culpa é de quem te pediu, era aquele que

dizia que não gostava de me ver de mini saia, mas não era por não gostar, era porque não queria era que os outros olhassem”.

A meados dos anos 90, surge uma proposta de trabalho, para ser empregada interna, na casa de uma senhora que residia na cidade do Porto, tendo que permanecer lá durante toda a semana e apenas podendo vir a casa no fim-de-semana. Tinha uma boa remuneração na altura (cerca de 80 contos), sendo que não tinha qualquer despesa durante o tempo que lá estava. Aceitou a proposta de trabalho e indica que foi algo que gostou muito de fazer. Contudo, escondia da sua família que era empregada interna e dizia que era dama de companhia, pois a sua mãe não aceitava que uma filha sua fosse empregada interna, e valorizava a profissão de dama de companhia. Marta trabalhou como empregada interna até ao final dos anos 90. Depois teve conhecimento que ia abrir um concurso para a rádio local e Marta candidatou-se. Não só era algo que lhe chamava a atenção, como se considerava uma pessoa muito comunicativa e com um grande à vontade. Entra para a rádio local, onde desenvolve alguns trabalhos de angariação de publicidade, algumas reportagens locais, e estava a gostar muito do trabalho na rádio até que é vítima de assédio sexual por parte do patrão da rádio. Esta situação colocou em causa a sua carreira profissional, trazendo-lhe problemas pessoais e com a sua família, que sempre acharam que Marta tinha uma paixão pelo patrão, não tendo acreditado na versão da Marta.

Toda esta situação deixou-a muito fragilizada, pois voltou a estar desempregada e sem apoio familiar, e no meio de toda a confusão em que estava a sua vida tentou o suicídio, engolindo uma série de comprimidos que pertenciam à sua mãe. Foi encontrada pelos seus pais inconsciente em casa, que a levaram para o hospital, e quando acordou estava na unidade de psiquiatria.

Algum tempo depois, quando estava recuperada, decide ir passar umas férias ao Alentejo com uns amigos, no ano de 2004. Marta tinha 34 anos de idade quando sofre uma grande desilusão provocada pela sua família, quando a tentam internar alegando que esta é bipolar. Os seus comportamentos inconstantes, tanto a nível profissional como amoroso, preocupavam a sua família, que não aceitava as suas diferenças, e tinha possivelmente medo de uma nova tentativa de suicídio. Marta relata com muita mágoa o momento em que tomou conhecimento da atitude da sua família:

“(…)Ora imagine o que é estar com os seus amigos no Alentejo e ser interpelada pela polícia. Eu achei estranho, perguntei se era alguma multa, e disseram que tinha que os acompanhar e era uma notificação em que os meus pais me queriam internar compulsivamente. Ninguém sonha o horrível que é…”

Após esta situação, Marta continuava desempregada, o que era uma grande preocupação para a sua mãe, e foi “obrigada” a trabalhar numa fábrica de peças de automóveis, pois não estava a conseguir encontrar outro trabalho. Esteve neste trabalho durante 8 meses, referindo atualmente que foi o trabalho que menos gostou. No final de 8 meses Marta vai tirar uma formação para ser inspetora de automóveis, e quando inicia o seu trabalho num centro de inspeções de automóveis verifica que não é aquilo que queria para si, devido à corrupção que se fazia notar, tendo confrontado o patrão com alguns factos e acabou por ser despedida.

Mais uma vez fica desempregada, e a sua relação com os pais está cada vez mais insuportável para ela. Então tomou uma decisão de sair da sua terra e ir residir para Lisboa em busca de uma nova vida, de novas oportunidades.

Ao instalar-se em Lisboa, faltava apenas arranjar trabalho e decidiu ser motorista de táxi. Foi uma experiência na sua vida que lhe traz boas lembranças:

“(…) tinha três vertentes muito interessantes. Uma levavam-me aquela praceta aquela vila, que não é de passagem, desde a vizinhança, a arquitetura, coisas fabulosas, o interagir com pessoas de todos os estratos sociais e o não estar fechada em quatro paredes. Claro tem o senão de apanhar trânsito, apanha-se frio, apanha-se calor, chuva, pega-se em malas pesadas, leva-se com odores corporais terríveis, leva-se com odores de bagagem a peixe podre que vem de dentro das malas, leva-se com bagagens de brasileiros que parece que tem um namorado ou namorada lá dentro de tão pesadas… muita coisa, mas foi se calhar a que mais me realizou e ainda hoje tenho saudades da cidade”.

Foi na profissão de taxista que conheceu o seu ex-companheiro com quem passou alguns anos da sua vida, desde a sua chegada a Lisboa. Ele também era motorista de táxi tal como Marta. A profissão de taxista não estava fácil a nível económico e Marta acaba por deixar os táxis para ir trabalhar para um posto de abastecimento da BP, onde esteve até 2015.

Após ter deixado o posto da BP, Marta abraça um projeto de vendedora imobiliária, pois o facto de gostar de comunicar é, sem dúvida uma mais-valia, aliada ao fato de saber línguas.

Marta residia com o seu ex-companheiro na margem sul de Lisboa, onde ficava situado o seu novo local de trabalho como vendedora imobiliária. Os contatos com a sua família eram muito esparsos, quase que inexistentes. Até que um dia recebe uma chamada da sua mãe a informar do falecimento do seu pai. Foi ao funeral, mas a relação de distância com a família mantinha-se, exceto com a irmã mais nova, portadora de patologia de trissomia 21.

De volta a Lisboa Marta começa a ter algumas complicações de saúde, nomeadamente crises que lhe prendiam os movimentos, tendo começado num braço e estendendo-se para outras partes do corpo. A sua relação amorosa tinha altos e baixos, estava cada vez mais desgastada e as discussões eram cada vez mais frequentes no dia-a-dia do casal.

Marta procura ajuda médica para o seu problema, contudo, em casa os problemas eram cada vez mais com o seu companheiro. Por vezes Marta precisava de ajuda nas suas atividades de vida diária, nomeadamente a vestir e tomar banho quando se sentia pior. Mas o seu companheiro começou a maltratá-la, psicologicamente e deixou de respeitar a vontade de Marta; conforme refere, vivia numa violência.

“(…)ou seja era psicológica, era emocional, e era sexual, que não deixa de ser física também, mas sem sequelas físicas, só sequelas emotivas, porque era aquela coisa “há que ser assim nesta posição, porque eu gosto” ainda que fosse desconfortável para mim, como nós sabemos os ritmos sexuais femininos e masculinos são diferentes e era como se costuma dizer em gíria, eu já estar saturadíssima que o senhor ainda estivesse em cima de mim e o senhor a dizer “ ai é tão bom deixa estar mais um bocadinho”. Tinha que ser sempre como ele queria, à maneira dele, terminar sempre como ele queria. Portanto isso não deixa de ser violência, e os primeiros sinais eu não os notei, porque era o estar apaixonada, era o ceder, depois o perceber que ele queria que eu andasse vestida de uma determinada maneira, maquilhada de uma determinada maneira, com unhas de uma determinada maneira, e depois vim a perceber que eram iguazinhas à de uma amante que ele teve”.

A relação amorosa de Marta terminou, e Marta precisou de um tempo para se recompor.

Marta acabou por ter que sair do seu trabalho devido à sua doença (artrite reumatoide) e solicitou a reforma antecipada, apesar de esta não ser uma vontade mas sim uma necessidade.

“ (...)eu quis continuar a trabalhar, mas o meu organismo é que decidiu que não dava porque eu tenho uma doença auto-imune, que do nada me ataca e que me deixa limitada e não há padrão nenhum que queira um funcionário já com proximidade dos 50 anos de idade e que de 15 em 15 dias esteja de baixa uma ou duas semanas, não há padrão nenhum que aceite uma coisa dessas. Inclusivamente eu, se tivesse a trabalhar por conta própria, o que é que eu iria fazer? Iria ter que ter uma coleta, e pagar uma segurança social por inteiro, mas pagar tudo e produzir parte do mês, é inviável”.

Atualmente Marta encontra-se a residir sozinha, é reformada por invalidez, tendo encontrado no voluntariado um porto de abrigo, uma forma de ajudar e se ajudar. O voluntariado foi uma atividade recente que surgiu na sua vida, e dedica parte do seu tempo a pessoas que não têm abrigo na zona de Lisboa.

Marta sempre tinha pensado que nunca se iria reformar antes dos 65 anos de idade. Porém, está a aceitar e aproveitar esta fase da sua vida da melhor maneira que pode e sabe. Mesmo não tendo tido qualquer preparação para esta nova fase da sua vida, refere: “ (...)estou em paz, porque a primeira coisa que eu consegui é chegar à paz interior e olhar para o espelho e gostar do que vejo, por dentro, por fora, mas acima de tudo por dentro de alma e coração. Finalmente cheguei onde quero e vou para onde quero”.

Capítulo IV: Interpretação de Resultados

Os resultados apresentados surgem com uma longa análise resultante das entrevistas narrativas de histórias de vida dos três entrevistados.

O processo de transição- adaptação à reforma está relacionado a diferentes fatores, tais como a vivências anteriores de transição, a importância atribuída ao trabalho, desempenho, os elementos sociais e demográficos entre outros.

Segundo Fonseca (2006), os primeiros tempos (particularmente o primeiro ano) de reforma sejam mais difíceis, existe uma tendência para as pessoas se adaptarem à nova condição e a aproveitar o tempo que começam a ter, desta forma a reforma é vivida como um período de satisfação e desejado. Segundo este autor existe uma tendência também para que cada pessoa ao logo da reforma se mantive-se estável e inclusive, melhorava com o passar do tempo.

Ao analisar as biografias de vida dos três entrevistados, posso verificar que as suas trajetórias foram influenciadas pelo momento histórico que onde estavam inseridos. A época em que decorreram os acontecimentos é um fator condicionante nas decisões e nas vivências destes entrevistados, desde o seu percurso educativo e profissional às suas relações familiares, e construção das suas identidades. Ultrapassaram algumas adversidades ao longo das suas vidas e tiveram necessidade de se irem adaptando às circunstâncias, assumindo diversos papéis sociais ao longo das suas vidas.

As relações familiares e condições socioeconómicas e todo o apoio social parecem ser nestas histórias de vida determinantes para o processo de transição para a reforma. Mas com a saída do mercado de trabalho evidencia-se um decréscimo do apoio social, quer pelo aumento da idade, quer pela saída do mercado de trabalho em si, ou seja, existe um estreitamento da rede social (Monteiro,2009). Este autor refere que o suporte social ajuda o indivíduo a superar situações de stress, e ainda é benéfico para a saúde, tendo um papel muito importante numa fase de transição.

Ao analisar o percurso de Margarida verifica-se o seu suporte familiar está muito em volta da sua família e que começou a pensar em reformar-se, com o objetivo de dedicar mais tempo à sua família, aos seus filhos e aos seus netos, principalmente.

Uma outra dimensão que é importante nesta transição é a nível socioeconómico e a este nível Margarida encontra-se estável, contudo, não o suficiente para poder realizar todos os seus desejos, nomeadamente viajar com mais regularidade.

“(…) Faço excursões com amigas. Ando também na informática nos tempos livres e lá fizeram uma excursão onde fomos a paris.” (Margarida)

“(…) Gostava de viajar mais, nem sempre é possível, só de vez enquanto. Companhia eu tenho sempre, mas economicamente nem sempre é possível.” (Margarida)

António possui uma história de vida diferente e quando se dá a sua entrada na reforma apresenta uma (re)construção da família, pois inicialmente viveu com a sua mãe e assumia o papel de cuidador, tendo esta graves problemas de saúde e acabou por falecer acerca de um ano atrás. Na sua transição para a reforma, foi muito sentido o isolamento social que foi forçado pela situação de saúde da sua mãe nos primeiros anos de transição para a reforma. Neste momento António possui um “filho do coração” que, segundo ele indica, acaba por o condicionar e o preocupar e não sente ainda que é uma pessoa livre e sem horários por estar na reforma, como refere Margarida. A nível socioeconómico António é uma pessoa estável, indicando que não ocorreu uma alteração significativa com a entrada na reforma na sua situação económica. Existe um maior investimento em prol do seu filho adotivo, com um maior investimento na educação e valorização da atividade profissional, tentando inseri-lo na sociedade.

“(…)fiz contas entre aquilo que eu trazia para casa no bolso e mais aquilo que me disseram que me davam e fiz contas entre a gasolina que gasto a comida que tenho que levar todos os dias, ou comer lá e também o desgaste psicológico da idade, penso, não, a diferença efetivamente não compensa continuar a trabalhar, se eu tenho esta hipótese.”(António).

Marta possui uma relação familiar heterogenia em comparação com a Margarida e António, caracterizada por uma certa desvinculação, e na análise dos relatos de Marta observa-se que existe alguma mágoa relativamente à sua família, que se encontra a residir no norte do país vivendo ela em Lisboa. O seu suporte social é na totalidade exercido por parte dos seus amigos os quais considera a sua família. No decorrer da entrada para a reforma por invalidez, Marta atravessava também uma separação do seu ex-companheiro que foi um pouco atribulada e conflituosa. Neste momento dedica-se

muito ao voluntariado como forma de estar ativa e de se sentir útil. A nível socioeconómico Marta indica que a sua reforma é pequena, mas que consegue colmatar as suas necessidades.

Na trajetória profissional dos três percursos biográficos, que pode ter sido condicionada pela situação familiar e até pela condição socioeconómica, verifica-se que a vida profissional de dois dos entrevistados (António e Marta) iniciou-se muito cedo, tendo tido algumas experiências profissionais diversificadas. Margarida iniciou o seu percurso profissional mais tarde, contudo, já tinha a responsabilidade de tomar conta de uma casa, marido e filhos. A sua entrada no mercado de trabalho deveu-se devido a uma infelicidade da vida (morte do marido), que a “obrigou” a procurar um trabalho que lhe permiti-se gerir uma casa com dois filhos menores.

Nos dois casos, (Marta e António) verifica-se que a sua trajetória profissional se iniciou, muito cedo, mesmo antes deles atingirem a maioridade. Ambos estudaram até ao 12º ano, contudo não concluíram o 12º ano até aos seus 18 anos, mas sim, procuram consolidar conhecimentos posteriormente, ou seja, existiu um contexto facilitador e mobilizador de educação e formação ao longo da vida. Na trajetória profissional da Margarida que se iniciou mais tarde, mas também terminou mais tarde (já após os 65 anos de idade), verifica-se que não houve o mesmo contexto facilitador, e o facto de ter entrado no mercado de trabalho foi algo que não estava pensado, tendo surgido como uma necessidade tanto económica como psicológica.

Após análise destas três trajetórias de vida e não podendo fazer qualquer generalização, verifica-se que apesar da idade da reforma ser aos 66,4 anos de idade, existem pessoas que pedem a reforma antecipada (caso do António e Marta) ou então um prolongamento da idade de trabalho (caso da Margarida).

O facto do António e da Marta se terem reformado antes dos 65, 4 anos de idade não significa que fosse um desejo que tinham naquela altura, existiram outras condicionantes que interferiram no processo. No caso da Marta a situação de doença crónica e no caso do António a extinção do posto de trabalho, levaram a que tivessem que recorrer a uma reforma antecipada como a saída possível e mais viável aquando o momento.

É muito importante analisar se houve ou não uma preparação para a reforma, pois isso pode condicionar a entrada na reforma, e é importante um aconselhamento por parte das pessoas mais próximas. Nas entrevistas efetuadas apenas o António pediu aconselhamento familiar, ou de amigos, antes de tomar a decisão de se reformar. Pode-se verificar, que os entrevistados não possuíram uma efetiva preparação para a entrada na reforma. Nos três casos analisados não é reduzido gradualmente o tempo de trabalho antes de interromper totalmente nem ocorreu uma procura de qualquer apoio psicológico, sendo comentado apenas com a família e amigos a tomada de decisão, ou que pensavam nessa possibilidade. Nas entrevistas analisadas apenas houve uma preparação para a reforma no caso da Margarida.

O António reformou-se antecipadamente devido à extinção do posto de trabalho e no caso da Marta pela sua patologia clínica, desta forma, não possuíram um controlo sob os fatores que levaram à reforma, como se verifica nos seguintes excertos citados por António e por Marta.

“Nunca tinha pensado nisso naquela altura, nem tão cedo. Para mim a reforma seria uma coisa normal aos 60 e poucos anos, poderia eventualmente a empresa dar alguma facilidade antes, porque fui vendo nos últimos anos a empresa a facilitar, mas nunca se me pôs a questão de sair do trabalho antes dos 65 anos de idade, nunca pensei absolutamente nada disso, mas de repente começo a ver as pessoas a saírem, a empresa a fazer umas ofertas de rescisão de contrato e as pessoas a irem para a reforma, contudo continuei a não colocar essa questão e um dia sai uma ordem de serviço. (...)e aconselharam-me a pedir a simulação, eu pensei pois , está bem, não perco nada a pedir a simulação (...)Eu iria ganhar cerca de1500€... era o que me tocava então passaria a receber 1340€, nesse caso por 160€ não vou ficar a apodrecer aqui na empresa, a gastar comida e gasolina e a levantar-me às 4/5/6 da manhã. Tinha sido uma vida, e pensei, por 160€ não... (...)”(António)

“(...)Não, em grande verdade coincidiu com uma altura em que eu estava em transição de empregos, e eu quis continuar a trabalhar, mas o meu organismo é que decidi que não dava porque eu tenho uma doença auto-imune, que do nada me ataca e que me deixa limitada e não há padrão nenhum que queira um funcionário já com proximidade dos 50 anos de idade em que de 15 em 15 dias esteja de baixa uma ou duas semanas, não há padrão nenhum que aceite uma coisa dessas. Inclusivamente eu se tivesse a

trabalhar por conta própria, o que é que eu iria fazer? Iria ter que ter uma coleta, e pagar uma segurança social por inteiro, mas pagar tudo e produzir parte do mês, é inviável.(...). Ou seja, não foi de todo pensando e não me passava pela cabeça reformar-me antes dos 50, pelo contrário, eu tive algumas fases de desemprego e dizia, eu para ter uma reforma por inteiro eu vou trabalhar até aos 80 anos.” (Marta)

Através de duas entrevistas aqui presentes, podemos então dizer, apesar de não se poder generalizar, que a entrada na reforma é impulsionada mais por fatores externos ou alheios à decisão da pessoa, que propriamente a uma decisão individual devidamente ponderada e ajustada naquele momento. Uma eventual preparação para a reforma poderia evitar alguns constrangimentos tanto económicos como sociais.

A reforma surge, segundo os entrevistados, como algo inesperado, nunca antes equacionado até à data, e muitas vezes acontece devido a conjuntura económica do país, ao desemprego, encerramento de empresas, saúde, entre outros. Estas entrevistas demonstram que a reforma, muitas vezes não é voluntária, mas uma saída precoce e incontrolável do mercado de trabalho. Já no caso da Margarida, todo o processo se desenrolou de uma forma diferente, sendo que foi um ato pensado, e até com alguma preparação, tanto da parte dela como da entidade empregadora, tendo vivido esta transição de uma forma mais serena e desejada.

“Sim, sim. Perguntaram-me se queria ficar para além da reforma e eu aceitei, mas quando vi que já era a altura certa pedi para sair.” (Margarida)

Outro aspeto tão importante como a preparação para a reforma é o significado que lhe é atribuído. Há alguns anos atrás, a reforma era muitas vezes conotada como algo negativo, pois estava muitas vezes associada à velhice. Nos dias de hoje já existe uma clara distinção entre a idade da reforma e a 4ª idade. Contudo, falar de reforma não significa que haja uma idade certa em que isso vai acontecer, como podemos verificar nas entrevistas realizadas em que a idade que os entrevistados tiveram que pensar na reforma teve um intervalo de 20 anos. Os adultos mais velhos que entram na reforma são pessoas que ainda têm muitos sonhos e muitas vontades.

De acordo com as narrativas dos entrevistados a capacidade de agency inerente aos sujeitos é influenciada pela sua trajetória de vida. Os entrevistados estruturam a sua vida de acordo com o contexto social onde estão inseridos, impelindo as atitudes e

comportamentos de cada um. São referidos pelos entrevistados determinadas condicionantes que não lhes permitiram o envolvimento na sociedade como gostariam, umas condicionantes assumidas depois da reforma, como é o caso de António, que tem um papel preponderante de apoio e suporte familiar, como cuidador até ao falecimento da sua mãe e posteriormente do seu filho adotivo.

No caso de Marta o contexto económico agregado a problemas de saúde circunscreve a sua vida social, o que por vezes leva-a ao isolamento social, que devido a sua capacidade de agency é facilmente ultrapassado, pois gosta de estar sozinha, apenas tem medo de perder a sua autonomia. Todavia, para colmatar a tristeza que sentia por não conseguir devido a questões de saúde continuar a sua vida profissional, recorrer aos seus amigos e está muito ligada ao voluntariado.

Quando se fala em reforma na opinião dos testemunhos recolhidos nas entrevistas biográficas o sentido do tempo sofre uma alteração, podemos verificar que este é uma particularidade transversal a todos os entrevistados.

Pelas entrevistas podemos verificar que existe uma maior disponibilidade, por parte das pessoas, após a entrada na reforma para socializar e tornam-se mais participativas, dando como justificação terem mais tempo e sentirem-se mais livres. As narrativas dos entrevistados demonstram que existe nos dias de hoje, uma ideia mais positiva da reforma.

A Margarida e Marta descrevem a reforma como algo livre: “(...) Finalmente cheguei onde quero e vou para onde quero.” (Marta). Apesar desta afirmação de Marta, que não é transversal a todos, na sua total amplitude, mas parcialmente colateral no que diz respeito ao existir uma maior liberdade nesta fase da vida, pois, ocorrem ainda condicionantes familiares, económicos, sociais e de saúde que os impede de “irem para onde querem”, empregando a expressão da Marta.

O principal conceito que é atribuído à reforma na opinião dos entrevistados é que a reforma está associada a uma fase positiva da vida, onde vai haver serenidade e tranquilidade, sendo um evento normativo do ciclo vital, que é caracterizado pelo abandono da vida activa.

Tendo em conta que a relação entre o homem e o trabalho é ao longo da vida, o momento de transição é complexo e passível de causar alterações. O reforço das relações sociais é fundamental para evitar o isolamento destas pessoas.

Capítulo V: Conclusões

Podemos concluir através deste estudo que, como refere (Fonseca, 2011, p.6), “os indivíduos percebem a passagem à reforma em função das suas características pessoais, muito particularmente daquelas que foram as suas vivências no passado e da forma como se aposentaram (...)”. Quer isto dizer, que a rede de sociabilidade tem um papel muito importante e distinto neste momento da vida destes indivíduos. Este estudo apresenta citações que referem que os entrevistados queriam ter mais tempo para a família, ou para atividades que os deixassem realizados, pois isto significa que as redes sociais de cada indivíduo possuem algum peso na forma de olhar para a entrada na reforma.

Esta transição interfere nos hábitos rotineiros de cada indivíduo. Contudo estas são sempre delimitadas pelo contexto socioeconómico e político em que vivenciaram este fenómeno, como foi o caso dos três percursos biográficos analisados.

Indo de encontro ao pensamento de Fonseca (2011), quando pensamos na reforma, imediatamente pensamos em perceção da transição, sentimentos, recursos e estratégias de adaptação e transições simultâneas a que estarão sujeitos os indivíduos, ao passar por esse processo. Concluimos que, de acordo com Mendes (2011), o percurso designado por reforma constituiu uma continuidade da vida, tornando notória a mudança, a passagem à reforma traz nas vidas de cada indivíduo novos significados de readaptação, ganhos e perdas.

Este estudo teve o propósito de responder a algumas questões que foram colocadas no início do mesmo, com o objetivo de compreender melhor o processo de transição para a reforma, segundo a perceção dos sujeitos que atravessam a fase da reforma. As questões de partida que orientaram este estudo têm agora uma resposta que se segue.

- a) A pulsão pela vida sofre alterações com a passagem da vida ativa para a reforma?

A vida ativa encontra-se muitas vezes associada ao trabalho e, quando se fala em reforma, associa-se geralmente com a questão cronológica. Mas a reforma envolve aspetos biológicos, psicológicos e sociais e vai muito mais para além da idade cronológica. Através da análise feita neste estudo observa-se que, as características do

envelhecimento variam de indivíduo para indivíduo, contudo também se verifica que a entrada na reforma dá uma maior abertura e propensão para realizar mais atividades, existindo uma maior abertura para estabelecer uma maior rede social. Assim podemos concluir que a pulsão pela vida sofre alterações. Mas estas alterações podem ser positivas, e não apenas conduzir a um isolamento social, ou perda de objetivos / projetos para a vida.

b) Como se preparam os indivíduos para a passagem da vida ativa para a reforma?

A análise dos resultados indica que não existe, nas biografias que estudámos, uma preparação pró-ativa para a entrada na reforma. Este facto não se altera no caso da passagem para a reforma ser voluntária ou involuntária.

Verifica-se também que não ocorreu um aconselhamento com os familiares ou amigos mais próximos no caso da Margarida e da Marta, apenas existiu uma comunicação da intenção, sendo que estes entrevistados não sentiram necessidade de um aconselhamento, ou por falta de alternativas ou por acharem que era a melhor decisão a tomar naquele momento. O António pediu a opinião da sua família e amigos quando começou a equacionar a hipótese de se reformar. A sua família /amigos achavam que ia ser algo negativo na sua vida, não iria ter uma atividade profissional para preencher o seu tempo e mesmo com uma respostas negativas das pessoas que lhe eram mais próximas, decidiu avançar com a entrada na reforma. Nenhum dos entrevistados teve o cuidado ou oportunidade de fazer uma redução gradual do número de horas de trabalho, para a entrada definitiva na reforma não ser sentida de uma forma mais brusca.

As razões que são referidas para uma entrada na reforma são apoio aos familiares, nomeadamente netos, questões de saúde e desempregos originados pelo encerramento das empresas empregadoras.

c) Quais as condições estruturais, sentidas por estes indivíduos, que confinam as suas escolhas?

Os principais fatores para uma reforma favorável segundo Rohwedder (2006), são os recursos económicos, a saúde e relacionamentos sociais. Segundo este autor os recursos económicos são considerados importantes pois são o que pode dar acesso às atividades que são desejadas como viagens, inúmeros serviços, incluindo cuidados de saúde, o que

se confirma ao longo deste estudo. Os discursos são dissemelhantes nos três percursos de vida, no que se refere às condições estruturais mais sentidas, possuem padrões divergentes, porém existem pontos em que se encontram. A questão que está em primeiro lugar para os três entrevistados é a saúde, depois a financeira, ou seja, as condicionantes económicas e as circunstâncias políticas que levantam alguns receios associados à reforma e à velhice. Estes são sem dúvida os fatores que levam os sujeitos a não fazerem tudo aquilo que gostariam de fazer.

A saúde é o foco central que promove o bem-estar e o envelhecimento bem-sucedido, sendo que ter problemas de saúde pode levar a limitações sociais como de interação e lazer, como é o caso de Marta neste estudo, sendo que o maior medo que sente é ficar dependente, sem autonomia para aproveitar a sua reforma.

Já as relações sociais são, para estes indivíduos, vistas como ajudas emocionais, de apoio, companheirismo e um sentido de identidade, em que a parte social vai condicionar a parte psicológica e fisiológica. Desta forma, podemos confirmar que existem uma série de condições estruturais que condicionam a maioria das escolhas dos sujeitos.

d) A transição para a reforma é um processo que envolve uma reconstrução identitária? Quais são as reestruturações mais sentidas?

A reforma é um processo que é revestido de aspetos positivos e negativos e envolve ganhos e perdas desenvolvimentais. Este estudo vai de encontro à ideia de Schlossberg (1981), que sublinha que uma transição não é tanto uma questão de mudança, por si só, como principalmente a perceção que o indivíduo tem sobre a mudança que ocorre na sua vida. Segundo Ecclestone (2010), uma transição constitui uma mudança e também uma viragem de identidade. Desta maneira, as representações de transições estão ligadas a mudança de papéis sociais, e ocorrem também mudanças a nível do status e de identidade na esfera pessoal e social, que são ajustadas segundo diversas variáveis do contexto. Por outro lado, Hamilton (2010) transmite a ideia que uma transição depende mais do contexto em que ocorre, do que da própria pessoa que a vivencia, dando uma grande ênfase à trajetória de vida, e às condições históricas. Este estudo vai de encontro ao que refere Hamilton (2010), pois verifica-se que mais importante que a pessoa é o contexto e as condições em que esta transição ocorre, e daí advêm as reestruturações.

Por exemplo, como deixar de ser aquele profissional e passar a ser apenas mãe/ pai/ irmão, ser voluntário, ser cuidador entre outros, e tudo isto é influenciado pelo percurso de vida de cada um. As relações de parentesco mais valorizadas neste estudo são entre filhos/netos, e também se verifica uma grande importância entre relações de amizade, que são as principais fontes de suporte social. A Margarida refere que não se deparou com nenhuma mudança da sua identidade, indicando que continuou como era antes, do processo de transição para a reforma, mantendo a sua rede social referindo que o seu papel social apenas se alterou por deixar de ser a profissional que era. No caso do António e da Marta foi diferente, tendo acontecido algumas mudanças significativas. No caso particular do António, a sua entrada na reforma coincidiu com problemas de saúde da sua mãe, o que o levou a tornar-se o seu cuidador informal a tempo inteiro, tendo mudado todas as suas rotinas, hábitos e formas de estar perante a vida. Passou de um papel de funcionário da empresa TAP, do papel de filho, de colega de trabalho, para um papel de cuidador que lhe ocupava grande parte do tempo. Neste caso a esfera social e pessoal do António ficou circunscrita ao seu papel de cuidador, ou seja, a ideia de transição para António depende mais do contexto em que esta ocorre, das epifanias da vida, do que do indivíduo.

Marta era uma pessoa ativa que apesar da instabilidade que vivia a nível laboral, toda a sua vida foi alterada com a patologia que lhe foi diagnosticada, tendo impulsionado a Marta para um isolamento social, que é colmatado através de actividades de voluntariado e com a ajuda dos seus amigos. Marta sente que ocorreu uma mudança brusca na sua vida, e sente medo de perder a sua autonomia. Marta sente que ganhou tempo para fazer aquilo que gostava, sentindo-se mais livre com a entrada na reforma, porém ao mesmo tempo sente que perdeu capacidades motoras, o que lhe causa angústia e medo quando pensa no seu futuro. Marta considera que é:

“(...) forçosamente filha mas pouco, e sempre fui pouco filha... e Deus sabe o que faz, e não me deu filhos porque eu sei a porcaria de filha que sou(...). Sou avó do coração, tenho uma neta com dois anos que é filha de uma ex. enteada que considero neta, e tenho vários filhos do coração que são os meus amigos e filhos dos meus amigos, e tenho acima de tudo a particularidade de conseguir ser uma criança no meio das crianças e uma adulta no meio dos adultos. (...)Acima de tudo tenho gostado muito do papel que cada idade me tem trazido e nunca fiz da minha profissão o meu bastião.”

Marta refere que ocorreu uma mudança significativa na sua “personalidade e reafirmação” com a entrada na reforma.

e) A capacidade de agency inerente aos sujeitos influencia a sua trajetória de vida? As suas vivências são estruturadas no contexto social e histórico e esse contexto vai condicionar a ação, conforme surgem os diversos constrangimentos no seu curso de vida, quer sejam constrangimentos económicos, sociais ou mesmo familiares. Quando uma pessoa entra no processo de transição para a reforma já possui um passado com vivências e competências que o acompanham ao longo da sua trajetória de vida, e desta forma facilitarão este processo de transição.

Margarida iniciou a sua vida profissional por conta de outrem mais tardiamente, que os restantes entrevistados. O falecimento do meu marido levou-a a ter necessidade de reestruturar toda a sua vida e procurar uma forma de fazer face às necessidades económicas e sociais. Esta foi para Margarida a maior transição da sua vida, pois foi forçada e brusca. A sua entrada na reforma foi uma transição mais calma e ponderada devido ao contexto em que decorreu, tendo sido uma decisão pensada previamente. Margarida conseguiu ao longo da sua vida ganhar/apreender capacidades para se adaptar e superar as adversidades que lhe foram facilitadas pelo contexto social e histórico e com o apoio dos seus familiares.

O António ao longo de toda a sua vida teve necessidade de ganhar competências para se ajustar e se desenvolver em diferentes contextos, começando pela morte do pai, pela mudança de país, a entrada para o seminário, a distância da sua mãe e irmãos entre outros. Todos os constrangimentos que foram surgindo ao longo da sua vida levaram-no a adquirir ferramentas para ultrapassar as coisas que eram menos boas, ou seja a sua capacidade de agency foi influenciada pela sua trajetória.

Para Marta também se verifica que a sua instabilidade social, laboral e familiar que a acompanha desde a sua adolescência, acaba por influenciar a sua capacidade de agency. No percurso de vida de Marta ocorrem muitas mudanças, o que por um lado lhe dava a possibilidade de desenvolver competências, por outro também lhe causava instabilidade. Todas estas vivências foram adequadas a sua capacidade de agency, mas também acabaram por influenciá-la.

Desta forma, o presente estudo conseguiu responder às questões de investigação, mostrando um melhor entendimento da perceção do processo de transição para a reforma, para estes indivíduos.

Esta investigação permitiu-me uma evolução gradual no conhecimento adquirido acerca da problemática de estudo que me levou a refletir, e repensar as minhas ideias ou conclusões até então concebidas.

Ocorreu um amadurecimento desde a primeira entrevista, conseguindo estabelecer uma relação de confiança com o entrevistado, o que no início era muito complicado pelo facto de estar muito centrada em conseguir toda a informação de cada entrevistado, e descorava a parte mais importante. E por fim um aspeto muito importante de vencer o medo de não saber ou não poder responder a todas as questões que podem ser colocadas, naquele determinado momento, e aprender que os momentos de silêncio são importantes e podem ter muito significado, quando uma pessoa está a narrar a sua história de vida.

Como qualquer estudo, esta investigação possui limitações que recaem em primeiro lugar sobre o número limitado de entrevistados. Tratando-se do método escolhido de histórias de vida por um lado é necessário conhecer todo o percurso de vida de cada um dos entrevistados para conseguir realizar uma boa análise do processo de transição para a reforma, por outro lado, é uma análise muito exaustiva, que necessita de muito tempo o que não permitiria realizar um elevado número de entrevistas narrativas com histórias de vida completas.

Em termos de investigação futura seria pertinente proceder a uma análise entre países. Como se sabe, a cultura e as regras e os valores que regem uma sociedade variam entre fronteiras, o que naturalmente poderá ter influenciado os resultados, pela adaptação ao processo de transição para a reforma que seria interessante, por exemplo analisar os países europeus mais ricos com aqueles mais pobres.

Finalmente, este estudo assume um carácter preciso no espaço temporal. Ou seja, a recolha dos dados foi conseguida no mesmo espaço temporal, acordo com a fase de vida em que se encontra (Reformado). Seria interessante alargar este estudo a um trabalho longitudinal, em que os trabalhadores de hoje seriam os reformados há menos de 5 anos de amanhã, e os reformados há menos de 5 anos hoje, seriam os reformados há tempo

igual ou superior a 5 anos de amanhã. Esta opção metodológica permitiria uma perspectiva mais alargada do problema em questão.

Para finalizar, este estudo pode ser entendido como um começo para a mudança de ideias sociais relacionadas com a entrada na reforma. Abolindo o pressuposto que esta época da vida é essencialmente um período de perdas, este trabalho remete essencialmente para a ideia contrária, de que a época da velhice, ou pós-reforma pode ser vivida de forma tranquila, harmoniosa e satisfatória. Pelo que este trabalho se revela importante para os próprios sujeitos que vivenciam esta época das suas vidas, ajudando-os a vivê-la de uma forma mais otimista e fazendo-os ver que a satisfação com a vida é possível e que pode ser promovida pelos próprios, levando-os a assumirem um papel ativo na construção das suas próprias vidas e, por outro, permitindo às gerações mais novas aprenderem novas formas de estar na vida com esta população.

Referências

- Aiken, L. (1994). Aging: an introduction to Gerontology . In L. Aiken, *Aging: an introduction to Gerontology* (pp. 134-169). London: Sage.
- Alcock, P. (2008). Social Policy in Britain. In P. Alcock, *Social Policy in Britain* (p. Third Edition). Basingstone: Palgrave Macmillan.
- Austad, S. N. (2009). Handbook of theories of aging. In M. S. Putney, *Handbook of theories of aging* (pp. 147-16).
- Baltes, P. B., & Smith, J. (2003). *New frontiers in the future of aging: From successful aging of the young old to the dilemmas of fourth age*. Obtido de <http://www.valenciaforum.com>
- Belsky, J. (1999). The Psychology of Aging – Theory, Research and Interventions. In J. Belsky, *The Psychology of Aging – Theory, Research and Interventions* (p. Third Edition). Pacific Grove: Brooks/Cole Publishing Company.
- Benbasat, I. (1987). The case research strategy in studies of information systems. In B. I, *The case research strategy in studies of information systems, MIS quarterly* (pp. 369-386).
- Bertaux, D. (2005). *Los relatos de vida. Prespectiva etnosociológica*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- Birren, Jones, E., Schorroots, & Johannes, J. (1996). History, Concepts, and theory in the psychology of aging. In Jones, E. Birren, Schorroots, & J. Johannes, *Hand boock of the psychology of aging, fourth edition* (pp. 3-23). Academic Press.
- Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos* . Porto: Porto editora.
- BonB, W. (1982). *Die Einubung des tatsachenblicks. Zur Straktur and veränderung empirischer sozialforschung*. Frankfurt: Suhrkamp.
- BonB, W. (1982). *Die Einubung des Tatsachenblicks. Zur Struktur und Veränderung empirischer sozialforschung*. Frankfurt: Suhrkamp.

- Bourdieu, P. (1987). *Cosas Dichas*. Barcelona. In P. Bourdieu, *Cosas Dichas*. Barcelona, España: Editorial Gedisa.
- Bourdieu, P. (2011). *La illusions biográfica*. *Acta Sociológica*, 56, 121-128. Obtido de La illusions biográfica. *Acta Sociológica*, 56, 121-128.: <http://journals.unam.mx/index.php/ras/article/download/29460/27409>
- Busse, E. W. (1969). *Theories of aging*.
- Cabral, M. V., Ferreira, P. M., Silva, P. A., Paula, J., & Marques, T. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal- Uso de tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Fundação Manuel dos Santos.
- Capuchas, L. (2005). *Envelhecimento e políticas sociais: novos desafios aos sistemas de protecção- Sociologia*, 15. Porto: Faculdade de Letras do Porto.
- Chagny, O., Dupont, G., Sterdyniak, H., & Veroni, P. (2001). *Les réformes des Systèmes de retraite en Europe*. Obtido de Les réformes des Systèmes de retraite en Europe: www.cor-retraites.fr/article198.html
- Chapman N., E. (2002). *Guia para planear a reforma- Como planear o seu futuro a viver a reforma em plenitude*. Elwood N. Chapman (2002). Guia para planear a reforma- Como planear o seu futuro a viver a reforma em plenitude: Editora Monitor.
- Cohen, I., & Manion, L. (2002). *Métodos de investigación educativa (2.ª ed.)*. Madrid: Editorial la Muralla.
- Coleman, P. G., & O'Hanlon. (2004). *Ageing and development*. New York: Oxford.
- Coutinho, C., & Chaves. (2002). Revista portuguesa de educação 15(1), Universidade do Minho. *O estudo de caso na investigação em tecnologia educativa em Portugal*, pp. 221-243.
- Denzin, N. K. (2008). The new paradigm dialogs and qualitative inquiry. *International Journal of qualitative studies in education*, 21(4), 315-325.
- Dominelli, L. (2009). *Introducing Social Work*. In L. Dominelli, *Introducing Social Work*. Cambridge: Polity Press.

- Ecclestone, K. (2010). Managing and supporting the vulnerable self. In K. Ecclestone, *In K. Ecclestone, G. Biesta, & M. Hughes (Edts.), Transitions and Learning through the lifecourse* (pp. 197-210). Abingdon, Oxford: Routledge.
- Ecclestone, K., Biesta, G., & Hughes, M. (2010). Transitions in the life course, the role of identity, agency and structure. In *Transitions and Learning through the lifecourse*. In K. B. Ecclestone, *In Transitions and Learning through the lifecourse* (pp. 1-15). Abingdon, Oxford: Routledge.
- Ekerdt, D., Kosloski, K., & Deviney, S. (2000). The normative anticipation of retirement by older workers. *Research on Aging*, 22, 1. In D. K. Ekerdt, *The normative anticipation of retirement by older workers. Research on Aging*, 22, 1 (pp. 3-32).
- Fernandes, A. A. (2007). Determinantes da Mortalidade e da Longevidade. *Portugal numa perspectiva Europeia (EU 15, 1991-2001). Análise Social*, 183, pp. 419-443.
- Fernandes, A. A. (1997). *Velhice e Sociedade- Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Fernandes, A. T. (2005). Processos e estratégias do envelhecimento. In A. T. Fernandes, *Sociologia*, 15 (pp. 223-248).
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em educação. *Noesis*, 18, pp. 64-66.
- Fernández Rócio, B. (2004 b). Gerontologia Social, Una introduccion, in Rócio Fernández-Ballesteros (Dir), *Gerontologia Social*. In R. F. Ballesteros, *Gerontologia Social, Una introduccion*, in Rócio Fernández-Ballesteros (Dir), *Gerontologia Social*. Madrid: Pirámide.
- Fernández-Ballesteros, R. (2004 b). Gerontologia Social, Una introduccion, in Rócio Fernández-Ballesteros (Dir). Madrid: Pirámide.
- Ferreira, J. L. *Educación a Terceira Idade: Estudio do Colectivo de pessoas Maiores no Contexto Comunitário de Vila Nova de Gaia*. Santiago de Compostela: Tese de Doutoramento -Universidade de Santiago de Compostela.

- Ferreira, M. (2013). Stresse na Transição para a Reforma. *Tese de Mestrado*. Coimbra: Universidade de Coimbra Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa, Portugal: Monitor-projectos de edições, lda.
- Fonseca, M. (2011). *Reforma e Reformados*. Lisboa: Almedina.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1992). O Inquérito: teoria e prática. In R. M. Ghiglione, *O Inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta.
- Glaser, B.G and Strauss, A.L. (1967). *The discovery of grounded of theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine.
- Grenier, A. (2012). *Transitions and the Lifecourse- Challenging the constructions of "growing old"*. Chicago: Policy Press.
- Habermas, J. (1995). *The habermas Reader*. Cambridge: Polity Press.
- Hamilton, M. (2012). Transitions and learning through the lifecourse. In G. Ecclestone, Biesta, & M. Hughes, *Transitions and learning through the lifecourse* (pp. 69-86). London: Routledge.
- Harrell, M., & Bradley, M. (2009). *Data collection methods: semi-structured interviews and focus-group*. Santa Monica: RAND Corporation.
- Hill, M. (2003). *Understanding social policy, Seventh edition*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Hopson, B. (1981). Response to the papers by scholossberg, Bramer and Arego. In B. Hopson, *The Counseling Psychologist*, 9 (pp. 36-39).
- Instituto Nacional de Estatística, I. (2011). Censos 2011- Resultados definitivos região do Algarve. Lisboa, Portugal.
- Instituto Nacional de Estatística, I. (2009). Projecções de População residente em Portugal2008-2060. Lisboa, Portugal, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- Kaaearl, A. M. (2014). Aposentadoria Melhorar resultados: o papel dos recursos, panejamento da pré-reforma e de transição características. Envelhecimento e

- Sociedade,. In A. M. Kaaearl, *Aposentadoria Melhorar resultados: o papel dos recursos, panejamento da pré-reforma e de transição características. Envelhecimento e Sociedade* (pp. 10-1017).
- Ketele, J., & Roegires, X. (1993). *Metodologia da recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lawton, M. P., & Nahemon. (1975). The Philadelphia Geriatric Center Morale Scale. In M. P. Lawton, & Nahemon, *A revision. Journal of Gerontology: Psychological sciences and social sciences*, 30 (1) (pp. 85-89).
- Lima, M. (2010). Envelhecimento(s). In *Estado da Arte*. Coimbra: Impresa da Universidade de Coimbra.
- Lopes, A., & Lemos, R. (2012). *Envelhecimento demográfico: percursos e contextos de investigação na sociologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Obtido de Sociologia, Vol. Temático: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id11id2582&sum=sim>
- Loureiro, H., Mendes, A., Carneiro, A., Fonseca, A., Veríssimo., & Ângelo, M. (2014). *A transição para a reforma em reformados Portugueses*. Coimbra: Escola superior de enfermagem de Coimbra.
- Machado, P. (2007). Reflectindo sobre o conceito de envelhecimento activo, pensando no envelhecimento em meio urbano. In P. Machado, *Fórum Sociológico*, 17 (pp. 53-63).
- Mauritt, R. (2004). Padrões de vida na velhice. In R. Mauritt, *Análise Social*, 171 (pp. 339-363). Lisboa.
- McComark, B. (1996). Life Transitions- Older People and Nursing. In P.Ford, & H.Heath, *Issues of Living in a Care Home* (pp. 71-86). Oxford: Elsevier Health Sciences.
- Mendes, F. R. (2011). *Segurança Social:O futuro Hipotecado*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Miles M.B and Huberman A.M. (1994). *Qualitative data analysis: A sourcebook of new methods (2nd edn)*. Newbury park: CA:sage.
- Moen, P. (1996). A Life Course Perspective on Retirement, Gender, and Well- Being. *Journal of Occupational Health Psychology*, 1 , 131-144.
- Monteagudo, G. J. (2000). El paradigma interpretativo en la investigación social y educativa: nuevas respuestas para viejos interrogantes. *Cuestiones pedagógicas: Revista de ciências de la educaciona*, 15 , pp. 227-246.
- Moody, H. R. (2006). Aging:. In H. R. Moody, *concepts and controversies* (pp. 3-9). Thousand Oaks: pine Forge Press.
- Morin, E. (1982). *Ciência com consciência* . Mem-Martins, Portugal: Europa-América.
- Mortime, J. T., & J.Shanahan, M. (2004). *Handbook of the Life Couse* . America: Springer.
- Muratore, Alexa, & Earl, J. (2014). Improving retirement outcomes. In Muratore, Alexa, & E. Joanne, *The role of resources, pre-retirement planning and transition characteristics- Artcle in ageing and society* (pp. 1-41).
- Nazareth, J. (2009). *Crescer e envelhecer:Constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*. Lisboa: Editorial Presença.
- Netto, Matheus, Papaléo, & Borgonovi, N. (1999). Gerontologia- A velhice e o envelhecimento em Visão Globalizada. In M. P. Netto, *Biologia e Teoria do Envelhecimento* (pp. 44-59). Brasil: Atheneu.
- Newman, P. R. (2008). Development through Life: a psychosocial approach. In P. Newman, *A psychosocial approach* (pp. 521-525). Wadsworth: Cengage Learning.
- Olshansky, S. J., & Carnes, B. A. (2001). Prospects for human Longevity. In S. J. Olshansky, & B. A. Carnes, *Science:291* (pp. 1491-1492).
- Paúl, C. (2006). Psicologia do Envelhecimento. In H. Firmino, *Psicogeriatría- Clínica Psiquiátrica dos Hospitais da Universidade de Coimbra: Psiquiatria Clinica* (pp. 43-68).

- Pinto, M. J. (1991). Considerações sobre a produção social de identidade. In M. Pinto, *Revista critica de ciências sociais*, 32 (pp. 217-231).
- Poirier, J., Valladon, S. C., & Raybaut, P. (1999). *Histórias de vida- Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Ponte, J. (2006). Estudos de caso em educação matemática. In J. Ponte, *Bolema*, 25 (pp. 105-132).
- Quaresma, M. L. (2007). Envelhecer com futuro. In M. L. Quaresma, *Fórum Sociológico*, 17(2) (pp. 37-42).
- Riemann, G. and Schutze F. (1987). Tranjectory as a basic theoretical concept for analyzing suffering and disorderly social process, in D.Maines (ed) *social organization and social process:Essays in honor of anselm strauss*. New York: Aldme de Gryter.
- Robeiro, C. P. (2013). *Manual de Gerontologia Social: Aspetos biocomportamentais, psicologicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa: Lidel-edições técnicas. LDA.
- Rodrigues, N., Costa, J., Rauth, & Terra, N. L. (2010). *Gerontologia Social para Leigos*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Rohwedder, S. (2006). *Self-assessed Retirement Outcomes: Determinants and Pathways*. Rohwedder, S.: Michigan Retirement Research Center, Universidade do Michigan.
- Rosa, M. J. (1993). O desafio social do envelhecimento demográfico. In M. J. Rosa, *Análise Social*, 28 (pp. 679-689).
- Ruiz-Olabuénaga, J. (2012). *Metodologia da la investigación cualitativa*. Bilbao: : Universidade de Deusto.
- Ruquoy, D. (2005). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In Luc Albarello, Françoise Digneffe, JeanPierre Hiernaux, Christian Maroy, Danielle Ruquoy, Pierre de Saint-Georges. In D. Ruquoy, *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (pp. 84-116). Lisboa: Gradiva publicações.

- Salselas, T. (2007). *Política Social da Velhice- Introdução à Gerontologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sant'Anna. (2003). *Mobilidade na terceira Idade: Como planear o futuro?* Rio de Janeiro: Unati.
- Saúde, D. G. (2016). *www.dgs.pt*. Obtido de www.dgs.pt: www.dgs.pt
- Schlossberg, N. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. In N. Schlossberg, *The Counseling Psychologist*, 9(2) (pp. 2-18).
- Scholossberg, N., Waters, E., & Goodman, J. (1995). Counseling Adults in Transition. In N. Scholossberg, E. Waters, & J. Goodman, *Linking Pactice With Theory* (pp. 25-78). New Youk: Springer Publishing Company.
- Silva, M. I. (1996). *Práticas educativas e construção de saberes- Metodologias de investigação-ação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Silva, P. N. (2009). *Adaptação à Reforma e Satisfação com a Vida: A importância da Actividade e dos Papéis Sociais na realidade europeia*. Lisboa: Tese de Mestrado-ISCTE-IUL.
- Social, S. (2016). *Direitos e Deveres – Pessoas Idosas*. Obtido de Segurança Social: <http://www2.seg-social.pt>
- Sterns, H. L., & Subich, L. M. (2004). *Counseling for retirement- Career Development and counseling: Putting Theory and Research to Work*. Nova Jersey.
- Swan, G., Dame, A., & Carmelli, D. (1991). Involuntary Retirment, Type A Behavior, and Current Functioning in Elderly Men: 27 year Follow-up of the Western Collaborative Group Study. In G. Swan, A. Dame, & D. & Carmelli, *Psychology and Aging*, 6(3) (pp. 384-391).
- Taylor, M. A., & Doverspike, D. (2003). Retirement planning and preparation. In M. A. Taylor, & D. & Doverspike, *Retirement: Reasons, Processes and Results* (pp. 53-82). New York: Springer.
- Torres, A. (2005). *Homens e mulheres entre família e trabalho (2ª ed.)*. Lisboa, Portugal: DGEEP.CID.

- Vallespir, J., & Morey, M. (2007). A participação dos idosos na sociedade: integração vs segregação. In J. Vallespir, & M. Morey, *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção educativa* (pp. 225-251). Instituto Piaget.
- Van Solinge, H., & Henkens, K. (2008). Adjustment to and Satisfaction with retirement: Two of a kind? In H. Van Solinge, & K. & Henkens, *Psychology and Aging*, 23 (pp. 422-434).
- Van Solinge, H., & Henkens, K. (2007). Involuntary Retirement: the role of restrictive circumstances, timing, and social Embeddedness. In H. Van Solinge, & K. & Henkens, *Journal of Gerontology*, 62B (pp. 295-303).
- Veríssimo, M. (2014). *Geriatrics fundamental: Saber e praticar*. Lisboa, Portugal: Lidel.
- Walker, A. (2002). A Strategy for active ageing, in Walker. In A. Walker, *Walker, A.* (pp. 121-140).
- Wang, M. (2007). Profiling Retirees in Retirement Transition and Adjustment Process: Examining the longitudinal Change Patterns of Retires Psychological Well- Being. In M. Wang, *Journal of Applied Psychology*, 92 (pp. 445-474).
- Wang, M., Henkens, K., & van Solinge, H. (2011). Retirement adjustment: a review of theoretical and empirical advancements. In M. H. Wang, & H. van Solinge, *American Psychologist*, 66 (pp. 204-213).

Anexos

Matriz de Inferências de conteúdo de entrevistas:

Fases da vida: <i>Margarida</i>	Temas/Categorias	Inferências	Unidade de registos/ excertos
Nascimento	<p>Nasce em Tavira dia 17 de Janeiro de 1948</p> <p>Contexto familiar</p>	<p>Irmã mais nova de um casal com duas filhas, passou toda a sua infância com os seus pais e uma irmã mais velha três anos.</p> <p>Residiam em Santo estevão, freguesia de Tavira.</p> <p>Era uma família humilde mas, muito unida.</p> <p>Os seus pais trabalhavam no campo e tentavam cultivar boas relações familiares.</p>	<p>“(...)vivia com os meus pais, eles trabalhavam e era uma infância normal, ia para a escola e depois a noite estávamos juntos, era normal, vida de trabalho da parte deles”.</p> <p>“(...)vivia em Santo Estevão, a freguesia de Santo Estevão pertence a Tavira.”</p> <p>“(...)Eram meus amigos, eram bons para mim e eles coitados não podiam mais, porque trabalhavam, não podiam dar me mais atenção, mas naquilo que eles podiam nada me faltava não. Tinha uma irmã, brincávamos a duas e era uma vida assim normal.”</p> <p>“Ela é que cuidava de mim, claro. Fazíamos as tarefas de casa as duas porque os meus pais trabalhavam, porque a vida era mais difícil, se não se trabalhasse...”</p> <p>“Trabalhavam no campo, e a minha irmã ficava comigo, ficava a cuidar da lida da casa e eu ajudava-a. Os meus pais tinham poucas possibilidades mas nunca nos faltou nada.”</p> <p>“Era bom, vivia feliz porque era vida que nós tínhamos, e eramos</p>

Infância e adolescência	Percurso escolar	<p>Segundo os seus relatos, teve uma infância onde teve oportunidade de se divertir, e fazer as atividades adequadas à idade.</p> <p>Na questão da educação verificou-se alguma frustração por não ter continuado os estudos, tendo concluído o ensino primário.</p> <p>Passou grande parte da sua infância e adolescência na companhia da sua irmã enquanto os seus pais estavam a trabalhar.</p> <p>Na adolescência começou a aprender a costurar, pois referia que era o habitual naquela altura para todas as raparigas, contudo o que gostava de ter aprendido era a profissão de cabeleireira.</p> <p>Foi também na adolescência (16 anos de idade) que começou a</p>	<p>humildes mas felizes e unidos. Os meus pais sempre se deram bem e isso é bom para nos enquanto filhas.”</p> <p>“Andei em santo estevão na escola até à terceira classe depois vim para santa margarida, para escola, completei a quarta classe, depois fui para a costura e ajudava os meus pais.”</p> <p>“(…)Era saltar, umas “casas”, jogar a macaca, saltar a corda e essas coisas assim...Era as brincadeiras que nós tínhamos, e os balouços também, eu punha os balouços numa árvore e mesmo eu com uma corda inventava brincadeiras, nunca estava quieta.”</p> <p>“Gostava de ter estudado, que eu fiz a quarta classe e queria seguir. Mas antigamente era assim, como a minha irmã não tinha estudado...os meus pais diziam “como a tua irmã não estudou tu também não vais estudar(…)”</p> <p>“Andei na costura, andei nos bordados também...Para aprender para estar em casa, para sermos donas de casa e sabermos fazer essas coisas todas. Hoje em dia ninguém vai a costura, ninguém faz essas coisas.”</p> <p>“(…)Só no são João é que íamos a bailes”</p>
--------------------------------	------------------	---	--

	Relações amorosas	namorar, tendo conhecido o companheiro num baile, que onde costumava ir com a sua família. Mais tarde voltou a estudar e fez o 6º ano de escolaridade, pois e sempre quis voltar a estudar, contudo não se sentiu realizada com a sua área de formação e não	“(...)sim não íamos sozinhas, antigamente era assim. Depois a minha irmã casou e eu fiquei só...depois comecei a namorar tinha 16 anos.” “Dançávamos la no baile e pronto conhecíamos nos, com a autorização dos pais, eles vinham nos buscar mas se nós não gostássemos não íamos. Depois começou a vir-me buscar. Comecei a simpatizar com ele, comecei a namorar com ele com 16 anos.” “(...)Depois pediu ao meu pai, mas primeiro falou comigo. Depois íamos ao baile, a minha mãe a frente e nós atrás conversando. Íamos a pé. Eu vivia em santa margarida, ainda era longe, e íamos aos bailes ao campo.” “E no verão ia para a praia também com as minhas primas. Tive uma infância feliz, sem dúvida.” “(...)os meus pais diziam “como a tua irmã não estudou tu também não vais estudar” mas por acaso tive pena, até que depois fiz o sexto ano mais
--	-------------------	---	---

Aduldez	estudar	teve oportunidade de tirar o curso de cabeleireira como desejava.	tarde. Senti pena de não ter ido para a frente de não ter conseguido.”
	Casamento	Casou aos 21 anos de idade com o namorado com quem tinha uma relação desde os seus 16 anos.	“(…)Namorei desde dos 16 até aos 20. Quatro anos. Casei aos 20.”
		Teve o seu primeiro filho um ano depois de casar e os segundo passados três anos do primeiro.	“(…)Depois tive o primeiro filho aos 21 anos. Casei e fiquei logo grávida, depois já tinha mais com que me ocupar já não andava tanto. Depois comprou um carro saímos sempre os três.”
	Nascimento dos filhos		“(…)Tive logo o primeiro filho um aninho depois do casamento. Depois o Miguel nasceu ao fim de três anos quase quatro... Três anos... Nasceu em novembro por isso são três anos de diferença, do primeiro filhos para o segundo.”
Emigração para França	Sentia que tinha a sua família construída e queria ter melhores condições económicas bem como o seu marido, então tomaram a decisão e imigraram para a França, juntamente com os dois filhos. Apesar de não falar corretamente francês, diz que compreende bem e que não sentiu dificuldades na adaptação. O seu marido trabalhava como camionista e	“(…)Sou eu. Aqui já com o Miguel e o Jorge. Em França, é verdade, nós tivemos em França quando casamos. Jorge tinha 6 anos e o Miguel tinha 3. Tivemos 3 anos em França, foi uma decisão minha e do meu marido e fomos procurar melhores condições de vida, mas a vida lá era muito casa trabalho e trabalho casa...” “(…)Compreendia, os moços andavam na escola. O Jorge andou na escola e tudo lá. O Miguel andou no infantário. O Todos os papéis que	

	<p>Volta para Portugal</p> <p>Morte do marido</p>	<p>transportava fruta e os seu filhos frequentavam as escola/ infantário.</p> <p>Acabaram por voltar para Portugal, com o motivo de que não havia escola portuguesa na zona de residência para o filhos mais velho.</p> <p>Já em Portugal aconteceu uma grande transição na vida desta senhora aos 38 anos de idade, o seu marido tem um acidente e faleceu.</p> <p>Este foi sem dúvida um acontecimento marcante na vida desta família, que gerou desgosto e revolta.</p> <p>Outro acontecimento que ocorreu devido ao falecimento do marido, foi ter que começar a trabalhar para sustentar os seus filhos, sendo que até há altura era doméstica.</p>	<p>vinham da escola eu compreendia tudo, ainda hoje eu compreendo mas falar é mais complicado.”</p> <p>“(…)lá não havia escola portuguesa para o Jorge, então viemos embora. E ao fim de pouco tempo teve um acidente(…)”</p> <p>“(…)Quando o meu marido faleceu. Tinha 38 anos quando ele faleceu e eu depois fui trabalhar para o lar.”</p> <p>“Se eu visse que não tinha vocação eu tinha saído, mas também estava numa altura que precisava.”</p> <p>“(…)Sim, de ter forças para viver, tinha dois filhos e tinha que lutar por eles.”</p> <p>“(…)Um tinha 13 e o outro 16, também estavam numa idade complicada. Mas eles iam la ter comigo. Quando era o natal iam almoçar ou jantar lá. Os meus patrões sempre foram impecáveis. Sempre fomos uma família.”</p> <p>“(…)O mais velho sim, o mais novo sentia falta mas não tinha assim tanta consciência. Também tentei dar-lhe sempre tudo o que eles precisavam. Ia trabalhar mas deixava sempre tudo orientado. Deixava-lhe a comida logo preparada e tudo se ultrapassou. “</p>
--	---	--	---

	<p>Contexto profissional</p>	<p>A nível profissional, não concretizou o seu sonho de ser cabeleireira, mas após a morte do seu marido iniciou a atividade como auxiliar de geriatria. Indica que começou a trabalhar num lar na sua zona de residência e que foi promovida para supervisora de equipa de uma lar que pertencia há mesma administração.</p>	<p>“Foi um grande choque para mim, nós eramos felizes e eu tinha a minha família e assim fiquei sem o meu marido... foi um altura muito complicada que nunca irei conseguir ultrapassar, e foi certamente o trabalho que me ajudou a voltar a viver, porque tinha que lutar pelos meus filhos.”</p> <p>“(…)Gostava de ser cabeleireira, mas nem isso pude ser…”</p> <p>“(…)andava na costura. Morava em santa margarida e vinha para a costura aqui em Tavira.”</p> <p>“(…)eu depois fui trabalhar para o lar.”</p> <p>“(…)Esta foto já é no lar de são José onde era responsável.”</p> <p>“Sentia-me realizada com aquele trabalho, e em ser importante na vida daquelas pessoas.”</p> <p>“Sentia me bem de estar a ajudar os outros, sentia que era um trabalho</p>
	<p>Significado atribuído a</p>	<p>O trabalho para está senhora era como uma forma de refúgio dos seus problemas pessoais, e era algo a que se entregava totalmente. Tinha uma função muito importante de porto seguro,</p>	

	<p>atividade profissional</p> <p>Relações Profissionais e sociais</p>	<p>promotor o bem-estar social e pessoal.</p> <p>As relações que foram criadas no seu trabalho eram muito fortes e de mútuo apoio, tanto com os utentes do lar como com os colegas d trabalho com quem mantém relações de amizade até aos dias de hoje.</p> <p>As relações ficaram mais distantes quando a equipa cresceu e é referido uma maior possibilidade de conflitos.</p>	<p>valido e com muita dignidade. Acabava por ser bom para mim e para eles. A pessoa para ir para este trabalho tem que gostar do que se faz, se não gostar não vale a pena”</p> <p>“(…)marcou me muito... Como se fosse uma terapia. Eu estava a ficar muito em baixo em casa e fui para lá com as pessoas, dediquei -me ao trabalho e as pessoas também, e senti-me útil.”</p> <p>“(…)Quando entrei para lá, eles todos sabiam da minha situação. Eles sentiam a minha dor e tentavam ajudar me também, sentiam que era uma ajuda também. Eles iam ter comigo, havia uma velhota que ia ter comigo para ver televisão, e para eu nunca me sentir sozinha.”</p> <p>“Houve uma altura em que eramos só dez funcionários era um ambiente familiar a partir que entraram mais pessoas deixou de haver aquela proximidade(…)”.</p> <p>“(…)Foi agora nos últimos anos. Eu depois saí de lá de onde estava e vim para responsável deste lar aqui deste lado... Eu já tinha muitos anos de</p>
--	---	--	---

Velhice	Reforma	Reformou-se aos 67 anos de idade	trabalho e vim como responsável durante 8 anos... Quando começaram a entrar novas pessoas, a equipa começou a crescer e era mais fácil de existir conflitos.”
	Significado atribuído	Para esta senhora a reforma é algo muito positivo, de se sente livre e sem ter a responsabilidade de cumprir horários.	“(...)Foi ótima, porque trabalhei mais dois anos, tive tempo para me preparar que me ia reformar, e agora sinto me melhor porque posso sair com as minhas amigas, posso conviver, o que eu não podia na altura que estava a trabalhar. Tinha que me levantar muito cedo para conseguir estar lá às 8h, era uma vida mais difícil. Agora não, tenho tempo para estar com as minhas colegas e para estar em casa com os meus familiares, tudo isso melhorou. Não senti falta nenhuma porque foi para melhor. Tive dois anos para me preparar.”
	Razões para se reformar	Sentia que já não tinha as mesmas capacidades, e queria ter mais tempo disponível para dedicar a si e há sua família.	“(...)Não, não pedi, tomei essa decisão sozinha. Achei que estava na altura de me reformar e decidi assim.” “(...)Porque a idade já era outra, já custava mais um bocadinho a fazer as coisas.” “(...)Sentia que precisava de conviver e que assim não tinha tempo. Não podia ser só o trabalho, tinha que ter tempo para os meus filhos e os meus netos.”

Fases de Vida do <u>António</u>	Tema/categoria	Inferências	Unidade de registo /excertos
Nascimento	Nasce em Tavira a 17 de Dezembro de 1952.	O pai morre quando a mãe estava grávida de 5/6 meses.	<p>“(…)deve ter sido logo na primeira noite que eu fui arranjado porque eu venho a nascer nove meses depois, exatamente a 17 de dezembro, portanto aquilo foi tiro e queda, só que infelizmente, o meu pai morre em Agosto de 52 com a minha mãe grávida.”</p> <p>“Pois ela não casou, mas juntou-se, pois eu tinha para aí quatro e meio, cinco anos, por aí, pois a minha irmã, eu nasci em dezembro de 52, a minha irmã nasceu em abril de 58 (…).”</p>
	Morte do pai	Aos 5 anos, a mãe junta-se com o padrasto. Como nascimento dos irmãos o padrasto deixa de interagir com ele o que cria um afastamento e conflito familiar entre o padrasto, mãe e Fernando.	<p>“(…)no momento que nasceram filhos, para que não haver diferenças de tratamento que ele não pudesse controlar de uma forma a que não pudesse ser mal visto, ele preferiu ficar de fora. Então deixou de me tratar, nem bem, nem mal.”</p> <p>“Não, ele já não tinha qualquer interatividade, ele era sempre: “Vem cá ver o teu filho, vem cá ver que é que se passa(…).”</p>
	Contexto familiar	Razões como: aligeiramento da relação da mãe do António com o padrasto, dificuldades financeiras e diferenças culturais e educacionais levaram a uma infância/adolescência de transições (madrinha, avó, avô, tios, primos, seminário, África, Portugal).	<p>“Depois daí a um ano e pouco nasceram irmãos, portanto tenho uma irmã em Abril de 58 tenho um irmão em Agosto de 59.”</p> <p>“(…)e eu fui ficando em casa da madrinha, em casa da professora em casa da vizinha, em casa da avó, em casa não sei de quem (…).”</p>
	Frequentes transições	António sentia-se como um peso para os seus familiares, e andava em constante mudança de residência e de encarregados de	<p>“Só que em Fevereiro da minha segunda classe, portanto em Fevereiro de 61, estava eu na segunda classe, a meio do ano letivo dá-se o levantamento da luta armada contra o estado português, a que nós chamamos o terrorismo(…). Pega-se no António e manda-se o António para Portugal, para casa dos avós, porque aqui não há segurança(…).”</p> <p>“(…)a minha avó morre no dia 4 ou 5 de Outubro do ano a que eu tinha acabado de chegar para começar a escola.(…)fiquei em casa de um tio e de uma tia, que moravam ao lado do meu avô, porque o meu avô sozinho</p>

<p>Infância e adolescência</p>	<p>O seminário</p>	<p>educação.</p> <p>O seminário é das experiências mais marcantes e importantes do ponto de vista educacional e pessoal</p>	<p>não tinha condições para ficar comigo(...).”</p> <p>“(...)a guerra percebeu-se que tinha vindo para ficar, e aqui não haviam condições porque o meu tio, a vida não era fácil, e pegaram em mim, mandaram-me embora, outra vez, lá vou eu.”</p> <p>“(...)o que é que eu faço ao Antóninho ,o que é que eu faço ao Antóninho ,ele é bom aluno, é inteligente, ele tem que continuar os estudos e eu não posso, eu não tenho dinheiro (...).”, “(...)o Antóninho vai para o seminário (...).”</p> <p>“Chego ao seminário, vou à procura do padre reitor, e ele não estava no gabinete dele, do reitor, estavam a fazer obras no seminário, uns dormitórios no lado esquerdo, e eu vou à procura dele, e ele estava lá a orientar as obras e eu chamei por ele, ele olhou para trás e disse:“ah,és tu? Agora é que chegas? Então pelo mesmo caminho que chegaste podes partir(...). Voltou a fechar e foi para as obras, e pronto, assim me abandonou em plena África, em 1966, com 13 anos.”</p> <p>“(...)voltei no comboio para casa e pronto(...).”, “A minha mãe ia enlouquecendo, “O que é que eu faço de tí?”</p> <p>“Bem, meteram-me num barco e mandou o António para Portugal outra vez.” “Para casa do avô, que já vivia com a irmã da minha avó (...).”</p> <p>“A minha tia lá de dentro dizia-me“olha não poss o abrir, o teu avô não permite, chegaste atrasado, não cumpriste com o horário, não podes entrar não te posso abrir a porta.”Tinha eu ai 13 anos, não estava a fazer nada na vida, isto eram poucos dias antes, primeiros dias de dezembro, eram poucos dias. Que é que faço, vou bater à porta do meu tio(...).”</p>
---------------------------------------	--------------------	---	--

	<p>Relações amorosas</p>	<p>Com 13 anos de idade com gestos de afetividade com um professor do Seminário. Decidiu contar ao seu amigo e à sua irmã que também se sentia atraído por rapazes.</p> <p>Em 82 junta-se com um rapaz com quem partilhou casa durante</p>	<p>“(…)estive lá portanto com 14 anos acabados de fazer, fizos 15 e em janeiro de 68, portanto acabados de fazerem dezembro de 67 os 15, saí porque em dezembro de 67 (…)”</p> <p>“Comecei a viver sozinho com 15 anos acabados de fazer um mês antes (…).”</p> <p>“Fiquei cá a viver em casa dela até aos meus 18 anos, quando eu tinha 18 anos a minha mãe veio a Portugal passar um ano letivo com os meus irmãos, foi viver para a casa que estava aluga da que era dela, desalugou-se e ela foi para lá viver e eu saí do quarto e fui viver com ela.”</p> <p>“(…)eu acho que o seminário talvez tenha sido o momento mais importante daquilo que é a minha pessoa, como ver-me, ver o outro mundo, não sei, acho que me mudou mais que a família e tudo o resto (…).”</p> <p>“(…)havia portanto professores que não eram padres, mas que eram alunos dos seminários maior, e foi lá que eu travei conhecimento com um deles, eu devia ter uns 13 anos, talvez, quase 13, de 12 para 13 e ele teria os seus 18 ou 19, não sei, por aí, e aí começámos num relacionamento mais afetivo, e creio que foi aí que tive consciência do que é um pai, ou pelo menos indiretamente, a sentir falta do que é um pai, acabei por ser atraído para uma relação mais próxima.”</p> <p>“Daí, que se calhar quando eu tinha 17 anos ter dito ao meu melhor amigo o que se passava, e à minha irmã de 14 anos.”</p> <p>“Então como é isso? Tanto podes viver com uma mulher como com um homem?”, “Nós fazemos opções pelas pessoas não pelo bocado de carne, pela genitália exclusiva. Gostamos das pessoas por razões que não sei bem explicar e não pela parte sexual.”</p> <p>“Em 82 conheci um rapaz que acabou por ir viver lá para casa comigo, para aí uns 5 dias depois de o conhecer, ficou lá a viver, só disse a minha mãe “olha mãe o Francisco vai ficar aqui a viver” e ela perguntou-me “Vai</p>
--	--------------------------	--	--

<p>Aduldez</p>	<p>Reforma</p>	<p>António via o seu trabalho no aeroporto, apenas como uma fonte de rendimento.</p> <p>A criação de uma associação (MAPS), é algo o deixava realizado e completava enquanto ser humano. O gosto por ajudar os outros e ao mesmo tempo lutar contra o preconceito que existia sob a homossexualidade era algo que marcava a sua vida.</p> <p>A primeira vez que equacionou reformar-se foi aos 53 anos de idade, devido às dificuldades financeiras que a empresa (TAP) estava a passar. Decidiu analisar o que era mais vantajoso a nível financeiro para si e solicitou uma simulação que deu origem na sua reforma efectiva.</p> <p>Nunca se arrependeu de se ter reformado, e nunca sentiu que não tinha o que fazer.</p>	<p>sociedade ligada à homossexualidade.”</p> <p>“Para mim a reforma seria uma coisa normal aos 60 e poucos anos...”</p> <p>“(…)ouvíamos dizer que a empresa estava em dificuldades, que aquilo ia fechar, mas eu desde que fui para a TAP em 70, que diziam que a TAP ia fechar(…)”</p> <p>“(…)aconselharam-me a pedir a simulação, eu pensei pois, está bem, não perco nada a pedir a simulação e foi assim de repente, eu não tinha nunca equacionado parar de trabalhar, pois não me sentia canso, nem descansado, nada de nada ...”.</p> <p>“(…)fiz contas entre aquilo que eu trazia para casa no bolso e mais aquilo que me disseram que me davam e fiz contas entre a gasolina que gasto a comida que tenho que levar todos os dias, ou comer lá e também o desgaste psicológico da idade, penso, não, a diferença efetivamente não compensa continuar a trabalhar, se eu tenho esta hipótese.”</p> <p>“Eu lembro-me que na altura quando eu pedi a simulação, e que depois aceitei, houve quase que 50% dos meus colegas que me diziam “ há tas doído, és muito novo com 53 anos, e vais-te reformar, tu vais enlouquecer, depois não tens nada para fazer, vais te aborrecer, vão-te dar depressões e aparecem doenças, porque as depressões estão escondidas e trazem doenças físicas e que isto é aquilo”, bem diziam muitas coisas(…)”</p>
-----------------------	----------------	---	--

Velhice			<p>“Para ser sincero não houve dia nenhum, nenhum mesmo que eu dissesse “oh que chatice, devia estar agora no aeroporto a trabalhar”.</p>
----------------	--	--	---

Fases da vida: <i>Marta</i>	Tema/ Categoria	Inferências	Unidade de registos/ excertos
Nascimento	<p>Nasce em Vila Nova de Cerveira em 1970</p> <p>Contexto familiar</p>	<p>Marta fala das suas origens com muita mágoa, devido ao seu percurso.</p> <p>Têm 3 irmãs duas mais velhas, que não vê há muito tempo, e uma mais nova com a qual é a única com quem mantém relações. O seu contexto familiar é descrito como pouco harmonioso, sendo que o pai era alcoólico e já faleceu, a mãe era única a sustentar a família como professora primária.</p>	<p>“(…)lá na terriola de onde eu sou oriunda, Vila Nova de Cerveira, aquela terrinha que eu prefiro esquecer...Alto Minho, muito bonita enquanto terra mas as pessoas enfim, nada é perfeito(…)”</p> <p>“(…)e eu estava na minha inocência dos meus 7 ou 8 anitos, isto nos anos 70, portanto eu nasci em 1970, ou seja, com 7 ou 8 anos ainda era muito próximo do antigo regime...(…)”.</p> <p>“(…)éramos as 4 irmãs (uma com 5 e outra com 7 anos a mais que eu, eu e a mais novinha que é 2 anos mais nova que eu)(…)”</p> <p>“(…)a minha irmã mais velha tem algo contra mim(…)”</p> <p>“(…)Do meu pai infelizmente levei uma sova valente sem justificação absolutamente nenhuma,</p>

Infância e adolescência	Escola primária (ter a mãe como professora)	Descreve a sua entrada na escola como algo negativo onde tinha na mesma pessoa a sua mãe e professora primária.	<p>exceto que ele estava embriagado, mas isso...enfim, fez parte(...)"</p> <p>"(...)eu sou filha de uma professora primária, que era professora da aldeia"</p> <p>"(...). A minha mãe tem hoje Graças a Deus 82 anos, muito benzinhas, apesar de todas as vicissitudes da vida complicada que teve e de criar 4 filhas sozinhas, porque o meu pai...enfim, só fazia disparates(...)"</p> <p>Desta forma eu tive na mesma pessoa a mãe e a professora primária, o que é horrível!É horrível! Especialmente no meu caso, não que o meu caso tenha sido o mais horrível do mundo, mas foi muito mau.</p> <p>"(...)para dar exemplo e porque ela a mim me castigava mais severamente que aos outros, o que é horróroso!(...)"</p>
--------------------------------	---	---	---

	<p>25de Abril de 1975</p> <p>Relações sociais na escola</p>	<p>Três anos após o 25 de Abril, Marta ainda era uma criança e possui alguns recordações de repreensões que teve pela sua inocência no contexto histórico.</p> <p>Recorda-se de alguns momentos/ brincadeiras menos boas com colegas, referido que isso acontecia por ser menos bonita que as outras meninas.</p>	<p>“(…) eu estava na minha inocência dos meus 7 ou 8 anitos, isto nos anos 70, portanto eu nasci em 1970, ou seja, com 7 ou 8 anos ainda era muito próximo do antigo regime...então eu inocentemente estava a cantar “uma gaivota voava, voava...”.Isto era inverno, aquela senhora usava pantufas e eu não a ouvi de lado nenhum e ela espetou-me um estaladão enorme do nada(…)”</p> <p>“Lembro-me de uma altura para aí no equivalente ao que é hoje o 5º ou 6º ano e que na altura era o ciclo preparatório, que era a transição da escola primária e o equivalente ao liceu, de haver um estafermo de um colega que tinha a mania de ser parvo com as miúdas, como todos tinham naquela altura e ainda hoje têm. Hoje chama-se <i>bulling</i>, naquela altura chamava-se outra coisa qualquer, ou seja, quase toda a minha geração e principalmente as meninas que eram menos bonitas e com menos</p>
--	---	---	--

	Percepção da própria imagem	Possuía uma baixa autoestima, e falta de confiança nas suas capacidades.	corpo sofriam com isso.”
	Morte do Tio Viriato	Como recordação negativa de um momento em família recorda-se da morte do seu tio, que lhe era próximo e como tinha muito boa relação.	“(…)Eu sempre fui a menina que não tinha formas, a menina que não tinha mamocas, a menina que não era bonita nem muito inteligente(…)”
	Abandono escolar	Tendo em conta que nunca foi para Marta um prazer ir à escola, quando chega ao 9º ano de escolaridade, decide interromper essa fase da sua vida.	“Lembro-me também do funeral de um tio meu e de quem gostava imenso, o meu tio Viriato, que era o único irmão que o meu pai tinha, e que se hoje fosse vivo já teria 80 e alguns anos.”
	Reingresso na escola	Volta para a escola num contexto pós laboral noturno, onde termina o 12º ano de escolaridade.	“(…)No 9º ano temos que escolher se temos vocação para letras ou outra coisa e eu fiz o que se chama hoje de humanidades. No 9º ano pensei “não quero mais disto”, desisti de estudar e disse aos meus pais.”
			“(…)Depois... a minha irmã mais velha disse-me que ia haver regime noturno (talvez tenha sido a única coisa boa que ela fez por mim), e eu pensei “olha,boa!”... então eu com 16 anos era a mais

Aduldez	<p>Primeiro Trabalho</p> <p>Diversas Transições profissionais</p>	<p>O seu primeiro trabalho em contexto administrativo nos Bombeiros da sua terra natal.</p> <p>Possui uma forte instabilidade no seu percurso profissional, tentando sempre procurar as melhores opções e trabalhos onde se sentisse realizada, o que acabou por gerar alguns altos e baixos na sua vida. Refere ser sempre a melhor profissional que conseguia, mesmo quando não gostava da função que desempenhava. Tinha o sonho de ser enfermeira, o que não se realizou e onde se sentiu mais útil foi nas funções de auxiliar de fisioterapia. A sua última função antes da entrada na reforma foi de taxista, e refere ser que se sentiu feliz nessa profissão pelo fato de conhecer pessoa e lugares que nunca tinha tido a</p>	<p>nova da turma(...)"</p> <p>"(...)Ou seja, fiz o 12º ano em regime noturno, e fiz ao mesmo tempo o 10º e 11º ano só de história... Fiz por frequência porque por exame não valia a pena.(...)"</p> <p>"(...)tinha 19 anos e o primeiro trabalho que tive foi ao abrigo de um programa designado de OTJ – Ocupações Temporárias de Jovens.Foi o meu primeiro trabalho remunerado durante 9 meses nos bombeiros voluntários."</p> <p>"(...)Entretanto soube de uma empresa que estava a precisar de uma secretária e eu fui a secretária de direção(...)"</p> <p>"Entre 1992 e 1995 eu trabalhei como técnica auxiliar de fisioterapia no Hospital."</p> <p>"Aos 27 anos fui empregada doméstica interna(...)Eu até 1997 fui empregada interna, mas dizia à minha mãe que era dama de companhia, que</p>
----------------	---	---	--

		<p>oportunidade antes. A profissão que menos lhe agradou foi trabalhar numa fábrica de peças de automóvel, talvez pelo fato de ter sido obrigada pela sua mãe, e pelos perigos que a profissão tinha.</p>	<p>era coisa que a minha mãe valorizava muito. Isto porque, antigamente uma tia ricaça que a minha mãe teve achava que uma senhora do bem tinha de ter uma dama de companhia”</p> <p>“Até 2000 fui radialista e fazia de tudo, desde reportagem, angariação de publicidade, <i>spots</i> publicitários com outros colegas, era jornalista, fazia as notícias, procurava notícias, entre outras coisas... Trabalhava de Domingo a Domingo sem horário de saída.”</p> <p>“Aos 31 anos a minha mãe obrigou-me a ir trabalhar para uma fábrica de corte e dobragem de peças para carros.”</p> <p>“Entretanto o meu pai tinha um amigo que inspecionava carros, que lhe falou no curso de inspecionador de automóveis e eu achei aquilo uma boa ideia. Na altura, para sair daquela fábrica, teria assinado a própria centena de morte. Então eu venho para Lisboa, porque só havia a formação</p>
--	--	---	---

	<p>Acidente de viação</p>	<p>Teve um acidente no carro que conduzia, após o fim do seu trabalho como auxiliar de fisioterapia, que lhe impediu de sair de casa durante algum tempo, dizendo sentir ainda algumas sequelas.</p>	<p>teórica no CEPRA, e faço o curso teórico (...) Enquanto inspetora do IPO de automóveis... Se eu soubesse no que me ia meter nunca tinha feito a formação. Uma coisa é o que nos vendem e outra é a prática, e a corrupção é terrível! Não há dinheiro que me pague eu deitar a cabeça na almofada e dormir sem qualquer ajuda de fármacos, ou seja, de forma natural...”</p> <p>“ (...) E entretanto arranjei trabalho numa BP e estive como funcionária da BP durante quase quatro anos, até que decidi que não queria continuar por ali, por vários motivos.”</p> <p>“(…)Ou seja, qualquer pessoa pode ser motorista de táxi e é uma profissão extremamente interessante, porque é muito variado o tipo de pessoas que se transportam.”</p> <p>“Em 1995, tinha eu 25 anos, tive um acidente de carro e meti baixa(…)”</p>
--	---------------------------	--	--

	<p>R e l a ç õ e s a m o r o s a s</p>	<p>A sua vida afetiva foi desde terra idade muito conturbada, começando pelas suas relações familiares e depois mais tarde nas suas relações amorosas com os seus ex. companheiros. Não teve um percurso dito como “normal” de casar e ter filhos, até porque refere que é infértil, e as suas relações eram muito fugazes. Atualmente encontra-se sozinha no que diz respeito a relações amorosas, tendo saído recentemente de uma relação onde sofreu de violência doméstica.</p>	<p>“O carro entortou todo. Eu para me desviar do senhor que deixou o carro ir a baixo ia-me matando e fiquei com uma sequelazinha na coluna dorsal, que até hoje se alguém me der um encontrão eu fico ali com aquela dor.”</p> <p>“(…)Tive que pedir aos 16 anos para ter namorado. Pedi à minha mãe e ela proibiu-me sequer de ser vista de mão dada, senão levava um excerto de porrada.”</p> <p>“(…)o menino da mamã e que terminou a relação comigo porque a mãe não gostava de mim, porque eu não tinha nem sobrenome, nem dinheiro(…)”</p> <p>“(…)Aos 18 anos tive um namorado, que esperou que eu fizesse 18 anos porque tinha sido o meu professor de história. Ele era 7 anos mais velho que eu(…)”</p> <p>“(…)Entretanto, entre os 19 e 22 anos de idade vivi com um homem que foi o primeiro fulano que me</p>
--	--	---	--

	Relações familiares conturbadas	Marta demonstrava uma grande instabilidade emocional e nas suas relações profissionais que foram interpretadas pelos seus familiares mais próximos como Bipolaridade.	<p>sujeitou a violência psicológica(...)"</p> <p>"(...)Isto é uma coisa muito recente, foi há meia dúzia de dias(...)Fui morar para a Margem Sul, onde fui encerrar um capítulo pessoal de violência doméstica (...) Eu não tencionava queixar-me, mas no dia seguinte a sair de casa eu percebi que iria haver uma atitude persecutória e percebi que não iria conseguir sozinha. Não é vergonha pedir ajuda! Vergonha é percebermos que precisamos de ajuda e ficarmos armados em heróis, ou então em tontos, em que perdoamos, perdoamos, perdoamos e nada... Não! Para já, nunca lhe perdoei determinadas coisas que ele fez... depois isto fugiu-me das mãos e tive que procurar ajuda. Agora é esperar pelo processo jurídico-legal, que há-de decorrer com o seu tempo (...)</p> <p>"(...)Portanto, em 2004elas meteram na cabeça que eu era bipolar e levaram os meus pais a tentar internar-me compulsivamente. Ora, imagine o que é</p>
--	---------------------------------	---	---

	Tentativa de suicídio	A falta de apoio familiar que era sentida por Marta associada a um problema de assédio sexual no trabalho (rádio) levaram Marta a tentar por fim à sua vida.	<p>estar com os seus amigos no Alentejo e ser interpelada pela polícia. Eu achei estranho. Perguntei se era alguma multa e disseram que tinha que os acompanhar, que era uma notificação de que os meus pais me queriam internar compulsivamente(...)"</p> <p>"(...)Porque as doutoradas das minhas irmãs achavam que o meu comportamento era bipolar. Elas que até são doutoradas em psicologia e psiquiatria... entenderam fazer-me o diagnóstico de bipolaridade e arruinaram a minha vida aos 34 anos."</p> <p>"Um belo dia a dor era tanta que eu peguei em 18 comprimidos da minha mãe e tomei-os. Na altura eu trabalhava na rádio e, como aquilo era a dois quilómetros de casa, ia almoçar a lá todos os dias. Aproveitava para dormir uma sestazinha naquela hora e colocava o despertador. Tinha x tempo para</p>
--	-----------------------	--	--

Entrada na reforma	Mudança de Cidade	Marta vem viver para lisboa, e inicia o seu percurso profissional como motorista de táxi, para fugir aos seus problemas com a família e ser mais independente.	chegar ao trabalho às 14:00, para começar os discos pedidos na rádio. Como às 14:00 eu não apareci e às quase 15:00 eu não estava lá, um colega meu ligou para casa dos meus pais e foi quando eles me encontraram na cama.”
	Morte do pai	Quando o seu pai faleceu marta já residia em Lisboa, e foi avisada através de um telefonema da sua mãe.	“(…)sendo que o meu pai faria 80 anos este ano se fosse vivo, uma vez que ele morreu há um ano e pouco.”
	Significado atribuído a atividade profissional	Marta sentia que a sua profissão fazia parte da pessoa que era, pois aquilo que fazia profissionalmente interferia diretamente ou indiretamente na sua vida pessoal.	“(…)a nossa profissão é um bocadinho aquilo que nós somos. Quer queiramos ou não faz um bocadinho parte de nós...Gostemos ou não gostemos!”
	Reforma	Reformou-se no início do ano 2017.	“(…)Já estou na minha reforma por questões de saúde, porque tenho crises de inflamação nas

	<p>Significado da Reforma</p>	<p>A reforma é para Marta como um chegar de uma fase onde a vida é realmente vivida em liberdade, fazendo o que mais gosta, e tendo tempo para a sua vida social. Refere que a reforma não significa deixar de ser ativa, mas ter uma atividade sem regras, pré-estabelecidas por alguém exterior.</p>	<p>articulações, em que não consigo mexer um ombro ou uma mão.”</p> <p>“(…)Olhe, está na melhor fase da vida! Primeiro: já lá chegou e eu nem sei se lá chego. Segundo: agora tem tempo para fazer aquilo que quer e bem lhe apetece e ainda lhe pagam para isso.”. Para mim isto é um bocado aquilo que representa a reforma, porque eu mesmo, reformada ou aposentada, chamem-lhe o que quiserem, eu tenciono ser uma pessoa ativa. Não tenciono ser aquela pessoa que vai para o jardim jogar às cartas só para não sentir a solidão das quatro paredes de casa. Não tenciono ser aquela velhinha que vai para o <i>atelier</i> fazer rendas porque não consegue estar em casa sozinha.”</p> <p>“(…) Ou seja, não foi de todo pensando e não me passava pela cabeça reformar-me antes dos 50. Pelo contrário, pois eu tive algumas fases de desemprego e dizia sempre que “Eu para ter uma reforma por inteiro ia trabalhar até aos 80 anos”(…)”.</p>
	<p>Preparação para a reforma</p>	<p>Não teve uma preparação para a reforma, aconteceu como algo inesperado, tomando essa decisão devido a problemas de saúde que não lhe deixaram alternativa.</p>	

	<p>Medos após reforma</p>	<p>O medo sentido por Marta advém do seu problema de saúde, que a levou a entrar na reforma. Marta tem medo de deixar de ter qualidade de vida e de sofrer perdendo a sua autonomia.</p>	<p>“(…)Por muito que eu goste de estar sozinha em casa, e convivo muito bem comigo mesma e com a solidão, eu não tenho medo nem da velhice, nem da solidão. Tenho medo é da incapacidade! Isso tenho! Tenho receio do sofrimento, que se um dia as voltas da vida mudarem e vir que só me estão a prolongar sofrimento e sem a qualidade de vida, que eu tenho como qualidade de vida para mim, eu espero ser das pessoas a que autorizem a eutanásia, porque autorizada ou não eu hei de tê-la.”</p> <p>“(…)Não de identidade, mas de personalidade e reafirmação. Eu digo há muitos anos que a natureza é perfeita, e é(…)Porque agora finalmente posso fazer aquilo que eu quero e não aquilo que me dizem para fazer. Eu passei a vida toda de um lado para o outro, a fazer aquilo que as circunstâncias me permitiam, ou que me era imposto. Eu cheguei há uns anos a dizer que “eu não tenho que”, exceto no meu trabalho em que tenho que fazer isto e aquilo,</p>
	<p>Reconstrução identitária</p>	<p>Marta sente que ocorreram transformações na sua personalidade, tendo encontrado necessidade de se reafirmar enquanto pessoa e nos seus papéis sociais.</p>	

	<p>Uma frase que caracterize a fase da reforma</p>	<p>Marta sente-se realizada na sua nova fase da vida, tendo muitos objetivos para o seu futuro que é visto numa perspetiva otimista.</p>	<p>fora isto não me venham com o “ter que”.”</p> <p>“(…)Finalmente cheguei onde quero e vou para onde quero.”</p>
--	--	--	---

Transcrição das entrevistas biográficas:

Entrevista da senhora Margarida

Entrevistadora: Vamos começar então por falar um bocadinho, perceber um pouco da sua história de vida. Portanto, a minha dissertação como já lhe tinha dito antes, trata-se de perceber o processo de transição para a reforma. E fiz algumas escolhas de pessoas do sexo masculino e feminino, os quais vou entrevistar para perceber as suas histórias de vida. Apesar de querer saber mais sobre a passagem à reforma é necessário saber um bocadinho do percurso de vida para perceber depois como é que foi a transição. Queria fazer-lhe algumas perguntas mas que comesse a falar um bocadinho sobre a sua infância.

Margarida: A minha infância foi uma infância feliz, vivia com os meus pais, eles trabalhavam e era uma infância normal, ia para a escola e depois à noite estávamos juntos, era normal, vida de trabalho da parte deles.

Entrevistadora: Sempre viveu cá em Tavira?

Margarida: Não, vivia em Santo Estêvão, a freguesia de Santo Estêvão pertence a Tavira.

Entrevistadora: Portanto, vivia em Santo Estêvão com os seus pais. Que recordações tem dos seus pais?

Margarida: Eram meus amigos, eram bons para mim e eles coitados não podiam mais porque trabalhavam, não podiam dar-me mais atenção, mas naquilo que eles podiam nada me faltava não. Tinha uma irmã, brincávamos as duas e era uma vida assim normal.

Margarida: A sua irmã era da sua idade?

Entrevistadora: Não, mais velhas três anos

Entrevistadora: Mais três anos...ela estudava na altura? E era ela quem cuidava de si?

Margarida: Ela é que cuidava de mim, claro. Fazíamos as tarefas de casa as duas porque os meus pais trabalhavam, porque a vida era mais difícil, se não se trabalhasse...

Entrevistadora: Os seus pais trabalhavam em que atividade?

Margarida: Trabalhavam no campo, e a minha irmã ficava comigo, ficava a cuidar da lida da casa e eu ajudava-a. Os meus pais tinham poucas possibilidades mas nunca nos faltou nada.

Entrevistadora: Ela é que cozinhava?

Margarida: Sim, sim, íamos buscar água aos poços que haviam antigamente, tirávamos com cântaros que havia, íamos as duas em cima de uma burra e era feliz nessa altura, era a infância que nós tínhamos.

Entrevistadora: Nessa altura, portanto, vivia apenas com os seus pais e com a sua irmã, que era uma irmã mais velha. Como é que era o seu ambiente familiar?

Margarida: Era bom, vivia feliz porque era a vida que nós tínhamos, e eramos humildes mas felizes e unidos. Os meus pais sempre se deram bem e isso é bom para nós enquanto filhas. Os meus pais eram naturais de Santo Estêvão e passei lá toda a minha infância.

Entrevistadora: Porque é que acha, que era feliz, dê-me exemplos de coisas que a deixavam feliz quando pequenina.

Margarida: Deixava-me feliz porque tinha os meus pais que eram meus amigos, porque eram bons para mim, porque eu brincava com a minha irmã, e era feliz, na medida do possível.

Entrevistadora: Conte-me por exemplo, como eram os natais lá em casa.

Margarida: Os natais sempre foram com a família sempre junta. Nesse dia de natal juntam-se os avós, os primos, era um convívio familiar, sempre, desde sempre que os natais na minha casa sempre foram festivos.

Entrevistadora: Era na casa dos seus pais?

Margarida: Nessa altura sim, os avós, os tios, sempre foi um convívio.

Entrevistadora: Os avós viviam perto de si?

Entrevistadora: Viviam perto da casa dos meus pais, mas juntavam-se todos na casa dos meus pais.

Entrevistadora: E os aniversários? Os seus aniversários como eram?

Margarida: Isso é que não ligava tanto, sim comemorava-se, a minha mãe fazia um bolo ou uma comida diferente, mas não se chamava a família, era sempre em casa, uma coisa pequena.

Entrevistadora: Tem fotos de aniversários, ou do natal?

Margarida: Não, nessa altura não se tiravam fotos.

Entrevistadora: Costumava fazer árvore de natal?

Entrevistadora: Não, era mais era o presépio, que eu apanhava lá no campo os musgos e eu e a minha irmã fazíamos o presépio, isso é que fazíamos...

Entrevistadora: Houve, alguma prenda, mesmo apesar de não ter recebido muitas prendas, recebeu alguma que tivesse sido mais importante ou marcante?

Margarida: As prendas quando era miúda... nós levantamo-nos... por exemplo, deitávamo-nos e a partir da meia-noite levantamo-nos a correr que era quando vinha o pai natal... eh eh eh ... Era uma camisola interior, era... nessa altura, à sessenta anos, tenho sessenta e nove... era uma moedinha...

Entrevistadora: Qual foi a prenda que mais gostou?

Margarida: A prenda que mais gostei... foi um cisne com bombons... Foi a primeira prenda que tive sem ser roupa, que os meus pais compravam era roupa.

Entrevistadora: Foi a prenda que mais a marcou? Isso no natal certo?

Margarida: sim!

Entrevistadora: E no aniversário?

Margarida: Era sempre roupa, era sempre a mesma coisa...

Entrevistadora: Portanto, avançando, depois, passou para a escola primária, a sua irmã já andava na escola primária, certo?

Margarida: Andei em Santo Estêvão na escola até à terceira classe depois vim para Santa Margarida, para a escola, completei a quarta classe, depois fui para a costura e ajudava os meus pais.

Entrevistadora: Gostava de andar na escola?

Margarida: Gostava, até que depois ainda fiz o sexto ano, já depois de casar.

Entrevistadora: Portanto, a experiência é positiva não é?

Margarida: Sim, sim...

Entrevistadora: Lembra-se de algum professor que a tivesse marcado durante o seu percurso escolar?

Margarida: Não

Entrevistadora: Às vezes há aqueles professores que nós gostamos mais ou gostamos menos...

Margarida: Não, eu gostava... Só que só tive uma professora...Tive uma em Santa Margarida outra em Santo Estêvão, quando voltei a estudar e já era casada...

Entrevistadora: E gostava dela? Dava-se bem com ela?

Margarida: Sim eu gostava da escola, eu adorava a escola...

Entrevistadora: E lembra-se de alguma brincadeira que tivesse na escola, com os amigos que a tivesse marcado até hoje?

Margarida: Não, eram as brincadeiras normais da altura.

Entrevistadora: E como eram as brincadeiras da altura?

Margarida: Jogávamos, chamava-se manecas nessa altura.

Entrevistadora: Manecas? E como é que era?

Margarida: Era saltar, umas “casas”, jogar à macaca, saltar à corda e essas coisas assim...Era as brincadeiras que nós tínhamos, e os baloiços também, eu punha os

baloiços numa árvore e mesmo eu com uma corda inventava brincadeiras, nunca estava quieta.

Entrevistadora: Havia mais coisas para fazer se calhar do que hoje?

Margarida: Sim, nós brincávamos, eram mais saudáveis. Nós inventamos brincadeiras. Tanto que havia lá uma árvore e eu pus aquela corda com uma almofada e ali brincava não precisava muita companhia. A minha irmã às vezes vinha-me empurrar mas mesmo sozinha me divertia.

Entrevistadora: Também havia muito mais liberdade e não haviam tantos perigos.

Margarida: Sim eram muito mais saudáveis. Agora é só telemóveis, nessa altura, ninguém tinha telemóveis.

Entrevistadora: Tinha algum amigo no tempo de infância que a tivesse marcado?

Margarida: Não, era mais a minha irmã, brincava mais com a minha irmã. E as colegas da escola sim, eu era amiga de todas brincávamos lá na escola.

Entrevistadora: Há alguma com quem ainda se relacione até hoje, que seja por exemplo sua vizinha?

Margarida: Não, há amigas que conversamos quando nos encontramos mas não...

Entrevistadora: Não há assim nenhuma grande proximidade?

Margarida: Não...

Entrevistadora: Relativamente, também, à escola qual era a importância que a sua família lhe atribuía?

Margarida: Gostavam que eu aprendesse, mas eu sempre consegui os objetivos, passei todos os anos, gostava da escola e gostava de aprender.

Entrevistadora: Nessa altura tinha muitos sonhos?

Margarida: Não, nessa altura só pensava em brincar e também era muito distraída.

Margarida: Gostava de ter estudado mais? Gostava de ter tirado algum curso?

Margarida: Gostava de ter estudado, que eu fiz a quarta classe e queria seguir. Mas antigamente era assim, como a minha irmã não tinha estudado... os meus pais diziam “como a tua irmã não estudou tu também não vais estudar” mas por acaso tive pena, até que depois fiz o sexto ano mais tarde. Senti pena de não ter ido para a frente de não ter conseguido.

Entrevistadora: Qual era a profissão que gostava de ter seguido?

Margarida: Gostava de ser cabeleireira, mas nem isso pude ser... Andei na costura, andei nos bordados também... Para aprender, para estar em casa, para sermos donas de casa e sabermos fazer essas coisas todas. Hoje em dia ninguém vai à costura, ninguém faz essas coisas.

Entrevistadora: É por isso também que hoje há menos casas abertas a nível de costura...

Margarida: Nessa altura as miúdas mesmo que fossem estudar tinham sempre o tempo para a costura.

Entrevistadora: Por exemplo em casa com a sua irmã, com me disse que a sua irmã era a pessoa mais próxima de si. Costumavam sair juntas? Que é que faziam juntas?

Margarida: Estávamos em casa, ela era dona de casa, quando a minha mãe saía eu ajudava.

Entrevistadora: Não saíam à noite, não iam a bailes?

Margarida: Só no São João é que íamos a bailes.

Entrevistadora: E os pais?

Margarida: Sim não íamos sozinhas, antigamente era assim. Depois a minha irmã casou e eu fiquei só... depois comecei a namorar tinha 16 anos.

Entrevistadora: Como é que se conheceram?

Margarida: Nos bailes. Era o nosso divertimento... era os bailes.

Entrevistadora: Então iam aos bailes, iam era com os pais era?

Margarida: Sim, sim, nunca íamos sozinhas.

Entrevistadora: Como é que era antigamente para namorar, para estarem juntos?

Margarida: Dançávamos lá no baile e pronto conhecíamos-nos, com a autorização dos pais, eles vinham-nos buscar mas se nós não gostássemos não íamos. Depois começou a vir-me buscar. Comecei a simpatizar com ele, comecei a namorar com ele com 16 anos.

Entrevistadora: Pediu-lhe a si para namorar ou falou com o seu pai?

Margarida: Depois pediu ao meu pai, mas primeiro falou comigo. Depois íamos ao baile, a minha mãe à frente e nós atrás conversando. Íamos a pé. Eu vivia em Santa Margarida, ainda era longe, e íamos aos bailes ao campo.

Entrevistadora: Onde é que era?

Margarida: Era no prego, era no Alto, era na luz, em vários sítios...

Entrevistadora: Ainda era um bocadinho..., do prego até Santa Margarida ainda é um bocadinho.

Margarida: Nós íamos muitas, às vezes no verão era em Tavira.

Entrevistadora: Ia com a sua mãe, com o seu pai, e a sua irmã na altura já era casada?

Margarida: Sim, mas o meu pai ficava em casa. Ia a minha mãe sempre, ela adorava os bailes também.

Entrevistadora: Divertia-se também e ia cuidar de si...

Margarida: E no verão ia para a praia também com as minhas primas. Tive uma infância feliz, sem dúvida ...

Entrevistadora: Quanto tempo é que namorou?

Margarida: Namorei desde dos 16 até aos 20. Quatro anos. Casei aos 20.

Entrevistadora: E vieram morar juntos para Tavira?

Margarida: Sim, não aqui nesta casa, viemos para outra casa além ao pé da Rua das Capacheiras.

Entrevistadora: Portanto, foi também o único amor da sua vida? Nunca teve outro amor?

Margarida: Não, normalmente as raparigas nessa altura não, se namorava um rapaz os moços já as punham de lado.

Entrevistadora: E como é que ele a pediu em casamento?

Margarida: Isso já não me recordo, pensámos os dois. Ele foi, para a tropa, foi para Ultra-mar e quando veio pensámos entre os dois e casámos.

Entrevistadora: Depois casaram pela igreja?

Margarida: Sim,sim.

Entrevistadora: Depois de casada, continuava a ir aos bailes?

Margarida: Ia com o meu marido já nessa altura mas já não era tanto, depois. A pessoa quando é solteira vai mais. Ele gostava de estar em casa, passávamos mais tempo em casa. Depois tive o primeiro filho aos 21 anos. Casei e fiquei logo grávida, depois já tinha mais com que me ocupar já não andava tanto. Depois comprou um carro saíamos sempre os três.

Entrevistadora: Não tirou logo a carta de condução?

Margarida: Ele tirou quando veio da Ultra- mar.

Entrevistadora: Portanto, na altura quando casou o que é que estava a fazer profissionalmente?

Margarida: Nada, andava na costura. Morava em Santa Margarida e vinha para a costura aqui em Tavira.

Entrevistadora: Mas costura era o trabalho?

Margarida: Andava aprendendo.

Entrevistadora: Houve com certeza, um percurso e pessoas que se cruzaram na sua vida que influenciaram depois a atividade que fez na sua vida.

Margarida: Depois de casada não trabalhava, estava com os filhos.

Entrevistadora: Não estava a trabalhar?

Margarida: Não, não.

Entrevistadora: Estava em casa?

Margarida: Tive logo o primeiro filho um aninho depois do casamento. Depois o Miguel nasceu ao fim de três anos quase quatro... Três anos... Nasceu em novembro por isso são três anos de diferença, do primeiro filho para o segundo.

Entrevistadora: Nasceram em Faro, ou na altura havia as parteiras?

Margarida: Não, nasceram aqui em Tavira, no hospital de Tavira.

Entrevistadora: Sim, sim que aqui havia hospital, em Tavira, já não me recordava.

Margarida: Eles nasceram aqui. E depois ainda mais trabalho que eram dois miúdos, tinha que me dedicar a eles e à casa, era o que fazia.

Entrevistadora: Eles depois foram para a escola?

Margarida: Sim.

Entrevistadora: Viviam só os dois? E a sua mãe costumava ir lá a casa?

Margarida: Ia, ela morava em Santo Estêvão, eu morava cá em Tavira mas ia-me visitar quase sempre, todas as semanas. Eu também ia aos fins-de-semana lá a casa.

Entrevistadora: E costumavam fazer algum convívio, por exemplo ao domingo?

Margarida: Sim ao domingo íamos nós lá, aos domingos a minha mãe é que nos convidava para irmos lá almoçar ou jantar.

Entrevistadora: Portanto, depois quando é que começou a trabalhar? Quando é que a sua vida profissional se alterou?

Margarida: Quando o meu marido faleceu. Tinha 38 anos quando ele faleceu e eu depois fui trabalhar para o lar.

Entrevistadora: Nunca tinha trabalhado num lar, nem tinha experiência certa?

Margarida: Não.

Entrevistadora: Porquê um lar? Foi o que surgiu? Foi a oportunidade que surgiu?

Margarida: Sim foi oportunidade que surgiu. Porque eu andei a ver se conseguia um trabalho porque para além de precisar tinha que me ocupar porque estar só em casa era uma complicação. A minha mãe, coitada, queria que eu fosse para uma padaria, eu tinha trabalho para ir para a padaria mas não me sentia com coragem na altura mas depois quando eu pude fui lá pedir, consegui, realmente foram impecáveis e gostava do que fazia.

Entrevistadora: Trabalhava mesmo com idosos?

Margarida: Sim, sim com idosos.

Entrevistadora: Podia ser um lar também com crianças.

Margarida: Na altura era para ter ido para um infantário, o senhor major disse que me mudava mas eu gostei de lá ficar, porque sentia que eles precisavam, porque gostava de me dedicar a eles. Porque é um trabalho digno. Sempre gostei, e ainda fiquei mais dois anos para além da reforma porque gostava daquele trabalho. Acho que eles são às vezes muito indefesos não têm ninguém, somos nós que lhes damos força. É muito difícil estar naqueles lugares, muitas vezes sem ninguém, sem família que os vão visitar. Somos nós que lhes damos apoio. Os Natais eram uma tristeza porque muitos não iam buscá-los, lá iam três ou quatro. Muitas vezes nós sentávamo-nos à mesa com eles e era um convívio, porque sentíamos da nossa parte que eles estavam sós.

Entrevistadora: E vocês eram a família de alguns deles...

Margarida: Sim, eles consideravam-nos da família. Ainda hoje cada vez que me lembro fico comovida, cada vez mais os velhotes ficam ali. Há muitos que os vão buscar, realmente, mas outros ficam ali depositados no Natal e ano novo... Sempre... E somos nós que lhes damos forças.

Entrevistadora: Sim, claro. E há muita gente...

Margarida: Se eu visse que não tinha vocação eu tinha saído, mas também estava numa altura que precisava.

Entrevistadora: De se apegar a alguma coisa para ultrapassar os problemas?

Margarida: Sim, de ter forças para viver, tinha dois filhos e tinha que lutar por eles.

Entrevistadora: Que idade é que os seus filhos tinham na altura?

Margarida: Um tinha 13 e o outro 16, também estavam numa idade complicada. Mas eles iam lá ter comigo. Quando era o Natal iam almoçar ou jantar lá. Os meus patrões sempre foram impecáveis. Sempre fomos uma família.

Entrevistadora: Sentia-se em casa? Sentia-se apoiada?

Margarida: Sim, acho que me fez bem o convívio com as colegas também. E continuamos muito amigas ainda hoje.

Entrevistadora: Às vezes dizem que muitas mulheres juntas é complicado que acha?

Margarida: Não, também não sou perfeita mas se houvesse algo que eu não gostasse tentava mudar de assunto ou ia para outro sítio e passava-me, não entrava em pormenores, sempre me dei bem com todas.

Entrevistadora: Disse-me que os seus filhos tinham que idade nessa altura?

Margarida: Um tinha 13 e o outro ia fazer 17.

Entrevistadora: Possivelmente não tinham assim tanta consciência das coisas, pelo menos o mais novo...

Margarida: O mais velho sim, o mais novo sentia falta mas não tinha assim tanta consciência. Também tentei dar-lhe sempre tudo o que eles precisavam. Ia trabalhar mas deixava sempre tudo orientado. Deixava-lhe a comida logo preparada e tudo se ultrapassou.

Entrevistadora: Mas o seu marido estava doente, ou foi morte súbita?

Margarida: Não, foi acidente...

Entrevistadora: Mas na altura quando soube estava em casa os seus filhos?

Margarida: Não, o Miguel estava na escola e o Jorge estava com os amigos.

Entrevistadora: Foi você que lhes deu a notícia da morte do pai?

Margarida: Não, eu fiquei chocada, não consegui, foram pessoas amigas. Nem sei quem lhes disse. Eu tinha ido a Faro e as pessoas disseram-me que ele tinha tido um acidente

mas eu pressenti logo na maneira das pessoas... Ele faleceu logo, já nem foi para Faro...

Entrevistadora: Foi cá em Tavira o acidente?

Margarida: Não, foi ali no desvio quando se vai para Santo Estêvão. Foi um grande choque para mim, nós eramos felizes e eu tinha a minha família e assim fiquei sem o meu marido... foi uma altura muito complicada que nunca irei conseguir ultrapassar, e foi certamente o trabalho que me ajudou a voltar a viver, porque tinha que lutar pelos meus filhos.

Entrevistadora: Portanto, já me falou da profissão que exerceu ao longo da sua vida. Esta foi a única?

Margarida: Sim, foi sempre o que fiz. Ainda trabalhei dois anos para além da reforma.

Entrevistadora: Mas pediu a reforma por livre vontade?

Margarida: A reforma era aos 65 anos, mas o senhor provedor convidou-me se eu queria ficar e eu sentia-me apta, acabei ficando mais dois anos. Estava a receber a reforma e o ordenado, e foi uma forma de me habituar e não apanhar mais um choque.

Entrevistadora: E sentia-se também realizada e feliz? Portanto, gostava mais de trabalhar com as pessoas e com os idosos no lar do que propriamente no bordados?

Margarida: Sim, sim. Sentia-me realizada com aquele trabalho, e em ser importante na vida daquelas pessoas.

Entrevistadora: Acha também que a profissão marcou a sua trajetória de vida? O que mudou ou acrescentou algo à sua vida.

Margarida: Sim, sim marcou-me muito... Como se fosse uma terapia. Eu estava a ficar muito em baixo em casa e fui para lá com as pessoas, dediquei -me ao trabalho e às pessoas também, e senti-me útil.

Entrevistadora: Quanto tempo é que passou desde o falecimento do seu marido até que conseguiu ir trabalhar?

Margarida: Três meses, três meses e meio. Senti necessidade de ir trabalhar, senti necessidade de ir à luta. Houve um mês que não queria ir, mas depois pensei que tinha que lutar pelos meus filhos, não podia ficar à espera que fosse os outros a fazê-lo. A minha mãe e o meu pai queriam que eu fosse para casa deles e eu disse não, eu vou ficar na minha casa e vou lutar pelos meus filhos.

Entrevistadora: Como é que vê o papel que exerceu na comunidade enquanto profissional e enquanto mãe?

Margarida: Acho que cumpri com o objetivo, vi que eles gostavam do meu trabalho, porque eu era dedicada, e principalmente fazia-o pelos meus filhos.

Entrevistadora: Sentia-se realizada como já disse e também achava que ao ajudar os outros era uma ajuda para ambas as partes?

Margarida: Sim, eles sentiam necessidade também que nós fôssemos amigas deles, e eu sentia que era a minha missão.

Entrevistadora: O que é que sentia tanto profissionalmente como pessoalmente enquanto exercia esta profissão?

Margarida: Sentia-me bem de estar a ajudar os outros, sentia que era um trabalho válido e com muita dignidade. Acabava por ser bom para mim e para eles. A pessoa para ir para este trabalho tem que gostar do que se faz, se não gostar não vale a pena.

Entrevistadora: Então acha que o trabalho tem também influência no bem-estar pessoal e social?

Margarida: Sim, claro, se a pessoa não gosta do que faz é melhor desistir, e também não se vai sentir bem com ela mesma. Quando fazemos algo com dedicação é mais fácil de tudo correr bem...

Entrevistadora: Dê-me exemplos de alguma situação que eles sentiam que a estavam a ajudar também.

Margarida: Quando entrei para lá, eles todos sabiam da minha situação. Eles sentiam a minha dor e tentavam ajudar-me também, sentiam que era uma ajuda também. Eles iam

ter comigo, havia uma velhota que ia ter comigo para ver televisão, e para eu nunca me sentir sozinha.

Entrevistadora: Quando é que sentiu que os estava a ajudar também?

Margarida: A partir daí, quando entrei para lá, senti que eles estavam contentes com o meu trabalho também.

Entrevistadora: Consegue-me exemplificar etapas de crise a nível de trabalho, quando as coisas não correram bem a nível de trabalho, lembra se de alguma?

Margarida: Houve uma altura em que eramos só dez funcionários era um ambiente familiar a partir que entraram mais pessoas deixou de haver aquela proximidade.

Entrevistadora: Mas ao fim de quanto tempo de trabalho é que surgiu isso?

Margarida: Foi agora nos últimos anos. Eu depois saí de lá de onde estava e vim para responsável deste lar aqui deste lado... Eu já tinha muitos anos de trabalho e vim como responsável durante 8 anos... Quando começaram a entrar novas pessoas, a equipa começou a crescer e era mais fácil de existir conflitos.

Entrevistadora: Quais eram as tarefas que desempenhava? Dê exemplos por favor.

Margarida: Era orientar as colegas, fazer encomendas, contactar com o patrão, controlar os medicamentos, as consultas era outra rapariga que tratava. Mas eu e outra colega é que orientávamos tudo, era mais responsabilidade. Mas gostava de trabalhar na mesma, ia sempre lá ajudar.

Entrevistadora: Claro a experiência também conta.

Entrevistadora: Tendo em conta também a época, que idade tinha no 25 de abril?

Margarida: Já era casada, talvez uns 22 anos já tinha o primeiro filho...

Entrevistadora: Como é que foi para si e para a sua família? Sentiu uma mudança muito grande?

Margarida: Eu estava em casa não senti muito, o meu marido é que trabalhava, eu ouvia muito na rádio mas a partir daí ficou tudo igual.

Entrevistadora: Não sentiu diferença?

Margarida: Não, não como estava em casa...

Entrevistadora: E para o seu marido?

Margarida: Também continuou a ter trabalho, não afetou.

Entrevistadora: Tem algumas fotografias de quando os seus filhos eram pequenos ou alturas marcantes da sua vida que me queira mostrar e falar desses momentos?

Margarida: Tenho aqui, e tenho do casamento, vou buscar para lhe mostrar.... Aqui é com as minhas colegas de trabalho.

Entrevistadora: Como é que foi o seu casamento? Foi cá em Tavira? Casaram na igreja? Foi à cabeleireira ou fez este penteado em casa?

Margarida: Não, fui à cabeleireira, tenho aí umas com 20 anos que parecia uma miúda. Veja lá a data...

Entrevistadora: 1968

Margarida: É esta, parecia uma miúda

Entrevistadora: Costumava ter o cabelo curto ou isto era apanhado?

Margarida: Curto, ainda usei trança para o lado mas depois usava curto.

Entrevistadora: Mas aqui no seu casamento tinha o cabelo grande não tinha?

Margarida: Sim, era quando estava grandinho.

Entrevistadora: Deixou crescer para o casamento?

Margarida : Sim... Olha quando era miúda com os meus pais. Aqui andava nos bordados...

Entrevistadora: Qual delas era você? Quando é que tiraram esta foto? Lembra-se do dia?

Margarida: Não, era muito pequenina. Esta aqui é a minha irmã. E esta também.

Entrevistadora: E esta?

Margarida: Sou eu. Aqui já com o Miguel e o Jorge. Em França, é verdade, nós tivemos em França quando casamos. O Jorge tinha 6 anos e o Miguel tinha 3. Tivemos 3 anos em França, foi uma decisão minha e do meu marido e fomos procurar melhores condições de vida, mas a vida lá era muito casa trabalho e trabalho casa...

Entrevistadora: Você cuidava deles e o seu marido fazia o quê em França?

Margarida: Trabalhava com um camião, era camionista. Levava frutas à estação e assim...

Entrevistadora: Por isso é que tem aqui as estufas?

Margarida: Sim, sim...

Entrevistadora: E já sabia falar francês?

Margarida: Compreendia, os moços andavam na escola. O Jorge andou na escola e tudo lá. O Miguel andou no infantário. Todos os papéis que vinham da escola eu compreendia tudo, ainda hoje eu compreendo mas falar é mais complicado.

Entrevistadora: Também estava em casa, não aprendia tanto.

Margarida: Embora falasse com as pessoas no supermercado não dava para aprender muito.

Entrevistadora: Esta fotografia também foi tirada lá?

Margarida: Sim, sim. Sou eu e o meu marido. Tenho ali outra que também foi tirada lá.

Entrevistadora: Três anos não é?

Margarida: Sim, lá não havia escola portuguesa para o Jorge, então viemos embora. E ao fim de pouco tempo teve o acidente. Ele andava na escola francesa mas não havia escola portuguesa.

Entrevistadora: E ele desenrascava-se bem na escola?

Margarida: Sim, sim. As coisas são iguais só a pronúncia é que não. Este aqui é o Jorge o meu filhos mais velho.

Entrevistadora: E a sua irmã também teve filhos?

Margarida: Sim teve duas filhas. Aqui era na França a escola lá.

Entrevistadora: Aqui quem é?

Margarida: Esta é a minha sobrinha. Aqui é no casamento da minha sobrinha.

Entrevistadora: Não tem mais do seu casamento? Lembra-se como é que foi o seu casamento?

Margarida: Fomos para a igreja depois antigamente cada um ia para suas casas com os convidados de cada um. E foi para a casa dele com os convidados dele e eu fui para minha com os meus convidados. Mas ele depois veio logo buscar-me. Esteve lá um bocadinho e veio logo buscar-me. Aqui é a partir o bolo de noiva.

Entrevistadora: Onde é que estava o bolo? Na sua casa ou na dele?

Margarida: Na minha casa, ele veio-se embora partir o bolo e os outros ficaram lá sozinhos.

Entrevistadora: Então os convidados pela parte dele não comeram bolo de casamento?

Margarida: Comiam outros...antes tapava-se a cara com os véus. Antes chamava-se mantilha. O vestido aqui não dá para ver muito bem. Não era comprido, era assim por baixo do joelho.

Entrevistadora: Comprou feito ou mandou fazer o vestido?

Margarida: Mande fazer.

Entrevistadora: E agora já tem netos?

Margarida: Sim, pois tenho.

Entrevistadora: Quantos?

Margarida: Do Miguel o meu filho mais novo, tem um menino e uma menina e é a Rafaela e o irmão João do meu filho mais velho.

Entrevistadora: Aqui é a fotografia dos seus netos, não é?

Entrevistadora: Esta foto já é no lar de São José onde era responsável. Pode levar algumas que queira e tira uma cópia para o seu trabalho.

Entrevistadora: Obrigada, iremos então agendar para uma nova data para falarmos mais um bocadinho pode ser?

Margarida: Pode ser para o próximo sábado?

Entrevistadora: Combinado então ☺

Entrevistadora: Vamos continuar então!

De acordo com a segunda parte da entrevista, faltava-nos apenas falar mais sobre o seu processo de entrada na reforma, como é que aconteceu, como foi o desenrolar, como é que pensou nisso, como é que se preparou ou se preparou para a reforma? Vamos falar um pouco do que é que representa para si tanto a nível pessoal como a nível social a passagem para a reforma.

Margarida: Foi ótima, porque trabalhei mais dois anos, tive tempo para me preparar que me ia reformar, e agora sinto-me melhor porque posso sair com as minhas amigas, posso conviver, o que eu não podia na altura que estava a trabalhar. Tinha que me levantar muito cedo para conseguir estar lá às 8h, era uma vida mais difícil. Agora não, tenho tempo para estar com as minhas colegas e para estar em casa com os meus familiares, tudo isso melhorou. Não senti falta nenhuma porque foi para melhor. Tive dois anos para me preparar.

Entrevistadora: Então teve dois anos para se preparar? E há quanto tempo está reformada?

Margarida: Há dois anos.

Entrevistadora: Começou a preparar-se dois anos antes e já está reformada há também dois anos.

Margarida: Sim, sim. Perguntaram-me se queria ficar para além da reforma e eu aceitei mas quando vi que já era a altura certa pedi para sair.

Entrevistadora: E porque achou que era a altura certa?

Margarida: Porque a idade já era outra, já custava mais um bocadinho a fazer as coisas.

Entrevistadora: Sentia que estava na idade de se reformar?

Margarida: Sentia que precisava de conviver e que assim não tinha tempo. Não podia ser só o trabalho, tinha que ter tempo para os meus filhos e os meus netos.

Entrevistadora: Portanto, a entrada na reforma foi uma decisão sua, não foi pressionada a nada? Reformou-se com que idade?

Margarida: Com 67, nessa altura a reforma era aos 65 anos e eu trabalhei mais dois. Sentia-me ainda bem para trabalhar e acabei por ficar. Convidaram-me para ficar e eu como gostava do trabalho e sentia-me bem aceitei.

Entrevistadora: Qual foi o papel da sua família nesse processo, consultou-os antes?

Margarida: Não, não pedi, tomei essa decisão sozinha. Achei que estava na altura de me reformar e decidi assim.

Entrevistadora: Dê me exemplos de coisas que começou a fazer. Coisas que antes não tinha tempo e passou agora a ter. Qual era a sua rotina? Levanta-se a que horas?

Margarida: Levantava -me às 7h, almoçava consoante o trabalho na maioria das vezes às 13h e saía às 17h. Vinha para casa e fazia o trabalho de casa que há sempre coisas para fazer. Agora não, levanto-me quando quero, tenho tempo para mim. Vou ao café com as minhas amigas, vou conviver um bocadinho que também faz falta. Vou de vez enquanto passear com amigas também, vou a excursões.

Entrevistadora: As razões que influenciaram a passagem para a reforma foram quais? Por achar que ainda tinha muita energia e podia aproveitar?

Margarida: Exatamente, que podia aproveitar um pouco da liberdade de não estar a trabalhar. Foram 30 anos a trabalhar e achei que estava na hora de descansar e pensar em mim também.

Entrevistadora: Temos no trabalho uma rede de colegas de trabalho, amigos que de certa forma acabam por ser importantes para nós. Sentiu falta de algumas pessoas, o que sentiu que mudou em si?

Margarida: Não mudou porque eu continuo a conviver com as minhas colegas e amigas. Saímos para jantar para almoçar, todas nos apoiamos umas às outras mesmo na reforma.

Entrevistadora: Há pessoas que na reforma acabam por ficar mais deprimidas porque têm demasiado tempo livre, sente isso?

Margarida: Eu arranjo-me, vou ao café com as minhas amigas, não posso ficar em casa se não mais triste fico. Tento viver da melhor maneira para não me sentir deprimida.

Entrevistadora: Mas já se sentiu deprimida?

Margarida: Não, não. É como digo eu saio, vou conviver, vou às compras, vou fazer alguma coisa.

Entrevistadora: Ou seja, arranja sempre alguma coisa para ocupar a cabeça. Acha que está mais ativa agora ou antes?

Margarida: Igual, como disse tive dois anos para me preparar. Não é que não tivesse ativa no trabalho mas agora também estou ocupada.

Entrevistadora: Quais são as atividades que desenvolve para além de ir às compras e ao café com as amigas. Participação na comunidade? Faz voluntariado?

Margarida: Não...

Entrevistadora: E nunca pensou nisso?

Margarida: Não, porque queria a minha liberdade e apoiar os meus familiares.

Entrevistadora: E qual é que acha que é o seu papel na sociedade enquanto avó e enquanto mãe? Qual é que acha mais importante para si neste momento?

Margarida: Neste momento é o bem-estar dos meus familiares, dos meus netos e netas. Apoio-os em tudo e faço tudo o que é preciso. Vêm lanchar comigo, vou levá-los à escola quando é preciso, tudo isso me distrai.

Entrevistadora: Um dos grandes motivos então na entrada na reforma foi ter mais tempo para a família?

Margarida: Sim, sim para mim também e para a família. Principalmente para os netos.

Entrevistadora: Os seus netos estão com que idade agora?

Margarida: Um com 3 anos outro tem 13, um 11 e 25 anos.

Entrevistadora: E diga-me quais as atividades que gostaria de fazer, com a entrada na reforma que ainda não teve oportunidade de fazer?

Margarida: Viajar, viajar um pouco. Apesar de já ter feito isso também.

Entrevistadora: Gostava de ir onde?

Margarida: Já tenho ido a vários sítios, já fui a Paris já fui a Benidorm, já fui a vários sítios.

Entrevistadora: E costuma ir com quem?

Margarida: Em excursões com amigas. Ando também na informática nos tempos livres e lá fizeram uma excursão onde fomos a Paris.

Entrevistadora: O que é que gostaria que fosse diferente?

Margarida: Viajar mais, nem sempre é possível, só de vez enquanto. Companhia eu tenho sempre, mas economicamente nem sempre é possível.

Entrevistadora: Considera que neste momento faz tudo o que gosta? E porque?

Margarida: Sim.

Entrevistadora: Não há nada, que considere que lhe faça falta?

Margarida: Não, faço tudo o que gosto de fazer.

Entrevistadora: Quem é a Margaridade hoje?

Margarida: A Margaridade hoje é uma pessoa mais experiente. Trabalhei muito e hoje sinto-me mais livre, e só quero ter saúde.

Fim

Transcrição da entrevista do Sr. António

Entrevistadora: Fale-me sobre o seu nascimento.

António: O meu pai foi para África e arranhou uma doença da qual vem a falecer com quarenta anos que se chamava ADDISON, e essa doença acho que é uma doença que ataca as glândulas suprarrenais e que as desfaz, quando elas ficam desfeitas, pois, a pessoa não tem hipótese de sobreviver e ele tinha que vir a Portugal todos os anos fazer um tratamento a essa doença, é quando conhece a minha mãe porque a minha mãe era vizinha, viviam costas com costas, de uma outra tia dele que vivia aqui em Tavira, entretanto, ele vinha passar uns dias a Tavira.

Ele vinha aqui a Tavira, passar umas férias à casa da tia, onde é hoje ali o edifício ao lado do café Espanha, aqueles edifícios de sete andares, eram aí as casas e as casas são por detrás exatamente das do meu avô, portanto, conheciam-se de quintais com quintais, ele conheceu-a. Conhece o meu pai, os pormenores agora não interessam, apaixonam-se, ele quando chega a África, pede-a em casamento e ela aceita, casam por procuração e ela vai ter com ele. Chega em março de 52, deve ter sido logo na primeira noite que eu fui arranjado porque eu venho a nascer nove meses depois, exatamente a 17 de dezembro, portanto aquilo foi tiro e queda, só que infelizmente, o meu pai morre em agosto de 52 com a minha mãe grávida.

Entrevistadora: De quantos meses?

António: Pois em Agosto, não sei de Março, Abril, mais Junho, cinco ou seis meses por aí, à volta de seis meses, entre os cinco e os seis meses e a minha mãe, acabada de chegar à pouco tempo, sem grandes relações ainda com ninguém, só conhecia as pessoas da parte... e a minha mãe acabou por se vir embora e eu vim a nascer cá por acidente.

Entrevistadora: Ah! Nasceu cá?

António: Vim cá nascer a Tavira por acidente, porque, portanto a minha mãe não se sentia bem em estar lá sozinha, preferiu vir, porque ele tinha um seguro de vida, porque como ele sabia que os médicos tinham-lhe dito que ele não

deveria... portanto, pensarem constituir família, porque não tinha grandes hipóteses de sobrevivência, ele calou-se, só contou isto a uma prima minha, que depois mais tarde me contou já adulto, mas não disse a ninguém, nem a minha mãe sabia, portanto, que aquela doença era fatal nem nada disse, mas ele fez um seguro e foi esse seguro que era muito grande, na altura de 50 contos, que a minha mãe recebeu pela morte dele que fez com que ela terminasse uma casa que ele estava a fazer e uma loja e não sei o quê. Ela deixou lá dinheiro, lá a uns primos, portanto... viveu ano e meio e voltou ainda com dinheiro, com todo esse dinheiro que ele tinha deixado, por isso ela voltou e eu voltei para lá com a minha mãe, fui então viver com a minha mãe e uma avó que não era avó, era uma tia. Fui vivendo com a minha mãe e a minha avó até aos quatro anos e meio, mais ou menos aos quatro anos e meio entra o meu padrasto. A minha avó claro que se aborreceu com aquela história da minha mãe, não ficar viúva de véu para o resto da vida pelo querido filho e zangou-se com a minha mãe, foi-se embora para ir viver para outra casa, e eu fiquei a viver com o meu padrasto e a minha mãe, mas foi muito pouco tempo, porque depois, logo pouco tempo depois, um ano depois, não sei, nasceu a minha irmã.

Entrevistadora: Que idade é que tinha quando a sua mãe voltou a casar?

António: Pois ela não casou, mas juntou-se, pois eu tinha para aí quatro e meio, cinco anos, por aí, pois a minha irmã, eu nasci em dezembro de 52, a minha irmã nasceu em abril de 58, portanto sei lá, princípios de 57. Eu tinha quase 5 anos quando ela se juntou com ele, portanto eu vivi com ele muito pouco tempo, tenho uma ideia, ainda hoje tenho uma ideia de memória que ele era excelente, foi sempre excelente comigo. Tratou-me sempre bem, nunca me bateu, tratava-me bem, dava-me brinquedos, doces, aquelas coisas que se dá às crianças, lembro-me bem mas acontece que quando nasceu o filho legítimo que é a minha irmã ele nunca mais me tratou, nem bem nem mal, nunca mais me tratou... Eu creio que ele fez isto como meio de defesa, como não era pessoa com muita cultura muita educação e naquele tempo os filhos dos outros eram os filhos dos outros. Tanto que nós dizíamos que eram padrastos e, eram os filhos dos outros, havia sempre acusações de que se tratavam melhor ou igual, ou pior o filho do outro, então eu creio que ele, no momento que nasce um filho, para que não haver diferenças de tratamento que ele

não pudesse controlar de uma forma a que não pudesse ser mal visto, ele preferiu ficar de fora. Então deixou de me tratar, nem bem, nem mal. Qualquer coisa que a criança fizesse ele dizia “Oh Lucília vem aqui ver o teu filho”, ele não era capaz de me dizer o que até eu lhe dizia, António assim, António assado, anda cá. Não, ele já não tinha qualquer interatividade, ele era sempre: “Vem cá ver o teu filho, vem cá ver o que é que se passa.”, portanto ele nunca mais diretamente me tratou, nunca mais conseguiu fazê-lo, não sei se isso me magoou, se não me magoou, tudo isto fez de mim a pessoa que sou não é?... Mas não sei dizer, não sei...

Entrevistadora: E a relação com os seus irmãos?

António: Foi sempre normal, considerei-os sempre meus irmãos, nunca houve essa história de meios irmãos, não, às vezes tenho que referir para contar a história mas nunca senti como se fossem meios irmãos, tive sempre... Depois daí a um ano e pouco nasce um irmão, portanto tenho uma irmã em abril de 58 tenho um irmão em agosto de 59.

Entrevistadora: Mas continuou lá em casa a viver?

António: Não, não, não... Eles nascem na altura em que eu tenho que começar a escola, vivíamos numa aldeia que ficava ali a uns 80 km do mar, da cidade do Lobito que era a mais importante no interior, na aldeia, uma vila, chamava-se Vila Sousa Lara no tempo do colonialismo, voltou hoje ao nome original que é Bocóio, vivíamos ali, havia ali uma escola primária, havia muita gente a viver ali, não é, então a minha mãe, hmmm... e o meu padrasto tinha uma fazenda, tinha uma fazenda ali a uns talvez 40 ou 50km, ainda para o interior dali, mas naquele tempo as estradas não eram asfaltadas e às vezes para chegar a esses 40 ou 50km levava-se um dia inteiro. Quando não era no dia seguinte, porque as estradas não haviam, tinham rios que eram atravessados com pedras que se punham com paus, com coisas. Aquilo era uma coisa terrível, eram odisseia terríveis, portanto a minha mãe acabava por ter que ir com a criança ou as crianças, que eram já as duas que tinha, acompanhá-lo porque era o marido que tinha, era a vida que tinha, ir para a fazenda, e com esta viagem que era difícil e longa, acabava por ficar lá 15 dias ou 3 semanas, sei lá, não faço ideia. Levavam mantimentos e depois vinham cá de vez em quando. Tinha que vir trazer as coisas que produzia, que eram os ananases, as coisas, mas a

vida dela era feita lá e eu fui ficando em casa da madrinha, em casa da professora em casa da vizinha, em casa da avó, em casa não sei de quem, e ela, eu creio que, creio que, aliás, volto atrás, a minha avó de pequenino instigou-me logo contra o meu padrasto, ou seja ela, contra a minha mãe, usou-me contra o meu padrasto para picar, a minha avó que não estava de acordo com a nova relação e eu fui sempre muito assertivo de pequenino contra o meu padrasto, lembro-me, eu devia 6 anos, 7 anos, não sei, por aí. No terreno onde havia a casa que a minha mãe acabou por terminar, que o meu pai tinha mandado fazer, havia mais terreno ainda dentro da vila e lembro-me que um camião chegou com pedras, com tijolos, com cimento e jogou lá para um canto e eu perguntei à minha mãe para que era aquilo, e ela disse “Ah é o pai.” porque eu chamava-lhe de pai, “O pai vai mandar fazer ali uma casa...” porque o meu pai tinha mandado fazer uma casa, um armazém e uma loja, eu, a minha avó e a minha mãe vivíamos na casa, e a loja e o armazém a minha mãe usava, fazia, tinha levado uma máquina de costura e fazia cuecas para negras, que até não usavam cuecas, até essa altura, foi a minha mãe que naquela zona começou a pô-las com esse hábito. Mas quando a minha mãe se separa da minha avó, quando a minha avó se vai embora, resolveram alugar a casa, e o meu padrasto fez transformações na loja e armazém, e fez daquilo um sitio para viver, mas nunca ia a casa e então resolveu fazer uma casa porque havia muito terreno, perguntei para que era, contei à minha avó, a minha avó perguntou para que era, a minha avó instigou-me e eu sei que fui ter com o meu padrasto e perguntei, oh... para que é aquilo, e ele respondeu-me: é para uma casa, e eu respondi: mas o pai não pode fazer ali nada, sabe porquê, aquele terreno é meu, não é seu. E mais tarde, com heranças e não sei quê, isto não vai reverter para os seus filhos, para os meus irmãos, vai reverter para mim. Portanto, é melhor encontrar outra situação. Portanto eu acho que não, a linguagem não deve ter sido esta, óbvio, não é, mas a ideia foi esta, e tenho a sensação que também não lhe disse de uma forma muito acintosa, mas dei-lhe a entender que ele não o devia fazer, porque não era bom para todos, ele não se zangou comigo, claro, eu nunca tive ideia disso, mas é verdade que ele levantou tudo, e nunca fez nada, o que fez ainda com que eu mais afastado ficasse dele, não é, portanto, isto tudo fez com que a minha mãe tivesse desgosto deste ambiente, que não era o melhor, provocado também pela minha avó, então a minha mãe acabava por ir para a fazenda o mais tempo que pudesse, porque era mais cómodo eu estar

afastado, não é? Estando eu bem. Portanto, eu acabei por ficar sempre por aqui, fiz a minha primeira classe com a minha mãe, a maior parte do tempo, lembro-me, porque os bebés, um tinha nascido e o outro ainda vinha a caminho, portanto ela teve a maior parte do tempo, mas a minha segunda classe já não, já tinha as duas crianças e já ela ia mais tempo para fora. Só que em fevereiro da minha segunda classe, portanto em fevereiro de 61, estava eu na segunda classe, a meio do ano letivo dá-se o levantamento da luta armada contra o estado português, a que nós chamamos o terrorismo, e aí foi difícil porque a minha mãe teve que deixar a fazenda, não só por uma questão de segurança, tiveram que sair todas as mulheres e crianças, tiveram que voltar todas para as povoações, os homens é que puderam ficar sozinhos se quisessem nas fazendas, não é, por causa do terrorismo, mas como daí a uns dias percebeu-se que aquilo era para durar, a vida teve que continuar, mas já não havia absolutamente ninguém que quisesse ficar com os filhos dos outros, porque era uma grande responsabilidade, e a minha mãe viu-se obrigada a ficar confinada à aldeia até ao final da minha segunda classe, para estar comigo, para eu não perder a escola, e não foi para a fazenda, também por uma questão de segurança, que não podia ir, que as autoridades não deixavam e depois ficou comigo, mas como é que se resolve o assunto? Pega-se no Antoninho e manda-se o Antoninho para Portugal, para casa dos avós, porque aqui não há segurança, ela tinha que estar na fazenda, as pessoas não queriam ficar comigo, eu não podia perder a escola. Então mandaram-me cá para Portugal com 8 anos, com 7 ou 8 anos. Vim fazer a minha terceira classe aqui, no bairro da cavalinha, a escola da cavalinha, em casa do meu avô e da minha avó, só que a minha avó morre no dia 4 ou 5 de outubro do ano a que eu tinha acabado de chegar para começar a escola.

Entrevistadora: E voltou outra vez?

António: Não voltei porque a família percebeu o drama que se vivia em Angola, percebeu o meu drama pessoal com o meu padrasto, percebeu uma série de coisas e tiveram um bocado de consciência e pena, e decidiram que iam ficar comigo algum tempo, até ver também como é que aquela guerra se desenvolvia, como é que a relação se desenvolvia, e ficaram comigo, fiquei em casa de um tio e de uma tia, que moravam ao lado do meu avô, porque o meu avô sozinho não tinha condições para ficar comigo, fiquei com uma irmã da minha mãe que vivia ao lado, ali na rua

ao lado naquela casa mesmo ao lado onde eu moro ainda hoje, a casa amarela mais pequena, fiquei a viver aí durante a minha terceira classe. Claro que ao fim da minha terceira classe, a guerra percebeu-se que tinha vindo para ficar, e aqui não haviam condições porque o meu tio, a vida não era fácil, e pegaram em mim, mandaram-me embora, outra vez, lá vou eu. Então esse ano a minha mãe, na minha quarta classe, viu-se obrigada, digamos que 90% do tempo, a ficar na aldeia comigo, o que digamos que dificultou as relações dela com o meu padrasto, mas ela viu-se obrigada, os meus irmãos ainda não tinham idades de escola, e eu fui obrigado a ficar ali na aldeia com a minha mãe. Portanto, tenho ideia que foi o ano inteiro que vivi com a minha mãe, entretanto a casa grande estava alugada, a quem? Ao padre da aldeia, já há uns anos, e a minha mãe tinha uma relação de vizinhança, de amiga. A minha mãe nunca foi religiosa de coisa nenhuma de igreja nenhuma, é daquelas que se diz católica porque pronto, porque nascemos num sítio católico, batizados mas tinha uma boa relação com o padre, embora nunca fosse pessoa de igrejas nem de missas nem de coisa nenhuma, e deve-se ter lamentado, o que é que eu faço ao Antoninho, o que é que eu faço ao Antoninho, ele é bom aluno, é inteligente, ele tem que continuar os estudos e eu não posso, eu não tenho dinheiro, tenho estes filhos, tenho que ir para a fazenda, deve ter tido para ali umas conversas que às tantas o padre disse: Ah, tenho uma solução! Não há dinheiro para mandar o Antoninho para ficar a viver numa casa ou num quarto, não há! Não havia dinheiro para isso, apesar de sermos colonos brancos a viver em África, as coisas não eram como as pessoas aqui pensam, não eram, não havia mesmo dinheiro nenhum para fazer isso e então o seminário, acho que cobravam 100\$ naquela altura. Uma mensalidade que era para eu ir para o seminário, que era no interior ainda muito mais para longe, ainda que é hoje uma cidade que se chama Huambo, ficava ali a uns 40 km fora da cidade, no meio do campo, no meio do nada, e ficávamos 10 meses lá internados, só tínhamos 2 meses, julho e agosto, que vínhamos passar férias a casa e pronto, o Antoninho vai para o seminário, faz um ano, o primeiro que é de adaptação a uma série de coisas diferentes, que foram muito importantes, eu acho que o seminário talvez tenha sido o momento mais importante daquilo que é a minha pessoa, como ver-me, ver o outro mundo, não sei, acho que me mudou mais que a família e tudo o resto, dou um exemplo: eu até aos 10 anos de idade tinha o negrito e lavavam os pés, que me deitavam, que me davam a comida com quem eu

batia, que fazia... Portanto, aquilo era, era assim, e a partir do momento que vou para o seminário, o negrito estava a dormir na cama ao lado da minha, a comer na mesma mesa que eu, o mesmo que eu, e tudo mais, e isto foi muito importante, porque aprendi que apesar de os padres serem uma peste, que são, algumas coisas tinham de bom, e estes seminários em África neste tempo, acabavam por ser mais umas instituições de ajuda à camada mais pobre, neste caso negra e mulata, do que propriamente à camada branca, que viviam um pouco melhor, então em cerca de 250 alunos, seríamos 20 brancos, 30 mulatos e 200 negros.

Entrevistadora: Até que idade?

António: Até aos 13 anos. Fiz 3 anos, fiz o primeiro ano que se chamava admissão, o liceu, ou seja, fiz o primeiro ano do liceu e o segundo. Naquela altura não tínhamos exames, tínhamos exames na quarta classe e segundo ano do liceu, e esse segundo ano apesar de estar no seminário lá no campo, lá no interior fomos a Nova Lisboa, que é hoje o Huambo, fazer exames ao próprio liceu, claro que vínhamos sempre todos bem aprovados, porque tínhamos melhores condições de aprendizagem do que as pessoas que viviam na cidade, não é porque no seminário aquilo era rigoroso.

Entrevistadora: Nesses 3 anos teve alguma experiência, uma vez que disse que o seminário foi muito importante a nível pessoal, teve alguma experiência que o marcou?

António: Bom... Talvez tenha tido duas. Uma a meio, quase fim, e uma que me fez sair do seminário, que tem a ver depois com toda a outra parte de adulto. No seminário, portanto, estavam 250 alunos lá no meio do mato, durante 10 meses, lembro-me dos três anos que estive no seminário nunca soubemos de nada, absolutamente nada do mundo de fora daquelas quatro paredes. Não tínhamos nada, não havia uma televisão em Angola, rádio não nos era permitido ter, jornais não chegavam, visitas nenhuma, a minha mãe não me podia visitar porque ficava a 300 km, não haviam condições económicas, as estradas não o permitiam, aquilo era muito complicado.

Entrevistadora: E o que o levou a sair?

António: Não, não me levou nada a sair. Então vou voltar atrás. No seminário havia às vezes professores que não eram padres ainda, eram todos padres, mas até ao 7º ano estávamos todos naquele seminário, que se chamava seminário menor, e depois havia ainda 5 anos, que ficavam na cidade de Nova Lisboa, onde se tiravam 2 anos de filosofia e 3 de biologia ou vice-versa, 3 de filosofia e 2 de biologia, sei que eram 3 anos de universidade que eram compostos por 2 contra 3. Agora não me lembro se filosofia ou biologia que eram mais. Mas às vezes os padres do seminário maior, quando tinham dúvidas sobre a vocação dos alunos para padres, pensavam que se calhar muitos deles estariam lá para fazer aquilo que no fundo tinha sido a minha razão de ir, que não era por vocação, ou nem por querer pertencer à igreja, mas para poder arranjar uma forma de viver e de me instruir, eles às vezes castigavam, entre aspas, alguns alunos, atrasavam-lhes a vida, não os deixavam continuar a universidade, interrompiam-nos, mandavam-nos para o seminário menor, como professores, durante o tempo que eles achavam, para os testar, para ver até que tempo o atraso na vida, eles desistiam, abandonavam aquilo ou tinham mesmo vocação, então haviam portanto professores que não eram padres, mas que eram alunos do seminário maior, e foi lá que eu travei conhecimento com um deles, eu devia ter uns 13 anos, talvez, quase 13, de 12 para 13 e ele teria os seus 18 ou 19, não sei, por aí, e aí começámos num relacionamento mais afetivo, e creio que foi aí que tive consciência do que é um pai, ou pelo menos indiretamente, a sentir falta do que é um pai, acabei por ser atraído para uma relação mais próxima. Talvez mais pela necessidade de um adulto homem na minha vida, que nunca tinha tido. Claro que estas coisas são sempre perigosas e acabam por rondar muitas vezes as questões físicas e sexuais, que nunca foram profundas lá no seminário, mas que não deixou de haver beijos, esfregas, manipulações e coisas assim. Que eu nunca achei aquilo, por duas razões, era o que eu estava a dizer à bocado, não era um drama, primeiro porque me fazia falta, um adulto, um homem, um pai, era um fator, o outro fator da sexualidade não me incomodava, talvez por ter sido educado por tantas pessoas diferentes, eu não tive um caminho de dizer, isto faz-se assim, isto não se faz assim, não tive muito rigor, então eu, para mim aquilo era tão natural como outra questão qualquer, não pelas razões que eu as vejo com a idade que tenho, com a cultura que tenho, que não havia uma grande linha que tinha que seguir. Aquilo era normal, sabia-me bem, fazia-me bem, sentia-me bem, não me preocupou muito.

Entrevistadora: A nível da sexualidade acha que é uma opção?

António: Isso é mais tarde. Esta questão era pura e simplesmente afetiva que também envolvia físico, mas não era propriamente a sexualidade, eu tinha 12 ou 13 anos, não era. Mas foi rodando isto no meu último ano de seminário, sempre, não vale a pena contar aqui, agora, a forma como nos encontrávamos, que era muito curiosa, mas não interessa aqui e agora. Mas eu saio do seminário no meu terceiro ano, e o professor com quem tinha tido essa relação mais afetiva morava em Nova Lisboa e convidou-me para ir passar umas férias à casa dele, com os pais dele, e com irmãos que eram muitos, 7 ou 8. Ficou combinado. Eu ia passar as férias, e uma semana antes de ir para o seminário que ficava a 40km de Nova Lisboa, eu ia de comboio para Nova Lisboa, ficava uma semana na casa dele, e da casa dele é que seguia novamente para o seminário, que era a 40 km, e assim foi, só que acontece que do Lobito para Nova Lisboa havia comboio, mas depois de Nova Lisboa para o seminário eram estradas que nem asfalto tinham e não havia qualquer tipo de transporte, tinha que se arranjar alguém que tivesse alguma carrinha, um camião ou um automóvel, eu de longe com a minha mãe não tinha ninguém. Fui arriscando-me que o pai do Zé Maria, que eu não conhecia, arranjasse forma de me pôr no seminário naquela data precisa. Lá estive em casa do Zé Maria em Nova Lisboa, e quando chegou o dia de entrar no seminário não se arranjou transporte. Naquele dia, ao terceiro dia, o pai do Zé Maria tinha uma vendazita, uma lojazita e lá um camionista ia para aquelas zonas, e lá me deu uma boleia no camião. O seminário ficava assim no alto de uma colina, tinha assim uma estrada com eucaliptos quase 2 km, com a igreja lá em cima, e na estrada principal, que não era estrada principal, deixou-me, e lá fui eu quase aqueles 2 km, com 13 anos, subindo para o seminário. Chego ao seminário, vou à procura do padre reitor, e ele não estava no gabinete dele, do reitor, estavam a fazer obras no seminário, uns dormitórios no lado esquerdo, e eu vou à procura dele, e ele estava lá a orientar as obras e eu chamei por ele, ele olhou para trás e disse: “ah, és tu? Agora é que chegas? Então pelo mesmo caminho que chegaste podes partir”. Eu fiquei assim, com a mala na mão, a olhar para ele, ele continuou nas obras como se nada fosse, eu sabia que ele era sério e definitivo, e daí dei dois passos para andar para trás, quando ele percebeu que eu já estava a andar para trás disse: “olha espera aí”, vai lá para a porta do gabinete e espera lá que a tua mãe já mandou dinheiro adiantado para alguns meses, e eu vou devolver o

dinheiro, e eu lá fui, sentei-me nas escadas que havia lá em frente ao gabinete, em cima da mala. Daí a um bocado ele chegou, nem olhou, da batina tirou a chave, abriu, não me mandou entrar, eu fui até à porta, fiquei à porta a olhar, ele mexeu lá nas gavetas, em papéis, em coisas, vem e disse: “toma”. Voltou a fechar e foi para as obras, e pronto, assim me abandonou em plena África, em 1966, com 13 anos.

Entrevistadora: E depois?

António: Desci a estrada novamente com a mala na mão, e pus-me sentado lá em baixo à espera de alguém que passasse num carro e me desse uma boleia, com todos os perigos que isto tem, não é, havia o terrorismo, havia os animais selvagens, podia ter havido alguém que se aproveitasse de uma criança sexualmente, não é, havia toda uma série de coisas, mas o padre reitor não estava nem aí, ao fim de muitas horas lá passou um camião, que por acaso em vez de ir no sentido que eu queria, que era para o Lobito, passou novamente por Nova Lisboa, e o primeiro que passou pedi boleia, voltei para casa do Zé Maria, logo dois dias depois havia comboio, voltei no comboio para casa e pronto, foi assim o relato do seminário mais forte.

Entrevistadora: Como é que foi recebido em casa?

António: A minha mãe ia enlouquecendo, “O que é que eu faço de ti? O que é que eu faço de ti? Eu não tenho dinheiro para te pôr no Lobito a estudar, aqui na aldeia não podes ficar porque tens que continuar a estudar, eu estou na fazenda, o que é que eu faço? O que é que eu faço? O que é que eu faço? Que loucura, o que é que tu fizeste António? Porque é que tu chegaste atrasado?”. Bem, meteram-me num barco e mandou o António para Portugal outra vez.

Entrevistadora: Quem o recebeu?

António: Para casa do avô, que já vivia com a irmã da minha avó, não maritalmente, mas ela acabou por ir lá para casa para o ajudar nas tarefas, pronto ajudavam-se um ao outro mas, não tinham uma relação. E, lá fiquei em casa do meu avô. Chegado cá em outubro de 66, já não vim a tempo de me matricular nem no liceu, nem na escola industrial, naquele tempo havia muito rigor e já não entrava naquele ano, e então quem me recebeu foi ali a senhora dona Bernardete, que era ali mesmo ao lado de casa no colégio, no colégio pago não havia problemas, e eu fui

para o colégio estudar, fui para o colégio estudar, estudei lá o mês de novembro, quando chegou ao final do mês de novembro, o meu avô deu-me o dinheiro para pagar o colégio e disse “não volto a entregar-te dinheiro para pagares o colégio”. Eu disse: “então porquê?”. “Porque na minha casa, os meus filhos todos trabalharam no campo comigo, e aqui em casa não há doutores, aqui em casa todos trabalham, houve duas filhas que foram professoras, mas elas trabalharam e estudaram por conta delas, em adultas tiraram os cursos delas, eu não faço isso, portanto aqui em casa não vais para o colégio, vais para o campo trabalhar comigo, apanhar amêndoas e figos e as hortas e as coisas” e eu disse “oh avô mas isso não tem lógica, porque os tempos mudaram, eu já sou neto, já não sou filho e a minha mãe, da casa que tem em África, tem uma renda que o padre paga e manda todos os meses 500\$00 para aqui, para me sustentar”, e a casa que a minha mãe herdou da avó, portanto que tinha morrido quando eu tinha 8 anos, que a minha mãe tinha construído já o primeiro andar por cima, que é onde eu ainda hoje vivo, já era herança da parte, metade da herança do meu avô, e da minha avó ter morrido, também já estava alugada, portanto a renda daqui e a renda de lá eram 1000\$00, na altura dava muito e sobrava para eu viver aqui, que a minha mãe mandava, e ele disse “não, não isto aqui como tu percebeste não se trata de dinheiro, trata-se que estas são as regras e eu não pude ir mais ao colégio, não pude ir ao colégio e fiquei sem saber o que fazer, entretanto o meu avô permitia-me que eu saísse de casa com um primo meu mais velho, na altura ele teria 17, eu tinha quase 14, a ir ver televisão ao café, porque não havia televisão em casa das pessoas, eram muito poucas as pessoas, muito poucas, eram os senhores industriais, os donos das fábricas de conserva que tinham uma televisão em casa, por acaso havia um vizinho meu em frente que tinha, que eram pessoas que tinham vindo emigradas de França, que era o Barros das bicicletas, que ainda hoje tem a casa ali, mas que já saíram dali. E às vezes eu ia, mas o meu primo que não tinha muito boa relação com os vizinhos, o meu primo tinha vindo de Moçambique também, então íamos ao café Danúbio, na rua do Comércio, ver televisão, ou a um outro café que há na esquina em frente ao correio, na parte de cima também era um café, eram os dois cafés que tinham televisão, da classe social onde eu pertencia, eu não tinha relógio, então o meu avô ia lá espreitar, às 10h em ponto, se eu estivesse em casa, porque eu não tinha relógio, e antigamente havia um telejornal às 10h da noite, e havia uma

imagem parada de um relógio com uma música, ali um minuto ou dois, as publicidades não eram nada do que são hoje nem nada disso, quando aparecia aquela imagem eu corria para casa, e isto foi acontecendo uns dias sempre bem, mas houve um dia em que havia um futebol qualquer e o relógio esteve muito pouco tempo a rodar, eu quando fui para casa eram 10.05, e o meu avô não me abriu a porta. A minha tia lá de dentro dizia-me “olha não posso abrir, o teu avô não permite, chegaste atrasado, não cumpriste com o horário, não podes entrar não te posso abrir a porta.” Tinha eu ainda 13 anos, não estava a fazer nada na vida, isto eram poucos dias antes, primeiros dias de dezembro, eram poucos dias. Que é que faço, vou bater à porta do meu tio, em casa de quem eu tinha vivido antes que já cá estava, já vivia ali ao lado, já vivia aqui no bairro da cavalinha numa casa que tinha feito nova, eu pego em mim, venho a correr, aquela hora da noite bater a porta do meu tio. O meu tio, que por acaso via sempre o noticiário e não sei que mais, que apesar de serem 10h era cedo, bati a porta, abriu-me a porta e disse me “O que é que se passa?” “Oh tio, pois não vê o avô não me abriu a porta porque cheguei atrasado”, “E porque é que chegaste atrasado?”, “Pois, oh tio, pois é verdade, eu estava a ver televisão e realmente, são agora 10.15h e não há razão nenhuma para o avô fazer isto”, “Pois olha, dormes aqui, ficas aqui, que eu amanhã vou falar com o teu avô, vou ver o que é que se passa”. Então no outro dia fizeram uma reunião de família, do avô com os tios todos, para saber o que é que faziam ao Antoninho. Havia a proposta do avô, e de outros tios, para o porem outra vez num barco para voltar para África, e este tio que tinha ficado comigo já um ano tinha uma proposta diferente, que veio, aí sim, veio-me consultar “Olha eu tenho uma proposta para pôr mas só a apresento se tu tiveres de acordo, à noite na reunião.”, “E eu disse, então qual é a proposta tio?” e ele disse “ Olha, eles querem todos mandar-te para África outra vez, mas eu sei que com o teu padrasto as coisas não vão bem, não há dinheiro para ires para a cidade estudar, na aldeia onde viviam já não vivem porque a tua mãe está mais tempo na fazenda, tudo isto é muito complicado.” Não, a minha mãe já estava na aldeia, os meus irmãos já estavam na escola primária, e a minha mãe já estava na aldeia a maior parte do tempo, por causa da escola. Para os meus irmãos já houve a estadia da mãe fixa, para mim não houve, pois, eu não era filho, havia diferenças, já eram dois miúdos na escola e na aldeia não havia liceu não tinha hipóteses. “Eu proponho fiques aqui em casa a viver, ficas lá no quarto do Luciano,

do meu filho, põe-se um divã no quarto ao lado, dormes na cama dele e ficas lá, mas a condição é esta, tu vais estudar de noite e trabalhar de dia, eu arranjo-te trabalho lá no escritório onde eu trabalho e tu vais estudar de noite” e eu digo: “mas oh tio então porquê? Então, mais uma vez, eu disse a minha mãe manda 500\$00 de Angola, mais os 500\$00 da renda da casa de aqui, são 1000\$00”, então ele disse “pagas 750\$00 por mês”, eu disse, “exatamente, então eu tenho 1000,00\$ não chega? Se lhe vou pagar 750,00\$ não percebo porque é que tenho que ir trabalhar” e ele, com muita calma disse-me “pois, na minha casa quem estuda são os meus filhos”. Havia as rivalidades, os filhos dos outros são sempre os filhos dos outros... Pois, o que é que eu vou fazer? Pensei, voltar para África não me resolve nada. Olha, pois seja o que deus quiser, pois fico mas disse a ele, tio eu vou fazer 14 anos daqui a uns dias, a 17 de dezembro, isto era princípio de dezembro, não tenho ainda 14 anos, eu não posso trabalhar antes dos 14 anos. E como uma semana depois de eu fazer anos é Natal, e depois é fim de ano, eu só vou trabalhar dia 2 de janeiro. Porquê? Pois porque eu ainda não tenho 14 anos e internacionalmente as leis dizem que eu não posso trabalhar com menos de 14 anos. “Onde é que tu vais buscar essas coisas?” “Oh tio só estou a dizer aquilo que eu sei”, porque o professor do seminário me tinha dado a hipótese de saber muitas coisas, muitas coisas que habitualmente as pessoas da minha idade não estavam interessadas, foi o convívio com os mais velhos, aprendi, tive outras apetências. Ele ficou estupefato e engoliu em seco, eu fiquei em casa dele durante aquelas 3 semanas, e em janeiro comecei a trabalhar, e já não pude ir estudar para lado nenhum, para o colégio não voltei porque não se pagava, fui para uma explicação, fui ficando numa explicação só para ir, só para não perder o traquejo, e no ano seguinte fui para a escola industrial e comercial de Faro, à noite, e ia todas as tardes no comboio das 6:15h e voltava no comboio da uma da manhã todos os dias, e assim fiquei em casa do meu tio a viver.

Entrevistadora: Até que idade foi isso?

António: Não durou muito tempo, não durou muito tempo, estive lá portanto com 14 anos acabados de fazer, fiz os 15 e em janeiro de 68, portanto acabados de fazer em dezembro de 67 os 15, saí porque em dezembro de 67, um ano depois de ter entrado em casa do meu tio, eu tinha roupa que já não me servia, tinha a roupa que trazia de África com 14 anos e já tinha 15, a gente cresce e eu com o subsídio de

natal do trabalho comprei 2 cortes de tecido, porque antigamente não havia pronto-a-vestir, era o alfaiate ou a costureira, os ricos faziam no alfaiate os pobres faziam na costureira, faziam as calças e havia uma vizinha ali da casa do meu avô que fazia roupa, e eu comprei dois tecidos e mandei fazer calças, mas mandei fazer calças à boca-de-sino, tal e qual como eu as tinha trazido de Angola, e o meu tio não queria que eu usasse calças à boca-de-sino, já me tinha manifestado isso quando eu fui lá para casa, que me disse que a casa dele tinha regras e não queria maus exemplos para o filho que era mais novo que eu para aí uns 3 anos, se eu tinha 13, o miúdo tinha 10, ou eu tinha 15, o miúdo tinha 12, não sei. E que não queria, então durante esse ano aquilo era uma luta, eu usava um cabelo assim com muita franja que depois empastava com muita água porque não havia gel, que não havia dinheiro para gel, punha aquilo muito empastado depois fazia com o pente, ficava aqui uma curva, aquilo secava, ficava quase como se tivesse gel, o cabelo aqui atrás era talvez um centímetro mais que isto, tive que cortar a franja, e o cabelo aqui atrás tinha que ser como quem vai para a tropa, ele mandava-me ao barbeiro e o barbeiro fazia o que queria, e não o que eu mandava. Ele ficava danado porque a minha mãe, com esta problemática que me envolveu, foi uma pessoa que sempre me deu muita liberdade e muita responsabilidade e nunca me impôs absolutamente nada, disse-me sempre, desde de pequenino que eu me lembro “eu nunca te vou impor, nem obrigar a nada, tu tens cabeça suficiente para escolheres o que tu queres para ti, porque o que tu escolheres é o que tu vais usufruir, e eu não quero que digas mais tarde que foi isto ou aquilo que eu te obriguei a escolher. Não, tu escolhe, tu tens estudos, tu estás a estudar, tu falas com as pessoas, tu sabes mais do que eu, escolhe, observa, faz”. Não foram estas as palavras, mas mais ou menos mas era isto que queria dizer, então eu queria o cabelo assim. A minha mãe já tinha sido costureira aqui, e era a mulher mais vaidosa da cidade, era uma mulher alta, bonita, para quem a conheceu, que passava na avenida e que parava o trânsito todo, portanto ela, o fato de ela ter sido uma pessoa diferente, muito para a *frentex*, e não se importava que eu usasse o cabelo à Beatles e as calças à boca-de-sino, que ela me fazia as camisas com umas presilhas e uns botões dourados e golas pretas e não sei quê, pronto fazia-me aquelas coisas, e eu chego com isso tudo que era um escândalo quando cheguei a Tavira, mas um escândalo. Só havia 5 rapazes que usavam coisas semelhantes às que eu trazia de África. Depois era isto que não se percebia, África era muito

atrasado, muito lá no fim do mundo, mas depois era muito mais desenvolvido nas mentalidades e em certas coisas mais do que isto aqui, isto aqui era uma aldeia, impressionante. Eu chego com isto, o meu tio não queria, mas não havia dinheiro para dizer, vais mudar o guarda-roupa todo porque vais vestir o que eu quero, tinha que engolir tudo o que eu trouxe porque não havia dinheiro, hoje a gente vai ali a lojita e compra umas calças por 10,00€ se for preciso, mas naquele tempo não havia hipóteses de fazer isto, o dinheiro não dava para nada disto, então cinco rapazes só é que tinham. Eram cinco rapazes que faziam parte dum conjunto musical de Tavira, que eram Os Morcegos, que tinham ido nesse ano a um concurso nacional e tinham ficado em segundo lugar, então esses artistas tinham direito a usar as calças à boca-de-sino e as camisas assim e os cabelos assado, então o meu tio dizia “ Só eles é que podem fazer isso porque são artistas, mais ninguém, portanto à medida que se foram acabando as roupas tu vais mudando o teu guarda-roupa todo.”, e pronto eu fui engolindo isto até que quando mando fazer as calças, mando fazer à boca-de-sino, um ano depois. E a senhora dona Lurdes veio-me dizer no dia seguinte, “Ai António, desculpa mas não te posso fazer as calças como tu queres, tenho que te fazer direitas” e eu perguntei: “Então porquê?” “Porque o teu tio não quer!”, “Dona Lurdes, que é isso? Que é que você tem a ver com o meu tio? Quem é que lhe veio entregar o tecido? Não fui eu? A quem é que você tirou as medidas? Não foi a mim? Quem é que comprou o tecido? Não fui eu? Quem é que ganhou? Que é que você tem a ver com isso?” “Ah não posso, não posso, ele foi aqui meu vizinho muitos anos, o teu tio não quer.” Eu disse-lhe: “Então suspenda, não faça nada que eu vou resolver o assunto.”. Mandeí uma carta à minha mãe. “Mãe, vou sair cá de casa do tio, eu não estou para aturar este tipo de coisas o resto da minha vida.” Mais uma vez a minha mãe respondeu: “Faz como tu achares melhor, queres sair? Eu estou de acordo, não queres sair eu estou de acordo.” Depois em janeiro já, ainda com as calças em suspenso recebo a carta, quando recebo a carta começo a bater de porta em porta até que encontrei uma senhora que tinha um quarto para alugar, ali na avenida ao lado do café, numa casinha amarela de azulejos. E pronto, avisei o meu tio, dia 15 de fevereiro, avisei o meu tio, passaram 15 dias desse mês. Amanhã, dia 16, eu já vou estar metade do mês fora daqui. “Para onde é que tu vais?”, “Eu vou sair cá de casa.”, “Com que autorização?”, “Minha e da minha mãe.”, “E onde é que está essa autorização?”, “Está aqui a carta, olhe aqui a carta.”, “Pois, é outra

maluca como tu!”, e no dia seguinte ele pegou no seu carrito e deu-me boleia com a malita, e fui bater à porta da senhora, conforme tinha combinado, e pagar 900\$00 em vez de 750\$00. Comecei a viver sozinho com 15 anos acabados de fazer um mês antes, sozinho porque a senhora não me conhecia e não tinha poder nenhum sobre mim, eu fazia o que queria da minha vida, continuei a trabalhar, a estudar à noite e a viver sozinho desde os 15 anos de idade. E pronto foi assim. Foram tempos bons, normais, com muitas namoradas, com o tempo muito ocupado com os estudos e o trabalho.

Entrevistadora: E ficou cá até que idade?

António: Fiquei cá a viver em casa dela até aos meus 18 anos, quando eu tinha 18 anos a minha mãe veio a Portugal passar um ano letivo com os meus irmãos, foi viver para a casa que estava alugada que era dela, desalugou-se e ela foi para lá viver e eu saí do quarto e fui viver com ela. Então aí tive um quarto só para mim, tinha uma liberdade diferente, que a minha mãe era uma pessoa que me dava outro tipo de liberdade, levava os meus amigos a casa, enquanto que num quarto alugado eu não podia fazer muitas coisas, não é? Não podia. Era a casa de uma outra pessoa mas na da minha mãe não. Eu já pintei as paredes, punha lâmpadas de cores, música até às tantas, os amigos e as amigas iam lá para casa, fazíamos festas e bailes, tinha outra... A minha mãe deixava-me fazer tudo, no fundo, creio eu que era uma forma de me compensar por um série de coisas que não tinha. Ao fim de um ano vai-se embora e eu fiquei com uma saudade imensa de ter uma família e dos meus irmãos. Entretanto a minha irmã tinha 13 anitos, o meu irmão tinha 12, estavam numa fase que já tínhamos conversas diferentes, sentia falta de uma família então escrevi à minha mãe: “Oh mãe, eu já vou fazer 19 anos, porque é que eu não vou para aí viver?”. Ela já não vivia na aldeia, porque o liceu da minha irmã e do meu irmão já tinham mudado a vida, tinham ido viver para a cidade, para o Lobito. Para a aldeia eu não queria voltar, mas para a cidade eu já não me importava ir, então pedi para ir para lá. E pronto eu pedi-lhe, disse-lhe o pai já está mais velho, já está um bocadinho mais mole, eu também já cresci, já não vou ser tão, assim todo com ele. Creio que já aceito melhor o meu padrasto e ele já me aceita melhor a mim. E a minha mãe disse “Como tu quiseses, queres vir? Eu arranjo o dinheiro para pagar a viagem.” e eu disse “Não precisa mãe, eu onde estou a trabalhar ao despedir-me

vou receber subsídios e compro a viagem e vou-me embora.”. Assim foi, fui-me embora em fevereiro de 72, ia fazer 20 anos em dezembro. Eles estavam portanto, de férias e eu como não tinha trabalho e aquilo era uma cidade à beira mar, 10 ou 15 km de frente de praia, mas nós morávamos longe da praia, apesar da cidade ser pequena era uma cidade grande, espalhada e eu tinha que ir de autocarro para a praia, que ainda fica longe, ainda ficava ali a uns 7 ou 8 km de casa e eu ia de autocarro com os miúdos. Curiosamente e eu não sei explicar porquê, ali em África, naquela altura, não se fazia praia da parte da tarde, ninguém fazia praia da parte da tarde, ninguém ia à praia da parte da tarde, não sei se é uma questão de temperatura se é uma questão cultural, ninguém ia à praia. Havia meia dúzia de pessoas na parte da tarde que nós ríamos e dizíamos que eram os bifes que tinham vindo de Portugal. Erámos um bocado racistas neste aspeto, então eu tinha que me levantar cedo para apanhar o autocarro, ia à praia com os miúdos, levava os miúdos à praia comigo e voltava, claro que aqui habituado a fazer praia o dia todo e mais na parte da tarde do que de manhã, eu tentava vir sempre o mais tarde possível, vinha no autocarro, saía à 1h da praia e chegava à 1.30h a casa, quando eu chegava à 13.30h já a minha mãe e o meu padrasto tinham almoçado, quando ele estava cá, porque ele estava na fazenda e nós é que estávamos aqui na cidade, ele vinha cá passar uns dias de vez em quando e nos dias que ele estava, eles já tinham almoçado eu ficava sempre calado, e o meu pai também, sempre a olhar assim para mim, e eu perguntei à minha mãe o que é que se passava, sem ele ouvir, e ela disse que ele não estava satisfeito porque tu vais sair com os miúdos, com os filhos dele, vais sair com os miúdos e nunca estás à mesa à hora de almoço, à refeição com ele, ele nunca come com os miúdos, nos poucos dias que cá está e tu sabes que aqui em Angola é ao meio-dia que saem dos trabalhos, é ao meio-dia e meia que está toda a gente a almoçar, e quando tu chegas já ele está almoçado. Ai é? E eu disse: "Está bem". No outro dia apanhei-o e disse-lhe: "Ó pai, o que é que se passa? Parece que o pai está aborrecido comigo e triste". E ele disse: "Pois, sim estou um bocado triste contigo". Ele era doce apesar de tudo, e eu: "Então, mas o que se passa?", "Pois, passa-se isto...", e eu disse: "Olhe pai, tenha paciência, mas eu não vou de maneira nenhuma estar aqui a horas que lhe convêm, das duas, uma, ou os miúdos não vão nunca mais à praia, o que é desagradável porque faz-lhes falta à saúde e às férias, e ao bem-estar, não é? O pai era lá do campo de Loulé, não era assim, mas hoje a vida é

assim, portanto, ou os miúdos vão e vêm à hora quando eu quiser", "Há mais então não podias...?", "Não, sabe porquê, pai? Eu tenho 19 anos, o pai entrou em minha casa, na minha vida, quando eu tinha quase 5 anos, vivi como soube, por aqui, por acolí, estes anos todos, não vivi em família, e agora eu quero ter uma família, eu quero ter os meus irmãos, eu não vou abdicar dos meus irmãos, se o pai achar que eles são seus filhos, faz o que quer e entende, pois olhe, eu não vou poder fazer, porque são seus filhos, mas eu não vou ceder, sabe porquê? Estes anos todos, o pai nunca perguntou à mãe se quer se eu tinha onde comer, nem sequer era a hora, era onde comer, nunca se importou, não lhe admito que agora esteja aqui a querer que eu venha sentar-me à sua mesa, à sua hora, não, nem sequer estou a comer nada do que é seu, eu ainda trouxe algum dinheiro de Portugal e a minha mãe continua a fazer bolos e continua a ter dinheiro para me sustentar, não estou a comer nada do que é seu, não tenho que sentar à sua mesa, com todo o respeito, quando puder estar, estou, quando não estou, não estou, fui educado assim, aqui, acolí, não há horas rigorosas, nem há esse conceito de família que o pai quer, eu não tenho... vou ter.". Ele calou-se, não disse nada.

A partir desse dia saiu de casa, embebedava-se todas as noites nos bares e nos cafés, não queria vir para casa e a minha mãe já era isto, já era uma isto, era uma aquilo, era um isto, ou era um aquilo, sempre com algum rigor mas pronto, e chegou a dizer que se não sai ele de casa, saía eu, então dois meses depois de eu chegar, eu pensei assim: "Ah, então, já vivi a vida inteira sozinho e vivia bem, eles viviam bem encantados da vida, agora venho viver com eles e vivemos todos os cinco mal, não vale a pena, não vale a pena." Fui bater à porta dos meus primos da parte do meu pai que viviam lá na cidade, aluguei um quarto e saí de casa e fui viver para casa dos meus primos, eles ficaram a viver todos juntos, mas não me zanguei com ele, nem ele comigo, não, e pronto, e comecei a viver na casa dos meus primos, arranjei emprego numa receção de um hotel e fiquei a trabalhar e a viver na casa dos meus primos, e aí fui ficando até que se dá a fuga para cá em agosto de 75. A saída de lá foi traumática e difícil.

Entrevistadora: E a nível pessoal, sentiu que fugia ao padrão exigido pela sociedade?

António: Não sei dizer... Eu fui tendo sempre a partir daquela idade dos tais 13 anos, do seminário, fui tendo sempre as minhas relações sexuais pautadas pela afetividade ... Acabo por ter consciência disso mais tarde, sei lá, lembro-me de ter 17 anos de idade, aqui ainda, e ter namorada e ter um namorado, que na altura não se podia contar, nem um ao outro, não podiam saber, mas eu tinha, para mim era perfeitamente normal e natural, e com 17 anos de idade tive coragem de abrir o jogo com um amigo que tinha de todos os dias, que me acompanhava, andava comigo na escola à noite, sem ele ter qualquer tipo de preparação para isto, para mim naturalmente contei-lhe, que por acaso a namorada da altura era a irmã, era irmã dele, não, nunca houve problemas, nunca houve problemas, nunca senti.

Entrevistadora: Nunca sentiu?

António: Como eu tinha percebido que o natural em mim, não era o natural no mundo e que havia pressão do mundo para que não fosse, eu preferia ocultar do mundo, para não criar confronto, mas fui fazendo sempre à minha maneira. O seminário deu-me depois a possibilidade de fazer uma opção. Ou seja, a educação do seminário deu-me uma opção errada, não sei... Ou seja, eu aprendi que não devemos viver em mentira e o mundo nesse tempo não estava preparado... O seminário foi muito forte... A minha aprendizagem no seminário é muito forte, na minha formação enquanto pessoa, na preocupação pelo outro. Não o devo à minha família, mas sim ao seminário.

Entrevistadora: Quando foi que se apaixonou pela primeira vez?

António: Ah... A minha grande paixão foi essa namorada... Ela já tinha alguma liberdade sexual que eu vindo do seminário não tinha. Aprendi que tinha que se manter a virgindade e não sei o quê, tinha que haver ali algum recato, então conheço-a através do irmão, que era meu colega na escola à noite, e apaixonei-me loucamente por ela, claro. Essa namorada era muito importante porque ela sendo mais velha que eu e tinha mais alguma experiência, mexeu comigo. Porque ela tinha tido um namorado, ela era de Faro, curiosamente aqui de Tavira, com quem teve um relacionamento e o namorado foi mandado para Moçambique, para África, para a tropa, e ela cá ficou fechadinha, amarradinha em casa, não podia usar roupas, coisas não sei quê, porque tinha que estar recatada com a mãe, não tinha pai, o pai já tinha

falecido e ela foi sempre muito recatada. Só que o dito cujo, uns meses depois de lá estar, escreveu-lhe a dizer que tinha conhecido uma outra rapariga e ia casar, e ela apanhou um choque terrível com tudo isto. Revoltada a ponto de ela se tornar a pessoa importante a ponto que foi. Ou seja, ela começou a fazer aquilo que os homens faziam às mulheres. Começou ela a fazer aos homens, então, de revolta e de raiva. Eu lembro-me que nós íamos para a discoteca para a Kon Tiki, com os seus cabelos longos super sexys, super bem disposta com os amigos, dançava, bebíamos copos, olhava para este, para aquele e para aquele outro, via aquele que era giro e daí a um pedaço ela dizia: “Vamos dar uma volta?”. Iam dar uma volta, quando voltavam da volta, sim, e eu a observar mas ainda não era namorado, não, era amigo que a observava, e quando voltavam da volta ela deixava-o ali com os amigos e não lhe olhava mais nem nesse dia, nem no dia seguinte, nem nunca mais. No dia seguinte era outro, e eu gostei dessa atitude que era aquilo que os homens faziam às mulheres. Era chamada de muitos nomes, eu não a chamaria porque eu não via isso assim, mas a maior parte das pessoas via que aquilo era uma coisa muito má, mas eu não via, mas pronto ela acabou por ser uma pessoa importante porque ela já tinha outras ideias, era pessoa que me falou em política, na altura comunismo, não é, porque na altura também só havia o partido comunista na clandestinidade, não havia mais nada, não havia ainda outras coisas, portanto ou se era fascista ou se era comunista, não é, não havia ainda o socialismo, foi uma coisa moderna que apareceu depois.

Por falar em pessoas importantes na minha vida, em África houve uma prima minha que me marcou imenso. A Maria Angelina era uma pessoa com uma personalidade muito especial. Era mulata, vivia com a avó branca e filha de um branco. Foi a primeira mulata a usar biquíni, nos anos 60, era um escândalo. Um biquíni escandalosamente reduzido. Ela frequentava a cidade, trabalhava na rádio de Lobito. Toda a gente a conhecia. Primeira mulher a montar-se numa mota. A primeira mulher a usar calças em Lobito, a namorar com brancos. Lembro-me sempre dela dizer que não queria casar. Dizer: “O que é isso do amor? Eu nasci sozinha, cresci sozinha e vou ficar sozinha. Quero ter filhos!”. Hoje é mãe solteira. A minha namorada acaba por ser um reflexo disto tudo.

Entrevistadora: Qual é para si a diferença entre amar uma mulher e amar um homem?

António: Nenhuma, nenhuma, a única coisa que há de diferença é que a construção feminina mental é muito mais complicada, e eu não tenho muita paciência para a maioria das mulheres, coisa que esta por exemplo não tinha, esta não tinha mas a maioria das mulheres que conheci depois são muito complicadas, são muito inseguras, são muito ciumentas, muito picuinhas, são muitas coisas, a mulher, claro que há exceções mas a mulher, como construção portuguesa que conheci e ainda hoje vai prevalecendo, eu não tenho paciência, sou uma pessoa muito solta e muito prática. Também há homens assim, já os apanhei, também já os pus a andar. É por isso que se calhar eu estou sozinho, cheguei à conclusão que realmente a minha prima Maria Angelina tinha razão. Não há necessidade de estarmos amarrados a alguém ou estarmos contrariados, ou seja, termos muitas coisas contrariadas em função de poucas coisas que são boas. Às vezes, quando os meus amigos falam que estão com problemas com as namoradas, com as mulheres eu digo-lhes: “Eh pá, desculpa lá, o dia tem 24 horas, damos uma queca meia hora por dia, resta-nos 23:30h para uma péssima relação, não há nada que justifique, não há nada que justifique, nada. É melhor não ter relação e procurar uma queca fora, pronto. Eu sou muito objetivo e não há nada que justifique, o contrário sim, temos uma ótima relação com alguém que se calhar sexualmente nem funciona, pronto não funciona. Chegam a um acordo que procuram por fora, civilizadamente, encontrar uma solução fisiológica, não é, de forma a que não se magoem mas tem a vivência dos dois que é muito grande. Eu vejo assim, não vejo de acordo com as convenções todas que foram feitas, que tudo tem que encaixar, tudo tem que bater certo, tudo tem que estar no lugar. Eu vejo assim, se calhar a minha sexualidade tem um pouco a ver com isto, eu prefiro realmente não ter.

Entrevistadora: E acha que ainda há preconceito com essa forma de pensar?

António: Há, há de haver sempre! Muito mais do que com a genérica, quer na forma de estar masculina, quer na feminina. Há sempre muito mais preconceitos com esta minha, porque esta minha é a negação de todas estas coisas, não é? Não da sexualidade em si, mas não tenho muita paciência para aturar estas amarras, estas coisas. Não, me lembro de ter havido episódios que tiveram qualquer tipo de peso para eu poder dizer que fui discriminado. Não, porque eu aos 17 anos de idade comecei a falar do assunto

de uma forma tão natural e a aceitar-me tão naturalmente. O que eu vejo na maior parte dos meus amigos é que eles não se aceitam a eles próprios, eles são, querem sê-lo, mas gostariam de não o ser. Dentro da homossexualidade há mil formas de estar, eu não tenho problema nenhum, se for preciso estar numa plateia de 5000 pessoas a dizer que dormi com o “Manuel”, digo isto com a maior das naturalidades, considero-o tão normal quanto as outras pessoas. Não valorizo isso negativamente. Como nunca permiti que isso me entrasse interiormente. Nem todas as pessoas têm preparação para aceitar isto, mas nunca me fizeram frente de forma a tornar a relação difícil, e se houve alguma, creio que tenha havido, a vida também fez eu me afastar.

Entrevistadora: Teve alguma relação assumida?

António: É curioso, em 79 a minha irmã estava a separar-se e a minha mãe em conversa comigo, disse-me: “Olha, como tu sabes a tua irmã vai voltar para casa, bem fazes tu que não queres casar para não sofreres estas circunstâncias.”, e eu “Mãe, nunca conversámos sobre isso, onde foste buscar isso. Não sei... por acaso não sou a favor do casamento, para mim isso é um contrato. Mas, não sei se caso ou se não caso.”, “Como sempre te vi com muitas amigas, mas também com muitos amigos muito especiais...”, “Se eu encontrar uma mulher que seja importante para ela casar, eu caso. Se for homem, não posso porque a sociedade não aceita.”, “Então como é isso? Tanto podes viver com uma mulher como com um homem?”, “Nós fazemos opções pelas pessoas não pelo bocado de carne, pela genitália exclusiva. Gostamos das pessoas por razões que não sei bem explicar e não pela parte sexual.” Então ela disse-me: “Nunca tinha pensado nisso dessa maneira. Não te preocupes que não volto a falar-te disto.” e até hoje nunca mais fez perguntas.

Em 82 conheci um rapaz que acabou por ir viver lá para casa comigo, para aí uns 5 dias depois de o conhecer, ficou lá a viver, só disse à minha mãe “ olha mãe o Francisco vai ficar aqui a viver” e ela perguntou-me “Vai ficar aqui a viver como?”, “ Pois mãe, vai ficar aqui, não sei, pode durar um dia, um mês, um ano uma vida, não sei!” e pronto o Francisco ficou. Uns meses depois, uns bons meses depois, eu não tinha quarto para mim, dormia na sala, no sofá cama, tinha que fazer a cama todos os dias e o Francisco dormia comigo no sofá cama. Só havia uma televisão na sala, eu trabalhava no aeroporto por turnos, e eles muitas vezes queriam ver televisão numa altura em que eu tinha que estar a descansar, portanto isto não funcionava. Não havia

condições e a minha mãe juntou algum dinheiro dos bolos que ia fazendo e uma parte do dinheiro e disse-me: “Olha está aqui este dinheiro que eu pus na tua conta, então na garagem ali em baixo, inventa, desenrasca-te, faz qualquer coisa que tenha condições para tu e o Francisco viverem porque realmente não há condições para estarem a viver aqui eternamente nesta situação.” E pronto assim fiz, a casa onde hoje vivo não é a mesma, mas foi parte da casa.

Entrevistadora: E tem sido uma relação para a vida?

António: Foi uma pessoa muito importante mas só foi meu companheiro durante 3 anos e meio. Eu tinha 29 anos e ele tinha 18, ele tinha vindo do Alentejo, estava na descoberta de muitas coisas, foi uma relação dolorosa e aprendi que nunca mais quero repartir o mesmo espaço físico com uma pessoa que mantenha uma relação mais íntima, porque a experiência não foi boa. São pelas mais variadas razões que as pessoas são hétero ou são homo, hétero porque as circunstâncias levam as pessoas a isso, eu não tenho qualquer tipo de preconceito nem numa situação nem noutra mas eu nos últimos anos estive mais ligado às praticas com homens do que com mulheres porque libertei-me, e às vezes talvez como afronto à sociedade fez falta estar no contra, eu sempre fui muito afrontador do que estava estabelecido na vida, e creio que o que me levou a olhar para a sexualidade de maneira diferente e a entrar por ela, foi quando fui para o primeiro emprego que o meu tio me arranjou, havia um senhor que fazia uns desenhos muito giros, muito giros uma banda desenhada homossexual, mas “hardcore”. Ele não os mostrava, mas eu lá os apanhei e aquilo despertou em mim algum erotismo, e percebi que aquelas brincadeiras de miúdos que fomos sempre tendo uns com os outros, e depois já no seminário, que não eram propriamente a sexualidade, percebi que podiam ser sexuais porque elas existiam, até havia quem as desenhasse. Por isso aquilo não era assim uma coisa tão bizarra quanto se queria fazer crer, existia. Portanto aquilo despertou em mim alguma normalidade e algum erotismo, portanto isso ajudou-me um pouco na libertação da física da sexualidade. Mais tarde quando saio de casa do meu tio e vou viver para o tal quarto alugado na casa da senhora, ela tinha uma filha que era professora, mais velha, que também me marcou muito. A minha vida foi marcada por mulheres não foi por homens, curioso, também me marcou muito, a Irene que era professora, estou a falar de 1968, ela tinha um livro que era do Freud, que era *os Três Ensaios sobre a Sexualidade do Freud*, onde fala sobre a

sexualidade, e tudo ligado com a sexualidade, e eu tinha 15 anos quando peguei no livro, e aí eu fiquei ainda com outra consciência da normalidade perante essa anormalidade que a sociedade dizia que era, o que me deu ainda mais estofa para perceber que era assim, não havia nada. Daí, que se calhar quando eu tinha 17 anos ter dito ao meu melhor amigo o que se passava, e à minha irmã de 14 anos. Encarei sempre isso com a maior das naturalidades, sem fazer disso um grande tabu nem um grande segredo, talvez por estas pequenas coisas, não sei.

Entrevistadora: De onde vem a sensibilidade para ajudar os outros?

António: Depois de cá estar, em abril de 80, consegui ir trabalhar para a TAP como Operador de rampa e depois passei a Oficial de Tráfego em 84. Em 85 fiquei efetivo, tinha 35 anos, foi difícil, 13 anos de luta à procura de estabilidade. Esta experiência permitiu-me contactar com outro mundo. Foi aí que, em 92 surge um grupo de colegas que me contactou e fundámos uma associação que ainda hoje é associação mais antiga que ajuda pessoas com SIDA em Portugal, somos mais antigos que a ABRAÇO. Isto porque trabalhávamos no aeroporto, viajávamos, tínhamos amigos por toda a parte do mundo e começámos a perceber que aquela doença estava a dizimar muitas pessoas, e os governos não tinham grande vontade em solucionar estes problemas, porque aquilo atacava uma camada específica da sociedade ligada à homossexualidade. Fomos perdendo muitos amigos lá fora e conseguimos perceber que não eram os governos que atuavam lá fora. Fui muitos anos diretor, deixei o MAPS mas estou sempre presente. Faço parte da assembleia, sou o mais antigo e não tomam decisões sem mim. Além de ter perdido muitos amigos penso que a educação do seminário também contribuiu para a minha vontade de ajudar os outros. Aprendi a olhar para o outro de maneira diferente.

Entrevistadora: Foi na TAP, onde trabalhou a maioria da sua vida, e foi uma experiência que marcou sem dúvida a sua trajetória. Em que altura é que estava da sua vida quando começou a pensar na reforma?

António: Nunca tinha pensado nisso naquela altura, nem tão cedo. Para mim a reforma seria uma coisa normal aos 60 e poucos anos, poderia eventualmente a empresa dar alguma facilidade antes, porque fui vendo nos últimos anos a empresa a facilitar, mas nunca se me pôs a questão de sair do trabalho antes dos 65 anos de idade, nunca pensei

absolutamente nada disso, mas de repente começo a ver as pessoas a saírem, a empresa a fazer umas ofertas de rescisão de contrato e as pessoas a irem para a reforma, contudo continuei a não colocar essa questão e um dia sai uma ordem de serviço. Nós ouvíamos dizer que a empresa estava em dificuldades, que aquilo ia fechar, mas eu desde que fui para a TAP em 70, que diziam que a TAP ia fechar, mas saí de lá em 2005 e ainda não tinha fechado e ainda hoje não fechou, embora em Faro depois em 2010/ 2011 eles tenham fechado a parte que era TAP que já tinha mudado para Groundforce. Mas portando saiu aquela ordem, e um colega que estava a trabalhar, que estava muito ligado ao sindicato a dizer “António então e tu não estás a pensar nesta hipótese?” eu respondi “eu não estou a pensar em hipótese nenhuma, então estou com 52 anos de idade” isto estávamos em outubro de 2005 eu ainda iria fazer 52 ou 53 em dezembro, e disse “ não nunca pensei” e ele disse-me “ mas olha lá que tu podes, a regra é mais ou menos isto, se aceites a rescisão és obrigado a ficar três anos ou 38 meses, no desemprego, e esse tempo conta como anos de trabalho como na altura já tens mais de 55 anos, então podes reformar-te”. É uma lei que foi criada para esta circunstância para esta empresa, porque se encontrava em situação económica difícil, e eu disse “ bom ,pois, se eu tenho 53 daqui a três meses, com 38 meses vou passar para 56 anos, já passa um ano e tal do mínimo que eles exigem” e aconselharam-me a pedir a simulação, eu pensei pois , está bem, não perco nada a pedir a simulação e foi assim de repente, eu não tinha nunca equacionado parar de trabalhar, pois não me sentia cansado, nem descansado, nada de nada ... Pronto era a vida que estava estabelecida e era aquilo...

Então pedi a simulação, na altura sei lá... fiz contas entre aquilo que eu trazia para casa no bolso e mais aquilo que me disseram que me davam e fiz contas entre a gasolina que gasto, a comida que tenho que levar todos os dias, ou comer lá e também o desgaste psicológico da idade, penso, não, a diferença efetivamente não compensa continuar a trabalhar, se eu tenho esta hipótese. Eu iria ganhar cerca de 1500€... era o que me tocava então passaria a receber 1340€, nesse caso por 160€ não vou ficar a apodrecer aqui na empresa, a gastar comida e gasolina e a levantar-me às 4/5/6 da manhã. Tinha sido uma vida, e pensei, por 160€ não...

Entrevistadora: Quantos anos trabalhou na TAP?

António: Na TAP trabalhei de 80 a 2005, trabalhei 25 anos e meio, porque foi em Abril de 80 em abril de 2005, fiz os 25 anos, quando saí em dezembro, tinha quase 26 anos.

Entrevistadora: Podia-se dizer que tinha uma vida ativa, e viajava muito?

António: Nesse aspeto era, tinha uma vida muito mais viajada. Depois fiquei com viagens, cerca de 4 viagens por ano durante 5 anos, e pronto ao fim de cinco anos acabou, mas também não é grave porque temos os voos low cost que são baratíssimos para ir a qualquer lado. Era mais o Brasil onde tenho família que deixei de ir, porque realmente a viagem é cara, mas viajava mais, penso que é uma questão psicológica, como trabalho aqui os aviões partem a todo o momento, as pessoas partem, as pessoas chegam, e eu também quero ir aqui e acolá ... Portanto acho que, o que nos envolve, o ambiente onde estamos envolve-nos também nas opções que fazemos na vida. Agora não me lembro tanto de viajar, mas não é que não goste e nem que não tenha os amigos na mesma, mas não me chama tanto porque já não estou no aeroporto, porque se tivesse isso era muito mais... mesmo low cost eu comprava e ia, agora não. Penso que nós somos animais que nos adaptamos facilmente às coisas, mais facilmente do que aquilo que nós imaginamos.

Eu lembro-me que na altura quando eu pedi a simulação, e que depois aceitei, houve quase que 50% dos meus colegas que me diziam “ ah tas doído, és muito novo com 53 anos, e vais-te reformar, tu vais enlouquecer, depois não tens nada para fazer, vais-te aborrecer, vão-te dar depressões e aparecem doenças, porque as depressões estão escondidas e trazem doenças físicas e que isto e aquilo”, bem diziam muitas coisas, eu fui sempre da opinião pessoal de que isso não era verdade, inclusive, houve pessoas que queriam sair na mesma altura que eu, que fizeram a simulação e que estavam com essa dúvida porque ouviam mais facilmente o buzinar disso e eu ajudei-as a entender que não, e hoje agradecem-me não terem ouvido a maioria e terem-me ouvido. Para ser sincero não houve dia nenhum, nenhum mesmo que eu dissesse “oh que chatice, devia estar agora no aeroporto a trabalhar”.

Entrevistadora: Como eram os seus dias antes de se reformar, como eram as suas rotinas?

António: Não tinha nada assim muito rotineiro porque trabalhei por turnos uma vida inteira, houve alturas na vida em que trabalhava 24 horas, chegava a entrar à meia-noite e sair as 8 horas da manhã, e outras vezes entrar as 8 horas da manhã. Nestes últimos anos já não tinha voos noturnos, porque o aeroporto deixou de ter voos noturnos, a

união europeia proibiu para não incomodar as pessoas, quando os aeroportos estão dentro da cidade, e Faro foi um deles e já não tinha.

Entrávamos às 06:00 da manhã e saíamos às 15:00 da tarde, isto o turno da manhã, ou entrávamos às 07:00 e saíamos às 16:00, ou às 09:00 ou às 11:00 da manhã, ou então entrávamos às 14:30 ou 15:30, mas o mais tarde que saíamos era às 00:00 e o mais cedo era às 06:00 da manhã. Portanto não posso dizer que tinha rotina porque uma semana estava a trabalhar de manhã e chegava a casa às 15:00 e vinha estafado e estendia-me no sofá um bocadinho, e como tinha a obrigação de trabalhar cedo, nunca fui uma pessoa de dizer: oh vou sair, vou beber uns copos, vou jantar e não sei quê, e durmo três ou quatro horas e vou trabalhar... Nunca fiz isso porque achei sempre que o trabalho era quem me dava o dinheiro e eu tinha que estar com ... agora cheguei a fazer outras coisas, fiz ao contrário, saía do trabalho às 15:00, fazia as minhas 8 horas de descanso, dormia até às 00:00 e depois levantava-me, tinha dormido portanto, tomava o meu banho, comia e ia para o Kadoc por exemplo, para a discoteca, curtia até às 05:30 da manhã se entrasse às 06:00, e saía da festa e ia para o trabalho. Ora, em vez de fazer trabalho, descanso e curtidão, eu fazia ao contrário.

Entrevistadora: Portanto consigo não havia rotinas ...

António: Não, fiz muitas vezes isto quando havia algum DJ que vinha que era importante, ou uma festa qualquer, e cheguei a fazer o contrário, para não perder, dormia de tarde quando saía do trabalho e depois entrava às 06:00 da manhã. Portanto, primeiro gozava e depois trabalhava, ao contrário do que as pessoas fazem, que primeiro trabalham e depois gozam.

No fundo a vida é dividida em três fases, oito horas mais ou menos de lazer, oito horas de trabalho, e oito horas de descanso, porém nem sempre nesta ordem, eu trocava a ordem. Não fiz muitas vezes mas fiz algumas, e as suficientes para serem referidas, nunca deixei de perder nada, e não tinha assim uma rotina.

Entrevistadora: Na altura quando houve a tal conversa com o seu amigo, e que pensou em reformar-se, havia alguém mais próximo da sua vida a quem pedisse um conselho, que achasse que era importante ouvir?

António: Sim, talvez tenha perguntado à minha família, à minha mãe, aos meus irmãos e talvez aos amigos mais próximos, mas as reações da maior parte das pessoas não eram muito no sentido de que me reformasse, tinham receio de que realmente, me aborrecesse, sem nada para fazer, e porque eu tinha 53 anos, aliás, eu aceitei sair da empresa não tinha feito os 53 anos, mas só quis sair com os 53, e nesta leva houve quem saísse ainda antes de mim. Dia 17 de Dezembro, que foi o meu aniversário, tinha combinado com as colegas, porque eu era o único homem que trabalhava no setor, e eramos 14 pessoas e elas eram todas casadas e com filhos, e depois chegava o Natal e elas todas queriam estar com os maridos e os filhos e as prendas, aquela coisa, e eu não me importava nada de ficar eu de serviço no Natal para vocês irem para casa, porque também não havia muito movimento, era preciso ficar sempre alguém, só para uma emergência, e então eu já tinha feito acordos com elas que ficava, então eu disse até à fulana que veio de Lisboa tratar disso: eu já tenho acordos com as minhas colegas, então não queria de maneira nenhuma fazer isso as colegas, por isso eu espero pelo dia 26 de dezembro e só depois é que saio, é que será o meu último dia de trabalho, para elas poderem ter os natais com a família tal como foi combinado, porque depois era um grande transtorno porque as pessoas ligam muito a isso, eu como não ligo nada.... E pronto só saí a 26 de dezembro.

Entrevistadora: Tinha amizades no trabalho, pessoas com quem se relacionava melhor? O que se recorda?

Entrevistado: Curiosamente passados onze anos... ficou uma, assim mais, a quem telefono e vou-me encontrar, mas fazemos um almoço mensal de pessoas reformadas onde não vão todos claro, mas vão aparecendo mais ou menos sempre os mesmos e curiosamente das pessoas do meu setor com quem mais eu estava. Não vamos todos os meses, umas vezes por isto ou por aquilo, vamos rodando e vamo-nos encontrando e acabo por ficar satisfeito. Mas no aeroporto às vezes nestes onze anos que já passaram vou levar familiares e não sinto nostalgia nenhuma nem sinto o peso que já estive neste sítio durante não sei quantos anos e foi o meu sítio, não consegui limpar sem fazer nada por isso. Eu acho que o nosso organismo tem surpresas extraordinárias. Há pessoas que ficam logo muito agarradas, “ai não posso ir ao aeroporto, ai não sei quê, ai não sei que mais” eu nada, entro ali como se fosse outro espaço qualquer, não tenho recordações nenhuma, nem disto nem daquilo nem de aqueloutro. Tenho saudades de colegas de

amigos e isto no fim é uma diáspora, cada um foi para seu lado, cada um foi para os seus hábitos com familiares com isto com aquilo, vamos-nos encontrando mensalmente às vezes alguns.

Entrevistadora: Que já é muito bom não é? Porque hoje em dia há muito poucas amizades que ainda se encontram. E medos? Quais foram os medos que sentiu?

Entrevistado: Não, eu não tive, podia ter medo da solidão e não sei de quê, mas não tive medo. Aliás a minha mãe, na altura eu vivia só com a minha mãe e ela dizia me “ Oh António como é que tu fazes? Tu tens menos tempo agora do que quando trabalhavas.” Ela foi-me dizendo isto às vezes durante muito tempo, ela achava que eu tinha menos tempo, as 24 horas são sempre as 24 horas, mas eu tinha menos tempo, não sei explicar. Tanto que eu lia livros e agora não consigo ler livros, eu não tenho tempo, nem revistas, eu não consigo.

Entrevistadora: Recorda-se que é que fez no seu primeiro dia de reformado?

Entrevistado: Nada de especial, era como se fosse uma folga, nada de diferente.

Entrevistadora: Não sentiu aquela nostalgia?

Entrevistado: Nada, nada, nada, não pensava agora é a hora de ir para o trabalho, eu não tive, não sei se as pessoas sentem mas eu não tive. Há pessoas que são as pessoas que se lhes chamam os work.... Que se calhar faz-lhes falta trabalhar, que trabalhar é uma coisa que as preenche. A mim não, trabalho porque tenho que trabalhar e tenho que trabalhar para viver, para ter dinheiro, para sobreviver, não porque eu gostasse especialmente do trabalho. Porque eu sempre pensei assim, se eu tivesse dinheiro e não tivesse necessidades de dinheiro, não trabalhava, mas pronto... Tinha um ordenado inferior e a crise ainda me tirou muito mais dinheiro e depois ainda veio um filho, um filho de acolhimento que ainda me trouxe mais problemas vivo hoje com muito menos dinheiro do que antes, quase 50% não é o dinheiro mas da forma de viver hoje quase 50% daquilo que chegava. A crise tirou dinheiro, essas coisas tiraram dinheiro e eu fiquei com muito menos dinheiro daquilo que ganhava à partida e mais um adulto, porque o filho de acolhimento já tinha 22 anos quando chegou e tem agora quase 30 e não tem trabalho...

Entrevistadora: Ele mora consigo?

Entrevistado: Mora, mora. No fim são dois adultos com um salário. Eu vivia com a minha mãe mas a minha mãe tinha o próprio dinheiro e ela geria aqui a comida dela as coisas dela com o seu próprio dinheiro e eu geria as minhas, a nível económico vivia sozinho e agora passei a viver a dois porque tenho o filho de acolhimento.

Entrevistadora: Como é que foi essa situação do filho? Como é que se proporcionou?

Entrevistado: Foi um bocado complicado mas no fundo é simples, eu no aeroporto em 1992 fiz parte de um grupo de pessoas que resolvemos criar uma ONG portanto uma associação que viviam com o problema da sida, porque como viajávamos muito tínhamos muitos amigos, vou-lhe dar um exemplo sei lá, cheguei a pegar em mim e nuns colegas e íamos para Londres jantar e dançar e voltávamos no dia seguinte sem dormir, íamos a Paris fazer isto e com isto arranjávamos sempre amizades, tínhamos sempre a casa cheia de gente, nós íamos para aqui e para acolá e fomos percebendo que a sida era um flagelo impossível de controlar e que matava muita gente, que lá fora matava mais gente do que aqui porque também a liberdade e a sexualidade mais liberta trouxe mais problemas na altura, mas percebemos que os Estados mesmo esses lá fora, não ajudavam o suficiente e lá fora a única hipótese que as pessoas tiveram de ir sobrevivendo e melhorando a forma de viver era com estas organizações. Então nós resolvemos, porque aqui também já tinha havido obviamente, a primeira pessoa que morreu em Portugal com sida foi o António Variações, dia 13 de Junho de 1984, não é? E isto já estávamos em 1992, eu já tinha perdido muitos amigos, mais de uma dúzia. Amigos, amigos, nem sequer eram conhecidos, eram amigos, fui perdendo. Então resolvemos um grupo de pessoas, através de uma colega minha que estava muito ligada a São Francisco na Califórnia, onde foi talvez um dos focos grandes e talvez o início. E ela também perdeu amigos. A mãe dela trabalhava aqui no hospital de Faro, portanto tinha conhecimentos dentro do hospital, logo nós criámos uma associação. A MAPS, da qual eu fiz parte da direção algumas vezes mas ao fim de dois ou três anos de lá estar houve uma nova direção e eu incompatibilizei-me um pouco com a nova direção, fiquei como voluntário na mesma mas saí da direção mas essa direção acabou quase por nunca me utilizar para atos de voluntariado mas tudo bem, foi opção deles e aquilo tornou-se muito grande logo depois da minha direção que foi a primeira, foi a pioneira, o embrião e houve necessidade da MAPS não ser só a problemática da sida, houve necessidade que alargar o âmbito, o leque, para poder vir dinheiro da segurança social, que hoje tem

que se dizer que, são pessoas que usam substâncias que lhes são prejudiciais, trabalhadores de sexo comercial, às pessoas sem-abrigo, às pessoas de outros países que estavam por aqui. Naquela altura já havia problemas com pessoas que vinham da Ucrânia, que vinham da Roménia, que vinham desses países assim que depois os patrões aqui abusavam, davam-lhes trabalho e não lhes pagavam nada, ficavam-lhes a dever e depois tinham muitos problemas em sobreviver e nós acolhíamos toda esta problemática. Mas eu não estava lá quando isto alargou o âmbito, não estava lá... Depois em 2006 já eu tinha saído da TAP, uma amiga minha que lá ficou quando eu saí e que foi aguentado aquela direção convidou-me para eu voltar a fazer parte de uma lista, fiz parte de uma lista dela novamente, não ganhámos, mas votei a ficar, como tinha saído do trabalho há pouco tempo fiquei um pouco mais ligado à circunstância e à pessoa a quem eu tinha feito assim frente, nunca deixei de falar e sempre fomos amigos mas incompatibilizamos na forma de ver as coisas, e ele tinha-se afastado e eu acabei por ficar mais lá e é através dessa circunstância que eu vejo pessoas quando lá iam às reuniões, que nós nos demos com os utentes. Que agora já nem se chamam utentes, agora chamam-se...

Entrevistadora: Agora já se chamam cliente, até é um termo que eu não gosto muito.

António: A organização mundial de saúde tem feito muitas diretivas no sentido e muitas mudanças nestas coisas. Mas é uma forma menos discriminatória e então... ai desculpe... Vou buscar uma pastilha para a garganta, posso? Só um segundo?

Entrevistadora: Claro que sim

António: Quer água?

Entrevistadora: Não obrigada

António: E havia lá os utentes / clientes, mas eu não falava com eles mas por acaso lembro-me de ver este rapaz, que hoje é meu filho de acolhimento, e é meu filho e será meu filho eternamente.

Aquela direção quando eu lá estou, numas ajudas e numas coisas, aquela direção fez ali umas irregularidades, aliás foi por isso que a Ana Bela me ... infelizmente a Ana Bela faria hoje se fosse viva 59 anos hoje dia 07 de abril, morreu num acidente de automóvel.

Foi a Ana Bela que me buscou para lá. Eu costumo dizer que o meu filho é filho meu e dela, porque foi ela que ao ir buscar-me para o MAPS me deixou um filho nos braços.

E continuando, aquela direção tinha-se portado mal e acabámos por mete-los em tribunal, houve um processo e ganhámos, o MAPS acabou por ganhar. Houve uma altura em que existiu um vazio de direção, quando houve este processo e eu tive que mais uma vez, eu juntamente com uma funcionária antiga, que era assistente social, ficamos com tudo na mão, e aquilo era difícil já tinha trinta e tal trabalhadores, tínhamos salários em atraso, tivemos a fazer negociações, com as pessoas para fasear os pagamentos... bem passámos ali aquele verão de 2008, foi terrível... foi tão mau que no dia do funeral da Ana Bela, que morre em 2008, ela também fazia parte deste grupo, eu ainda continuei com a outra funcionária. No dia em que ela faleceu, mesmo no dia do funeral dela, voltei para lá com a outra colega para tratar nas negociações, e a falar com os indivíduos individualmente. Quando saio de lá o carro para-me na rotunda do hospital, não sei o que é, vou ver, e tinha-me furado o depósito da gasóleo, eu não morri porque o carro era a gasóleo e não a gasolina, porque se fosse a gasolina e tivesse feito o que me fizeram, eu tinha ido pelos ares. Porque houve funcionários que não tiveram muito de acordo com a forma como conduzimos as negociações, mas graças a Deus tudo se fez e tudo se pagou, e o MAPS hoje vive melhor do que nunca. A direção que eu depois consegui arranjar, que ainda hoje lá está, o Fábio e a Elsa Cardoso, e eu sou a única pessoa que lá está desde 92 que nunca largou aquilo.

Entrevistadora: Permanece?

António: Permaneço, agora não faço parte da direção, porque desde que recebi o Nelson pedi-lhes que não me obrigassem a fazer parte da direção, porque como eu costumo dizer, eu tenho MAPS em casa, e tenho o MAPS 24 horas.

Entrevistadora: A que nível? Toxicod dependência?

António: Não, já vamos voltar... A Ana Bela morre eu contínuo as negociações, e em outubro, princípios de outubro há uma feira social aqui em baixo, aqui em Tavira ali no jardim, onde o MAPS tinha uma bancada. Então houve um dia, dois dias aliás, foram dois dias, dos cinco dias que haviam de feira que eu fiquei de serviço, e houve um dia que eu estava lá e aproxima-se um rapaz, na altura não liguei, nem conheci, e ele veio perguntar se podia estar ali comigo a ajudar a distribuir os panfletos, os preservativos, e

aquelas coisas. Eu disse que sim, ele disse-me que gostava de retribuir tudo o que o MAPS tinha feito por ele, disse-me que já tinha vivido no MAPS, durante algum tempo foi lá acolhido, e eu tive um calafrio, como um rapaz tão jeitoso e tão novo já com uma problemática tão difícil, mas depois fui falando com ele e apercebi-me que a problemática dele era que tinha sido sem abrigo, não tinha sido a área da sida. E pronto ele teve ali, eu ensinei-lhe, até porque eu estava a ensinar as pessoas como é que se usava o preservativo feminino, e o rapaz nunca tinha visto, mas vi que ele não estava assim muito familiarizado com aquilo, mas tinha boa vontade.

Teve ali depois foi-se embora, ficou de voltar no dia em que eu estivesse de serviço novamente que seria um domingo, e não apareceu. Entretanto preencheu uma ficha como voluntário, tinha colocado lá o número de telefone e o e-mail, eu tinha olhado para ele e vi que ele estava assim mal vestido, mal calçado, tinha assim uns ténis rotos, e então lembrei-me que tenho muita roupa em casa, e olhei para ele e ele tinha exatamente o mesmo corpo que eu. Quando cheguei a casa nesse dia fui ali ao armário, e pus roupa e roupa, mas ele não apareceu, fiquei com muita pena pois tinha ali a roupa. Fui ligando para aquele número de telefone, ninguém o atendia mas chamava, mas ninguém ligava de volta, achei estranho.

Três dias depois disto tudo, vou a passar na rua e ele vem do outro lado da rua e faz-me sinal, eu disse, então o que se passou? “Ele respondeu oh não pude a minha namorada...”, e disse-lhe: olha tinha posto de lado uma roupa para distribuir no MAPS, pensei que talvez não te importasses de dar uma olhada a ver se gostas de alguma e se queres alguma.

Ele disse-me: Tá bem, onde é?

Eu respondi: Olha eu moro mesmo aqui ao lado.

E foi, e escolheu tudo, quis tudo... claro que entrou em casa, viu a casa, tinha falado comigo no dia anterior, viu a minha atitude, não é parvo e dois a três dias depois veio bater à porta a dizer que precisava de ajuda, que a namorada o tinha posto fora de casa, que tinha até ao final de outubro para se ir embora, que não tinha trabalho e que andava na escola de noite e tinha percebido que eu era diretor daquilo, e que conhecia muita gente e que teria hipótese de o ajudar. Eu disse tá bem, lá fui com ele tratar de ir ao instituto de emprego inscreve-lo, pedir o rendimento mínimo, tratar do BI dele, e de

uma série de coisas. Apercebi-me que ele andava numa escola lá em cima, longe daqui de noite.

Entrevistadora: Que idade tinha ele?

António: Tinha feito ... ele é de 87, tem 29 faz 30 em outubro. Depois percebi que ele andava lá fazendo no 6º/ 7º ano, e andei à procura de trabalho para ele. Curiosamente um amigo meu, tinha-me dito que precisava de um empregado, até me tinha dito que vivia sozinho e tinha um casa grande, e que lhe aborrecia viver sozinho, eu disse, olha o miúdo está com problemas a namorada pô-lo a mexer até ao final do mês, tu dás-lhe lá casa, ela vai e vem contigo para o trabalho, faz-te companhia, mas com uma condição, o miúdo está a estudar de noite e o teu bar abre às 17:00 e fecha às 02:00, e só lhe dás trabalho com uma condição, ele das 07:00 da tarde às 11:00 da noite não vai trabalhar durante a semana. Eu comprometi-me a ir buscá-lo ao trabalho para ele não levar muito tempo e não chegar atrasado à escola, e depois vou buscá-lo e levo-o ao bar para trabalhar, e assim foi.

Pronto lentamente eu comecei...

Entrevistadora: Porquê esta atitude, o que sentiu? De certo gerou-se logo uma grande empatia, porque é uma atitude que nem toda a gente tem.

António: Eu sempre fui assim, portanto já era diretor de uma associação, andei no seminário, sou cristão, há uma série de razões que levam a isto, não é um ato isolado.

Depois o rapaz ficou lá, depois deu-se mal, entretanto eu fui para o Brasil de férias e quando voltei ele já não estava lá nem estava em parte nenhuma. E eu às tantas fiquei com o menino nos braços, e não era capaz de deixar o moço na rua, sabendo todas as problemáticas que ele tinha tido, e acabei por o trazer aqui para casa, provisoriamente, até encontrar uma solução. Mas esse provisório...

Entrevistadora: Estendeu-se?

António: Estendeu-se, porque ele também manhoso, como qualquer pessoa defende-se, as pessoas nestas circunstâncias defendem-se, são sobreviventes, com defesas. Foi ficando, e eu para não quebrar determinados valores e princípios não sou capaz de o por na rua e pronto, ao fim destes anos todos, já faz parte da família, da mobília. Não

consegui foi ainda fazer dele um ser responsável, ele tem uma coisa que se chama Peeter- Pan.

Entrevistadora: O que é ter “Peeter -Pan”? No que consiste?

António: As pessoas quando chegam aquela fase de mudança de idade dos 12/13/14 anos, de adquirir responsabilidade negam-se interiormente e fecham-se e nunca crescem porque, o mundo dos adultos magoa-os e eles não querem ser um adulto, e ficam eternamente crianças e chama-se Peeter- Pan. E esta situação nem sequer é consciente da parte deles, é interiorizado de tal forma que... em algumas coisas, são pessoas normais mas têm sentido de responsabilidade e ser adulto, adulto mesmo na totalidade não, e aquilo não desemburra. Já andei em psicólogos e psiquiatras com ele estes anos todos e ainda não consegui.

Entrevistadora: Na altura quando se reformou, já estava com ele?

António: Não, eu saí em dezembro de 2005, e ele apareceu em outubro de 2008.

Entrevistadora: Então neste momento considera ter um filho adulto mas psicologicamente criança. Esta situação ajuda-o? Ele torna-se uma companhia para si?

António: Sim, sim, é uma ocupação que tenho, agora estou aqui a pensar, que quando ele chegar daqui a bocado eu não tenho jantar feito, e vou ter que lhe dar uma comida daquelas já pré-feitas, que ele não gosta nada.

Entrevistadora: Então e é sempre você que cozinha em casa?

António: Sim, mas ele gosta de cozinhar às vezes... às vezes presta-se a fazer as coisas, mas é quando lhe apetece, a obrigação é minha.

Entrevistadora: A reforma é um processo que envolve uma reconstrução identitária a seu ver? Sente que mudou, que olha para as coisas de uma forma diferente de antes?

António: Nada, para mim apenas o tempo é diferente, a forma como estou a gerir o tempo o resto é tudo igual.

Entrevistadora: E qual é a sua ocupação de tempos livres neste momento?

Antônio: Tenho atividades, mas não são diárias, até há bem pouco tempo... tive aqui a minha mãe, e eu estava confinado a estar em casa, a minha mãe ocupou-me o tempo todo e morreu agora dia 31 de janeiro. Ela não podia estar sozinha e eu não podia sair de casa sem que estivesse alguém aqui a fazer-lhe companhia, e acabava por ser eu aqui porque no Nelson eu não confio, é a tal coisa o Peeter-Pan faz dele um miúdo, totalmente irresponsável, e não era pessoa a quem eu pudesse confiar a minha mãe. Eu acabei por estar muito confinado a estar em casa. Agora já passaram dois meses, continuo a fazer... Voltei para a rádio que tinha interrompido nos últimos dois anos por causa da minha mãe. Tenho também o cineclube que nunca deixei, e continuava mesmo com a minha mãe, como era à quarta-feira de noite, eu pagava a uma senhora que vinha aqui dormir, e eu ia aqui ao cinema que é logo aqui ao lado.

Por exemplo, levanto-me... Se não tiver nada para fazer, antes das 10:00 da manhã não me levanto, e acordo e fico na cama e olho ao computador e ao telefone, e estou no facebook, e às notícias e vou ali entre uma coisa e outra e o tempo passa. Depois toma um banho, bebo um café com leite, vou comprar qualquer coisa para fazer a comida. Mas tudo lento, não é que seja lento de lento, mas sem aquele time de obrigação, vou fazendo... Depois preparo a comida, e nunca consigo almoçar antes das 14:00, portanto no dia-a-dia às 14:30 é quando eu estou sentado a almoçar, e quando acabo lavo a loiça, e se não tiver nada para fazer fora de casa, penso, ai que bom, vou para o sofá um bocadinho. Vou ver as notícias, ver o facebook, e depois durmo um pedaço, e o tempo vai passando assim. Neste momento não me apetece pegar numa revista, sentar-me e pôr-me a ler...

Entrevistadora: Mas gosta de ler? Pergunto isto porque vejo que tem imensos livros.

Antônio: Gosto muito, mas agora neste momento não me apetece, não quero essa tarefa.

Entrevistadora: Então vê isso como uma tarefa e não como um prazer, porquê?

Antônio: Acho que sim, porque chama por mim o sofá, cama, computador e telemóvel e ver um filme. Depois eu gosto muito dos canais de noticiários e os debates políticos, e perco muito tempo nisso, novelas não vejo, filmes dos que passam na televisão não vejo, só vejo mesmo na televisão debates e notícias. Vou ocupando o tempo assim, ainda nem consegui pegar na revista do mês passado, e o último livro que li, foi um

livro que me mandaram e que me pediram para eu traduzir e por isso fui obrigado a ler o livro em 3 ou 4 dias, mas porque tinha aquela tarefa.

Entrevistadora: Gosta de línguas? E que línguas fala?

Antônio: Sim gosto, falo cinco línguas. O inglês é o que menos gosto, mas foi aquela que fui obrigado a falar durante 25 anos, gosto muito de francês, e é a língua que melhor falo após o português, gosto de espanhol, também do italiano, e falo inglês também... já tentei aprender a falar alemão, mas não consegui, entendo umas coisas, mas não consigo, acho que o alemão é muito complicado.

Entrevistadora: Aprendeu a falar as cinco línguas, antes da reforma, ou alguma após se reformar?

Antônio: Não, depois da reforma a única coisa que fiz foi voltar a ir aprender alemão pela terceira vez, mas mesmo assim... Também estes cursos de 25 horas ou 50 horas não dá para nada, e eu precisava de um curso com outra cadência, mas não há cá... tudo assim coisas muito rápidas. Uma das coisas que fiz, foi como o Nelson não tinha o 9º ano inscrevemo-nos num RVCC para acabarmos o 9º ano e eu acabei com ele, mais no sentido de o ajudar a ele que a mim, porque eu não precisava disso para nada. Assim ele teve ali ao meu lado e fez, e depois obriguei-o a andar aqui na escola de noite a acabar o 12º ano, num método também que não teve que estudar, porque ele nem sabe estudar, nunca estudou. O Nelson nunca chegou a casa e pegou num livro a estudar, porque aquele método das novas oportunidades era por exemplo dão um texto sobre ecologia e vamos ler aquilo e depois respondemos uns perguntas no copiar e colar, e pronto não é preciso saber nada, só interpretar as perguntas.

Não há dúvida de que realmente isto não forma as pessoas, mas sem dúvida que nisto há sempre pessoas que extraem muita coisa e conseguem aprender, as pessoas têm memória não é? Mas não é as pessoas estarem a estudar e terem que saber isto e aquilo... Ele acabou o 12º ano comigo, tirou a carta de condução, carta de conduto marítimo, carta de pescador, tem essas habilitações todas, mas para nada porque ele continua a ser o eterno Peeter- Pan. Ele quer é estar sentado na frete de um ecrã.

Entrevistadora: Neste momento o que ele faz?

António: Acho eu tem uma namorada, através da internet.

Entrevistadora: E ele está à procura de trabalho?

António: Agora está a trabalhar, e está no oitavo dia de trabalho num rent-a-car, ele fala inglês que aprendeu, e é capaz de falar um bocadinho melhor do que eu. Ele viveu em França com o pai e é capaz de dizer algumas coisas mas não fala, mas não tem problemas em ouvir e responder mesmo mal e em espanhol como eu tenho amigos espanhóis e quando está comigo também se arrisca. A fluência que eu tenho ele apenas consegue ter em inglês, e ele tem uma memória de elefante, mas não aprendeu a estudar, não teve regras, não teve hábitos, e há uma série de lacunas que agora já é difícil.

Entrevistadora: Mas ele já estar a trabalhar e a cumprir um horário, é algo positivo não acha?

António: Mas eu já lhe arranjei mais de 20 ou 30 trabalhos e ele não aguenta mais de 30 dias, e a média dele são 5 dias... Houve um que durou 21 dias e outro que durou 6 meses, mas 6 meses é porque eu comprei-lhe uma mota e ele ia para Moncarapacho para um bar onde trabalhava, e vinha de lá às tantas da manhã... fumava, música, as moças, aquilo não era propriamente um trabalho, era ... o bar não tinha assim nenhum stress, não havia muito trabalho.

Por exemplo no ano passado ele trabalhava na Uber, e ganhava 1200€ por mês, mas ao fim de 19 ou 20 dias abandonou.

Ele quer estar em casa sentado em frente ao computador a jogar jogos e ver filmes, e no chat a falar com as moças.

Entrevistadora: Ao menos ele tem um apoio, tem o seu apoio, nem todos têm a mesma sorte, acha que é o apoio que ele precisa?

António: Não sei se é um apoio positivo ou um apoio negativo, porque eu não consigo.... Não consigo ... As pessoas todas me criticam mas eu gostaria de ver as pessoas no meu lugar... É meu filho indiscutivelmente, não é meu filho biológico mas isso é o que tem menos importância, e eu costumo dizer que não é um bocado de esperma que faz filho, um filho é uma vontade... até às vezes uma mulher vai buscar

esperma para ter um filho, não é verdade? Para mim ser pai, é uma vontade... desculpe o termo usado, mas é assim que eu vejo.

Entrevistadora: Sente alguma frustração de não ter ainda conseguido...educar, não sei se esta é a palavra certa, mas conseguir alterar algum comportamento no seu filho? E até preocupação?

António: Sinto, sinto muito....Eu vou fazer 65 anos de idade, e estou a ver que já passaram muitos anos e ele não vai mudar e quando eu não estiver aqui eu não sei que lhe vai acontecer, porque ele não está preparado para assumir responsabilidades.

Entrevistadora: Neste momento a sua grande preocupação passa por ele?

António: Sim, ele é a minha razão de viver. Eu viveria ótimo sem ele, mas ele é o que me preocupa, é o que me ocupa...

Entrevistadora: É o seu filho... sem dúvida... E como viveu e como está a viver o falecimento da sua mãe?

António: Pensei ser mais difícil ... Talvez porque eu estava cansado de estar em casa, durante três anos e precisava de liberdade, eu não podia sair de casa, no verão por exemplo as pessoas iam para a praia e eu tinha que estar aqui em casa... eu não podia sair de noite... não podia e não era possível pagar a uma pessoas para estar aqui o tempo todo, pagava-se uns dias por outros umas noites por outras, mas não podia sempre. Mas tudo isso era condicionado, era uma senhora que vinha naquele dia e só podia até aquela hora... isto foi um processo difícil que me magoou... magoou porque trabalhei 40 anos condicionado e depois não estava à espera no fim da vida...

Entrevistadora: Até porque começou o início da sua vida sempre muito livre... a sua adolescência...

António: Sim vivi sozinho desde os 15 anos de idade... mas não estava à espera, e se calhar foi por isso... Claro que me lembro da minha mãe, que tenho saudades, ainda foi ontem que acordei duas vezes com ela a chamar por mim... mas... não sei... eu fechei aquela porta que dava acesso ao quarto dela, onde ela estava sempre ali sentada, e de onde via a rua... e mudámos a ordem das coisas, alterei os armários. Para ser sincero

entro ali na cozinha e vou ao quarto e não... já não vejo a minha mãe nem o espaço da minha mãe... se pensar vejo, mas não tenho essa...

Entrevistadora: Mas teve necessidade de alterar o espaço...

António: Tive... Foi importante fazer essa alteração física...

Entrevistadora: Neste momento sente que está a viver mais a sua reforma?

António: Não, porque estou muito condicionado com o Nelson, o Nelson não me permite fazer muita coisa...

Entrevistadora: O que gostaria nesta etapa da sua vida, que fosse diferente?

António: Gostava de poder viajar outra vez, de ir visitar os meus amigos que tenho na Itália, em Paris, Berlim, Londres, Holanda e no Brasil, e ir e se me apetece estar três dias, estar, se me apetece estar trinta dias, estar... e não o posso fazer... Porque ele não tem nenhuma, nenhuma... Eu não lhe posso dar dinheiro, porque se ele apanha dinheiro é capaz de gastar no que não deve, nas substâncias que não deve, eu tenho que estar a tomar conta dele o tempo todo. Ter que me ir embora e ter que deixar o frigorífico com comida, até pode funcionar mas... ele não arruma nada de nada... aquilo é muito complicado, ele não tem regras... Mas é amoroso o miúdo, é muito simpático e tem muito boa índole só que não teve princípios não teve regras. Educação agora tem, que as pessoas agora até me dizem, ai o seu filho é muito bem-educado, ele é capaz de abrir a porta as pessoas, deixa passar na frente, ele vai no carro a conduzir e por exemplo vai uma pessoa a aproximar-se da entrada para passar mesmo sem a passadeira, e ele, pára faz sinal para a pessoa passar, mesmo sem a passadeira. Ele é muito atencioso nessa coisas, e isso apanhou já um pouco comigo... mas depois não é só isso ... ele é completamente irresponsável.

Entrevistadora: Com todas a sua experiência de vida, como se caracteriza? Como descreve o António de hoje?

António: É uma pessoa que está à espera que o filho crie “asas”/ responsabilidades para viver ainda com alguma liberdade, porque continuo a não ter liberdade.

Entrevistadora: Sente-se condicionado pelo seu filho, e ele é também o seu maior medo nesta altura em que necessitaria estar mais livre?

António: É... os meus amigos dizem-me, és um parvo, porque não o pões a andar... eu respondo, então mas a gente mete um filho a andar? As pessoas não conseguem entender que eu interiorizei que é o meu filho e não há nada que possa pôr em causa isso. As pessoas não entendem, dizem-me para aproveitar a reforma, para viver, mas não pode ser, nem sequer me chega a entrar por aqui para sair pelo outro lado, não há hipótese, ele é o meu filho, faz parte da minha vida.

Entrevistadora: Como é a vossa relação? Os pais também têm a função de educar e repreender, imagine que ele mais uma vez sai do trabalho, onde está à cerca de oito dias, como você vai lidar com a situação?

António: É complicada... no trabalho não vale a pena, porque todas a vezes que ele saiu, acabou por arranjar sempre desculpas estapafúrdias, não sei se ele crê nessas desculpas ou se é só para poder ter um argumento... Eu já lhe disse que aquilo não funciona mas... ele encontra sempre uma razão... da penúltima vez que ele trabalhou, foi no IKEA em novembro, a montar ar condicionados no edifício, ele assinou um contrato e foi três dias e ao terceiro dia, saiu de casa para ir trabalhar mas na saída gerasse uma discussão entre nós, na qual ele me diz que lhe doía o corpo, que não ia mais trabalhar, eu disse-lhe logo, mas achas que a mim não me doía o corpo quando andava a trabalhar no aeroporto a carregar malas, mas que obrigação tenho eu de estar a dar-te dinheiro para tu viveres se a mim ninguém me o deu... doí-te o corpo, claro que te dói o corpo mas o que se vai fazer... Enfim não adianta, ele não vai, ele viveu na rua e habituou-se a muita coisa má e ele sabe que eu tenho uma formação que não me permite de maneira nenhuma fazê-lo passar por aquilo que já passou antes e ele aproveita-se dessa circunstância e extrema as coisas.

Entrevistadora: Mas no meio disto tudo, que sente? Sente que existe uma relação mútua de carinho?

António: Ele não sabe gostar de ninguém, nem dele próprio...

Entrevistadora: Não sabe gostar ou não sabe demonstrar? Não coloca a possibilidade de ele sentir medo de demonstrar e de sofrer, tendo em conta todo o passado?

António: Não, não gosta... Mas é capaz de por exemplo de numa situação em que vamos jantar fora e não faz por estarmos na frente de ninguém, e ele está a comer um

paté e faz uma tostinha para mim, é capaz de fazer essas pequenas coisas...mas lá dentro não gosta de ninguém, é desalmado... Mas por exemplo eu fui-lhe dizendo ao logo do tempo, que no dia em que a minha mãe fechasse os olhos a vida dele mudava drasticamente, porque eu não iria mais continuar a dar... a tirar dinheiro do meu bolso, a deixar de aproveitar a minha reforma para ter que lhe dar de comer e ele sentado o dia todo a jogar. Tem o lugar dele, tem ali o quarto dele a casa dele, mas eu não iria continuar, e ele iria ter que arranjar forma de ter o dinheiro dele. No dia em que a minha mãe morreu ele ajudou, eu fui chamá-lo quando eu percebi que a minha mãe estava morta, não quis acreditar e fui chamá-lo e ele veio a correr, chegou à minha frente a ver como estava, ele disse-me logo para chamar o 112, eu chamei mas eu não conseguia falar e ele tirou-me o telefone, e ao telefone disseram-me para ele fazer lá umas massagens e não sei quê, pegou na minha mãe, deitou-a no chão e esteve ali em cima dela a tentar até chegar o 112, e depois quando chegou o 112, cortaram-lhe a roupa para colocar os aparelhos e poucos minutos depois disseram que não havia nada a fazer... ele saiu e foi para a rua chorar, chorou e chorou e fui eu que tive que ir consolá-lo e a partir daí ele ficou muito meigo, muito doce, eu creio que isso tem a ver com ele próprio, ele precisava de chorar, da vida dele, dele próprio e durante 40 dias ele consegue ser uma pessoa meiga e doce, ele passava ao pé de mim e dava-me um toque, não sabe fazer um carinho, não sabe... Mas tinha outra forma e fez durante 40 dias mas ao fim de 40 dias estávamos aqui num jantar e ele fica muito excitado, quando vêm cá pessoas ele fica muito ansioso e quer agradar, mas ultrapassa tudo, não faz as coisas bem, e depois o gato julgo que passou por ele e ele disse que o gato lhe mordeu mas o gato não morde em ninguém, nunca mordeu. E levantou-se e começou ao pontapé com o gato e eu vim zangar-me com ele e disse-lhe que não lhe admitia e ele lá foi outra vez, e tirou o cartão do telemóvel e pôs em cima da mesa deixou a chave de casa e foi porta fora... já saiu de casa umas 16 ou 18 vezes, nestes anos todos... mas ele sempre que vai, vai com vontade de não voltar nunca mais.

Entrevistadora: O que sente nessas situações?

António: É por isto mesmo que eu digo que ele não gosta de ninguém, ele não sente, ele volta porque não tem para onde ir, e não por ser impulsivo... Ele, às vezes vai porque se mete com as moças e elas dizem para ele ir ter com elas e ele vai, porque é paspalhão... Uma vez foi daqui para Guimarães e chegou lá ninguém apareceu, tive que lhe telefonar

e pagar o comboio e ele lá voltou para baixo outra vez. Mas isto 24 horas de conversa e largou tudo, e mandou-me à *merda*, deixou escola, deixou tudo e foi... a miúda tinha 10 anos e eu tenho ali a conversa toda escrita entre os dois, e quem vai ler aquilo não percebe que a miúda tem 10 anos, eu é que consigo através de um telefone de uma irmã perceber quem era e depois percebi que era a irmã que tinha 10 anos de idade, e ele é tão criança mas tão criança que não consegui leitura nenhuma de que estava a ligar com uma miúda de 10 anos... não era fácil também, não era muito evidente, mas desculpa o termo era *putinha* como só Deus sabe, e ele é uma criança grande... Ela dizia assim, vá despe-te, quero ver e ele dizia sim vou tirar mas olha, queres ser minha namorada, e ela dizia, sim quero mas tira, vá continua, e ele dizia e achas que o teu pai não se vai chatear se eu for teu namorado e se for para aí, e ela respondia, não... quer dizer a preocupação dele era ir embora, ela ia-lhe mandando e ele ia... tá ali e tive que entregar aquilo à polícia judiciária, porque quando eu percebi que eram 10 anos... O ip era do meu computador, e tudo mais e dava uma série de chatices... e ainda pode dar porque ainda não passou tempo suficiente, a miúda ainda não é maior e os pais ainda podem um dia ir mexer nos computadores e descobrir coisas, isto já foi para ai em 2010.

Entrevistadora: Então vamos ficar por aqui, agradeço muito a sua disponibilidade e colaboração, voltaremos a falar no final deste trabalho ou se surgir alguma dúvida.

António: Espero ter ajudado em alguma coisa, se precisar é só contatar-me.

Fim

Transcrição da Entrevista Senhora Marta Lobo

Entrevistadora: Vou começar por lhe pedir que me fale um pouco da sua infância. O que é que se lembra?

Marta: Infelizmente lembro-me de muito pouco. Tenho talvez umas três ou quatro passagens que nem sequer tenho a certeza se é memória minha ou de coisas que me contaram. Lembro-me de ter o hábito de me estar sempre a levantar da mesa e o meu pai me atar com uma fralda à cadeira onde eu estava sentada, mas nem sei se essa memória é minha ou se me contaram, porque eu teria uns três ou quatro anos se tanto.

Lembro-me também de, na casa onde vivi até aos 10 anos, ter tido a belíssima ideia de roubar a vassoura à minha avó que estava a limpar o quarto. A cozinha situava-se num nível inferior ao resto da casa e tinha uns degraus... ea ideia genial que eu tive: eu estava no primeiro degrau, pus a vassoura no segundo degrau e decido saltar para o terceiro degrau. Claro que à segunda vez deu para rachar a cabeça. Espalhei-me ao comprido, não é?

Fora isso tenho muito poucas memórias. Tenho memória de ter rachado o queixo. Tenho da minha irmã sem querer me ter atropelado o dedo médio da mão direita e que ainda hoje tenho a unha defeituosa. Tenho uma memória vívida de querer ver quando me estavam a arrancar a unha e a minha mãe não me deixar, sendo que eu estava sentada num banco com a mão em cima da marquesa e eu a querer olhar e a minha mãe me obrigar a deitar a testa sobre o antebraço direito para eu não ver e eu ficar danada porque queria ter visto. Já não consigo lembrar-me o que é que foi primeiro, se foi o dedo ou se foi o queixo, mas lembro-me que do queixo eu estava a gritar de boca aberta, que aquilo doía-me para cacete, e ao darem-me o *spray* ele foi todo para a língua, ou seja, senti os pontos todos. Como é que eu rachei o queixo? Muito simples! Eu e a minha irmã mais nova, que é portadora de Trissomia 21, mais novinha que eu dois anos, íamos fazer uma viagem. Lembro-me perfeitamente! Eu com uma mala de madeira sem tampa e ela com um pauzinho com um lencinho atado na ponta e lá íamos pela quinta de mão dada. Nisto a minha irmã tropeça e caímos as duas, ela bateu com a cabeça num

degrau de pedra e fez um berreiro daqueles, mas não lhe aconteceu nada...eu nem “ai” disse. Quando a minha irmã mais velha veio ver o que se passava, porque a miúda gritou que se ouvia na quinta toda, vai a ver e disse: “Ah!Acho que tens qualquer coisa na cara!”.Quando vou a ver tinha uma brecha enorme no queixo. Depois gozavam imenso comigo...Lembro-me de ficar ressentida, porque havia um mendigo lá na terriola de onde eu sou oriunda, Vila Nova de Cerveira, aquela terrinha que eu prefiro esquecer...Alto Minho, muito bonita enquanto terra mas as pessoas enfim, nada é perfeito...Então eu lembro-me de ficar um bocado ressentida e de o meu pai e as minhas irmãs gozarem comigo porque eu parecia aquele mendigo, pois ele também tinha o queixo atado, mas pronto...isso lá passou.

Lembro-me do primeiro dia de escola na primária. Sei que fiz o exame da quarta classe, porque na altura fazia-se o exame da quarta classe, que na altura eram classes, não era o primeiro ano ou o quarto ano, era a primeira classe. Não me lembro efetivamente do exame de quarta classe e sei que o fiz.

Lembro-me de um estalo enorme que uma colega da minha mãe me deu, isto colega da minha mãe porque eu sou filha de uma professora primária, que era professora da aldeia e na altura, ao abrigo de uma lei especial, a pessoa podia levar para a escola os filhos, ou seja, podia levar os filhos para o sítio onde estava colocada e isso aconteceu-me. Desta forma eu tive na mesma pessoa a mãe e a professora primária, o que é horrível!É horrível! Especialmente no meu caso, não que o meu caso tenha sido o mais horrível do mundo, mas foi muito mau. Porquê? Porque para mal dos meus pecados era uma aldeola pequenina, uma aldeola chamada Lovelhe, que pertence ao concelho de Vila Nova de Cerveira, que só tinha dois lugares, ou seja, eram duas professoras. A colega da minha mãe, que há de estar a arder no inferno por toda a eternidade porque era má como as cobras, tinha um único filho e tinha o péssimo hábito de o pôr a fazer sabatina aos colegas, então quando os colegas erravam era ele que dava as reguadas aos alunos, tanto que ela era extremamente tendenciosa.A minha mãe com receio que eu fosse pela mesma medida, ou seja, que as pessoas achassem que ela fazia comigo o que a outra colega fazia com o filho, eu só apanhava por duas razões: era por tudo e por nada, ou seja, para dar exemplo e porque ela a mim me castigava mais severamente que aos outros, o que é horrível!

O estalo da senhora...é muito simples, ela foi minha professora na segunda ou terceira classe, ou seja, não sei se teria 7 ou 8 anos, aquilo na altura eram horários das 9h00 às 12h00 e das 14h00 às 16h00 e, como só havia aqueles dois lugares, durante um ou dois anos uma era a diretora e nos anos seguintes trocavam para não ser sempre a mesma. Por vezes, ao final do almoço, mandavam os alunos para as salas continuar os trabalhos que estavam a fazer de manhã, enquanto elas tratavam dos assuntos burocráticos... e eu estava muito absorta na última carteira da sala a recortar papel de lustro, porque havia aqueles trabalhos de papel de lustro, não sei se ainda hoje se fazem, mas se calhar ainda fazem...e eu estava na minha inocência dos meus 7 ou 8 anitos, isto nos anos 70, portanto eu nasci em 1970, ou seja, com 7 ou 8 anos ainda era muito próximo do antigo regime...então eu inocentemente estava a cantar “uma gaivota voava, voava...”Isto era inverno, aquela senhora usava pantufas e eu não a ouvi de lado nenhum e ela espetou-me um estaladão enorme do nada, portanto, eu até hoje tenho uma estima enorme pela senhora, pelo que desejo que ela arda no inferno para o resto da eternidade, porque isso não se faz a uma criança.

Curiosamente, anos mais tarde falei sobre isso com a minha mãe e ela ainda achou bem que ela me tivesse dado o estalo, ou seja, a minha mãe é uma senhora com uma maneira de estar muito muito austera e muito fechada. A minha mãe deixou-se de alguma forma cristalizar no tempo. Havia coisas que a minha avó materna era mais aberta de cabeça do que a minha mãe. A minha mãe tem hoje Graças a Deus 82 anos, muito benzinhas, apesar de todas as vicissitudes da vida complicada que teve e de criar 4 filhas sozinhas, porque o meu pai...enfim, só fazia disparates, mas vá lá conseguiu corrigir isso nos últimos 8 anos de vida, conseguiu redimir-se.

Entrevistadora: O que é que ele fazia?

Marta:Ui! Fazia tanta porcaria, desde contrabandista a casas de meninas em Espanha. Teve um bocado de tudo.

Entrevistadora: E profissionalmente?

Marta: Pois... profissionalmente era um profissional liberal que fazia um bocado aquilo que apanhava. Nos últimos anos lá se endireitou, era vendedor de automóveis usados. Ainda cheguei a colaborar um bocadinho com ele, numa altura de desemprego. Chegou-me a oferecer emprego e a ser ele a pagar-me a segurança social e um trabalho

remunerado, mas eu pensei “Não! Negócios com família não é boa ideia!”, agradei e recusei e foi das melhores coisas que podia ter feito, porque eu às páginas tantas em percurso de vida foi muito complicado o relacionamento.

Voltando à infância... que mais é que eu me lembro? Quase nada! Entretanto começo a ter memórias um bocadinho mais vívidas talvez a partir dos 14 anos. Lembro-me de uma altura para aí no equivalente ao que é hoje o 5º ou 6º ano e que na altura era o ciclo preparatório, que era a transição da escola primária e o equivalente ao liceu, de haver um estafermo de um colega que tinha a mania de ser parvo com as miúdas, como todos tinham naquela altura e ainda hoje têm. Hoje chama-se *bulling*, naquela altura chamava-se outra coisa qualquer, ou seja, quase toda a minha geração e principalmente as meninas que eram menos bonitas e com menos corpo sofriam com isso. Eu só deitei um bocadinho de corpo aos 14/15 anos e até hoje não tenho formas generosas, por isso sempre fui o patinho feio, descobri isso anos mais tarde. Eu sempre fui a menina que não tinha formas, a menina que não tinha mamocas, a menina que não era bonita nem muito inteligente, por isso eu vim a descobrir essas particularidades anos mais tarde, cada um tem o seu *timing*, mas até lá é complicado de nos encaixarmos às vezes. Lembro-me para aí pelos 11/12 anos de um idiota me atirar lama para a cara e de eu me queixar à minha mãe e de ela desvalorizar. Chamavam-me alcunhas e a minha mãe desvalorizava, achava que eram coisas de miúdos. O que hoje se cita que quase qualquer coisa é considerada *bulling* na altura nada era violência, sendo que muitas vezes o era.

Há uma frase muito bonita escrita no metro na estação de Saldanha na parte nova que diz: “Os olhos da nossa memória veem melhor que os nossos.”. Indubitavelmente é verdade, porque nós também quando estamos a vivenciar as coisas estamos condicionados e só anos mais tarde é que percebemos o que na realidade eram as coisas, se eram mesmo más ou se foram apenas passageiras...e é evidente que da minha infância há muita coisa que foi absolutamente passageira, mas acho que muita coisa não era passageira, só que a minha memória decidiu fazer uma seleção muito grande, então tenho vazios enormes. Não se resume em 5 minutos uma infância até aos 13/14 anos, sendo que até essa data eu não tenho memórias de mais nada, porque não tenho! Porquê? Não faço a menor ideia mas também não tenciono mexer no que está quieto, mas é me estranho... porque eu ouço as pessoas dizerem que se lembram de coisas com 5/6 anos, 7/8 anos, 3/4anos e eu não me lembro.

Lembro-me também do funeral de um tio meu e de quem gostava imenso, o meu tio Viriato, que era o único irmão que o meu pai tinha, e que se hoje fosse vivo já teria 80 e alguns anos. Ele era um bocado mais velho que o meu pai, sendo que o meu pai faria 80 anos este ano se fosse vivo, uma vez que ele morreu há um ano e pouco.

Tenho efetivamente vazios muito grandes. Lembro-me de uma passagem de jogarmos à bilharda, que é um jogo tradicional que tem um pau curto que é impelido com um pau mais comprido como se fosse *badminton*, e então depois quem não consegue apanhá-lo com o pau grande é castigado de alguma forma. Como por exemplo: enterra-se o pau pequenino o máximo que consegue e o desgraçado que está a perder tem de o desenterrar enquanto leva uns cascudos. É quase como ir aos gambuzinos. Então nós brincávamos à bilharda lá no jardim da quinta, que eu até aos 10 anos vivia numa quinta. Depois lembro-me de durante alguns anos de ter um bocado de arrepios de passar pela entrada da casa, porque foi onde estive a urna do meu tio, pois na altura os funerais faziam-se em casa. Não havia aquela coisa de que hoje vai tudo para as casas mortuárias. Lembro-me da minha mãe me falar que havia o hábito de se servirem chazinhos e bolachinhas durante o velório e que a minha mãe achava que isso era uma fantochada, sendo que o velório fez-se lá em casa mas muito reservado, que nem café houve para ninguém. E pouco mais me lembro de miúda.

Lembro-me ainda de uma passagem que acho que até hoje tenho algumas consequências... não sei se é por implicância minha, mas acho que não. Acho que hoje com 47 anos vejo as coisas um bocadinho diferentes. Eu nunca tinha percebido porque é que a minha irmã mais velha tem algo contra mim. Porque tem! E anos mais tarde veio a provar que efetivamente ela foi a mentora do disparate imenso que os meus pais me fizeram. Estávamos lá em casa com a vizinhança, éramos as 4 irmãs (uma com 5 e outra com 7 anos a mais que eu, eu e a mais novinha que é 2 anos mais nova que eu), mais as vizinhas de idades próximas às minhas irmãs mais velhas, portanto estava tudo como se estivéssemos no cinema, filinhas de cadeiras viradas para a televisão. Posto isto, estava eu nas cadeiras da frente, uma vez que as mais novas ficavam à frente, sem fazer rigorosamente nada que pudesse justificar a atitude da minha irmã mais velha, que se levanta de uma das últimas cadeiras e do nada me espeta um estaladão. Ela dizia com alguma frequência que a minha cara a irritava. Porquê não sei e até hoje nunca soube. Ora o meu tio presenciou isso e colocou-a de castigo, fechada na varanda... e acho que,

até hoje, a minha irmã não conseguiu perdoar-me que o meu tio a tivesse castigado por ela me ter dado o estalo. Ela entretanto teve um percurso de vida de senhora bem casada, funcionária de um banco, uma senhora que era quase imácula, mas com podres como toda a gente. Ela sempre foi a preferida da minha mãe, a mais velha sempre foi a preferida. Há pais que têm a frontalidade de assumir que têm um filho preferido e há pais que o negam a vida toda... a minha mãe nega-o a vida toda, mas a minha irmã mais velha é a pessoa que mais se assemelha ao ideal do que a minha mãe gostaria de ter sido e não conseguiu ser, não tenho dúvida nenhuma. Tive a prova disso quando, há alguns anos, a minha mãe me tentou ocultar que a minha irmã mais velha estava divorciada, ou seja, ela continuava a manter a menina no seu topo.

Entrevistadora: Vocês não possuem uma relação?

Marta: Há 13 anos que eu não vejo a minha irmã mais velha, nem falo com ela, excetuando o dia que enterrei o meu pai. Eu enterrei o meu pai em Maio de 2016. Com a irmã mais nova tenho contacto, graças a Deus! É uma Trissomia 21 que fala corretamente, que escreve corretamente, aliás, nós temos 2 anos de diferença e ela na adolescência corrigia-me erros de ortografia. Pronto, a vantagem de ter tido uma mãe professora primária é que o pediatra aconselhou a minha mãe a não meter a minha irmã mais nova numa escola especial, porque ela iria ter tendência para imitar os piores que ela e não para se valorizar, ou seja, ela fez o equivalente à quarta classe em 7 ou 8 anos, mas fez! Ela conseguiu através de uma escola de formação profissional fazer o equivalente ao 9º ano. Hoje é externa na APPACDM, em Viana do Castelo, e é desejo dos meus pais quando falecerem os dois que ela passe a interna. Eu há uns anos não concordava com isso porque queria ser eu a ficar como tutora dela, mas a minha mãe decidiu que não, que não queria que isso acontecesse e eu durante muito tempo não percebi o porquê, mas há uns anos entendi... onde ela é feliz é ali. Ah! Ela toca música por pauta, ela anda numa escola de música já há 30 anos, ela tem neste momento 45. Ela nasceu no dia anterior a eu cumprir 2 anos, foi a minha prenda de segundo aniversário.

E eu tenho até hoje, sendo estéril, um instinto maternal muito desenvolvido por causa da minha irmã mais novinha pois, como eu era sempre colocada de parte pelas mais velhas, eu sempre vivi muito para a minha irmã mais nova. Claro que cada uma fez o seu percurso ao seu ritmo e eu até hoje tenho um instinto de proteção muito grande por miúdos. Adoro crianças, sou doida por crianças! Mas não sou aquele tipo de pessoa que

chega ao pé e diz: “Olha, dá beijinho!”, porque eu odiava que me obrigassem a dar beijinhos. Odiava! Então havia uma amiga do meu pai que só me apetecia dar-lhe uma canelada, mas não podia. Ela tinha o péssimo hábito de chegar ao pé de mim e puxar-me as bochechas. Ai! Horrível! E depois nós não podemos reagir, apesar de que naquela altura eu sempre me habituei a levar com nãos, não se podia sequer perguntar “Porquê?” ou “Porque não?” e portanto sempre levei uns cascudos valentes, principalmente da minha mãe. Do meu pai também levei umas e outras. Do meu pai infelizmente levei uma sova valente sem justificação absolutamente nenhuma, exceto que ele estava embriagado, mas isso...enfim, fez parte. Andei zangada com ele durante muitos anos.

Num dia de trovoada, em que falhou a luz, estávamos lá em casa...e o que é que as pessoas fazem quando não há televisão para ver? Conversam...e eu finalmente abri a angústia que tinha pelo meu pai na altura. Posto isto, o meu cunhado que é uma pessoa muito sensata, disse “quem dera aos pais nunca errar e não ter atitudes que acabam por se arrepender”. Então eu perdoei o meu pai naquela altura, pois entendi aquilo que o meu tio quis dizer. Até hoje só não concordo com uma coisa no nível de parentalidade, que é: os pais terem receio de perder alguma autoridade perante os filhos se disserem desculpa. Na verdade, a maior parte dos pais não sabe dizer desculpa, principalmente os pais das gerações nascidas nos anos 30/40/50 do século passado, porque temem perder a autoridade...e não é bem assim, porque os pais também têm que saber dizer desculpa.

Entrevistadora: Penso que nos dias de hoje já ocorrem algumas alterações nesse tema, não acha?

Marta: Demais! Penso que nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Eu consegui, Graças a Deus, ir buscar o melhor de dois mundos: o da austeridade e o da autoridade que era imposta do regime antigo, uma vez que os meus pais foram criados num regime total de austeridade e ditadura, que não podemos negar, sendo que ele existiu até 1974 em Portugal e em muitos outros países. Em 1974, quando se deu a passagem para a democracia, eu não tinha ainda 4 anos de idade e portanto entrei para a primária com 6 anos, em 1976, tendo terminado em 1980. É evidente que andávamos tipo baratas tontas, sem saber o que fazer da liberdade que de repente apareceu e em que se passou oito ao oitenta ou, se preferir, do oitenta para o oito em determinados casos. Penso, assim, que consegui ir buscar o melhor de dois mundos pela excelente base que tenho de educação. Embora os meus pais não tivessem grandes larguezas

económicas, também nunca passámos privações, pois as roupas sempre foram herdadas das mais velhas para as mais novas, uma vez que éramos todas raparigas, e isso sempre me ajudou a dar valor às coisas e a não fazer questão nem de marcas, nem de outras coisas. Isso fez com que seja uma consumidora de artigos em segunda mão, sendo que já fizachados fabulosos. Hoje as minhas coisas têm que ter história, porque se não tiverem história também não têm graça nenhuma.

Não me considero uma pessoa minimamente consumista e das piores coisas que me podem fazer é darem-me um cartão de crédito para ir às compras...Horível! Não!...Detesto ir às compras e de andar de loja em loja. Por sapatos tenho aquilo a que eu chamo de uma deformação educacional, ou seja, os sapatos com que eu entro na loja são os que saem no saco, porque por deformação educacional era “guarda para o Natal”, “guarda para os anos”, “para estrear domingo para ir à missa”.Assim, eu quando compro uma peça de roupa é para estar a usar no dia seguinte, a não ser que seja para um acontecimento, para o qual já pensei isso, é que só uso nesse dia.

A única coisa que eu digo que sou mulher a 100% é com os sapatos, de resto não ligo a marcas, não faço questão que seja algo *xpto*. Quero lá saber! Eu sempre me habituei a viver numa comunidade onde se herda quase tudo das mais velhas. Hoje já não concordo tanto com o melhor para os outros e o pior para nós, dou aos outros aquilo de que gostaria para mim. Uma boa base de educação e que ainda hoje oiço a minha mãe a dizer é: “o que não quero para mim, não quero para os outros”, mas vê-se muito as pessoas a darem o que não querem.

Tenho vindo a constatar, por meio de uma fase da vida que tenho vindo a passar neste momento, que existe uma coisa a que dei o nome de “caridadezinha bacoca”, para não lhe chamar outra coisa. Isto consiste em dar algo quando já não está em bom estado, o dar quando já não se precisa...e isto não é o partilhar. Eu tenho vindo a descobrir, no seio de seres humanos extraordinários que conheci há pouco tempo, que quem nada tem tudo partilha. É impressionante a atitude de pessoas que passam dificuldades, que vão precisar daqui a algum tempo de alguma coisa, mas que naquele momento partilham, porque sabem que há voluntários que lhes vão voltar a dar, desde roupas a comida. Tive oportunidade de conviver com alguma assiduidade com pessoas chamadas sem-abrigo, mas não só sem-abrigo, que procuram dos voluntários que os vão ajudar afetos...e

perceber que há pessoas que perderam tudo, exceto a raiva. Isso não é humano. É intuitivo e animal.

Houve uma passagem muito engraçada à uns mesesque, por circunstâncias da vida, andei à procura de uma jovem que teve uma atitude muito bonita para comigo, sendo que enquanto andava à procura dessa jovem tive contatos com sem-abrigo. Ela era toxicod dependente, pois notava-se pela pele degradada, sem dentes e isso tudo, e ela teve uma atitude bonita comigo e eu fiz questão de a ir procurar para a tentar ajudar. Andei meses à procura dela e não a encontrei, quando deixei de a procurar ela apareceu-me pela frente. Coisas giras que a vida nos dá. Então... Há pessoas que estão a ser alimentadas por voluntários no Rossio e que deixavam o Rossio num nojo, apesar dos voluntários levarem sacos do lixo. Numa das noites que andava à procura da jovem dou de caras com os voluntários e verifico que não são só sem-abrigo, que há pessoas com empregos e com pensões que vão à procura de afetos, porque ali têm alguma atenção de pessoas especializadas, de pessoas que têm tempo para... são pessoas que podiam estar em casa no conforto dos seus lares com as suas famílias, mas não! Vão todas as noites e inclusive vai um senhor que se chama José Rebelo, que também passou por algumas dificuldades e que agora consegue juntar centenas de voluntários que dão apoio alimentar, roupa e acima de tudo uma conversa amiga, que faz muita falta também. Foi aí que eu percebi que as pessoas que nada têm tudo partilham e falando com um voluntário disse-lhe que fazia um trabalho muito bonito, ao que ele disse que havia quem se queixasse que aquilo ficava cheio de lixo no fim. Quando ouvi isso, pensei... e pedi um saco para o lixo e fui... coloquei o meu copo no saco e eles começaram a colocar o lixo dentro do meu saco... e eu começo a andar, a ir ter com eles e a perguntar quem é que tinha lixo para pôr no saco. Curiosamente, eu cheguei láà quarta noite um bocadinho mais tarde e os voluntários já tinham passado... e estava encostado a uma coluna um saco cheio de lixo e o chão limpo. Ou seja, eu mexi um bocadinho com a cabeça deles, porque lhes fez um bocadinho de confusão, como é que uma senhora vestida de forma elegante, e eles diziam “ uma pessoa que cheirava bem”, se baixava para lhes apanhar o lixo. Aí eu percebi que podia fazer uma parte do voluntariado sem precisar de um colete a dizer que sou voluntária, sendo que na altura também não tinha possibilidades de fazer mais do que isso. Os voluntários recolhiam os alimentos, faziam a comida e depois transportavam-na... e eu não tinha a possibilidade de fazer isso, mas podia fazer algo. Tempos mais tarde o Zé Rebelo em conversa comigo disse-me “tu

conseguiu uma coisa muito interessante, que foi... a partir desse dia há sempre um ou dois voluntários que se encarregam de apanhar o lixo e o Rossio já não fica na porcarias que ficava”. Se bem que aquilo também sempre foi uma falta de coordenação, porque se a câmara municipal sabe que a x horas há lá voluntários e que aquilo a seguir fica sujo, era uma questão da brigada de limpeza passar logo a seguir.

Entrevistadora: Estudou na zona norte do país, como já referiu. Até que ano?

Marta: Até ao 12º ano.

Entrevistadora: Mas neste momento vive em Lisboa. Quando veio para cá? Como foi essa transição?

Marta: Eu mudei-me com 34 anos. A transição foi muito boa.

Entrevistadora: Voltando um bocadinho atrás, deixe-me fazer-lhe uma pergunta. Qual a professora que mais a marcou e porquê?

Marta: A professora de português do 8º ano, porque foi a única que me mandou para a rua...

Entrevistadora: Marcou pela negativa?

Marta: Não, pela positiva. Por uma razão muito simples, era uma pessoa por quem eu tinha uma empatia muito grande e eu notava que ela também tinha essa empatia comigo, pois, por mais que os professores tentem tratar os alunos todos da mesma forma, há alunos que a quem eles acabam por dar mais de si, mas é normal que nem sempre seja assim. Um professor não pode ir buscar o que não existe... se o professor não mostrar um bocadinho, o aluno também não mostra e eu sempre fui uma pessoa bastante comunicativa.

Então, era um trabalho de grupo da disciplina de português e eu era a porta-voz. Estávamos sentados dois a dois e depois à frente outros dois, éramos um grupo de quatro pessoas. Eu estava a escrever alguma coisa ao contrário para o colega ver e a professor lançou uma pergunta para mim. Quando eu pedi à professora para repetir a pergunta mandou os quatro para a rua e muito bem... Se estávamos os quatro desatentos só merecíamos ir para a rua. Não fiquei nada chateada, claro que na altura não gostei muito, mas depois percebi.

Paralelamente, a que me mais marcou também pela positiva foi a professora de inglês e se eu hoje tenho muito boas bases de inglês foi graças a essa professora. Tive a sorte de ela ser minha professora no 7º e 8º ano... Ela era excelente! Mais tarde acabei por fazer um curso de aperfeiçoamento de inglês e aos 30 anos tive também um namorado holandês, sendo que ele não falava português e eu não falava holandês, então ficávamos horas ao telefone. Até hoje falo bastante bem inglês.

Pela negativa houve dois professores que me marcaram muito. Foi o professor de matemática do 7º e 8º ano. Era um senhor que já ia na quarta licenciatura e que tinha sido padre, mas não tinha pedagogia nenhuma. Então nem toda a gente percebe imediatamente porque é que o quadrado na hipotenusa é igual a soma dos quadrados dos catetos... então o senhor só punha o triângulo retângulo e diz que “este lado é a soma destes dois”... e mais nada. Eu já tinha 30 e tal anos, quando o tio João (que é irmão da minha mãe do coração e que vive cá em Lisboa), que era economista e estava a dar explicações lá em casa. Eu estava a fazer uma formação profissional e estava lá em casa... e ele estava a fazer uma coisa muito simples... que é um triângulo rectângulo e em cada um dos lados traça um quadrado e que eu olho para aquilo e “Ahhhhhh!”. Se aos treze anos me tivessem feito isto eu se calhar nem tinha ido para letras, porque no 9º ano eu fugia de matemática como o diabo foge da cruz. Isto porque, no 9º ano tive um idiota de um professor de matemática que era engenheiro e que não teve outra hipótese porque não conseguiu colocação na área dele, que foi dar aulas de matemática com zero de pedagogia. No 9º ano temos que escolher se temos vocação para letras ou outra coisa e eu fiz o que se chama hoje de humanidades. No 9º ano pensei “não quero mais disto”, desisti de estudar e disse aos meus pais.

Entrevistadora: Como foi a reação?

Marta: Respeitaram mais ou menos. Também não tinha nenhuma hipótese de me obrigar. Depois... a minha irmã mais velha disse-me que ia haver regime noturno (talvez tenha sido a única coisa boa que ela fez por mim), e eu pensei “olha, boa!”... então eu com 16 anos era a mais nova da turma, havia outra com 18 e a partir daí os restantes tinham idade para ser nossos pais. Eu tornei-me um bocado a mascote da turma, porque muitos não tinham o à vontade de fazer uma pergunta a um professor e acanhavam-se, então pediam-me para eu fazer. Por acaso foram três anos muito engraçados, em que fiz o 10º e o 11º ano... reprovei em história, pois a senhora

implicou comigo, eu impliquei com ela e ela chumbou-me. Então fiz o 10º e o 11º ano sem história e fiz o 12º, que foi o único ano em que eu tive notas de jeito. Julgo que só acordei aos 18/19 anos. No ano anterior fiz exame de história e tive 5 valores em 20 e, ainda assim, fui a melhor nota. Foi nessa altura que eu tive conhecimento que existia um senhor que se chamava Rafael Bordalo Pinheiro, vergonha das vergonhas... na altura sabia lá eu quem era. Hoje sou amiga pessoal do diretor do museu Bordalo Pinheiro... Como o mundo é pequenino, porque o Dr. João Alpoim Botelho é de Viana do Castelo e é hoje o director do museu. É também amigo de uns primos meus... mas na altura, uma das perguntas que apareceu no exame de história, e que nunca mais me vou esquecer, era sobre o Bordalo Pinheiro... Era uma imagem do Zé Povinho e eu fiquei a olhar para aquilo como um burro olha para um palácio, mas nunca mais me esqueci... Outra, que eu também não sabia e que aprendi nesse tempo foi que o Marquês de Pombal se chama Sebastião José de Carvalho e Melo.

Ou seja, fiz o 12º ano em regime noturno, e fiz ao mesmo tempo o 10º e 11º ano só de história... Fiz por frequência porque por exame não valia a pena. Portanto, eu completei o 11º ano com uma média de 11 valores e o 12º com uma média de 12 valores. A melhor nota da minha vida foi a geografia com 14 valores, acordei nesse ano, sendo que já foi um bocadinho tarde.

Entretanto, aos 19 anos quando terminei o 12º ano quis concorrer a enfermagem, estávamos em 1989. Até esse ano por falta de enfermeiros estavam a aceitar alunos também de letras, mas no ano que eu ia para concorrer isso acabou e já só aceitavam alunos de ciências. Ora, voltar a matemática para 10º, 11º e 12º... Não!... Fui então fazer um curso de formação profissional, muito interessante de técnica auxiliar e circulante de bloco operatório, quem suma é o faz tudo do bloco: desde ajudar a posicionar os doentes, a abrir as luvas para os Drs., ajudá-los a colocar a bata... ou seja, apoia em tudo. Gostei imenso desse curso que foi promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira.

Nisto, eu já tinha 19 anos e o primeiro trabalho que tive foi ao abrigo de um programa designado de OTJ – Ocupações Temporárias de Jovens. Foi o meu primeiro trabalho remunerado durante 9 meses nos bombeiros voluntários. Entretanto soube de uma empresa que estava a precisar de uma secretária e eu fui a secretária de direção dos três diretores: o geral, o financeiro e o de produção, sendo que os dois primeiros eram

indianos e o outro era inglês. Na empresa eu fazia tradução e em simultâneo era motorista, levava o correio... ou seja, era um bocadinho o faz tudo. Na altura ainda mal sabia lidar com uma máquina de escrever electrónica, mas já tinha tirado um curso de dactilografia avançada, portanto só sabia mexer numa eléctrica, não numa electrónica. Na altura um computador para mim era um elefante branco... era uma coisa inútil, completamente... e depois vim a descobrir que eram máquinas diabólicas que só faziam aquilo que queriam. Porquê? Porque eu não sabia funcionar com elas.

Eu considero-me uma analfabeta funcional, ou seja, sei ler e escrever, mas nas novas tecnologias eu era um zero à esquerda até há uns meses atrás. Eu até adquirir um aparelho andróide só tinha umas luzes mínimas... vou aprendendo com a internet como aquilo que as pessoas lá colocam... Depois a gente faz uma pesquisa e selecciona o que é útil ou não. Ou seja, consegui ter uma abrangência de conhecimentos que não é muito comum. Nos meus 21 anos em 1981, altura em que estava há três ou quatro meses como secretária da empresa, a Santa Casa (que tinha na altura um Hospital, Centro de Fisioterapia, Creche, Lar...) decidiu abrir um curso profissional, altura em que os cursos de formação profissional apareceram como cogumelos depois de uma chuvada... E eu sempre quis ser enfermeira... Mais uma vez a minha irmã mais velha informou-me da abertura desses cursos, mas não havia enfermagem e o mais semelhante era fisioterapia... e então lá vou eu pelo equivalente ao ordenado mínimo (que na altura era 40 contos, o equivalente hoje a 200€), e eles pagavam-nos para frequentar o curso. Nessa altura quem tivesse as três melhores notas de cada área era convidado para trabalhar e eu fui a segunda melhor nota de fisioterapia. Entre 1992 e 1995 eu trabalhei como técnica auxiliar de fisioterapia no Hospital. A equipa era constituída por um fisioterapeuta e mais 5 auxiliares, tínhamos cerca de 150 doentes diários e dávamos o litro. Claro que estes 150 doentes incluíam, duas vezes por semana, mobilização aos utentes do lar, em que íamos ao lar fazer mobilização, ou seja, eles levantavam os braços, mexiam-se um bocadinho. Muito útil porque quebrava um bocadinho a rotina e conviviam. Mas nós tínhamos muitos doentes diariamente, até que as sucessivas más gestões arruinaram aquilo e tivemos que fazer uma coisa chamada de suspensão de contrato de trabalho, ou seja, era a Seguranças Social que nos pagava o ordenado, já não era a Santa Casa... Ah! E em 3 anos e tal nunca recebi um subsídio de natal, de férias, nem de refeição. Em suma ficaram-me a dever o equivalente a 600 contos, que hoje seria 3.000€, só que 3.000€ para 600 contos na altura era o equivalente ao triplo hoje.

Quando eu vim embora daquela casa eu disse que quando recuperassem o dinheiro que era meu que o podiam doar ao lar de idosos.

Durante aquela altura em que era a Segurança Social a apagar o ordenado nós tínhamos que cumprir horários, isto é, estávamos 8 horas a olhar uns para os outros sem fazer nada.

Em 1995, tinha eu 25 anos, tive um acidente de carro e meti baixa, ou seja nunca mais lá meti os pés... porque era horrível estar lá sem fazer nada a olhar uns para os outros, e era para isso que o estado nos pagava. Entretanto, como nunca mais lá meti os pés, recebi uma carta a dizer que por decisão da Santa Casa eu era considerada despedida.

Entrevistadora: O acidente foi grave?

Marta: Mais ou menos. O carro entortou todo. Eu para me desviar do senhor que deixou o carro ir a baixo ia-me matando e fiquei com uma sequelazinha na coluna dorsal, que até hoje se alguém me der um encontrão eu fico ali com aquela dor.

Então entre 95 e 96, eu tinha um amigo que era inglês. Era o filho do veterinário do cão dos meus pais. E eu tornei-me amiga do Fraizer, um jovem informático que era, como eu costumo dizer, tão mau profissional que só foi destacado para os jogos olímpicos de Atlanta. Só que o Fraizer tinha um grave problema, como quase todos os britânicos, o álcool... mas era uma pessoa extraordinária, simpática e querida.

Na altura, em 1996, eu pedi à minha mãe que me pagasse um bilhete para eu ir uma semana para o Reino Unido para melhorar o meu inglês, só que as mães têm aqueles radares que só as mães têm e deve ter percebido que “esta pira-se daqui e nunca mais volta”, e ela é uma mãe extremamente galinha e tem que ter os pintainhos debaixo da asa... Então disse-me “Ah! O bilhete é caro! Eu pago-te antes um curso de aperfeiçoamento cá...”... Mas é claro que o curso foi mais caro que o bilhete, ela queria era a pintainha debaixo da asa.

Eu se soubesse o que me ia acontecer 8 anos mais tarde, eu tinha ido nem que fosse a pé. Na altura eu tinha lá o Fraizer ele dava-me apoio, podia partilhar casa com ele, podia ter uma vida muito diferente daquilo que tenho. Não sei se melhor ou pior, mas diferente. Para já, o meu sonho de criança foi primeiro ser polícia e não me deixaram, porque no antigo regime as senhoras polícias eram pessoas de reputação duvidosa.

Entrevistadora: E relações amorosas?

Marta: Ah!Tive que pedir aos 16 anos para ter namorado.Pedi à minha mãe e ela proibiu-me sequer de ser vista de mão dada, senão levava um excerto de porrada.

Entrevistadora: Como é que começou o seu namoro aos 16 anos?

Marta:A minha mãe desconfiava que eu namorava com o filho de uma senhora de quem ela não gostava, mas às tantas quando eu disse quem era...que era filho da família bem vista lá do sitio...o menino da mamã e que terminou a relação comigo porque a mãe não gostava de mim, porque eu não tinha nem sobrenome, nem dinheiro. Aos 21 anos reencontramo-nos e se eu tivesse descoberto aos 16o que descobri aos 21 não me tinha escapado... Novamente outra vez a mamã não gostava de mim e novamente o menino da mama pôs-me de lado.Agora está casado com três filhos, feio e velho. Esse foi o meu primeiro amor, mas ele era um mulherengo embora eu estivesse apaixonadíssima por ele.

Aos 18 anos tive um namorado, que esperou que eu fizesse 18 anos porque tinha sido o meu professor de história. Ele era 7 anos mais velho que eu, tal como a minha irmã mais velha, e eram vizinhos e não podiam um com o outro...Ainda por cima os dois Touros. O Jorge foi meu professor de história e esperou que eu fizesse 18 anos para me pedir em namoro, mas entretanto como ele ia de férias para a Costa Nova, que ele é da zona de Aveiro, e acabou o namoro comigo para ter liberdade total para as bifas. Eu apanhei um grande desgosto na altura porque gostava imenso dele, mas depois com o tempo percebi que era um perfeito palerma.

Entretanto, entre os 19 e 22 anos de idade vivi com um homem que foi o primeiro fulano que me sujeitou a violência psicológica...Eu fiz a licenciatura em violência psicológica. Era o tipo de fulano que se por ventura me pedia para fazer qualquer coisa que não resultasse dizia-me “Ah!Pois, eu já sabia, mas a culpa não é tua! A culpa é de quem te pediu.” Era aquele que dizia que não gostava de me ver de minissaia, mas não era por não gostar, era porque não queria que os outros olhassem. Hoje está sozinho, burro como sempre e o pai é que tinha razão, que num belo dia me disse “O meu filho é um burro, a outra é que era boa”. Isto porque, ele namorou durante cinco anos com uma rapariga e zangaram-se em dezembro. Em janeiro conheci-o e em junho estava a viver com ele... eu com 19 anos, ele com 24/25 já tinha na altura um apartamento que o pai

lhe tinha dado, era sócio num *stand* de automóveis, dois palminhos de cara...Conversa, coitado nunca teve... mas enfim, qual a miúda que não se apaixonou quando tem um ambiente complicado em casa.

Ao fim dos três anos eu percebi que para ele eu tinha sido um interregno, porque eu saí de casa dele a meio do ano e em dezembro ele estava casado com a fulana que tinha namorado com ele antes de o conhecer. No ano a seguir ela estava a ter o primeiro filho dele e que podia ter sido meu, mas entretanto eu descobri que sou estéril, Graças a Deus, porque Deus sabe o que faz. Entretanto tiveram mais um filho, ou uma filha, e o meu antigo sogro dizia “A outra é que era boa.” Porquê?Porque percebeu que eu era muito mais mulher que a outra, que só queria mesmo era uma casa, e enquanto não o obrigou a contrair um empréstimo para comprar uma casa igual à da amiga não descansou. Anos mais tarde divorciaram-se. A última notícia que eu soube sobre essa gente foi que a ex-mulher dele tinha outra irmã e que ambas se tinham divorciado, sendo que ele acabou por ir partilhar casa com o ex-cunhado, porque não queria estar sozinho na casa onde o pai foi encontrado morto.

No meio disto tudo, aos 22 anos decido que vou terminar aquela relação, porque tínhamos combinado que quando fôssemos viver juntos, que se achássemos que aquela relação não estava a funcionar, um dizia ao outro. Ele foi um grande ator, merecia um Óscar, pois eu descobri que ele andava paralelamente comigo e com a outra com quem veio a casar-se. Portanto eu sempre fui um objecto nas mãos do outro... A última coisa que eu queria era voltar para a casa dos meus pais, só que economicamente não me foi viável. O facto de eu ter ido viver com ele e não me ter casado foi um escândalo naquela altura, foi como se vivesse em adultério devido ao conservadorismo. Então quando a relação terminou foi outro drama.A minha mãe sempre foi muito melodramática.

Continuei a trabalhar em fisioterapia até aos 26 anos e depois quando aquilo abriu falência eu quis ir para Inglaterra, mas a minha mãe era contra e cortou-me as asas. Eu demorava menos tempo para vir de Inglaterra hoje, do que é hoje ir de Lisboa a Viana do Castelo.

No meio disto tudo, uns anos mais tarde o Fraizer teve um acidente de automóvel... Ia com os copos e acabou por se despistar e morrer.Durante anos eu pensei que se eu tivesse ido para Inglaterra o Fraizer ainda estaria vivo, mas nunca vou saber. Tal como

referi anteriormente, se em 1996, soubesse o que me ia acontecer 8 anos mais tarde, eu tinha ido nem que fosse a pé.

Entrevistadora: O que aconteceu anos mais tarde?

Marta: A pior atrocidade que os pais podem fazer a um filho. O ano horrível da minha vida foi 2004. Foi o ano em que eu percebi que, o grupo de pessoas a que eu chamo família, eram os meus piores inimigos. E atenção que não são coisas da minha cabeça... Foi o que eu chamo de uma histeria coletiva. À minha mãe eu dou um desconto porque ela é bipolar, mas não às doutoradas das minhas irmãs, uma que ficou com o 11º ano incompleto e outra que só se licenciou há alguns anos... Portanto, em 2004 elas meteram na cabeça que eu era bipolar e levaram os meus pais a tentar internar-me compulsivamente. Ora, imagine o que é estar com os seus amigos no Alentejo e ser interpelada pela polícia. Eu achei estranho. Perguntei se era alguma multa e disseram que tinha que os acompanhar, que era uma notificação de que os meus pais me queriam internar compulsivamente. Ninguém sonha o horrível que é...

Entrevistadora: Mas qual foi a origem dessa atitude?

Marta: Porque as doutoradas das minhas irmãs achavam que o meu comportamento era bipolar. Elas que até são doutoradas em psicologia e psiquiatria... entenderam fazer-me o diagnóstico de bipolaridade e arruinaram a minha vida aos 34 anos.

Em suma, aos 26 fiz um curso de aperfeiçoamento de inglês. Aos 27 anos fui empregada doméstica interna, para obrigar a minha mãe a sair de uma depressão, porque a minha mãe sim, infelizmente, é bipolar e durante vários anos foi mal medicada e mal tratada, porque não foi devidamente diagnosticada. Ou seja, eu fui desde a adolescência um bocado a arma de arremesso dos meus pais, e era através de mim que o meu pai tentava atingir a minha mãe e vice-versa. Isto porque, eles sempre se deram um bocado como cão e gato. Aliás! Lá em casa os únicos que se davam bem era o cão e o gato, porque o resto era raro darem-se bem.

Surgiu então a oportunidade para ser empregada interna e eu aceitei, isto para obrigar a minha mãe a sair da depressão, porque a minha mãe mal saía da cama e é muito complicado lidar com alguém que tem bipolaridade, principalmente se for a nossa mãe. As minhas irmãs casaram-se quando eu tinha 15 anos, para sair de casa e se verem

livres daquele ambiente e caiu-me tudo nas costas, até porque a minha irmã mais novinha tinha trissomia²¹, como eu já tinha referido. Bem, eu sabendo dessa oportunidade e que na altura pagavam 80 contos comidos e dormidos, o que era uma fortuna. Isto finais dos anos 90. E lá vou eu, mas à minha mãe nunca disse que era empregada interna, porque lá está... são profissões menores e ela era professora primária. Eu sou filha dos senhores fulanos tais lá da terra e onde nunca vou deixar de ser a filha dos senhores fulanos tais e, Graças a Deus, aqui em Lisboa eu sou só apenas uma pessoa como qualquer outra. A vida de ilustre desconhecida que eu tenho em Lisboa dá-me uma grande paz.

Eu chegava Segunda-Feira pela manhã ao Porto e a primeira coisa que eu fazia era pegar na listinha de compras que a senhora já tinha feito e ia ao supermercado pequenino que havia lá na rua, em que me deliciava todas as manhãs de Segunda-Feira, porque iam lá sempre as mesmas clientes e havia uma senhora que percebia de futebol a potes, em que ela dizia “Os homens grandes não servem para nada, não correm!” Era giríssimo ouvi-las a falarem de futebol. Em suma, o que é que eu fazia de Segunda a Sábado de manhã? Ia às compras, fazia o almoço, o jantar, limpava o pó e aspirava. Sábado de manhã metia-me no comboio e ia passar o fim-de-semana a casa. Foi a altura em que ganhei mais dinheiro e que gastava menos. Não tinha tempo para o gastar, pois nunca fui propriamente consumista.

Eu até 1997 fui empregada interna, mas dizia à minha mãe que era dama de companhia, que era coisa que a minha mãe valorizava muito. Isto porque, antigamente uma tia ricaça que a minha mãe teve achava que uma senhora do bem tinha de ter uma dama de companhia, portanto eu era a dama de companhia da senhora Alice Andrade, embora na realidade fosse a empregada interna.

Ora, eu que até falo um bocadinho francês e bastante bem inglês, quando iam lá a casa outras pessoas diziam-me “Mas se tu és novinha e falas línguas, que fazes como empregada interna?”, e eu expliquei o porquê... Que eu ao sair de casa obrigava a minha mãe a sair da cama porque tinha um marido e uma filha com trissomia 21 para cuidar, pois quando eu lá estava ela encostava-se mais à cama. Gostei imenso de conviver com aquelas pessoas, foi uma experiência muito interessante e muito gira.

Entretanto já nem sei como soube que ia haver um concurso para a rádio local e fui falar com o responsável da rádio. Na altura era um emprego muito mal remunerado, mas eu trabalhava em simultâneo numa loja de caça e pesca. Depois dediquei-me só à rádio e tornei-me profissional de rádio. Foi nessa altura que descobri que tenho uma voz que se pode adequar, mas quando vim para Lisboa percebi que ou se conhece as pessoas certas, ou se dorme com as pessoas certas, ou não se consegue nada.

Até 2000 fui radialista e fazia de tudo, desde reportagem, angariação de publicidade, *spots* publicitários com outros colegas, era jornalista, fazia as notícias, procurava notícias, entre outras coisas... Trabalhava de Domingo a Domingo sem horário de saída. Até hoje não sei como, e já deixei de pensar nisso, mas assédio sexual diz-lhe alguma coisa? Pois bem, acabei numa cama de hospital com 18 comprimidos para dormir. As pessoas achavam que tinha sido uma paixoneta, mas tempos mais tarde levei pela cara a baixo do meu pai: “Se calhar foste tu que te meteste debaixo dele!”. Eu não me queria matar, mas queria terminar a dor, porque por norma as pessoas quando se tentam matar não querem morrer, apenas querem pôr um ponto final na dor. Eu a dada altura encostei o fulano à parede e disse-lhe “Se não paras com isto eu própria vou contar à tua mulher!” O palerma acreditou e foi-lhe contar e a gaja que era estúpida, em vez de vir falar comigo, foi falar com os meus pais porque eu ainda vivia com os meus pais. Fui aquela pessoa que tentei desligar do ninho parental, mas que nunca me deixaram e aos 34 anos teve que ser da forma mais violenta. A certa altura tive necessidade de escolher entre os meus pais e eu, e é claro que me escolhi a mim.

Entrevistadora: Então na altura que saiu da rádio tinha que idade?

Marta: 30 anos. Foi na viragem do século.

Entrevistadora: Quanto tempo durou o emprego na rádio?

Marta: Três anos.

Entrevistadora: Então toda essa situação mexeu um pouco consigo, porque não havia condições para continuar a trabalhar na rádio. Mas a tentativa de suicídio foi algo pensado?

Marta: Não! De todo! Foi um momento parvo. Na altura a minha mãe fazia uma medicação específica para as depressões e estava a ser tratada por um neurologista. Um

belo dia a dor era tanta que eu peguei em 18 comprimidos da minha mãe e tomei-os. Na altura eu trabalhava na rádio e, como aquilo era a dois quilómetros de casa, ia almoçar lá todos os dias. Aproveitava para dormir uma sestazinha naquela hora e colocava o despertador. Tinha x tempo para chegar ao trabalho às 14:00, para começar os discos pedidos na rádio. Como às 14:00 eu não apareci e às quase 15:00 eu não estava lá, um colega meu ligou para casa dos meus pais e foi quando eles me encontraram na cama. Eu tinha rabiscado um papelito a dizer “perdoe-me”, mas nunca ninguém viu o papel. Os meus pais levam-me para o centro de saúde e eu acordei no Hospital na ala psiquiátrica. Lá me deram alta e uns tempos mais tarde em conversa com o meu pai, ele faz aquela observação.

Aos 31 anos a minha mãe obrigou-me a ir trabalhar para uma fábrica de corte e dobragem de peças para carros. A minha mãe sempre foi melodramática em tudo, sendo que chegou a escrever um bilhete e a colocar dentro de uma gaveta a dizer “se eu morrer foi o meu marido”, então ela estava num pânico porque eu estava desempregada e obrigou-me a ir à fábrica inscrever-me. Desta forma, durante 8 meses fiz corte e dobragem de peças para a *Peugeot* e para a *Renault*. Mas há um apontamento que eu faço questão de fazer, é que eu sempre fui competente naquilo que fiz, sempre fiz questão de ser o mais competente possível, mesmo que não gostasse muito da atividade. Foi esse o caso, porque eu não gostava muito da atividade, de ir com um fato de macaco com botas de segurança, com muitas mulheres, muita galinhada junta. Era uma fábrica que estava aberta 24 sob 24 horas e que só fechava 4 dias por ano. No dia em que saí de lá dei Graças a Deus quando olhei para os meus 10 dedos, porque eu vi lá gente sem dedos. Quando eu lá estive houve um acidente com uma prensa em que um miúdo ficou mais de 15 minutos com as mãos entaladas numa prensa, e é claro que entalou vários dedos, porque aqui têm células fotelétricas que é suposto, quando se metem as mãos, não baixarem, mas por cortes económicos as manutenções não eram feitas em condições. O filho de uma amiga lá da terriola que era lindo e com 18 anos, sofreu um acidente com uma bobine que tinha aqueles rolos de fita metálica para depois se fazerem peças, neste caso era uma coisa estreita... Então, o miúdo vai a correr, não vê, corta-se e é degolado. Sobreviveu, mas nunca mais jogou futebol como jogava, não podendo ter uma atividade física como qualquer outro miúdo de 18 anos, ou seja, horrível! Quando olhei para as minhas mãos inteiras no fim do contrato de 9 meses despedi-me.

Entretanto o meu pai tinha um amigo que inspecionava carros, que lhe falou no curso de inspecionador de automóveis e eu achei aquilo uma boa ideia. Na altura, para sair daquela fábrica, teria assinado a própria centena de morte. Então eu venho para Lisboa, porque só havia a formação teórica no CEPRA, e faço o curso teórico e reprove, tal não era a pressão que me puseram: “É a tua oportunidade de ser gente!”... não me disseram de caras, mas deram a atender. Peço revisão de prova e não me dão atenção! Faço uma exposição ao Instituto de Emprego e Formação Profissional da situação toda e um dos responsáveis pela área de emprego e que também tinha qualquer coisa a ver com os órgãos diretivos do CEPRA, chamou-me e perguntou: “O que é que a senhora pretende que agente faça? Que lhe pague um novo curso? Ou que a ajudemos a arranjar outro emprego?”... E eu disse: “Que me pague um novo curso!”. Portanto havia ali qualquer coisa que não estava a funcionar bem e ele percebeu que eu não ia ficar quieta. Posto isto, eu lá vim a fazer o curso de inspeção automóvel, que tinha componente teórico-prática.

Fiz também um início de uma formação em solicitadoria (mais uma que a mamã pagou), e sei interpretar algumas leis, mas não concluí o curso.

Eu acho que o nosso trabalho, quer queiramos quer não, é uma parte importante de nós, sendo que passamos um terço da nossa vida a trabalhar. Ou seja, há muito aquela coisa do “eu sou isto e aquilo”. Não! As pessoas são muito mais que isso, porque têm um terço da sua vida, que é o seu trabalho, mas existem outros dois terços... em que supostamente um devia ser para descansar e outro devia envolver atividades lúdico-pedagógicas.

Continuando a conversa... Como eu sou uma pessoa que ferve em pouca água (sou parecida com o meu pai, que também ferve em pouca água), só consegui ter uma única conversa com ele, porque as conversas eram sempre eu a aturar as conversas de bebedeira, ou então eram discussões, sendo que só consegui ter uma conversa civilizada com o meu pai, já ele estava doente e eu nem sonhava a dimensão da doença, porque ele também não quis que eu soubesse. E entretanto arranjei trabalho numa BP e estive como funcionária da BP durante quase quatro anos, até que decidi que não queria continuar por ali, por vários motivos. Decidi despedir-me e mudar de zona geográfica. Fui morar para a Margem Sul, onde fui encerrar um capítulo pessoal de violência doméstica... Coisa interessante! Agora não tenho só licenciatura, tenho já mestrado e doutoramento

em violência doméstica, pois perdi cinco anos da minha vida a tentar explicar a uma pessoa que o que fazia era violência doméstica. Quando decidi pôr um ponto final no relacionamento não me passava pela cabeça que me ia queixar num sítio fantástico, onde fui recebida pelos Agentes Caução e Elisa. Foram uns profissionais extraordinários, que me ouviram durante quatro horas seguidas e onde me foi atribuído o estatuto de violência doméstica com grau médio. Isto é uma coisa muito recente, foi há meia dúzia de dias. Eu não tencionava queixar-me, mas no dia seguinte a sair de casa eu percebi que iria haver uma atitude persecutória e percebi que não iria conseguir sozinha. Não é vergonha pedir ajuda! Vergonha é percebermos que precisamos de ajuda e ficarmos armados em heróis, ou então em tontos, em que perdoamos, perdoamos, perdoamos e nada... Não! Pára já, nunca lhe perdoei determinadas coisas que ele fez... depois isto fugiu-me das mãos e tive que procurar ajuda. Agora é esperar pelo processo jurídico-legal, que há de decorrer com o seu tempo.

No meio disto tudo, e já estou por assim dizer na reforma, percebi no ano passado que tinha uma patologia que me leva a não poder trabalhar em condições e que, de alguma forma, também a não querer fazê-lo. Acho que cheguei a um patamar de vivência em que o meu organismo está esgotado. Eu sempre me senti muito cansada, sendo que costumo dizer em tom de brincadeira que há cerca de 40 anos que me sinto cansada, isto porque o tipo de reumatismo que tenho dá-me um cansaço muito grande. Já estou na minha reforma por questões de saúde, porque tenho crises de inflamação nas articulações, em que não consigo mexer um ombro ou uma mão. Assim, com 47 anos já não tenho a mesma panóplia de hipóteses de emprego, uma vez que se valoriza muito a juventude que tem uma maior formação académica, com experiência, pelo que preferem jovens com experiência e doutorados... O que é impossível! Porque pelo meio o tempo passa e uma pessoa que acaba a formação com 26/28 anos já é considerada velha. Eu descobri que estava velha aos 34 anos, quando me candidatei para vender roupa e me disseram que no máximo queriam alguém até aos 26 anos... e “Ups!”, já tinha 34 anos.

A única profissão onde não me perguntaram a idade que eu tinha, foi para motorista de táxi, em que a única coisa necessária para isso era ter o CAP. O CAP é conseguido de uma forma muito simples... Faz-se uma formação inicial, ou de continuidade caso a pessoa já tenha a formação inicial, pagando para isso pois só há instituições particulares e não há de outra forma. E pronto, não é preciso mais nada. Para além da carta de

condução atualizada e com o averbamento tipo 2, que é o que diz que a pessoa é um condutor profissional. Ou seja, qualquer pessoa pode ser motorista de táxi e é uma profissão extremamente interessante, porque é muito variado o tipo de pessoas que se transportam. As pessoas são fantásticas! Claro que há algumas que são muito mal-educadas, como por exemplo: eu dizer “Bom dia!” e o senhor não dizer nada, eu voltava a dizer “Bom dia!” e ouvia algo como: “Se eu vou a uma loja comprar alguma coisa, não quero saber se está bom dia ou não, apenas quero aquilo!”, e isto um senhor de fato e gravata. Enquanto motorista de táxi tive uma grande quantidade de vivências muitíssimo interessantes, porque lá está... a nossa profissão é um bocadinho aquilo que nós somos. Quer queiramos ou não faz um bocadinho parte de nós... Gostemos ou não gostemos! E eu tive passageiros aos quais lhes pagava o trajeto até ao Algarve, só para os ouvir falar... Desde a pessoa mais boçal, que não sabia ler nem escrever, mas que sabia os trajetos melhor que eu... Inicialmente tinha que pedir às pessoas para me dizerem os trajetos, porque eu conhecia Lisboa a pé, mas não conhecia os trajetos de carro, e ainda hoje, ao fim de sete anos em Lisboa, eu não posso dizer que conheço Lisboa.

Dois apontamentos muito importantes e um deles engraçado. Um foi quando eu apanho um Senhor para uma praça qualquer em Lisboa e o senhor me pergunta “Como é que é ser senhora e ser motorista?”, e eu respondo “Acho que deve ser igual a ser um senhor.”, e o senhor diz “Ah! Eu tenho uma garota com 12 anos que me diz que quer ser motorista de táxi e eu disse-lhe que só vai para taxista quem não sabe fazer mais nada!”... eu não disse mais nada e o senhor também não se desmanchou, porque ele estava a falar com uma motorista de táxi e a dizer que só vai para motorista quem não sabe fazer mais nada. Mas achei isso uma tolice e não levei minimamente a mal. A maior lição de vida que aprendi enquanto motorista de táxi e enquanto pessoa, curiosamente, foi com uma cliente que eu apanhei à porta do Hospital Santa Maria, em que o segurança abre a porta do táxi e entra uma jovem invisual super simpática. A menina teria para ai 29/30 anos, era cega desde os 21 anos e é psicóloga no hospital. Durante o percurso ela meteu um bocadinho de conversa e conta-me que cegou com glaucoma, que andou na faculdade e que a mãe ia com ela todos os dias, que entretanto arranjou um cão, e que na altura tinha uma vida como qualquer outra pessoa. Vivia com o seu namorado e eu fui deixá-la à porta de casa. Eu estava num dia muito mau em que me sentia um verme, porque na altura tinha um namorado que tinha metido a pata, e a menina percebeu que a minha voz

estava embargada, e tem a generosidade de me dizer: “Olha, eu sou psicóloga no Santa Maria e se algum dia quiser conversar procure-me.”...Eu disse está bem e obrigada. Chegámos à porta da casa dela...Eu conduzia um Mercedes 190, que tem aquele barulho característico, tal como tinham as Peugeot 504, que toda a gente sabe que barulho é... E portanto, eu paro em frente à porta e dou-lhe as diretrizes de quantos passos tem até à porta. O carro estava em ponto morto e quando eu vou a arrancar ela nota que o barulho do carro era diferente, e se ela estava de costas para mim, volta-se e num sorriso aberto diz-me adeus. E essa passagem, nesse momento, fez-me sentir um bichinho do tamanho de uma pulga anã, porque o problema que eu estava a viver naquele momento não era nada, comparado com o problema que ela tinha e que soube dar a volta por cima, e que me deu uma lição de vida muito grande. Escusado será dizer que, uns tempos depois, o problema resolveu-se de uma forma muito simples...o relacionamento esgotou-se, foi cada uma para o seu lado e até hoje somos grandes amigos. Aliás... tenho uma neta do coração, como já referi, que é neta desse meu amigo, e portanto ficou tudo bem. Acima de tudo ficou a lição de vida daquela jovem com uma garra e uma força imensa, que teve a infelicidade de cegar, e que seguiu com a sua vida para a frente com uma enorme coragem.

Entrevistadora: Então foi a experiência como taxista que mais a marcou?

Marta: Foi seguramente! Por variadíssimas razões... Hmm! Não!... Se calhar a que me marcou mais foi a de fisioterapia, porque quando estamos a lidar com saúde as pessoas são pessoas e não são números. E porque é que eu não segui fisioterapia? Porque, eu toda orgulhosa do meu diploma, fui pedir trabalho num centro de fisioterapia em Viana do Castelo, e a senhora olha para o diploma e diz: “Isto não tem validade nenhuma! Estude um bom livro de anatomia e depois venha cá falar comigo.”. Ou seja, sou uma das vítimas dos quadros comunitários de apoio. O diploma não serve para nada porque não tem qualquer validade oficial ou académica. Foram-nos ensinadas coisas erradas e percebi que a pessoa que nos ministrou a disciplina mais importante nem sequer era fisioterapeuta profissional. Aquilo foi apenas para muita gente meter dinheiro ao bolso. Eu considero-me uma vítima dos quadros comunitários de apoio, pois aos 25 anos eu levo com o primeiro balde de água fria pela cabeça a baixo e com gelo, com costume dizer, e não tive coragem para continuar. Ou seja, não voltei a exercer, mas pronto... ficaram alguns conhecimentos interessantes.

Enquanto inspetora do IPO de automóveis... Se eu soubesse no que me ia meter nunca tinha feito a formação. Uma coisa é o que nos vendem e outra é a prática, e a corrupção é terrível! Não há dinheiro que me pague eu deitar a cabeça na almofada e dormir sem qualquer ajuda de fármacos, ou seja, de forma natural... e ainda hoje aos 47 anos eu acabo de beber um café e durmo como uma criança. A única coisa que sou realmente viciada é em café...

Entrevistadora: No centro de inspeções o que é que acontecia? Os clientes tentavam pagar para que o carro passasse?

Marta: Exatamente! E os funcionários iam na onda... Eu posso dar um exemplo: eu cheguei a ver notas de 50€ por baixo dos documentos, cheguei a ver um camião aprovado pelo chefe de centro... O centro era gerido pelo senhor que já tinha um centro em Braga e que tinha comprado outro em Arcos de Valdevez, que foi onde eu fui. Tinha um chefe de centro que era daqui da zona e que era como quase todos os homens, machista. E uma mulher, acabada de se formar, no meio de tantos homens, mas a saber quase tanto como eles roía-lhes, e eu era muito boa profissional. E tudo o que fiz, fiz sempre da melhor forma que soube e pude, da forma mais profissional possível. Sabia muito de legislação, e a legislação é muito chatinha e muito específica, e eu garanto que um legislador quando manda leis cá para fora seja na área que for, não viveu as coisas. Garanto que muitas leis a nível automóvel foram mandadas escrever por pessoas que nunca entraram numa fossa para ver um automóvel por baixo, senão não existiam os disparates que lá estão, que se algumas coisas fazem sentido, outras não. Quem está em terreno é que sabe como as coisas são comparadas com a teoria da lei. Tenho um grande orgulho desse mês da minha vida. Primeiro porque encontrei um camião aprovado pelo chefe de centro que tinha as luzes limitadoras ao contrário, ou seja, a lei diz que todas as luzes têm que ser ou amarelas ou brancas para a frente, e vermelhas ou laranjas para trás, exceto os piscas. Mas ele tinha as luzes delimitadoras ao contrário e tinha sido aprovado. O meu grande orgulho foi quando reprovei um carro por sinoblocos, que é uma parte que aguenta a suspensão, e é claro que o senhor deve ter pensado tudo de mim, menos bonita, mas eu tinha que reprová-lo, e estatisticamente, e não só, o inspetor que reprovou o veículo é o que deve voltar a fazer a reinspeção. Qualquer pessoa que tem carro, que tenha ido a uma inspeção, sabe que se tiver uma folhinha verde que está tudo ok por um ano ou seis meses, se tiver uma

vermelha tem 15 dias para voltar à reinspeção com as correções necessárias. Geralmente a reinspeção é feita no mesmo centro, porque a reinspeção apresenta um custo menor que a inspeção inicial. Sendo realizada no mesmo centro e como mesmo inspetor, este já sabe onde foi o problema. Então, quando vejo o senhor vir, um senhor com sardas, arruivado e de barba, eu pensei: “Pronto... lá vem o senhor que quase me insultou quando lhe chumbei o carro!” Mas ele vinha com o maior ar de gratidão deste mundo, de mão estendida e diz-me: “Obrigada por me ter reprovado o carro! Eu não sabia o perigo em que o meu carro estava e eu transporto os meus filhos no meu carro.”. Portanto, é o meu grande orgulho do mês, porque o senhor ficou todo chateado quando lhe reprovei o carro, mas depois veio com o maior ar de gratidão, porque quando foi reparar o carro lhe devem ter dito que ele estava com o carro num perigo das caras. Entretanto descobri que haviam maroscas e que não eram pequenas. O centro estava a fechar e o chefe de centro estava a aprovar um carro que eu vejo que não está capaz, e quando vou dizer ao patrão, a atitude dele é dizer-me: “Olhe! Cheguei à conclusão que a senhora não é válida para o cargo!”.

Entrevistadora: Qual foi o trabalho que exerceu onde se sentiu mais útil e mais realizada? E porquê?

Marta: Por incrível que pareça foi o de taxista, pois tinha três vertentes muito interessantes. Passava por diversos locais, todos eles diferentes, desde a vizinhança, a arquitetura... coisa fabulosas! O interagir com pessoas de todos os extratos sociais e o de não estar fechada dentro de quatro paredes. Claro que tinha o senão de se apanhar trânsito, frio, calor, chuva, pega-se em malas pesadas, leva-se com odores corporais terríveis, com odores de bagagem com cheiro a peixe podre, com bagagens de brasileiros que parece que têm um namorado ou namorada lá dentro de tão pesadas que são... Muita coisa! Mas foi se calhar a que mais me realizou e ainda hoje tenho saudades da cidade. Curiosamente tenho um amigo que é notário, que teve durante muitos anos nos Açores, e que quando nos conhecemos, por intermédio de amigos em comum, e lhe disse que era motorista de táxi ele disse-me: “Que interessante! Se não tivesse ido para notário teria sido motorista de táxi!” Uma pessoa ignorante diz: “Ah! Coitada!”, como disse a senhora dona Leide: “Ahhh! Coitada! Só consegui este emprego!”... E as pessoas esclarecidas dizem: “Ah! Motorista de táxi, que giro!”.

Se calhar também foi a que me realizou mais, porque entretanto também descobri a minha verdadeira *skill*, de que sou naturalmente relações públicas. Para o ano quero candidatar-me a sociologia, uma vez que agora estou aposentada. Sempre quis licenciarme em inglês e português, porque gosto imenso, mas devido às vivências que tenho tido e por conviver com pessoas sem-abrigo (pessoas que nada têm e tudo partilham), que tudo se relativiza e se vê onde estão realmente as pessoas importantes. Eu digo há muitos anos que as pessoas não são aquilo que têm, que vestem, que conduzem, a conta bancária ou a casa onde vivem, as pessoas são o que são, e o essencial das pessoas não está na formação académica, mas nas escolhas que fazem enquanto pessoas.

Entrevistadora: Marta, mediante o que acabou de dizer, gostava de lhe perguntar quem é a Marta de hoje?

Marta: A Marta é um ser humano com aos 47 anos, que se autodenomina como uma alma em paz, que tem água, comida e roupa. Sou apenas e só isso. Se isso me leva a ser alguma coisa? Não sei... Claro que vejo as coisas de uma forma totalmente diferente do que via aos 20, aos 30 e aos 40. Sou uma pessoa que se sente muito mais confortável consigo própria, que vê as pessoas de uma forma diferente, isto porque, eu era a pessoa que dizia “Não me convidem para ir à baixa a partir das 22:00, porque só vejo sem-abrigo”, e hoje sei o nome de quase todos e trato-os pelo nome.

Entrevistadora: O que representa para si, tanto a nível pessoal como social, a entrada na reforma? Ou o que significa para si a reforma, antes mesmo da entrada e agora?

Marta: Eu dizia há muitos anos, quando as pessoas diziam que estavam reformadas: “Olhe, está na melhor fase da vida! Primeiro: já lá chegou e eu nem sei se lá chego. Segundo: agora tem tempo para fazer aquilo que quer e bem lhe apetece e ainda lhe pagam para isso.”. Para mim isto é um bocado aquilo que representa a reforma, porque eu mesmo reformada ou aposentada, chamem-lhe o que quiserem, eu tenciono ser uma pessoa ativa. Não tenciono ser aquela pessoa que vai para o jardim jogar às cartas só para não sentir a solidão das quatro paredes de casa. Não tenciono ser aquela velhinha que vai para o *atelier* fazer rendas porque não consegue estar em casa sozinha. Por muito que eu goste de estar sozinha em casa, e convivo muito bem comigo mesma e com a solidão, eu não tenho medo nem da velhice, nem da solidão. Tenho medo é da incapacidade! Isso tenho! Tenho receio do sofrimento, que se um dia as voltas da vida

mudarem e vir que só me estão a prolongar sofrimento e sem a qualidade de vida, que eu tenho como qualidade de vida para mim, eu espero ser das pessoas a que autorizem a eutanásia, porque autorizada ou não eu hei de tê-la. Portanto, eu se calhar um dia vou ser uma das velhas activistas a defender a eutanásia. Aliás! Eu sou portadora de uma bengala que me dá um estatuto a que eu gosto de chamar de “marquesa de nenhures” – Porquê “marquesa”? Sei lá porquê, apenas porque me saiu... E “ nenhures ” porque é uma palavra que para mim define muita coisa, sendo que nenhures é lado nenhum, é um bocado de tudo, porque só num lugar onde não há nada é que podemos ter tudo. Eu brinco há muitos anos por causa do sítio onde vivo, em que tenho uma excelente vista para nenhures. E na brincadeira ficou nenhures, seja lá onde for, isto porque, em conversa com um amigo meu, ele ouviu-me dizer esse termo e diz-me “Esse termo é meu!”, e eu digo, “Não! É meu!”... Portanto, “ nenhures ” é a casa, onde quer que eu viva, onde quer que eu pendure o penico. É a casa de marquesa de nenhures, porque ficou o termo.

A minha reforma leva-me a poder... uma coisa que eu quero fazer... reformar algumas leis deste País, que não fazem sentido, e só uma velha que esteja reformada tem tempo para isso, porque as outras pessoas estão demasiado ocupadas a criar os filhos. Eu não tenho filhos, mas tenho três sobrinhos, e dentro do pouco tempo que tenho vou fazendo o meu funeral em vida, para que no dia em que eu morrer seja feito aquilo que eu quero, e não o que a segurança social entenda, porque a segurança social neste momento tem que enterrar quem morre se não houver quem o faça. Mas eu não quero ser enterrada, quero ser cremada e quero que as minhas cinzas sejam lançadas no Tejo, e portanto só tenho uma forma de fazer isso, sendo que até já sei qual é o valor e em quanto tempo posso fazê-lo. Já sei que é revisto de sete em sete anos, devido às taxas municipais, pelo que vou fazer o meu funeral em vida. Quero a coisa mais simples deste mundo e espero que os meus amigos saibam que eu quero isso, pois não quero flores nem ninguém a chorar. Mas é isso que pretendo fazer, é ter da minha reforma a melhor etapa da minha vida, já que a minha patologia me levou à reforma antecipada, que é poder fazer aquilo que eu realmente quero e gosto de fazer, não estando a pensar que estou a ganhar só e apenas um ordenado que serve apenas para sobreviver. Eu espero a partir de agora, em que estou reformada, viver a melhor fase da minha vida porque já tenho vivências, idade e conhecimentos para eu poder se calhar fazer aquilo que não conseguia fazer aos trinta.

Entrevistadora: Quando começaram a surgir os problemas de saúde que a levaram a pensar na reforma, houve alguma necessidade de preparação ou os problemas de saúde começaram a surgir e não teve outra alternativa?

Marta: Não, em grande verdade coincidiu com uma altura em que eu estava em transição de empregos, e eu quis continuar a trabalhar, mas o meu organismo é que decidiu que não dava mais, porque eu tenho uma doença autoimune. Ou seja, é uma doença que do nada me ataca e me deixa limitada, e não há padrão nenhum que queira um funcionário já com proximidade dos 50 anos de idade, e que de 15 em 15 dias esteja de baixa durante uma ou duas semanas. Não há padrão nenhum que aceite uma coisa dessas. Inclusivamente se eu estivesse a trabalhar por conta própria, o que é que eu iria fazer? Iria ter que ter uma coleta e pagar uma segurança social por inteiro, mas pagar tudo e produzir parte do mês é inviável. Aliás, quando eu tive os primeiros surtos eu estava a trabalhar... estava a escrever num computador e do nada fico com o membro superior direito afetado. Depois, quando ainda estava a tratar do membro superior direito eis que me afeta também o esquerdo. Eu para escrever num computador tinha uma caneta na mão e carregava nas teclas, uma a uma, com a caneta, porque não conseguia fazer o movimento pois doía-me, uma vez que isto me atacou o pulso e o ombro. No dia seguinte aos primeiros sintomas eu tive que ser ajudada pelo meu ex-companheiro a tomar banho e a vestir-me, porque o ombro simplesmente não afastava e eu estava com umas dores terríveis. São vários os sintomas desta patologia, tais como: dores, um cansaço terrível e o não se conseguir mexer porque ficamos presos. Ou seja, não foi de todo pensado e não me passava pela cabeça reformar-me antes dos 50. Pelo contrário, pois eu tive algumas fases de desemprego e dizia sempre que “Eu para ter uma reforma por inteiro ia trabalhar até aos 80 anos.”.

E se no tempo dos meus avós aos 25 anos as pessoas eram velhas, e se até essa idade uma mulher não casa já ficava para tia e já ninguém lhe pegava. Hoje aos 80 anos as pessoas não são velhas. Há quem diga que os novos 20 são os 30, os novos 40 são os 30, e que só se começa a viver aos 50. As pessoas vivem mais tempo e com mais qualidade de vida, e todos nós devemos contribuir um bocadinho, porque sabemos que a natalidade baixou e que a esperança média de vida é cada vez mais longa... Não podemos é fazer como o Sr. Miguel Sousa Tavares, que se lembrou há uns anos de tentar penalizar na reforma quem não tenha tido filhos porque não renovou gerações.

Pois então, eu tinha que me estar a humilhar a tentar provar perante a segurança social que sou estéril? Onde está o respeito pelos outros? Tenho descoberto que as pessoas são muito facilmente humilhadas. Eu hoje sou portadora de uma bengala e já ouvi de um senhor, quase com idade para ser meu pai: “Ah! Eu também posso andar com uma bengala!”, como se eu estivesse a fazer uma farsa... E eu só disse ao senhor: “Nem lhe admito que meta isso em causa!”. Como não me vêm coxear e como tenho um aspeto arranjado, ao verem-me com uma bengala pensam que esta senhora faz como fazem algumas etnias, que levam a filharada ao colo para passar à frente no supermercado.

As pessoas de outras etnias são que são xenófobas, pois o primeiro argumento que usam é: “Porque não sou da tua etnia estás-me a falar assim!”... Não!... Eles são os primeiros xenófobos! Eu não gosto de racismo, prefiro xenofobia. Eu tenho coisas menos boas da profissão em que no fundo me senti melhor, que foi motorista de táxi, em que fui extremamente maltratada por cidadãos de nacionalidade brasileira, que não era de outra raça que não a minha. Senhores armados em doutores que achavam que como motorista de táxi lhes tinha que pegar nas malas sozinha, que achavam que era guia turístico. Portanto eu posso dizer que durante alguns anos eu tive quase aversão a brasileiros. Se durante imensos anos adorava as favelas brasileiras, que têm coisas giríssimas, quando os conheci de carne e osso detestei-os porque me mal tratavam. No entanto, hoje posso dizer que tenho pelo menos três boas amigas que são brasileiras.

Enquanto portadora de uma patologia, que me leva a usar uma bengala, eu tenho sido muito mal tratada, como por exemplo nos transportes públicos. As pessoas quando vão a um restaurante e vêm uma mesa reservada não se sentam, mas porque é que nos bancos do metro já se sentam? E a pessoa que é portadora de uma bengala tem que dizer: “Por favor, eu preciso de um lugar!”. Tanto que eu já tive uma situação engraçada com um senhor de 75 anos, que ele fez questão de me dizer a idade, que meteu-se na conversa que eu estava a ter com outra senhora, chegando ao ponto de ser mal-educado, e ao qual eu tive que responder à altura.

Na verdade as pessoas hoje em dia só olham para um sítio... Telemóvel... Qualquer dia as crianças alimentam-se porque há um telemóvel que diz “Olha, está aqui uma coisa chamada comida e outra chamada colher. Com a colher vais à comida, enches, abres a boca e mastigas, mas tens que mastigar cinco vezes, senão podes-te engasgar.”. Se nos

anos 70 era a televisão, nos tempos modernos é o *tablet* e o *iPhone*. Caímos dos oito aos oitenta.

Cada vez mais eu ouço frases começadas por: “eu”, “euisto”, “eu aquilo”... E esquecem-se que do outro lado há um outro “eu”. As pessoas estão extremamente frias, e isto acontece porque se desumanizou as pessoas...

Infelizmente posso dizer que há situações difíceis... Não é fácil uma pessoa defender-se de certas coisas... Eu fui violada por um amigo aos 30 anos... O homem tinha quase dois metros e estava cocaínado até ao tutano, e o que é que eu fiz? Não resisti, porque seria pior... Todos nós ouvimos notícias dessas todos os dias... Aprendi a lidar com isso e não lhe dei a importância suficiente para me fazer ter medo de outros homens, mas isso é um processo que tem de ser arrumado nas gavetas certas. Leva algum tempo, mas fi-lo sozinha, porque não tinha apoio da família e porque coincidiu com a altura em que eu tinha que tomar comprimidos para dormir, pois estava sujeita a assédio. Com tudo isto, nunca me tornei alcoólica e tive um pai pré-alcoólico, nunca me tornei drogada, numa me meti em delinquência, portanto isso depende sempre de nós. Eu acho que da minha reforma eu vou conseguir fazer aquilo que quero, e tenho uma diretriz muito bem delineada. Primeiro, quero fazer uma licenciatura por valorização pessoal, não pelo canudo... mas isso também me vai ajudar em algumas coisas socialmente... Tenciono fazer voluntariado à minha maneira e não com imposições, e tenciono acompanhar uma iniciativa que é feita com a colaboração do Instituto Superior Técnico de Lisboa, que faz jantares quinzenais às Quartas-Feiras, e que dá mesa e comida aos sem-abrigo, onde toda a gente que entra leva uma fita com o nome, onde toda a gente sabe o nome de toda a gente e não interessa quem está na nossa frente, se é sem-abrigo ou doutorado. Há pessoas que apenas vão lá pela companhia, e é onde as pessoas se sentem gente.

Eu tomei conhecimento desta iniciativa através de um jovem voluntário que costuma estar no rossio. Então decidi experimentar e quando lá cheguei havia uma mesa com uma só pessoa, e eu sentei-me e contei-lhe um bocadinho do porquê de estar ali. Qual não é o meu espanto quando soube que a pessoa com quem estava a falar, era o Dr. Alfredo, o mentor da iniciativa bonita que ali fazem.

Entrevistadora: E a sua família?

Marta: A minha família são as pessoas que têm o mesmo sangue que me corre nas veias, exceto a mais novinha que é portadora de trissomia 21. As páginastantas tive que escolher entre eles ou eu.

Entrevistadora: Neste momento não há qualquer contacto?

Marta: Há contacto, mas é politicamente correcto, ou seja, vou telefonando à minha mãe de x em x tempo. Tenho sido sempre eu a ligar para ela e acho que a última vez que foi ela a ligar foi quando me deu a notícia do falecimento do meu pai, mas maioritariamente sou eu que ligo. Há uma irmã com quem tenho mais contacto e a coisa tem sido mais da minha parte que da dela. Da mais velha... nem os olhos lhe vi no dia em que enterrámos o pai, porque ela tinha óculos de sol. O velho ditado já dizia que “O que não mata fortalece!”. As capacidades que eu tive que desenvolver, e as capacidades que descobri em mim, desde que me vi de repente de costas voltadas para a família, sendo que não fui eu que lhes voltei as costas, mas sim eles que decidiram que era o melhor para mim, ao ponto de que a minha mãe decidiu há cinco anos atrás não me dizer que a minha madrinha tinha morrido... Achou que não valia a pena eu fazer a viagem de Lisboa até Viana do Castelo para a enterrar, mas quem tinha que decidir isso era eu.

Ela é assim! E acha que ninguém conhece melhor os próprios filhos que os pais, o que não é verdade, pois os meus pais não conhecem muitas facetas minhas. Por isso a lei permite que os pais podem pôr um processo de internamento compulsivo, daí atrocidade que me fizeram. E não quer imaginar o que é às sete da manhã um oficial de justiça tocar-lhe à campainha a dizer: “Ou vai a esta avaliação psiquiátrica a bem, ou levamo-la nós, e está marcada para x horas.”...E fui voluntariamente, mas a humilhação que é ter que provar perante dois psiquiatras que não é louca, é horrível! Curiosamente achei que a pior humilhação da minha vida era essa, até que percebi o que é ser vítima de violência doméstica. Para tudo eu tenho que provar por a+b que aquilo que estou a pedir é porque sou vítima de violência. É horrível! E no entanto tenho que viver com isso... Eu tenho ouvido até de pessoas amigas: “Então, mas achas que ele te fez isso?”, “Isso é o quê?”, “E vais pedir uma indemnização? É porque ele tem bens?” Na realidade ele é que parece quase a vítima, e não eu. Portanto não queira passar nunca por o que é ser vítima de violência doméstica, porque é terrível...

Entrevistadora: A violência a que se refere é de uma ex-relação que é recente, por volta do ano passado?

Marta: Eu terminei a relação no início deste ano.

Entrevistadora: Se é que posso perguntar, a que nível era a violência a que se refere? Seria física, emocional...?

Marta: A pior! Ou seja, era psicológica, era emocional e era sexual, o que não deixa de ser física também, mas sem sequelas físicas... só sequelas emotivas, porque era aquela coisa “há que é assim nesta posição, porque eu gosto”, ainda que fosse desconfortável para mim. Como nós sabemos os ritmos sexuais femininos e masculinos são diferentes e era como se costuma dizer em gíria... eu já estar saturadíssima que o senhor ainda tivesse em cima de mim e o senhor a dizer “ai é tão bom, deixa estar mais um bocadinho”. Tinha que ser sempre como ele queria. À maneira dele. Terminar sempre como ele queria. Portanto, isso não deixava de ser violência e os primeiros sinais disso não os notei... Porque era o estar apaixonada, era o ceder, depois o perceber que ele queria que eu andasse vestida, maquilhada e com unhas de uma determinada maneira... Depois vim a perceber que isso era o espelho de a uma amante que ele teve. Um dia, estou eu a ler um artigo sobre violência doméstica e percebo que era aquilo que ele me estava a fazer. Tentei explicar-lhe e escutei todas as hipóteses, a bem, a mal, aos gritos, docemente. Tentei mostrar-lhe, enquanto ser humano, até esgotar as possibilidades todas de que aquilo que ele estava a fazer era errado e que era violência, mas ele argumentava que se fartava de cozinhar... ele era incapaz de dizer “gosto de ti”... e depois era giro, porque quando agente estava bem só criticava e quando agente estava mal só fazia elogios para me reconquistar. Tivemos várias discussões que não me vou esquecer nunca e um dia eu disse-lhe: “ Olha, diz lá três coisas de que gostes em mim?”, e nunca me conseguiu dizer o que gostava em mim. Tratava-me mal todos os dias e, ultimamente, quando eu fazia alguma coisa (o jantar, ou qualquer coisa) o dia tinha que terminar em discussão, até que um dia foi a gota de água.

Então eu agora vou viver a melhor fase da minha vida, pois já passei a fase de mudar fraldas, porque nunca as mudei uma vez que não tive filhos; a fase de trabalho já terminou e já não tenho horários; a fase de subsistência continua boazinha porque a

reforma não é grande coisa, mas dá para subsistir e para fazer aquilo que quero. Finalmente vou ser dona do meu nariz, o que é tão bom.

Entrevistadora: Sente que a reforma envolve uma reconstrução de identidade?

Marta: Não de identidade, mas de personalidade e reafirmação. Eu digo há muitos anos que a natureza é perfeita, e é...

Entrevistadora: Sente-se livre? E porquê?

Marta: Completamente! Porque agora finalmente posso fazer aquilo que eu quero e não aquilo que me dizem para fazer. Eu passei a vida toda de um lado para o outro, a fazer aquilo que as circunstâncias me permitiam, ou que me era imposto. Eu cheguei há uns anos a dizer que “eu não tenho que”, exceto no meu trabalho em que tenho que fazer isto e aquilo, fora isto não me venham com o “ter que”. Há duas coisas que eu detesto que me digam que é: o “tens que” e o “tem calma”. A natureza é perfeita no sentido de que aos 20 anos nós temos uma energia inesgotável, não temos é a maturidade que a idade nos vai dando e a sensatez da maturidade. Se aos 20 tivéssemos essa maturidade ninguém nos segurava e se aos quase 50 tivéssemos a energia dos 20 também ninguém nos segurava, portanto a energia que vamos perdendo vamos ganhando em sabedoria, em muitas coisas que são muito mais importante que a energia e a juventude. O que é bonito não é o que passa, mas sim o que fica e as pessoas que são bonitas por dentro... e mesmo que fisionomicamente não sejam tão bonitas transparecem pelo sorriso, pelo olhar e pelas atitudes... e aí sim, é importante que se mantenham jovens de espírito e do coração. E eu garanto-lhe que não me sinto velha, muito pelo contrário! Hoje sinto-me fortificada.

Entrevistadora: O que é que gostaria de fazer que ainda não teve oportunidade?

Marta: Gostaria de voltar a Londres. Só lá fui uma vez, tinha 25 anos, e como tinha medo de ser assaltada não fui a lado nenhum. Numa manhã quis ver três museus e como é óbvio não vi foi nenhum, foi a entrada pela saída. Gostaria de voltar!

O que não fiz por não ter oportunidade foi apenas por inviabilidade económica. Olhe e ainda não escrevi determinadas coisas, que não posso fazer enquanto a minha mãe for viva, porque seria injusto para ela, mas que vou fazer seguramente... Gostaria de poder viajar um bocadinho, se a minha artrite reumatoide me permitir... Se não poder ir de

bengala que vá de cadeira de rodas... Gostaria de ir a Machu Picchu. Mas o importante é que devemos desfrutar dos percursos de vida que temos, ou então vai acontecer como a uma tia minha, em que chegou aos 70 e tal anos e me disse que se soubesse não tinha tido filhos... e suicidou-se.

Entrevistadora: Marta, relativamente aos papéis sociais que tem neste momento. Como se caracteriza? Quais os seus papéis sociais? É filha, é irmã...

Marta: Neste momento sou forçosamente filha, mas pouco. Sempre fui pouco filha... e Deus sabe o que faz. Não me deu filhos, porque eu sei a porcaria de filha que sou, e não sei se seria boa mãe, talvez porque eu seria uma mãe muito libertadora, pois daria acima de tudo a oportunidade de me tratarem por Marta e não por mãe. Não quereria ser a melhor amiga deles, mas próximo, com a abertura toda. Sou avó do coração... Tenho uma neta com dois anos que é filha de uma ex-enteada que considero neta e tenho vários filhos do coração, que são os meus amigos e filhos dos meus amigos. Tenho, acima de tudo, a particularidade de conseguir ser uma criança no meio das crianças e uma adulta no meio dos adultos, ou seja, consigo falar de vários assuntos e tenho muito boa memória, nem precisava que fosse tão boa... Consigo falar com o senhor que não sabe ler nem escrever, como também consigo falar com o Presidente da República. Acima de tudo tenho gostado muito do papel que cada idade me tem trazido e nunca fiz da minha profissão o meu bastião. Costumo dizer que a única profissão que não gostei realmente foi quando fiz o corte e a dobragem de peças metálicas e, mesmo assim, fui competente no que fiz. Sempre fui um bocadinho ao sabor do que as circunstâncias me traziam e finalmente a minha vida chegou a um ponto em que ninguém mais vai dispor do meu nariz, sendo que me considero integrada na sociedade e gosto de conviver, de sair à noite...

Entrevistadora: E acha que agora tem uma maior ou menor participação na comunidade?

Marta: Maior! Tenho maior, porque não tenho os horários rígidos de olhar para o relógio e pensar que amanhã tenho que ir trabalhar. Hoje sou muito mais participativa, vou mais facilmente a um bar beber uma imperial, mesmo que sozinha, e falo com qualquer pessoa que meta conversa. Sou muito mais participativa de longe.

Entrevistadora: Sente-se feliz?

Marta: Sim! Acima de tudo porque estou em paz. A primeira coisa que eu consegui foi chegar à paz interior e olhar para o espelho e gostar do que vejo, por dentro e por fora, mas acima de tudo por dentro, de alma e de coração. Finalmente cheguei onde quero e vou para onde quero.

Fim